

RICHARD MATHESON
O INCRÍVEL HOMEM
QUE ENCOLHEU
E OUTRAS HISTÓRIAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RICHARD MATHESON



O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU

e outras histórias

novo século
SÃO PAULO 2010

The Incredible Shrinking Man
Copyright © 1956, renewed 1984 by Richard Matheson
Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

PRODUÇÃO EDITORIAL Equipe Novo Século
PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO Sergio Gzeschnik

TRADUÇÃO Jacqueline Valpassos
PREPARAÇÃO Catia de Almeida
REVISÃO Fernanda Rizzo Sanchez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matheson, Richard O incrível homem que encolheu: e outras histórias / Richard Matheson; [traduzido por Jacqueline Valpassos] – Osasco, SP : Novo Século Editora, 2010. Título original: The incredible shrinking man. 1. Ficção norte-americana I. Título. 10-07560 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

ÍNDICE

O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU
PESADELO A 20.000 PÉS
O TESTE
HOMEM DOS FERIADOS
MONTAGEM
O DISTRIBUIDOR
APENAS COM HORA MARCADA
A CAIXA
ENCURRALADO
XÔ, MOSCA!

O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU

CAPÍTULO 1

A princípio, julgou ser uma onda gigantesca. Depois, constatou que dava para ver o céu e o oceano através dela, e se deu conta de que era uma cortina de chuva miudinha que se precipitava em direção à embarcação.

Estava tomando sol em cima da cabine. Foi mera coincidência ter se erguido nos cotovelos bem a tempo de avistá-la se aproximando.

— Marty! — gritou.

Não houve resposta. Correu apressado pela madeira quente e deslizou para o convés:

— Ei, Marty!

A nuvem de gotículas não parecia ameaçadora, mas, por alguma razão, desejava esquivar-se dela. Contornou a cabine velozmente, estremecendo com a quentura das tábuas sob seus pés. Apostava corrida contra ela.

Mas... perdeu. Em um minuto, estava ao sol. No seguinte, encontrava-se encharcado por completo pelo borrifo morno e brilhante.

Então, a nuvem passou. Ele ficou ali, coberto de gotas que reluziam ao sol, observando a nuvem se afastar varrendo a superfície da água. De repente, sobressaltou-se e baixou os olhos. Sentia um curioso formigamento na pele.

Apanhou uma toalha e se secou. Não chegava a doer, era um pinicar até agradável, semelhante ao causado pela loção pós-barba no rosto recém-escanhado.

Quando acabou de se secar, quase já não sentia tal sensação. Foi para baixo, despertou o irmão e lhe contou sobre a nuvem que havia passado pelo barco.

Foi o começo.

CAPÍTULO 2

A aranha investiu contra ele através das areias imersas em sombras, esgaravatando ferozmente com suas pernas compridas e finas como caniços. Seu corpo negro, gigantesco e luzidio, estremecia enquanto avançava veloz pelas tranquilas dunas, deixando atrás de si um rastro de arabescos.

O homem estava paralisado. Via o brilho venenoso nos olhos da aranha. Observou como ela ultrapassou o obstáculo de um pedaço de pau, que mais parecia um tronco, com o corpo encarapitado nas altas patas desfocadas pela velocidade que batiam na altura dos ombros do homem.

De repente, atrás dele, a chama enjaulada no aço ganhou vida com um estrondo que sacudiu o ar. Isso arrancou o homem de seu estado de estupor. Ofegante, deu meia-volta e pôs-se a correr, esmagando a areia úmida sob as sandálias de tiras amarradas.

Fugiu atravessando lagos de luz e novas áreas de sombra, com o rosto transmudado numa máscara de terror. Aqui e ali, raios de sol penetravam as frias sombras que envolviam o caminho que ele seguia em pânico. Atrás dele, a gigantesca aranha escarafunchava a areia em seu encalço.

Repentinamente, o homem escorregou. Um grito escapou de seus lábios. Caiu sobre um joelho, apoiando as palmas das mãos no solo. Sentiu a areia gelada trepidar com a vibração causada pela chama estrepitosa. Pôs-se de pé desesperadamente e, com as mãos ainda cobertas de areia, começou a correr de novo.

Enquanto fugia, espiou por cima do ombro e viu que a aranha ganhava terreno, com aquele corpo em forma de ovo, palpitante, empoleirado sobre as pernas velozes; um ovo cuja gema nadava em mortíferos venenos. Continuou a correr, sem fôlego. O pavor circulava em suas veias.

De repente, a beirada de um precipício surgiu diante dele, quebrando-se abruptamente em um paredão cinzento e perpendicular. Correu ao longo da borda, sem olhar para o vasto fundo do despenhadeiro lá embaixo.

A gigantesca aranha avançava rapidamente em sua direção, extraíndo um delicado som da pedra ao arranhá-la na corrida. Estava cada vez mais perto.

O homem mergulhou entre duas enormes latas que se elevavam como tanques acima dele. Abriu caminho rapidamente por entre os silenciosos e maciços volumes de latas amontoadas, passando por suas laterais verdes, vermelhas e amarelas; todas manchadas por alguma substância clara. A aranha teve de escalá-las, incapaz de mover seu volumoso corpo com destreza por entre as latas. Galgou a lateral de uma delas e percorreu seus topos metálicos, vencendo os espaços existentes entre elas com saltos repentinos e bruscos.

Quando o homem aventurou-se sem a proteção, ouviu um som de arranhar vindo do alto. Recuando e inclinando a cabeça para trás, viu a aranha prestes a saltar sobre ele, com duas patas deslizando pela lateral de uma lata e as demais agarradas ao topo.

Com uma exclamação de terror, o homem voltou a mergulhar no espaço entre as enormes latas, correndo aos tropeções pelo sinuoso caminho. Perseguido-o, a aranha galgou novamente ao topo, executou um semicírculo perfeito e reiniciou a perseguição.

Graças a esse movimento, o homem ganhou alguns segundos. Lançando-se de novo nas areias sombrias, contornou correndo o grande pilar de pedra e outro amontoado de estruturas semelhantes a tanques. A aranha saltou para a areia, precipitando-se atrás dele.

A grande massa alaranjada elevava-se diante do homem, agora que se encaminhava, uma vez mais, para a borda do precipício. Não havia tempo para hesitação. Com uma extraordinária flexão das pernas, atirou-se no abismo e agarrou-se com dedos crispados em uma saliência áspera.

Com estremecimentos de terror, ele conseguiu içar seu corpo até aquela superfície lascada, bem na hora em que a aranha alcançava a borda do precipício. Pondo-se de pé num pulo, o homem começou a correr pela estreita saliência, sem olhar para trás.

Se a aranha transpusesse o fosso, seria o fim.

A aranha não saltou. Olhando de relance para trás, pôde perceber isso e, parando, postou-se de pé ali, olhos fixos no bicho. Estaria a salvo, agora que se encontrava fora do território da aranha?

Sua face pálida contraiu-se ao ver um cabo, formado por fios de seda, ser expelido como vapor tremeluzente dos tubos da aranha.

Dando meia-volta imediatamente, começou a correr de novo, ciente de que, assim que o cabo estivesse longo o suficiente, as correntes de ar o levantariam para aderir à saliência laranja, e a aranha negra teria por onde avançar.

Tentou correr mais rápido, mas não conseguia. Suas pernas doíam e sua respiração não era mais que um bafo quente queimando-lhe a garganta; sentia pontadas agudas na lateral do tronco. Correu e se deixou escorregar pelo declive laranja, saltando os espaços com dificuldade e desespero crescentes.

Outra borda. O homem ajoelhou-se rápido, trémulo, e, agarrando-se com força, dependurou-se. Seria uma longa queda até o próximo nível. O homem esperou até que seu corpo se balançasse para dentro e, então, soltou-se. Justo antes de cair, pôde ver a grande aranha avançando em sua direção pelo declive laranja.

Aterrissou de pé, mas caiu para a frente, sobre a madeira dura. Pareceu-lhe que milhares de agulhas penetravam seu tornozelo direito. Pôs-se de pé com dificuldade; não podia parar. Ouviu o ruído da aranha se aproximando, logo acima de sua cabeça.

Correu até a borda, hesitou, mas saltou no vazio uma vez mais. A curva de uma argola metálica, da largura de um braço, reluziu diante dele. Tentou agarrá-la desesperadamente.

Caiu esperneando. O fundo do despenhadeiro aproximava-se cada vez mais rápido. Ele tinha que se desviar daquela maciez enfeitada com flores.

Mas não conseguiu. Quase na borda dela, aterrissou de pé e quicou para trás, fazendo uma cambalhota no ar.

Ficou estendido de bruços com a respiração sôfrega e entrecortada. O cheiro de pó impregnava suas narinas e podia sentir um tecido áspero em contato com seu rosto.

Recobrou o estado de alerta e, com uma dolorosa torção dos músculos, elevou a vista e percebeu que outro fantasmagórico fio de teia estava sendo estendido no ar. Dentro de instantes, sabia, a aranha desceria por ele.

Levantando-se com um gemido, permaneceu parado por um momento sobre as pernas bambas. O tornozelo continuava doendo, respirava com dificuldade, mas nenhum osso estava quebrado. Pôs-se em movimento.

Manquitolando rapidamente por aquela florida maciez, o homem deixou-se, enfim, escorregar pela borda. Ao fazer isso, viu a aranha balançando-se para baixo, como um terrível e oscilante pêndulo.

Estava no fundo do despenhadeiro agora. Correu, manco, por aquela vasta planície, suas sandálias calcando o piso firme e nivelado. A sua direita, erguia-se uma alta torre castanha, na qual a chama ainda queimava, fazendo tremer o chão com seu rugido.

Olhou para trás. A aranha acabava de alcançar a maciez recoberta de flores e já corria para a borda. O homem precipitou-se em direção à grande pilha de toras que atingia metade da altura da torre. Correu pelo que parecia ser uma gigantesca serpente enrolada, vermelha e imóvel, com goelas abertas nas duas extremidades.

A aranha atingiu o fundo do despenhadeiro e lançou-se em perseguição do homem.

Mas ele já havia chegado às gigantescas toras e, deixando-se cair para a frente, sobre o peito, enfiara-se no exíguo espaço entre duas delas. Era tão estreito que mal podia se mover; o local era escuro, úmido, frio e com cheiro de madeira apodrecida. Rastejou e contorceu-se, introduzindo-se ali o mais fundo que pôde e, então, parou e olhou para trás.

A aranha, de carapaça negra e lustrosa, tentava segui-lo.

Por horríveis instantes, o homem pensou que ela fosse conseguir. Depois, percebeu que estava entalada e foi obrigada a recuar. Não podia persegui-lo.

Fechando os olhos, ele se deitou sobre o solo, sentindo o frio contato através da roupa, resfolegando pela boca aberta e perguntando-se quantas vezes mais teria de escapar da aranha.

A chama na torre de aço apagou-se naquele momento, e tudo estaria em silêncio não fosse pelo arranhado das patas da aranha no chão de pedra, enquanto zanzava por ali sem parar. Ele podia ouvi-la escalando as toras, procurando um caminho até ele.

Quando, enfim, os ruídos cessaram, o homem saiu cautelosamente de seu esconderijo estreito e farpado entre as toras. De volta ao chão, pôs-se de pé com a rapidez que a exaustão lhe permitia e olhou em todas as direções, a fim de localizar a aranha.

Viu-a lá no alto, escalando o paredão em direção à borda do precipício, as pernas escuras carregando com dificuldade o corpanzil em forma de ovo pela superfície perpendicular. O homem deixou escapar um profundo suspiro de alívio. Por enquanto, estava a salvo. Baixando os olhos, caminhou em direção ao lugar onde costumava dormir.

Passou mancando vagarosamente pela agora silenciosa torre de aço, que era, na verdade, uma estufa a óleo; pela enorme serpente vermelha — uma mangueira de jardim sem agulheta, enrolada displicentemente e deixada no chão —; pela grande almofada revestida por um tecido de padrão floral; pela imensa estrutura laranja, formada por duas espreguiçadeiras de madeira colocadas uma por cima da outra; pelos grandes tacos de croque pendurados em seus suportes. Um dos arcos do jogo estava preso numa reentrância da cadeira de cima. Fora nele que o homem, ao cair, tentara se agarrar e não conseguira. As latas com aspecto de tanques não passavam de galões de tinta usados. Quanto à aranha, tratava-se de uma viúva-negra.

Ele vivia no porão.

Agora, passava diante do gigantesco cabide e ia em direção ao seu local de repouso, que ficava embaixo do aquecedor de água. Antes de chegar, estremeceu de susto, pois lá no fundo de sua caverna de concreto a bomba-d'água entrou em movimento.

Escutou-a trabalhando, parecia ofegar e suspirar de tal maneira, que soava como a respiração de um dragão moribundo.

Então, ele escalou o bloco de concreto sobre o qual estava assentado o imponente aquecedor esmaltado, arrastando-se para baixo de seu calor protetor.

Durante um bom tempo, deixou-se ficar imóvel na cama, que era uma esponja retangular envolta por um lenço de bolso rasgado. Seu peito arfava raso e rápido, suas mãos jaziam inertes e fechadas junto ao corpo. Sem piscar, olhava fixamente para o alto, para o fundo enferrujado do aquecedor.

A última semana.

Três palavras e um conceito. Um conceito que havia começado num lampejo de incompreensível choque e havia se transformado no horror intensamente pessoal e contínuo de agora. A última semana. Não, sequer isso, pois metade da segunda-feira já havia passado. Seus olhos vagaram brevemente pela fileira de traços de carvão rabiscados em um pedaço de madeira que era seu calendário. Segunda-feira, 10 de março.

Dentro de seis dias iria desaparecer.

Do outro lado do vasto porão, a chama da estufa voltou a acender-se e ele sentiu que a cama vibrava embaixo dele. Isso significava que a temperatura acima da casa havia caído e o termostato disparara a chave automaticamente. Agora o calor emanava novamente pelas grelhas do piso.

Pensou nelas lá em cima, a mulher e a garotinha. Sua esposa e sua filha. Ainda podia chamá-las assim? Ou o fator tamanho o havia removido do âmbito delas? Podia considerar-se ainda parte integrante de seu mundo, mesmo que para elas tinha o tamanho de um inseto, e que até mesmo Beth podia esmagá-lo com o pé sem ao menos perceber?

Dentro de seis dias iria desaparecer.

Havia pensado nisso mil vezes ao longo dos últimos dezoito meses, tentando imaginar.

Nunca fora capaz de conseguir. Invariavelmente, sua mente havia se rebelado contra isso, argumentando: as injeções começariam a surtir efeito agora, o processo seria finalizado por si só, alguma coisa ocorreria.

Era impossível que se tornasse tão pequeno que...

No entanto, era-o agora; tão pequeno que dentro de seis dias desapareceria.

Quando esse cruel desespero se abatia sobre ele, podia permanecer em sua cama improvisada por horas a fio, sem se importar se ia viver ou morrer.

O desespero nunca desaparecia por completo. E como poderia? Já que não importava a adaptação que ele acreditasse lograr, era obviamente impossível adaptar-se, porque nunca ocorrera uma desaceleração ou estabilização. O processo vinha acontecendo ininterruptamente.

Revirou-se na cama, tomado por desassossego e agonia. Por que havia fugido da aranha? Por que não permitir que ela o apanhasse? Assim, a questão já não estaria em suas mãos. Seria uma morte medonha, mas rápida; o desespero teria um fim. E, no entanto, continuava a fugir dela, a improvisar, a lutar e a existir.

Por quê?

– 1,72 M

Quando contou a ela, a primeira reação foi cair na gargalhada.

Mas não riu por muito tempo. Quase instantaneamente o riso foi engolido e ela ficou diante dele calada, encarando-o. Ele não estava sorrindo, sua expressão era tensa e perturbada.

— Encolhendo? — a palavra foi proferida num trêmulo sussurro.

— Sim — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

— Mas isso é...

Esteve a ponto de dizer que era impossível. Mas não era impossível, porque, agora que o termo havia sido pronunciado, cristalizara todos os temores não expressos que estava sentindo desde o começo, um mês antes, desde que Scott visitara o Dr. Branson pela primeira vez, desde que ele começara a ser testado sobre um possível arqueamento das pernas ou achatamento dos arcos dos pés. Desde o primeiro diagnóstico de perda de peso devido à viagem e à mudança de ambiente, descartando a possibilidade de que Scott estivesse perdendo altura também.

Os temores só haviam aumentado ao longo dos dias de tensa e assustadora suspeita, enquanto Scott continuava a encolher. Na

segunda e na terceira visita ao médico, nas radiografias e testes sanguíneos, na completa investigação dos ossos, na busca por sinais de perda de massa óssea ou de um tumor na hipófise; durante os longos dias de mais radiografias e de sombria investigação atrás de um câncer. Ao longo daquele próprio dia e daquele instante.

— Mas isso é impossível.

Teve de dizer. Eram as únicas palavras que sua mente e seus lábios conseguiam formular. Ele balançou a cabeça, desorientado.

— Foi o que o médico disse — respondeu. — Falou que minha altura diminuiu cerca de um centímetro e meio nos últimos quatro dias — engoliu em seco. — Disse que não é apenas perda de altura. Cada parte de mim parece estar encolhendo. Proporcionalmente.

— Não — sua voz refletiu a tenacidade de sua negação. Era a única reação possível para ela diante de tal ideia. — Isso é tudo? — perguntou, quase raivosa. — E tudo o que ele pode dizer!

— Querida, é o que está acontecendo — respondeu ele. — O doutor me mostrou as radiografias: aquelas que ele tirou há quatro dias e as que tirou hoje. É verdade. Estou encolhendo — disse isso como se tivesse levado um violento soco no estômago, meio atordoado, meio sem ar com o choque.

— Não — desta vez, ela soou mais apavorada do que resoluta. — Iremos consultar um especialista — completou.

— É isso o que ele quer que eu faça — disse Scott. — Aconselhou-me a ir ao Centro Médico Presbiteriano de Columbia, em Nova York. Mas...

— Então é o que você fará — disse ela, antes que o marido pudesse prosseguir.

— Querida, mas e os custos? — protestou. — já estamos devendo...

— O que isso tem a ver? Chegou realmente a passar por sua cabeça, um só instante, que...

Um estremecimento nervoso a impediu de continuar. Permaneceu de braços cruzados, trêmula, as mãos apertando a pele flácida da parte superior dos braços. Era a primeira vez, desde que tudo começou, que deixava transparecer a ele quão nervosa estava.

— Lou — ele enlaçou-a com os braços —, está tudo bem, querida, tudo bem.

— Não está. Você precisa ir àquele centro. Você precisa.

— Está bem, está certo — murmurou ele. — Eu irei.

— O que o médico disse que lhe farão lá? — perguntou, e ele pôde perceber a desesperada necessidade de esperança que a voz dela revelava.

— Ele... — umedeceu os lábios, tentando se lembrar. — Ah, ele disse que vão examinar minhas glândulas endócrinas: a tiroide, a hipófise, minhas glândulas sexuais. Vão checar o metabolismo basal. E outros testes.

Ela apertou os lábios.

— Se ele sabe disso tudo — retrucou —, por que tinha de dizer aquilo sobre... encolher?

Isso lá é coisa que um bom médico diga? É leviandade.

— Querida, eu pedi franqueza a ele — esclareceu. — Estabeleci essa condição quando comecei a me submeter a todos esses testes. Disse a ele que não queria segredos.

Diante disso, o que ele...

— Está bem — interrompeu ela. — Mas ele precisava chamar isso... do que ele chamou?

— E o que isso é, Lou — disse, angustiado. — Há evidências. As radiografias...

— Ele pode estar errado, Scott — contestou ela. — Ele não é infalível.

Ele nada disse por um longo tempo. Então, calmamente, concluiu:

— Olhe para mim.

Quando tudo começou, ele media 1,82 m. Agora, seus olhos estavam na mesma altura que os de sua esposa. E ela tinha 1,72 m.

Desanimado, ele largou o garfo no prato.

— Como vamos fazer? — perguntou. — O custo, Lou, o custo. Vou precisar de pelo menos um mês de hospitalização; foi o que Branson disse. Um mês afastado do trabalho.

Marty já está bastante contrariado do jeito que as coisas estão agora. Como posso esperar que ele continue me pagando o salário,

quando eu nem mesmo...

— Querido, a sua saúde vem em primeiro lugar — disse ela, com voz penetrante. — Marty sabe disso. Você sabe disso.

Ele baixou a cabeça, cerrando os dentes por trás dos lábios contraídos.

Cada fatura era um elo a mais na corrente que o puxava para o fundo. Quase podia sentir os pesados grilhões em torno de seus membros.

— E o que vamos... — recomeçou ele, parando ao notar que Beth o olhava fixamente, esquecendo-se de jantar.

— Coma a sua comida — Lou disse à filha.

Beth sobressaltou-se ligeiramente e, depois, enfiou o talher no ensopado de batatas.

— Como iremos pagar por isso? — Scott perguntou. — Não temos seguro-saúde. Devo 500 dólares a Marty pelos testes que já fiz — suspirou profundamente. — E o empréstimo do governo pode não sair.

— Você vai conseguir — disse ela.

— Falar é fácil — ele respondeu.

— Pois bem, o que você prefere fazer? — rebateu ela, com o destemperado do medo em sua voz. — Deixar para lá? Aceitar o que o médico disse? Apenas relaxar e... — um soluço afogou suas palavras.

A mão que ele pousou sobre a dela não foi confortadora. Estava fria e quase tão trêmula quanto a da esposa.

— Está bem — murmurou ele. — Está bem, Lou.

Mais tarde, quando ela colocava Beth para dormir, ele ficou na sala de estar às escuras, olhando os carros que trafegavam na rua lá embaixo. A não ser pelas vozes sussurrantes no quarto, não havia som algum no apartamento.

Os carros passavam zunindo em frente ao edifício, iluminando o pavimento escuro com os faróis.

Pensava em sua solicitação de um seguro de vida. Era parte do plano quando se mudou para o leste. Primeiro, trabalharia para o seu irmão; depois, pediria um empréstimo governamental para se tornar sócio no negócio de Marty. Conseguiria um seguro de vida e

um seguro-saúde, uma conta bancária, um carro decente, roupas, e possivelmente uma casa. Construiria uma estrutura de segurança em torno de si e de sua família.

Mas aconteceu isso e desbaratou o plano. E ameaçava destruir todo o resto.

Não saberia precisar em que exato momento a questão lhe ocorreu.

Mas, de repente, ela se apresentara de forma terrível. E ali estava ele, olhando fixamente para as próprias mãos, erguidas e espalmadas, com o coração palpitante e gelado de pavor.

Até quando continuaria a encolher?

CAPÍTULO 3

Água potável não era problema. O reservatório próximo à bomba elétrica tinha um minúsculo orifício no fundo. Havia colocado sob os pingos um dedal, que encontrara em uma velha caixa de costura. O dedal estava sempre transbordando de água cristalina.

Seu problema agora era a comida. O pedaço de pão dormido que havia sido seu único alimento nas últimas cinco semanas acabara. As últimas migalhas duras, que conseguira engolir graças à água, haviam servido de jantar.

Pão e água: sua dieta desde que ficara preso no porão.

Ele caminhou lentamente ao longo da área cada vez mais escura, em direção à torre branca, cheia de teias de aranha, ao lado dos degraus que conduziam à porta fechada do porão. Os últimos raios de luz eram filtrados pelas janelas sujas. A que ficava próxima às dunas de areia do território da aranha, a que ficava sobre o reservatório de combustível, e a terceira que estava acima da pilha de lenha. A débil iluminação caía em barras cinzentas e largas no piso de concreto, formando uma colcha de retalhos de luz e sombra que ele ia atravessando. Não demorava muito e o porão estaria escuro como breu.

Examinara, por muitas horas, a possibilidade de dar um jeito de alcançar a correntinha que pendia lá no alto e puxá-la para baixo, a fim de acender a lâmpada empoeirada e afugentar o terror da escuridão. Porém, não havia maneira de chegar lá. A correntinha estava três metros acima dele, absolutamente inatingível.

Scott Carey contornou a imensa geladeira branca, deixada no porão desde que haviam se mudado para aquela casa. Isso fora apenas alguns meses antes, mas parecia-lhe um século.

A geladeira era um modelo antigo, com as bobinas localizadas no topo, dentro de um cilindro, ao lado do qual jazia uma caixa de bolachas já aberta. Pelo que sabia, era o único alimento que restava no porão. Tinha noção de que a caixa estava em cima da geladeira, antes mesmo de ficar preso no porão. Deixara-a lá uma tarde, muito antes.

Não, não havia passado tanto tempo, mas, agora, os dias lhe pareciam estranhamente mais longos. Como se as horas fossem concebidas para pessoas normais. Para aqueles que eram menores, esticavam-se proporcionalmente.

Era uma ilusão, naturalmente, porém, em sua pequenez, era atormentado por uma série de ilusões.

A ilusão de que não estava encolhendo e que era o próprio mundo que aumentava; a ilusão de que os objetos eram o que eram apenas quando a pessoa que pensava era do tamanho normal. A estufa a óleo havia perdido para ele — não podia evitar pensar assim — o papel de aparelho de aquecimento. Tornara-se, de fato, uma gigantesca torre em cujas entranhas rugia uma chama mágica. E a mangueira era — quase — realmente uma serpente adormecida e enroscada. A parede de três quartos ao lado da estufa era a face de um precipício; a areia, um deserto terrível em cujas dunas rastejava não uma aranha do tamanho da pontinha do dedo de um homem, mas um monstro venenoso quase da sua altura.

A realidade era relativa. A cada dia, estava mais convencido disso. Em seis dias não haveria mais realidade para ele. Não pela morte, mas por puro e simples desaparecimento.

Que realidade poderia haver quando atingisse zero centímetro de altura?

Mesmo assim, prosseguia. Encarava a fachada lisa do refrigerador, imaginando o que poderia fazer para subir e alcançar os biscoitos.

Um rugido repentino causou-lhe um sobressalto e ele se virou, com o coração disparado.

Era só a estufa que voltava à vida. O ruído do mecanismo fazia tremer o chão sob seus pés, provocando-lhe vibrações ao longo das pernas. Engoliu com esforço. A vida que estava levando agora era selvagem, cada som podia indicar um perigo mortal.

Começava a ficar muito escuro. Sem luz, o porão era um lugar assustador.

Apressou-se em atravessar a área sombreada, tiritando sob a túnica, que tinha obtido abrindo um buraco em um pedaço de pano para passar a cabeça e, depois, rasgando as bordas em tiras e amarrando-as em nós. As roupas que usava quando ficou preso no porão estavam sujas e amontoadas perto do aquecedor de água. Usara-as o máximo que pôde, enrolando as mangas, apertando a faixa da cintura, conservando-as até que o volume delas começou a impedir seus movimentos. Fizera, então, a túnica.

Desde então, sentia frio permanentemente, a não ser quando estava sob o aquecedor de água.

Começou a andar com nervosismo, preocupado, de repente, por se encontrar fora da área escura. Seu olhar voou um momento para a borda do precipício e ele estremeceu outra vez, pensando ter visto a aranha. Pôs-se a correr antes de se dar conta de que era apenas uma sombra. Diminuiu o ritmo para passos largos e erráticos. Adaptar-se?, pensou. Mas quem poderia se adaptar àquilo?

Ao retornar para debaixo do aquecedor, arrastou a tampa de uma caixa sobre sua cama e se deitou para descansar sob o abrigo improvisado.

Tremia. Sentiu o cheiro acre do papelão próximo ao rosto e teve a impressão de que estava derretendo. Era outra ilusão que o acometia todas as noites.

Esforçou-se para dormir. No dia seguinte, com luz, trataria de se preocupar com os biscoitos. Ou, quem sabe, não se preocuparia mais com eles.

Talvez fosse melhor ficar na cama e deixar a fome e a sede fazerem o que ele não tinha coragem de fazer a despeito de seu desalento.

Tolice!, pensou, furioso. Se não o fizera antes, não era provável que pudesse fazê-lo agora.

1,60 m

Louise guiou o Ford azul em torno do amplo arco que liga Queens Boulevard a Cross Island Parkway. Não havia som algum, exceto o ruído do motor. Os dois haviam deixado de falar quase imediatamente após deixarem o túnel Midtown. Scott até pressionara o botão do rádio para suprimir a música. Agora, olhava fixamente através do para-brisa, perdido em pensamentos.

A tensão havia se instalado nele muito antes de Louise ir buscá-lo na clínica.

Começara quando dissera aos médicos que estava indo embora. Os blocos de raiva começaram a se empilhar, mais precisamente, no momento em que se internara. A sobrecarga financeira daquilo aumentava ainda mais sua insegurança. E cada dia infrutífero no centro adicionara mais blocos.

Mas havia atingido o ápice quando Louise, além de irritar-se com sua decisão, não fora capaz de esconder o choque de constatar que ele estava dez centímetros mais baixo do que ela. Desde que ela chegara para buscá-lo, Scott tinha pronunciado apenas algumas palavras circunstanciais, em tom calmo e reservado.

Nesse momento, passavam diante de suntuosas mansões. Scott não prestava atenção.

Pensava em seu futuro impossível.

— O quê? — disse ele, com um ligeiro sobressalto.

— Eu perguntei se você já tomou café da manhã.

— Ah, sim. Por volta das oito horas, acho.

— Está com fome? Quer dar uma parada?

— Não.

Olhou de relance para ela, para a tensa indecisão aparente em seu rosto.

— O que está querendo dizer? — perguntou ele. — Seja o que for, diga de uma vez, pelo amor de Deus, desabafe.

Viu a pele lisa da garganta de Louise contrair-se ao engolir em seco.

— O que há para dizer? — perguntou ela.

— Está certo — assentiu, balançando a cabeça em movimentos agitados.

— Está certo. Faça parecer que a culpa é minha. Sou apenas um idiota que não quer saber o que há de errado. Sou...

Terminou de falar antes mesmo de ter começado. Ondas de temor indizível concentravam suas explosões de raiva. Acessos como aquele só lhe aconteciam de vez em quando, porque muitos outros horrores o atormentavam.

— Você sabe como me sinto, Scott — disse ela.

— É claro que sei — disse ele. — Entretanto, você não precisa pagar as contas.

— Já lhe disse que não me importo nem um pouco de trabalhar.

— Não adianta discutirmos — disse ele. — Além disso, seu trabalho não faria diferença, pois, ainda assim, ficaríamos endividados — emitiu um suspiro cansado. — De qualquer forma, que diferença isso faz? Não descobriram nada.

— Scott, o médico disse que poderia levar meses! Você sequer os deixou terminarem os exames. Como pode...

— O que eles acham que farei? — explodiu ele. — Que permitirei que continuem a brincar comigo? Ah, você não estava lá, você não viu. Pareciam crianças com um brinquedo novo! Um homem encolhendo, santo Deus! Um homem que está encolhendo! Os olhos deles brilhavam. Só estão interessados no meu "incrível catabolismo".

— E o que isso importa? — perguntou ela. — A verdade é que eles estão entre os melhores especialistas do país.

— E também entre os mais caros — respondeu ele. — Se estão tão fascinados, por que não me oferecem os exames gratuitamente? Até questionei um deles a esse respeito.

Olhou-me como se eu lhe tivesse insultado a mãe, palavra de honra.

Louise nada disse. Entretanto, seu peito arfava, sua respiração estava alterada.

— Estou farto de fazer exames — prosseguiu ele, preferindo não se afundar novamente no isolamento, sem consolo do silêncio. — Estou cansado de fazer exames de metabolismo basal e de proteínas; de tomar iodo radioativo e soluções de bário; de raios X, de amostras de sangue, dos contadores Geiger na garganta, de medirem minha temperatura uma centena de vezes por dia. Você não passou por isso, não tem como saber. É como passar pela... pela Inquisição! E para quê? Não descobriram nada! E jamais descobrirão. Eu não quero, ainda por cima, ficar devendo a eles milhares de dólares a troco de nada!

Deixou-se cair para trás, encostando-se no assento, e fechou os olhos.

A fúria não o satisfazia quando lançada a quem não a merecia. Mas não quer dizer que desaparecesse: queimava-o por dentro.

— Eles não terminaram, Scott.

— Você não se preocupa com as contas — disse ele.

— Preocupo-me com você — respondeu ela.

— De qualquer forma, neste casamento, quem é que só se preocupa com segurança financeira?

— Isso não é justo.

— Ah, não é? Para começar, o que nos fez vir para a Califórnia? Eu? Fui eu que decidi que deveria me associar ao Marty? Eu estava feliz onde estava. Não... — suspirou profundamente. — Esqueça — continuou. — Sinto muito, desculpe-me. Mas não vou voltar para a clínica.

— Você está irritado e magoado, Scott. É por essa razão que você não quer voltar.

— Não quero voltar porque é inútil! — gritou ele.

Rodaram em silêncio por alguns minutos. Então, ela disse:

— Scott, você realmente acha que eu prezo mais minha segurança do que a sua saúde?

Ele não respondeu.

— Acha?

— Temos de falar sobre isso? — perguntou ele.

Na manhã seguinte, sábado, ele recebeu os formulários da companhia de seguro de vida e os rasgou em mil pedaços, jogando-os no lixo. Então, saiu para fazer uma longa e melancólica caminhada. Enquanto estava fora, pensou em Deus criando o Céu e a Terra em sete dias.

Estava encolhendo um sétimo de polegada por dia... Três milímetros e meio por dia.

NO PORÃO, tudo estava calmo. A estufa acabara de desligar, a rítmica sibilação da bomba-d'água havia silenciado uma hora antes. Scott permanecia deitado debaixo da tampa da caixa, esgotado, mas incapaz de descansar.

Uma vida animal sem uma mente animal não induz o pesado e sem esforço sono de um animal.

A aranha apareceu por volta das onze horas.

Ele não sabia que horas eram, mas ainda ouvia os passos pesados lá em cima e, normalmente, Lou ia se deitar por volta de meia-noite.

Escutou o lento rastejar da aranha na parte superior da caixa, descendo por um lado, subindo pelo outro, procurando por uma abertura com uma terrível paciência.

Viúva-negra. Assim chamada porque a fêmea devora o macho, se tiver chance, após o acasalamento.

Viúva-negra. Brilhante, com um retângulo acinturado e vermelho no abdome oval, apelidado de ampulheta. Uma criatura com o sistema nervoso central bem desenvolvido, dotada de memória. Um ser cujo veneno é dez vezes mais poderoso que o da cascavel.

A viúva-negra subiu na tampa da caixa sob a qual ele se escondia; a aranha era quase tão grande quanto ele. Em dois ou três dias seria do mesmo tamanho e, em seguida, maior que ele. Tal pensamento fez Scott passar mal.

Como faria para escapar, então?

Eu tenho de sair daqui!, pensou, desesperadamente.

Seus olhos se fecharam, os músculos se contraíram lentamente na admissão de seu desamparo. Vinha tentando sair do porão há cinco semanas. Como poderia conseguir agora que tinha apenas um sexto do tamanho com que ficara preso ali?

Ouviu novamente o raspar das pernas da aranha, mas, desta vez, sob a tampa.

Em um canto, havia um rasgão, o suficiente para deixar passar uma das sete pernas do bicho.

Ele permaneceu ali, tremendo, enquanto escutava a perna da aranha arranhando o cimento como uma lâmina de barba sobre uma lixa. A aranha nunca chegara a se aproximar mais que dez centímetros da cama, mas dava-lhe pesadelos. Fechou os olhos com força.

— Vá embora! — ele berrava. — Vá embora daqui, vá embora daqui!

Sua voz ressoava estridente debaixo da cobertura de papelão. Seus tímpanos doíam.

Permaneceu deitado, tremendo violentamente, enquanto a aranha rodeava, arranhava e saltava em torno da tampa da caixa, ensandecida, tentando entrar.

Scott virou-se e afundou o rosto entre as dobras ásperas do lenço que cobria a esponja. Se ao menos conseguisse matá-la!, gritava em sua mente, tomado de angústia. Pelo menos, passaria em paz seus últimos dias.

Cerca de uma hora mais tarde, o ruído de arranhar cessou e a aranha se foi. Uma vez mais, percebeu sua pele orvalhada de suor e a rigidez de seus dedos frios e contorcidos. Sorvia o ar em golfadas convulsas por entre os lábios entreabertos, exausto de lutar para não sucumbir ao terror.

Matá-la? Tal pensamento fez seu sangue gelar.

Um pouco depois, mergulhou em um sono conturbado e sua noite foi preenchida com o tormento de pesadelos pavorosos.

CAPÍTULO 4

Abriu os olhos.

Instintivamente soube que já não era noite, mas debaixo da caixa ainda estava escuro.

Com um suspiro, levantou-se cautelosamente na cama de esponja até que seus ombros tocaram a superfície do papelão. Então, foi até um canto e, empurrando para cima com força, deslocou a tampa para fora da cama.

Lá fora, chovia. Uma luz cinzenta infiltrava-se por entre os pingos que escorriam pelas vidraças e convertiam as áreas escuras da colcha de retalhos projetada no chão em ondulações sombrias, e as áreas de luz, em pálida e trêmula gelatina.

A primeira coisa que Scott fez foi descer do bloco de cimento e ir até a régua de madeira, como fazia todas as manhãs. A régua estava apoiada em um enorme cortador de grama amarelo, onde ele a havia deixado.

Encostou-se na superfície graduada e colocou a mão direita acima da cabeça. Então, deixando a mão naquela posição, deu um passo para trás e olhou.

As réguas não costumam ser divididas em múltiplos de três centímetros e meio; ele próprio acrescentara tais divisões. Sua mão indicava a linha que lhe dizia estar agora com menos de 1,8 cm de altura.

Deixou cair a mão, desanimado. Mas, o que esperava?, perguntou a si mesmo. Não respondeu. Apenas se perguntava por que se torturava daquela maneira todos os dias, persistindo naquele masoquismo crônico.

Com certeza, não acreditava que aquilo iria parar agora nem que as injeções comesçassem a fazer efeito a essa altura. Então, por quê? Por acaso tal ritual fazia parte de sua prévia resolução de acompanhar passo a passo a sua diminuição até o fim? Nesse caso, já não fazia sentido. Ninguém ficaria sabendo.

Atravessou lentamente o chão frio. A não ser pelo ligeiro tamborilar da chuva nas janelas, o porão estava silencioso. À distância, podia ouvir um som abafado e ritmado causado,

provavelmente, pela chuva caindo na porta do porão. Continuou andando, desviando automaticamente o olhar para a beirada do precipício, procurando pela aranha. Não estava lá.

Caminhando pesadamente, passou sob o cabide e dirigiu-se ao degrau de 30

centímetros que conduzia ao vasto e escuro porão, onde estavam o reservatório e a bomba-d'água. Trinta centímetros, pensou, acercando-se lentamente da escada de corda que fizera e que estava atada a um tijolo em cima desse degrau. Trinta centímetros que era o equivalente a quarenta e cinco metros para um homem de estatura normal.

Começou a descer prudentemente, raspando os nós dos dedos contra o áspero concreto. Devia ter pensado numa forma de manter a escada afastada da parede.

Bem, já era muito tarde para isso; estava pequeno demais.

Na realidade, mesmo se esticando dolorosamente, mal chegava ao próximo degrau da escada de corda e ao outro debaixo deste.

Fazendo uma careta, lavou o rosto com água gelada. Chegava à beira do dedal. Ao cabo de dois dias, sequer alcançaria a borda e, provavelmente, também já não conseguiria descer pela escada de corda. O que faria então?

Tratando de não pensar em problemas insolúveis, bebeu água na palma da mão; bebeu até que lhe doeram os dentes. Então, secou o rosto e as mãos em sua túnica e voltou à escada.

Teve que se deter e descansar na metade da subida. Permaneceu ali, com os braços ao redor de um degrau de linha que, para ele, tinha a grossura de uma corda. E se a aranha aparecesse naquele momento na parte superior da escada? E se começasse a descer na direção dele?

Estremeceu. Basta!, rogou à própria mente. Já não bastasse ter de se proteger de fato da aranha, não precisava preencher o resto do tempo com cruéis fantasias.

Engoliu em seco novamente, atormentado pelo medo. Era verdade.

A garganta doía.

— Oh, meu Deus! — murmurou. — Era só o que me faltava...

Escalou o resto do caminho em silêncio e, depois, iniciou sua excursão de quatrocentos metros até a geladeira. Contornou as grossas espirais da mangueira, passou junto do cabo do ancinho que para ele parecia o tronco de uma árvore, das rodas, tão altas como uma casa, do cortador de grama, da mesa de vime que tinha a metade da altura da geladeira que, por sua vez, era da altura de um edifício de dez andares. A fome já começava a lhe contrair o estômago.

Ficou ali parado, cabeça jogada para trás, olhando para a geladeira.

Se houvesse avistado algumas nuvens flutuando sobre o cilindro superior, a altitude daquele "cume de montanha" não teria ficado mais graficamente aparente para ele.

Baixou a vista. Iniciou um suspiro, mas o suspiro foi cortado por um brusco rugido. A estufa voltara a funcionar, estremecendo o solo. Jamais iria se acostumar àquilo. Não tinha um padrão de ignição regular. E, o que era pior, a cada dia parecia mais ruidosa.

Durante o que lhe pareceu um longo momento, ficou olhando as pernas brancas da geladeira sem saber o que fazer. Depois, reagiu e suspirou profundamente. Não fazia sentido permanecer ali. Ou chegava às bolachas, ou morria de fome.

Passeou a vista pela mesa de vime fazendo planos.

Como o cume de uma montanha, a parte superior da geladeira podia ser alcançada por diversas rotas, nenhuma delas era fácil. Podia tentar escalar a escada que, da mesma forma que o cortador de grama, estava apoiada no tanque de combustível. Uma vez que chegasse à parte superior do tanque (uma façanha que, por si mesma, podia equiparar-se à escalada do Everest), podia chegar à enorme pilha de caixas de papelão próxima a ele, passar para a ampla mala de couro de Louise, e dali subir pela corda até o topo da geladeira.

Também podia tratar de subir na mesa vermelha de pernas em X, saltar para as caixas, atravessar a mala e subir pela escada. Ou podia tentar subir na mesa de vime, bem ao lado da geladeira, alcançar o seu topo e, então, subir pela longa e perigosa corda pendurada.

Deu as costas para a geladeira e percorreu o porão com os olhos, fixando-se na parede do precipício, no equipamento de croque, nas espreguiçadeiras amontoadas, no alegre guarda-sol listrado e nos banquinhos dobráveis de lona cor de oliva. Olhou tudo com desalento.

Não tinha outra solução? Não havia outra coisa para comer, além daquelas bolachas?

Passeou lentamente a vista pela borda do precipício. Ali estava a última fatia de pão seco que lhe restara; sabia que não podia ir até lá. O medo da aranha estava arraigado nele. Nem mesmo a fome conseguiria fazê-lo subir novamente àquele precipício.

De repente, pensou: Será que as aranhas são comestíveis? Seu estômago roncou.

Afastou a ideia de sua mente com um grande esforço, e voltou a se concentrar no problema imediato.

Não podia realizar a escalada sem ajuda, e esse era apenas o primeiro obstáculo.

Caminhou pelo chão, sentindo o frio através das sandálias gastas. Sob a sombra do tanque de combustível, subiu por entre as bordas rasgadas de um lado da caixa de papelão. E se a aranha estive me esperando aí dentro?, pensou. Deteve-se com o coração batendo-lhe apressadamente, uma perna dentro e a outra fora. Suspirou com força para ganhar ânimo. É apenas uma aranha, disse consigo, não era um especialista em tática.

Enquanto continuava escalando para se introduzir nas profundidades da caixa mofada, desejou poder acreditar, de fato, que a aranha não era inteligente, apenas um ser guiado pelo instinto.

Quando procurava a linha, esbarrou com a mão em um objeto de metal gelado e recolheu-a por reflexo. Tocou o objeto novamente. Era apenas um alfinete. Seus lábios franziram-se. Apenas um alfinete? Era do tamanho de uma lança de cavaleiro!

Encontrou a linha e desenrolou laboriosamente quase vinte centímetros.

Custou-lhe um minuto inteiro puxar a linha, separá-la do carretel — grande como um barril — e cortá-la com os dentes. Arrastou a

linha da caixa e voltou à mesa de vime.

Depois, dirigiu-se à pilha de lenha e arrancou um pedaço de madeira do tamanho de seu braço, do cotovelo às pontas dos dedos. Levou-o consigo até a mesa e o atou à linha.

Pronto.

O primeiro passo era fácil. Enroscadas em torno da perna central da mesa, havia duas tiras de vime mais estreitas, mais ou menos da grossura de seu corpo. Sete centímetros abaixo da primeira prateleira da mesa, essas duas tiras separavam-se da perna, dobrando-se na direção da prateleira e, sete centímetros acima da prateleira, enroscando-se outra vez em torno da perna central.

Lançou o pedaço de madeira mirando onde uma das tiras começava a se descolar da perna. Na terceira tentativa, o pedaço de madeira introduziu-se na abertura e ele puxou cuidadosamente a linha para certificar-se de que estava bem encaixado entre a perna e a tira. Então, começou a escalar apoiando os pés na perna da mesa, à medida que subia, e o corpo oscilando na extremidade da linha pendurada.

Ao chegar ao primeiro ponto, içou a linha para cima, soltou a barra de madeira e preparou-se para a etapa seguinte da subida.

Após quatro arremessos, a barra de madeira introduziu-se entre duas tiras da prateleira trançada. Subiu até ela.

Permaneceu ali estendido na prateleira, por alguns instantes: extenuado, imóvel, arfando. Depois, sentou-se e olhou para baixo, contemplando o que para ele constituía uma queda de quinze metros. Já estava cansado e a subida só começara.

Do outro lado do porão, a bomba reiniciou seu agudo sibilo. Ele escutou enquanto olhava para o enorme toldo formado pelo tampo da mesa, trinta metros acima de sua cabeça.

— Vamos lá — murmurou de si para si, com voz rouca. — Vamos lá, vamos lá, vamos lá, vamos lá.

Pôs-se de pé. Inspirando profundamente, atirou o pedaço de madeira ao ponto seguinte de junção entre a perna e a tira.

Teve de se afastar com um salto quando o tiro falhou e a barra de madeira caiu sobre ele pesadamente. Sua perna direita resvalou

por uma abertura na trama do vime, ele precisou se agarrar às tiras transversais para não mergulhar em direção ao chão lá embaixo.

Ficou daquele jeito por muito tempo, com uma perna pendurada no ar. Depois, gemendo, endireitou-se novamente, sentindo uma forte dor nos músculos da perna direita. Ocorreu-lhe que devia ter sofrido uma luxação.

Apertou os dentes e deu um profundo suspiro. Garganta inflamada, perna distendida, fome, exaustão. O que viria depois?

Ao cabo de doze arremessos e muito esforço físico, a barra de madeira introduziu-se na abertura desejada. Uma vez esticada a linha ao máximo, dispôs-se a escalar os dez metros restantes, com os dentes cerrados e a respiração agitada. Ignorou a dor penetrante que sentia nos músculos enquanto subia. Quando chegou à bifurcação, enfiou-se entre a perna da mesa e a tira e permaneceu ali, meio deitado, meio pendurado, arquejante, todos os músculos do corpo doendo. Preciso descansar, pensou. Não posso seguir adiante.

O porão apagou-se diante de seus olhos.

FORA VISITAR A MÃE na semana em que media um metro e cinquenta e nove. Da última vez que a vira, ele media um metro e oitenta e dois.

O medo o invadiu, mais frio do que o vento invernal, enquanto subia a rua Brooklyn em direção à casa de dois andares em que vivia sua mãe.

Dois meninos jogavam bola na rua. Um deles falhou ao tentar agarrar um arremesso. A bola quicou na direção de Scott e ele se abaixou para pegá-la.

O garoto gritou-lhe:

— Ei, menino, lance a bola para cá!

Foi como se um choque elétrico percorresse o seu corpo. Atirou a bola com força.

O garoto gritou:

— Bom arremesso, menino!

Continuou andando, lívido como papel.

E a horrível hora que passou com sua mãe. Lembrava-se muito bem.

A forma como tentava evitar o óbvio, falando de Marty e Therese e o filho deles, Billy; de Louise e Beth, da vida agradável que podia levar graças aos cheques mensais de Marty...

Havia posto a mesa tão impecavelmente como de costume: cada prato e xícara em seu devido lugar, cada biscoito e bolo arranjado simetricamente.

Sentara-se junto a ela, sentindo-se nauseado. O café queimou-lhe a garganta e os biscoitos pareceram-lhe sem gosto.

Finalmente, quando já era tarde demais, ela tocou na questão.

— O que é essa coisa que você está tratando? — perguntara ela.

Ele sabia exatamente o que ela queria ouvir e mencionou o centro médico e os exames.

O alívio fez desaparecer as rugas de preocupação que sulcavam a pele rosada do rosto de sua mãe.

— Ótimo — disse ela —, ótimo. Os médicos vão curá-lo. Hoje em dia eles sabem tudo.

Tudo.

E foi só isso.

Enquanto se dirigia para casa, sentiu-se mal porque, dentre todas as reações que ela podia ter tido diante de sua desgraça, havia mostrado a última que passaria pela cabeça dele.

Depois, quando chegou em casa, Louise encurralou-o na cozinha, insistindo para que voltasse ao centro médico e fizesse todos os exames. Ela trabalharia, colocariam Beth em uma creche. Tudo daria certo. A princípio, sua voz era firme, obstinada; depois, interrompeu-se e todo seu terror e infelicidade escondidos se fizeram aparentes.

Ele ficou de pé ao lado dela, abraçando-a e desejando consolá-la, mas era incapaz de outra coisa a não ser olhar-lhe o rosto e lutar contra a deprimente sensação de ser bem mais baixo que ela.

— Está bem — disse-lhe —, está bem. Voltarei para o centro médico. Voltarei. Não chore.

E, no dia seguinte, chegou do centro médico uma carta na qual lhe comunicavam que "devido à insólita natureza de sua doença, cuja investigação pode ser de inestimável valor para o conhecimento médico", estavam dispostos a continuar os exames gratuitamente.

E o regresso ao centro médico, lembrava-se muito bem. E a descoberta.

AS COISAS FORAM RECOBRANDO sua forma diante dos olhos de Scott. Pôs-se de pé de novo com um suspiro, apoiando-se com uma mão na perna da mesa.

A partir daquele ponto, as duas tiras separavam-se completamente da perna da mesa e alçavam-se em direções opostas, reforçadas por varas até atingirem a parte inferior do tampo da mesa. Ao longo de cada trecho ascendente, havia três barras verticais, como se fossem balaustres gigantes.

Já não precisava da linha.

Começou a escalar a tira com inclinação de uns setenta graus, agarrando-se primeiro à barra vertical e, em seguida, subindo lentamente, enquanto as sandálias escorregavam ao longo da barra. Depois, agarrou-se à barra seguinte, fazendo a mesma coisa.

Enquanto se concentrava no penoso esforço, esquecia-se de todos os seus pensamentos e se afundava em apatia mecânica durante vários minutos, ao longo dos quais só a fome era capaz de lembrá-lo de sua difícil situação.

Finalmente, arquejante e com a garganta seca e irritada, alcançou o final da tira inclinada, sentando-se entre a vara e a última barra vertical, contemplando a grande extensão do tampo da mesa.

Seu rosto contraiu-se.

— Não.

O murmúrio se converteu numa exclamação de desânimo, quando seus olhos irritados olharam em torno. Havia um espaço de noventa centímetros até a borda inferior da mesa. E não havia onde se segurar.

— Não!

Tanto esforço por nada? Não podia acreditar, não queria. Fechou os olhos. Ia se atirar dali. Ia espatifar-se no chão. Chegara ao seu limite.

Voltou a abrir os olhos. Suas têmporas latejavam enquanto cerrava os dentes. Não ia se deixar cair de lugar algum. Se caísse, seria ao saltar para a borda da mesa. Em hipótese alguma, por

vontade própria. Arrastou-se pela vara horizontal, que corria ao longo da superfície da mesa, procurando.

Tinha de haver um meio. Tinha de haver.

Ao dobrar a esquina, encontrou. Embaixo da borda da mesa, havia uma tira de madeira da grossura do dobro de seu braço. Estava unida à mesa por pregos um pouco menores que ele.

Dois deles haviam se soltado e, naquele ponto, a tira estava caída cerca de seis milímetros abaixo da borda da mesa. Seis milímetros? Quase noventa centímetros para ele! Se conseguisse saltar aquele vão, poderia agarrar-se à ela e teria a chance de passar para a superfície da mesa.

Permaneceu imóvel, respirando profundamente e contemplando a tira solta e o espaço que tinha de saltar. Para ele, equivalia a cerca de 1,20 m. Um metro e vinte centímetros de espaço vazio.

Umedeceu os lábios ressecados. Lá fora, a chuva continuava a cair; podia ouvir o ruído das gotas golpeando o vidro das janelas. Turbilhões de luz, cinzenta iluminavam seu rosto. Contemplou a longa distância que o separava da janela acima da pilha de lenha.

A forma como a água de chuva recorria pelas vidraças fazia parecer que estava sendo observado por enormes olhos vazios.

Desviou o olhar. Não fazia sentido permanecer ali. Precisava comer.

Retroceder seria absurdo. Tinha de continuar.

Preparou-se para o salto. Pode ser agora, pensou, estranhamente alarmado.

Esse pode ser o fim da minha longa e fantástica trajetória.

Apertou os lábios com força.

— Seja o que Deus quiser — sussurrou, então, lançando-se no vazio.

Seus braços se chocaram com tal força contra a barra de madeira que quase perderam totalmente sua capacidade de reação. *Estou caindo!*, gritou-lhe sua mente.

Então, os braços fecharam-se em volta da madeira e ele permaneceu ali, arfando, com as pernas balançando sobre o vazio.

Permaneceu assim por uns minutos, recuperando o fôlego, enquanto esperava que seus braços recuperassem a sensibilidade.

Depois, cuidadosamente, com agonizante lentidão, deu a volta sobre a barra para ficar de frente para as varas. Uma vez feito isso, foi se ajeitando até conseguir ficar sentado na barra, agarrando-se firmemente para não cair. Ficou ali imóvel, com os músculos intumescidos pelo cansaço.

O último passo até o tampo da mesa era o mais difícil.

Teria de se pôr de pé sobre a lisa superfície circular da barra e, dando um salto, lançar o braço acima da borda da mesa. Até onde sabia, ali não havia coisa alguma para se agarrar. Seria questão de pressionar a superfície com braços e mãos, de maneira que apenas a força do atrito o sustentasse.

Depois, teria de escalar a borda.

Por um momento, teve consciência do grotesco espetáculo: a insanidade de um mundo no qual se podia morrer ao tentar subir à superfície de uma mesa, que qualquer homem normal poderia erguer e carregar com uma só mão.

Deixou tal pensamento de lado. Não pense nisso, ordenou a si mesmo.

Inspirou profundamente até que o tremor de seus braços e pernas diminuiu.

Em seguida, foi se agachando na madeira lisa com cuidado, mantendo o equilíbrio e apoiando-se na parte inferior do tampo da mesa.

As "solas" de suas sandálias improvisadas eram lisas demais. Não aderiam bem à madeira. Teria de tirá-las, apesar do frio que fazia. Assim o fez, sacudindo um pé após o outro e, após um momento, ouviu que se chocavam contra o piso lá embaixo.

Bambeou um momento, recobrou o equilíbrio e inspirou longa e profundamente. Fez uma pausa.

Agora.

Deu um salto para cima no vazio, lançando os braços acima da borda da mesa. Um amplo panorama de enormes objetos amontoados ofereceu-se à sua vista. Então, começou a escorregar e agarrou-se à madeira, cravando-lhe as unhas. Continuou escorregando para a borda, o peso de seu corpo o arrastava para fora.

— Não — gemeu, com voz estrangulada.

Conseguiu mover-se de novo para a frente, com as pontas dos dedos coladas à superfície da madeira, os braços pressionados para baixo desesperadamente.

Viu uma haste curva de metal. Estava a seis milímetros de seus dedos.

Se não a atingisse, cairia. Deixando uma mão fixa, cujas unhas cravadas na madeira já tiravam lascas da superfície, alçou a outra mão para a haste.

Cuidado!

A mão que tinha levantado voltou a baixar, agarrando freneticamente a madeira.

Começou a escorregar de novo.

Com um último e frenético impulso, atirou-se em direção à haste curva e suas mãos fecharam-se, finalmente, sobre a grossa espessura gelada.

Arrastou-se, com grande esforço, por cima da borda da mesa. Então, suas mãos soltaram o metal — apenas a alça de uma lata de tinta — e ele deixou-se cair deitado sobre o peito e a barriga.

Permaneceu um longo momento nessa posição, incapaz de mover-se, tremendo com os restos de medo e esforço, enchendo os pulmões com o ar frio. Consegui!, pensou.

Era tudo o que lhe ocorria. Consegui, consegui!

Apesar da exaustão, aquele pensamento lhe proporcionava um agradável sentimento de orgulho.

CAPÍTULO 5

Após um momento, levantou-se com insegurança e olhou ao seu redor.

A superfície da mesa estava repleta de enormes latas de tinta, garrafas e potes.

Scott passeou por entre as gigantescas formas, galgou a borda de uma serra e voltou correndo por sua superfície gelada para o tampo da mesa.

Tinta laranja. Passou junto à lata manchada e sua cabeça mal alcançava a borda inferior do rótulo. Lembrou-se de ter pintado as espreguiçadeiras durante uma das muitas horas que passara no porão, antes de sua última e irrevogável queda ocasionada pela neve.

Com a cabeça inclinada para trás, viu o cabo de um pincel manchado de laranja saindo de um enorme pote. Um dia, não muito distante, havia sustentado aquele cabo — agora dez vezes maior do que ele — entre os dedos; um gigantesco pedaço de madeira amarela, brilhante e de ponta fina.

Ouviu um forte clique e, então, o rugido da estufa encheu novamente o ar. As batidas de seu coração aceleraram-se e depois voltaram ao normal. Não, jamais se acostumaria com aquele barulho ensurdecedor e repentino. Bem, de qualquer modo, lembrou-se de que só teria de suportá-lo mais quatro dias.

Começava a sentir os pés muito frios; não tinha tempo a perder.

Avançou por entre as latas de tinta até chegar à corda, tão grossa quanto seu corpo, que caía em espiral do topo da geladeira.

Um golpe de sorte. Encontrou um trapo cor-de-rosa todo amassado, junto à altíssima garrafa marrom de aguarrás. Num impulso, envolveu-se nele, cobriu os pés e se recostou em sua enrugada maciez. O trapo cheirava a tinta e aguarrás, mas isso não tinha importância. O calor interno de seu corpo começou a rodear-lhe agradavelmente.

Reclinado ali, examinou o longínquo topo da geladeira. Ainda faltava uma escalada equivalente a vinte e dois metros, sem apoios para os pés, com exceção daqueles que fosse encontrando ao acaso pela corda. Teria de içar-se com os braços, toda a subida.

Fechou os olhos e permaneceu imóvel por uns minutos, respirando lentamente, e com o corpo o mais relaxado possível. Não fosse sua barriga reclamando insistentemente por comida, teria adormecido. Porém, a fome exercia a pressão de uma onda nas paredes de seu estômago, e lhe fazia roncar de vazio.

Perguntou-se se podia estar de fato tão vazio como lhe parecia.

Quando se pegou perdido em reflexões alimentícias, pensando em assados com molho e bifés acebolados com champignons, compreendeu que era hora de se levantar.

Esfregou pela última vez os pés, agora aquecidos, e pôs-se de pé.

Foi então que reconheceu o trapo.

Fazia parte de uma anágua de Louise, que ela reduziu a pedaços e meteu na caixa de trapos quando estava gasta. Pegou uma ponta e passou os dedos por sua delicada superfície, sentindo no peito e na barriga uma estranha pontada que não era fome.

— Lou — murmurou ele, olhando fixamente o tecido que um dia repousara sobre aquela pele cálida e perfumada.

Atirou longe bruscamente o trapo, com o rosto convertido numa máscara endurecida.

Deu-lhe um pontapé.

Abalado, afastou-se dele, avançou como um autômato para a borda da mesa e apanhou a corda. Era demasiado grossa para rodeá-la com as mãos; teria de usar os braços. Felizmente, encontrava-se pendurada de tal forma que praticamente bastaria arrastar-se por ela durante o primeiro trecho.

Puxou-a com toda a força que foi capaz, para ver se estava segura. Ela cedeu um pouco e, depois, ofereceu resistência. Voltou a esticá-la. Desta vez, não cedeu. Isso anulava qualquer chance de obter a caixa de bolachas arrastando-a da geladeira. A caixa estava sobre as espirais de linha e ele pensara na vaga possibilidade de deslocá-la dali onde estava.

— Tudo bem — disse.

E, inspirando profundamente, iniciou a escalada.

Realizou-a baseando-se no método dos nativos dos mares do sul para trepar nos coqueiros: joelhos altos, corpo arqueado para fora, pés colados à corda, braços em torno dela e dedos fazendo pressão.

Continuou subindo ininterruptamente, sem olhar para baixo.

Estremeceu e agarrou-se com força à corda quando esta escorregou alguns centímetros — para ele, metros. Depois, deteve-se e permaneceu ali tremendo, enquanto a corda oscilava de um lado para o outro, fazendo pequenos arcos.

Ao fim de alguns instantes, o movimento cessou e ele pôde subir novamente, desta vez, com mais cuidado.

Cinco minutos depois, chegou à primeira volta da corda e se acomodou ali, como se se tratasse de um balanço, bem agarrado, com as costas apoiadas na geladeira. Sua superfície estava fria, mas a túnica era bastante grossa para impedir que o frio chegasse até sua pele.

Passeou a vista pelo amplo panorama que constituía o reino do porão, onde vivia agora. Do lado oposto, a uma distância de quase um quilômetro e meio, viu a borda do precipício, as cadeiras amontoadas e o equipamento de croque. Desviou a vista. Ali estava a vasta caverna da bomba-d'água e o gigantesco aquecedor de água; embaixo, podia ver um canto da tampa de papelão que lhe servia de escudo.

Seu olhar mudou de direção e viu a capa da revista.

Encontrava-se sobre uma almofada, em cima da mesa de metal com pernas em X, ao lado daquela da qual acabara de sair. Não tinha visto a revista até aquele momento, porque as latas de tinta a ocultavam. Na capa, havia a fotografia de uma mulher. Era alta, razoavelmente bela e estava encostada em uma rocha, com um ar de prazer em seu rosto jovem. Vestia um suéter vermelho e justo, de mangas longas, e um shorts negro, exageradamente curto.

Olhou fixamente a enorme figura de mulher. Ela, por sua vez, encarava-o sorridente.

Era estranho, pensava ele sentado ali, com os pés pendendo no vazio.

Fazia muito tempo que não pensava em sexo. Seu corpo era algo que precisava ser mantido vivo, alimentado e aquecido. Sua existência no porão, desde aquele dia de inverno, devotara-se à sobrevivência, apenas. Todos os demais níveis de desejo tinham desaparecido para ele. Agora, acabava de encontrar aquele pedaço da anágua de Louise e avistara a enorme fotografia da mulher.

Passeou lentamente os olhos sobre o gigantesco contorno da mulher da capa da revista. A elevação do busto, a curva suave do ventre, suas pernas longas e curvilíneas.

Não conseguia desgrudar os olhos da mulher. Os raios de sol arrancavam reflexos de seu cabelo castanho. Podia quase senti-la. O toque suave e sedoso de sua pele, seu perfume, as pernas lisas que acariciava mentalmente.

Inclusive, pareceu-lhe sentir a macia flexibilidade de seus seios, o doce sabor de seus lábios, o hálito como vinho quente escorrendo por sua garganta.

Estremeceu, desamparado, balançando-se sobre a corda.

— Oh, Deus — murmurou. — Oh, Deus, Deus, Deus.

Existiam tantos tipos de fome.

1,24 m

Quando saiu do banheiro, depois do banho tomado e da barba feita, encontrou Lou sentada no sofá da sala de estar, tricotando. Havia desligado a televisão e não se ouvia outro som a não ser o dos carros que passavam de vez em quando lá embaixo na rua.

Permaneceu um instante na soleira, olhando-a.

Trajava um robe amarelo sobre a camisola. Ambos de seda, ajustando-se à proeminência de seus seios redondos, à largura de seus quadris e às pernas longas e macias. Descargas elétricas contraíram-lhe os músculos da parte inferior do abdome.

Passara muito tempo às voltas com os exames médicos, o trabalho, o peso do medo constante.

Lou ergueu os olhos e disse sorrindo:

— Você está tão bonito e limpo.

Não foram as palavras, nem a expressão de seu rosto, mas, subitamente, conscientizou-se de seu tamanho. Esforçando-se para sorrir, ele caminhou até o sofá e sentou-se ao lado dela, arrependendo-se instantaneamente de tê-lo feito.

Ela o cheirou.

— Hum, que cheiro bom — disse. Referia-se à sua loção de barba.

Respondeu com um rosnado, olhando seu rosto sem maquiagem e o cabelo cor de trigo preso em um rabo de cavalo.

— Você está muito bem — disse ele. — Linda.

— Linda! — admirou-se ela, divertida. — Eu não.

Ele se inclinou abruptamente e a beijou no pescoço. Ela ergueu a mão esquerda e acariciou-lhe lentamente a face.

— Que lisa e macia! — murmurou ela.

Ele engoliu em seco. Era sua imaginação, criada por seu ego torturado, ou Louise de fato lhe falava como se fosse um menino? Sua mão esquerda, que tinha apoiado sobre a perna dela, retrocedeu lentamente e ele contemplou a faixa de pele branca em torno do dedo anular. Fora obrigado a tirar aliança duas semanas antes porque o dedo afinara muito.

Limpou a garganta.

— O que está fazendo? — perguntou, sem muito interesse.

— Um suéter para Beth — respondeu ela.

— Ah, sim.

Ficou em silêncio enquanto observava a esposa movendo habilmente as longas agulhas de tricô. Então, impulsivamente, apoiou a face em seu ombro. Grave engano, pensou.

Aquilo o fez sentir-se ainda menor, como um menino que se apoia na mãe. No entanto, não se moveu, pois lhe pareceu que revelaria seus sentimentos caso se afastasse imediatamente. Sentiu as monótonas subidas e descidas produzidas pela respiração da esposa, e uma densa e indefinida sensação em sua própria barriga.

— Por que não vai dormir? — perguntou Lou com voz tranquila.

Ele apertou os lábios. Um calafrio percorreu-lhe a espinha.

— Não — respondeu.

Sua imaginação outra vez? Ou a própria voz era tão frágil agora que lhe parecera desprovida de masculinidade? Ficou olhando sombriamente o decote em V do robe de Louise, o vale entre os seios rijos, e seus dedos se crisparam por causa do desejo reprimido de tocá-los.

— Está cansado? — perguntou ela.

— Não — a resposta soou um tanto rude. — Um pouco — emendou ele.

— Por que não termina o sorvete? — perguntou ela, após breve pausa.

Ele fechou os olhos com um suspiro. Podia ser imaginação, mas isso não evitava que se sentisse como um menino indeciso e tímido, em grande parte por ter concebido a ridícula ideia de que conseguiria provocar desejo físico naquela mulher feita.

— Quer que vá buscá-lo para você?

— Não!

Levantou a cabeça de seu ombro e deixou-a cair pesadamente sobre uma almofada, olhando a sala vagamente. Era um cômodo triste. A mobília deles ainda estava guardada em Los Angeles e estavam usando os rejeitos do sótão de Marty. Uma sala deprimente, com as paredes pintadas de verde-escuro, desprovidas de quadros, uma solitária janela com feias cortinas de papel e um tapete gasto e desbotado que escondia apenas em parte o assoalho arranhado.

— O que você tem, querido? — perguntou ela.

— Nada.

— Fiz alguma coisa errada?

— Não.

— Então, o que é?

— Nada, já disse.

— Está certo — disse ela, com voz calma.

Será que não se dava conta? Claro que para ela era uma tortura viver com aquela tremenda ansiedade, na contínua espera de um telefonema do centro médico, um telegrama, uma carta que lhe devolvesse a esperança, mas que nunca chegava. No entanto... Voltou a contemplar o belo corpo dela, sentindo que o ar começava

a lhe faltar. Não era só desejo físico; era muito mais. Era o medo de um amanhã sem ela.

Era o horror de sua situação, que nenhuma palavra podia descrever.

Porque não se tratava de uma doença repentina que o arrebataria, deixando intacta sua lembrança, aliviando-o de seu amor com misericordiosa rapidez. Sequer se tratava de uma doença prolongada. Neste caso, ainda seria ele e mesmo que a esposa o olhasse com lástima e terror, pelo menos estaria olhando o homem que conhecia.

Aquilo era pior, muito pior.

Os meses iriam passar, um após outro, quase um ano, se os médicos não pusessem um fim naquilo. Um ano de convivência, dia a dia, e ele encolhendo. Comer juntos, dormir na mesma cama, e ele encolhendo. Cuidar de Beth, escutar música e se verem todos os dias, e ele encolhendo. A cada dia um novo incidente, uma nova e horrível modificação a fazer. O complexo padrão do relacionamento deles alterado dia após dia, e ele encolhendo.

Às vezes, caíam na risada, incapazes de se manterem sérios todos os momentos do dia. Ririam de alguma piada, um momento de diversão passageiro. Depois, o horror voltaria a assaltá-los, como um negro oceano contido por um dique. O riso seria calado e a diversão, esmagada. Voltariam a ser plenamente conscientes de que ele estava encolhendo, e um manto de terror se abateria sobre seus dias e noites.

— Lou.

A esposa virou-se para olhá-lo. Ele se inclinou com a intenção de beijá-la, mas não conseguiu alcançar seus lábios. Com um movimento de cólera e desespero, ergueu-se sobre um joelho no sofá e afundou a mão direita em sua sedosa cabeleira, apertando-lhe a cabeça com os dedos. Isso a obrigou a jogar a cabeça para trás, até apoiá-la em uma almofada.

Os lábios de Louise estavam tensos pela surpresa. Ele ouviu quando o tricô caiu no chão, bem como o ruído suave que a seda fazia enquanto a esposa se movimentava entre seus braços. Acariciou com mãos trêmulas a flexível maciez de seus seios. Abriu

os lábios e comprimiu-os contra sua garganta, roçando sua pele cálida com os dentes.

— Scott! — ela protestou.

A maneira como a esposa disse aquilo foi como um balde de água fria.

Estremeceu. Separou-se dela, sentindo-se envergonhado. Afastou as mãos de seu corpo.

— Meu amor, o que há com você? — perguntou ela.

— Então, não sabe mesmo? — surpreendeu-se ao ouvir o tremor de sua própria voz.

Ela levou as mãos à face rapidamente, e ele viu em seus olhos que ela acabava de compreender.

— Oh, meu querido — disse ela, inclinando-se para a frente.

Os cálidos lábios dela apertaram-se contra os dele. Ele se manteve imóvel. As carícias, o tom de voz e o beijo não eram os de uma mulher que correspondia ao desejo de seu marido. Eram de uma mulher que só sentia uma amorosa piedade por uma pobre criatura que a desejava.

Ele afastou o rosto.

— Querido, não faça isso — suplicou ela, pegando-lhe a mão. — Como ia saber? Faz mais de dois meses que não há entre nós demonstração alguma de amor, nem um beijo, nem um abraço, nem...

— Não havia tempo para isso — disse ele.

— Mas essa é precisamente a questão — disse ela. — Como não me surpreenderia? É assim tão estranho?

A garganta dele se contraiu com um ruído seco.

— Acho que sim — disse ele, quase inaudível.

— Oh, meu amor — ela beijou-lhe a mão. — Não faça parecer que eu o rejeitei.

Ele deixou que o ar escapasse lentamente de seus pulmões.

— De qualquer forma, suponho que seria bastante grotesco — disse, tentando aparentar indiferença. — Com a minha aparência seria como...

— Querido, por favor — ela o interrompeu. — Você está exagerando.

— Olhe para mim — disse ele. — Como poderia ser pior?

— Scott. Scott— ela pressionou a pequenina mão dele contra seu rosto. — Se ao menos eu pudesse dizer-lhe algo que o fizesse sentir-se melhor...

Ele olhou para além dela, evitando encontrar seu olhar.

— Não é culpa sua — disse ele.

— Oh, por que não telefonam? Por que não descubrem o que é?

Foi então que compreendeu que seu desejo era impossível. Tinha sido um tolo, até mesmo por pensar que podia.

— Abrace-me, Scott. — pediu ela.

Permaneceu imóvel por uns segundos, com a cabeça baixa e os olhos vidrados, na tentativa de ocultar a máscara da derrota em que havia se transformado o seu rosto.

Então, ergueu a mão direita e a deslizou pelas costas dela.

Pareceu-lhe como se a mão não fosse atingir nunca o outro lado.

Os músculos de seu estômago contraíram-se lentamente.

Desejava levantar-se do sofá e afastar-se dali. Sentia-se pequeno e absurdo ao lado dela, um ridículo anão que planejava um modo de seduzir uma mulher normal.

Manteve-se rígido, sentindo o calor do corpo dela através da seda. Preferia morrer a dizer a ela que o peso do braço dela sobre seus ombros o estava machucando.

— Poderíamos... dar um jeito — sugeriu ela, com um tom de voz diferente. — Poderíamos...

Ele agitou a cabeça de um lado a outro com movimentos irregulares, como se procurasse uma escapatória.

— Ah, pare com isso, sim? Deixa para lá. Esqueça. Fui um tolo...

Recolheu a mão direita e agarrou com força os nós da mão esquerda.

Apertou até sentir dor.

— Deixa isso para lá — disse ele — Esqueça.

— Querido, não digo isso para parecer agradável — protestou ela. — Não acha que eu...

— Não, não acho! — contestou-a bruscamente. — E você também não.

— Scott, sei que está magoado, mas...

— Por favor, esqueça — disse com os olhos fechados. As palavras lhe saíram com doçura por entre os dentes cerrados.

Ela permaneceu imóvel. Ele respirava de tal modo que parecia a ponto de sufocar. A sala pareceu-lhe uma cripta cheia de futilidades.

— Está certo — murmurou ela.

Ele mordeu o lábio inferior e disse:

— Escreveu para os seus pais?

— Meus pais?

Ele sabia que ela o estava olhando com curiosidade.

— Acho que seria bom fazer isso — disse ele, mantendo a voz num tom cuidadosamente controlado. Deu de ombros: — Averigue se pode ir viver com eles. Você sabe...

— Eu não sei, Scott.

— Bem, não acha que seria uma boa ideia enfrentar os fatos?

— Scott, o que está tentando fazer?

Ele baixou o queixo para ocultar que engolia em seco.

— Estou tentando — disse ele — tomar algumas medidas a respeito de você e Beth, no caso de...

— Algumas medidas! O que...

— Você pode parar de me interromper?

— Você falou em algumas medidas! O que nós somos? Enfeites que podem ser dispostos a seu bel-prazer?

— Estou tentando ser realista.

— Está tentando enfrentar os fatos com crueldade! Só porque eu não sabia que você...?

— Oh, basta, basta. Vejo que é inútil tentar ser realista.

— Muito bem, sejamos realistas — disse ela, com o rosto tenso de cólera reprimida. — Está sugerindo que eu o deixe e leve a Beth? E isso que você entende por realismo?

Ele apertou uma mão contra a outra.

— E se não descobrirem o que é? — perguntou. — E se nunca descobrirem?

— Então acha que eu deveria abandoná-lo — disse ela.

— Acho que poderia ser uma boa ideia — ele respondeu.

— Bem, não farei isso!

E irrompeu em pranto, escondendo o rosto com as mãos; as lágrimas escorriam por entre seus dedos. Ele se sentiu aturdido e impotente, enquanto olhava os ombros da mulher sacudirem com o choro convulso.

— Sinto muito — disse ele, mas não pareceu sincero.

Ela não conseguiu responder. Seu corpo todo era sacudido pelos soluços.

— Lou, eu... — estendeu uma mão inerte e a pousou sobre a perna dela.

— Não chore. Não mereço isso.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse diante de um problema de difícil solução.

Fungou e limpou as lágrimas com a mão.

— Tome — murmurou ele, passando-lhe um lenço que tirou do bolso do próprio roupão.

Ela o pegou sem dizer palavra e o apertou contra suas faces úmidas.

— Sinto muito — disse ela.

— Não há motivo — disse ele. — A culpa é minha. Fiquei zangado por ter sido estúpido e tolo.

E agora, pensou ele. Inclina-se em outra direção, para a autoflagelação, para o martírio auto-indulgente. Uma mente transtornada era capaz de muitas reviravoltas.

— Não — ela apertou ligeiramente os dedos dele. — Eu não tinha o direito de... — deixou a frase sem acabar. — Tentarei ser mais compreensiva.

Por um momento, seu olhar pousou sobre a faixa de pele mais clara, onde ficava a aliança dele. Depois, com um suspiro, levantou-se.

— Vou me preparar para deitar — disse ela.

Viu-a atravessar a sala e desaparecer no corredor. Ouviu seus passos e, depois, o barulho do trinco da porta do banheiro. Com movimentos lentos, pôs-se de pé e entrou no quarto.

Deitou-se no escuro e ficou olhando o teto.

Os poetas e filósofos podem falar tudo o que quiserem a respeito de o homem ser algo mais do que carne, a respeito de seu valor

essencial, sobre a incomensurável grandeza de sua alma. Não passam de tolices.

Por acaso alguma vez haviam tentado abraçar uma mulher com uns braços que não podiam rodear seu corpo? Alguma vez haviam dito a outro homem que eram tão bons quanto ele? Em todos os aspectos?

Lou entrou no quarto e, no escuro, ele ouviu o ruído do robe quando ela o tirou para deixá-lo aos pés da cama. Depois, o colchão cedeu do lado dela quando ela se sentou e recolheu as pernas. Ouviu o baque surdo e suave da cabeça dela sobre o travesseiro. Ele permaneceu imóvel, como se esperasse algo.

Após um momento, houve um murmúrio de seda e ele sentiu que a mão dela roçava seu peito.

— O que é isso? — ela perguntou baixinho.

Não respondeu.

Ela ergueu-se sobre o cotovelo.

— Scott, é a sua aliança — disse ela.

Sentiu que a corrente fina deslizou ligeiramente para trás quando ela a tocou com o dedo.

— Quanto tempo faz que a usa dessa maneira? — perguntou.

— Desde que a tirei do dedo — respondeu ele.

Houve um momento de silêncio. Depois, a voz dela, carregada de amor, o fez estremecer.

— Oh, meu amor!

Os braços dela o enlaçaram e, de súbito, pôde sentir o calor daquele corpo envolto em seda junto ao seu. Os lábios da esposa procuraram avidamente os seus, enquanto as pontas dos dedos fincavam-se como garras de gato em suas costas, provocando-lhe um vivo formigamento na pele.

E, de repente, sentiu que o desejo explodia em seu corpo com inusitada violência. Suas mãos deslizaram pela ardente pele dela, apertando-a e acariciando-a. Sua boca aberta estremecia sob a dela. A escuridão ganhou vida, uma aura de calor emanava de seus corpos entrelaçados. As palavras já não eram usadas; a comunicação se convertera em algo feito de vacilantes pressões, algo que sentiam no sangue, algo doce e impetuoso. As palavras

não eram necessárias. Seus corpos falavam uma linguagem mais clara.

E, quando tudo terminou, demasiado cedo, e a noite caiu em sua mente, ele adormeceu satisfeito no cálido círculo dos braços da esposa. E durante aquela noite teve paz e esquecimento. Só ele.

CAPÍTULO 6

Estava agarrado à beirada da caixa de bolachas aberta, e olhava seu interior com ar atônito e incrédulo.

Estavam estragadas.

Permaneceu com os olhos fixos naquele horrível cenário: bolachas cobertas de teias de aranha, sujas, mofadas e empapadas pela água. Agora se lembrava, demasiado tarde, de que a pia da cozinha encontrava-se justamente ali em cima, que um dos canos tinha um furo e que a água caía no porão cada vez que se utilizava a pia.

Não podia falar. Não tinha palavras horríveis o suficiente para expressar o choque enlouquecedor que teve.

Continuava olhando, com a boca aberta e uma ausência total de expressão no rosto.

Agora morrerei, pensou. De certo modo, era uma perspectiva consoladora. Mas as câibras no estômago que a fome lhe causava apagavam todo consolo, e a sede começava a acrescentar nova dor e secura à sua garganta. Balançou a cabeça. Não, era impossível, era impossível que tivesse chegado tão longe para acabar daquele modo.

— Não — murmurou, comprimindo os lábios numa súbita careta, ao mesmo tempo em que passava pela borda da caixa de bolachas.

Segurando firme, esticou uma perna e desferiu um pontapé na ponta de uma bolacha, que se desfez em pedaços no fundo da caixa. Com a temeridade nascida de seu colérico desespero, soltou a borda e deslizou pela superfície quase vertical do papel encerado, e, ao final, deteve-se com um forte golpe. Levantou-se aturdido e pôs-se de pé na caixa cheia de migalhas.

Pegou uma, que se desintegrou em suas mãos como se fosse feita de terra.

Separou com os dedos, à procura de um pedaço em boas condições.

O cheiro de podre invadia suas narinas. Bufou no momento em que um espasmo sacudiu seu estômago.

Largando o restante dos pedaços, dirigiu-se a uma bolacha inteira, respirando pela boca para evitar o cheiro e chapinhando com os pés nus por entre os úmidos fragmentos.

Ao chegar à bolacha, retirou uma porção e partiu. Uma vez retirado o mofo esverdeado que cobria um dos pedaços, mordeu parte da bolacha.

Cuspiu-o violentamente, nauseado pelo sabor. Respirando entre os dentes, esperou de pé e tremendo até que o enjôo cessou.

Então, fechou os punhos bruscamente e lançou um deles contra a bolacha. Tinha a vista embaçada pelas lágrimas, e falhou o golpe. Repetiu a ação e fez com que voassem migalhas brancas para todos os lados.

— Filha da mãe! — gritou, chutando a bolacha até reduzi-la a diminutos pedaços, que lançava em todas as direções como rochas encharcadas.

Apoiou-se debilmente contra as paredes de papel encerado, com o rosto colado à sua fria e barulhenta superfície, enquanto a respiração entrecortada fazia seu peito arfar.

Calma, calma, um lado seu lhe sussurrava.

Cale-se, dizia o outro. Cale-se, estou morrendo.

Notou uma protuberância pontuda espetando a sua testa e, irritado, mudou de posição.

Só então uma ideia lhe ocorreu.

O outro lado do papel encerado! Todas as migalhas que tivessem caído ali estariam protegidas.

Com um rosnado de excitação arranhou o papel encerado, tratando de rasgá-lo. Seus dedos deslizaram pela brilhante e lisa superfície; ele caiu sobre um joelho. Estava a se pôr de pé quando a água o atingiu.

Um grito de assombro escapou de sua garganta quando a primeira gota acertou sua cabeça, encharcando-o por completo. A segunda gota caiu de chofre contra o seu rosto com um gelado e

cegante impacto. A terceira explodiu como estilhaços de cristal ao se chocar com seu ombro direito.

Com uma exclamação, foi em direção ao fundo da caixa, galgando uma migalha.

Tropeçou e caiu sobre o tapete de massa branca, mas levantou-se com rapidez sacudindo a túnica e as mãos. Próximo a ele, as gotas

continuavam caindo numa torrente que enchia a caixa com um vapor que o ia encobrindo tudo. Pôs-se a correr.

Quando chegou à extremidade oposta da caixa, deteve-se e olhou em volta, vendo com terror as enormes gotas que se estatelavam sobre o papel encerado. Levou a mão à cabeça. Tinha sido como receber o golpe de uma marreta acolchoada.

— Oh, meu Deus! — murmurou roucamente, deslizando pela parede de papel encerado até ficar sentado sobre a massa, com as mãos na cabeça, os olhos fechados e pequeninos soluços de dor na garganta.

TINHA COMIDO, e sua garganta inflamada estava muito melhor. Tinha bebido as gotas de água retidas na superfície do papel encerado. Agora, dedicava-se a recolher o máximo de migalhas.

Primeiro, havia aberto um buraco a pontapés no resistente papel encerado; depois, introduzira-se por trás dele. Após comer, começou a levar as migalhas secas para fora e a amontoá-las no fundo da caixa.

Feito isso, rompeu o papel encerado para fazer uns degraus e poder escalar por eles até a parte superior. Realizava cada subida levando uma ou duas migalhas ao mesmo tempo, dependendo do tamanho delas. Subia pela escada de papel encerado, transpunha a borda da caixa e descia pelos degraus que havia feito anteriormente no papel que envolvia a caixa. Continuou a fazer isso por uma hora.

Depois, voltou a se introduzir por trás do papel encerado, para ver se tinha deixado alguma migalha. Mas não deixara nenhuma, com exceção de um fragmento do tamanho de seu dedo mínimo,

que recolheu e mordiscou, enquanto terminava seu percurso pela caixa e voltava a sair pela abertura.

Olhou para o interior, mas não tinha mais nada aproveitável. Deteve-se no meio das bolachas estragadas, com as mãos na cintura e balançando a cabeça. No melhor dos casos, todo aquele trabalho só lhe tinha proporcionado comida para dois dias. Na quinta-feira, voltaria a estar sem nada.

Eliminou tal pensamento. Já tinha muito com o que se preocupar; cuidaria disso quando a quinta-feira chegasse. Escalou para sair da caixa.

Fora dela, estava muito mais frio. Estremeceu. Ainda que houvesse torcido a túnica o quanto pôde, ela continuava molhada pelas enormes gotas.

Sentou-se numa volta da espessa corda, com uma mão no monte de migalhas conquistadas com tanto sacrifício. Pesavam muito para que pudesse levá-las por toda a descida. Teria de fazer uma dúzia de viagens no mínimo, e isso era impossível.

Incapaz de resistir, pegou uma migalha tão grossa quanto seu punho e a mordeu com satisfação, enquanto pensava no problema de levar a comida para baixo.

Por fim, compreendendo que só havia uma maneira, levantou-se com um suspiro e regressou à caixa. Tenho de usar papel encerado, pensou. Bem, ao diabo com tudo; só durariam dois dias no máximo.

Com um grande esforço dos músculos dos braços e das costas, e com os pés apoiados na lateral da caixa, rasgou um pedaço de papel do tamanho de um tapete pequeno. Arrastou-o até a borda da geladeira e estendeu-o sobre a superfície.

No centro, fez uma pilha cônica com suas migalhas e, depois, envolveu-as até conseguir um pacote compacto e cuidadosamente fechado, que lhe chegava à altura dos joelhos.

Deitou-se de barriga para baixo e espiou por cima da borda da geladeira.

Agora estava a uma altura do solo muito maior do que esteve no distante precipício, que demarcava a fronteira do território da aranha. Uma longa queda para seu fardo.

Bem, já eram migalhas, nada seria perdido, ainda que se convertessem em migalhas menores.

Não parecia que o pacote se abriria durante a queda; era isso que importava.

Brevemente, apesar do frio, passeou os olhos pelo porão.

Estar alimentado fazia uma diferença primordial. O porão tinha perdido sua ameaça, pelo menos por hora. Era uma terra estranha e fria, iluminada pela escassa luz de um dia de chuva; um reino de verticais e horizontais, de cinzas e negros aliviados pelo colorido empoeirado dos objetos armazenados. Uma terra de rugidos e torrentes, de ruídos intermitentes que sacudiam o ar como muitos trovões. Sua terra.

Bem mais abaixo, estava a gigantesca mulher que o olhava, ainda apoiada contra a rocha, imobilizada eternamente naquela postura de calculado convite.

Suspirando, jogou-se para trás e levantou-se. Não tinha tempo a perder; fazia muito frio. Pôs-se por trás do fardo e, agachando-se sobre ele, empurrou-o até a borda e o lançou para além dela com um forte pontapé.

Voltou a deitar-se momentaneamente sobre a barriga e contemplou a pesada queda do pacote, viu-o quicar ao atingir o chão e ouviu o ruído que fez ao parar. Sorriu. Havia resistido intacto.

Depois de se levantar novamente, começou a inspecionar a superfície da geladeira para ver se encontrava alguma coisa útil. Encontrou o jornal.

Estava dobrado e apoiado no cilindro. Suas folhas cobertas de letras estavam cheias de pó e parcialmente molhadas pela água procedente do vazamento da pia, que tinha apagado as letras e se introduzido no papel barato. Viu as grandes letras OST e supôs que se tratava de um exemplar do New York Globe-Post, o diário que havia publicado sua história — pelo menos uma parte dela.

Contemplou o diário empoeirado, lembrando-se do dia em que Mel Hammer tinha ido a seu apartamento para lhe fazer a oferta.

Marty havia comentado sobre a misteriosa doença de Scott com um de seus amigos do clube Kiwani e a notícia se espalhara, pouco a pouco, por toda a cidade.

Scott recusou a oferta, apesar de precisarem desesperadamente de dinheiro.

Ainda que o centro médico houvesse completado os exames gratuitamente, continuava tendo de pagar uma alentada fatura pelos primeiros exames. Devia quinhentos dólares a Marty e muitas outras contas tinham se acumulado ao longo do interminável e duro inverno: o guarda-roupa completo da estação para todos eles, o custo do combustível e as demais despesas médicas, porque nenhum deles estava fisicamente preparado para enfrentar um inverno do leste, depois de ter vivido tanto tempo em Los Angeles.

Mas Scott encontrava-se então no que ele chamava agora de seu período de fúria, uma época em que experimentava uma interminável e crescente cólera pela situação em que estava. Recusou raivosamente a oferta do jornal: "Não, obrigado, não estou disposto a me expor à mórbida curiosidade do público". Irritou-se com Lou por ela não apoiar sua decisão com a rapidez que ele teria desejado. Disse a ela:

— O quer que eu faça? Converta-me numa aberração circense para proporcionar-lhe segurança financeira?

Uma cólera equivocada e mal dirigida; deu-se conta disso à medida que falava. Mas a ira queimava-lhe as entranhas, levando-o a extremos de mau humor que nunca o havia atingido. Ataques de fúria sem força, baseados apenas no medo.

Scott deu as costas para o jornal e dirigiu-se para a corda. Descendo pela borda com irada imprudência, começou a escorregar pela corda usando as mãos e os pés. O branco precipício da geladeira passava rapidamente diante de seus olhos, enquanto descia.

Lembrou-se do dia em que Therese comentou algo pelas suas costas.

Algo que ele acreditou ter ouvido. Lembrou-se de que, tendo na época mais ou menos a mesma altura de Beth, encarou a cunhada e lhe disse que tinha ouvido o que acabara de comentar.

— E o que ouviu? — perguntou ela.

— Ouvi o que disse de mim.

— Nada disse sobre você.

- Não minta para mim. Não estou surdo!
- Está me chamando de mentirosa?
- Sim, estou!
- Não tenho por que continuar escutando essas coisas.
- Tem sim, todas as vezes que falar de mim pelas costas.
- Já basta, estamos fartos de seus gritos. Só porque é irmão de Marty..

— Claro, claro... você é a esposa do chefe, você é a manda-chuva aqui!

— Veja lá como fala comigo!

E assim por diante, com estridência, discordância e inutilidade.

Até que Marty, carrancudo, porém calmo, chamou-o ao escritório. Scott permaneceu diante da mesa, encarando seu irmão como um belicoso pigmeu.

— Rapaz, não gosto de ter de lhe dizer isso — começou Marty —, mas talvez seja melhor que você fique em casa até estar curado. Acredite, sei o que está passando e não o culpo em absoluto. Mas... bem... mas não consegue se concentrar no trabalho enquanto...

— Então quer dizer que estou sendo despedido?

— Ora, vamos, rapaz — disse-lhe Marty. — Não está sendo despedido. Continuará a receber um salário. Não o mesmo, claro, pois não tenho condições para isso, mas um que permita a você e a sua mulher tocarem a vida. Em breve, isso terá terminado, meu caro. E o empréstimo do governo está para sair a qualquer momento e então...

Os pés de Scott golpearam a superfície da mesa de vime. Sem se deter, começou a atravessar a ampla extensão com os lábios fortemente apertados, em meio ao emaranhado louro de sua barba.

Por que tinha de ter visto aquele jornal, realizando outra inútil viagem ao passado? A memória era, de fato, algo que não servia para nada. Nada do que recordava lhe era alcançável. Só dizia respeito a atos e sentimentos fantasmais, a tudo o que era incapturável, exceto pelo pensamento.

Não proporcionava nenhuma satisfação. Só machucava... Deteve-se à beira do tampo da mesa, perguntando-se como iria descer até a tira solta. Estava indeciso, mudava o peso de uma perna para a

outra e movia rapidamente os dedos do pé levantado. Seus pés estavam novamente gelados. A dor da perna direita também tinha voltado; quase se esquecera dela enquanto recolhia as migalhas, pois o constante movimento o mantivera aquecido. E a garganta também começava a doer de novo.

Contornou a lata de tinta, cuja alça havia agarrado anteriormente, e, apoiando as costas nela, empurrou-a. A lata não se moveu. Mudando de posição, plantou firmemente os pés e empurrou com todas as forças que tinha. A lata permaneceu imóvel. Scott caminhou em torno dela, respirando com esforço. Com grande dificuldade, conseguiu puxar ligeiramente a alça para fora, por cima da beirada da mesa.

Descansou um momento e, então, balançou-se e ficou pendurado no ar até que seus pés encontraram a tira de madeira e se apoiaram nela.

Pôs uma mão no tampo da mesa. Então, após um momento checando o equilíbrio, soltou a alça da lata de tinta e desceu rapidamente. Seus pés escorregaram da saliência, mas conseguiu agarrar-se a ela com movimentos convulsos dos braços, voltando à posição.

Ao cabo de alguns segundos, deu um salto até a vara.

A descida a partir dali foi fácil; fácil demais para evitar o regresso das lembranças.

Enquanto deslizava pela inclinação, pensou na tarde em que chegou em casa após falar com Marty.

Recordou a quietude que reinava no apartamento, já que Lou e Beth tinham ido às compras.

Recordou que foi para o quarto e sentou-se na beirada da cama, onde permaneceu por um longo período olhando suas pernas que não alcançavam o chão.

Não saberia dizer quanto tempo se passou até o momento em que ergueu a vista e reparou em um de seus antigos trajes, pendurado atrás da porta. Olhou-o, depois se levantou e foi até ele. Precisou subir em uma cadeira para alcançá-lo. Sustentou-o um instante em seus braços. Então, sem saber exatamente o motivo, tirou a jaqueta do cabide e a vestiu.

Foi até o espelho e olhou-se.

A princípio, foi tudo o que fez. As mãos, perdidas nos enormes vazios das mangas escuras; a bainha da jaqueta, que lhe batia abaixo das panturrilhas; a forma como ela lhe assentava como uma tenda. Não ficou impressionado logo de cara, a disparidade era demasiadamente grande. Apenas olhou sua imagem, sem expressão alguma no rosto.

Então, deu-se conta... Foi um choque, como se fosse a primeira vez.

Era a sua própria jaqueta que vestia.

Uma risadinha nervosa escapou de sua garganta, mas logo em seguida desapareceu.

Reinou o mais absoluto silêncio enquanto olhava sua imagem boquiaberto.

Riu dissimuladamente, como se fosse um menino brincando de se disfarçar de adulto.

Seu peito começou a estremecer por causa dos sufocados acessos de riso. Pareciam soluços.

Não pôde mais reprimir. Subiram por sua garganta e escaparam por entre seus lábios trêmulos. Viu-se às gargalhadas diante do espelho. Seu corpo todo sacudia com elas.

O aposento começou a ressoar com seu riso tenso e penetrante.

Voltou a olhar-se no espelho, enquanto as lágrimas escorriam por suas faces. Fez um pequeno passo de sapateado e a jaqueta inflou ao mesmo tempo em que os punhos das mangas se agitavam. Gritando como se apreciasse o que via, dava tapinhas rápidos e alternados nas pernas; estava curvado para amortecer a dor de estômago.

Seu riso consistia em curtas e explosivas gargalhadas. Mal podia se manter de pé.

— Sou engraçado.

Balançou novamente a manga, enquanto ria e sapateava, produzindo um ruído surdo que aumentava ainda mais sua histeria. Contorceu-se no chão, agitando os membros, a cabeça rolando de um lado para o outro, gargalhando até não poder mais. Então, permaneceu ali, deitado de costas, imóvel, ofegante, com o rosto

molhado pelas lágrimas e com o pé direito ainda se agitando. Sou engraçado.

E pensou, ao que parece com absoluta tranquilidade, em ir ao banheiro, pegar a navalha de barbear e cortar os pulsos. Perguntou-se por que continuara ali estendido, olhando para o teto, se tudo estaria solucionado se tivesse ido até o banheiro e apanhado a navalha?

Deslizou pela linha, grossa como uma corda, até a prateleira da mesa de vime. Sacudiu a linha até que a madeira se soltou e caiu. Amarrou-a e iniciou a descida até o chão.

Era estranho; ainda não sabia por que não tinha se suicidado. A desesperada situação em que se encontrava justificava tal ato. No entanto, ainda que houvesse desejado frequentemente poder fazê-lo, algo sempre o detivera.

Era difícil saber se lamentava, ou não, essa incapacidade de acabar com sua vida. Às vezes, parecia não se importar com a questão, exceto por um vago aspecto filosófico.

Mas, por acaso, algum filósofo já encolhera?

Tocou o chão gelado com os pés e apressou-se em recolher as sandálias e calçá-las; as sandálias que ele mesmo tinha feito com um barbante.

Aquilo era melhor. Agora, devia arrastar o pacote até o lugar onde dormia. Então, poderia tirar a túnica e deitar-se no quentinho, descansar e comer.

Correu para o pacote, ansioso por terminar de uma vez.

O pacote era tão pesado que só pôde deslocá-lo lentamente. Depois de empurrá-lo por cinco metros, deteve-se e descansou sentado em cima dele.

Quando recobrou o fôlego, pôs-se de pé e o empurrou por mais um trecho, passando pelas duas enormes mesas, a mangueira enrolada, o cortador de grama e a gigantesca escada, atravessando a imensa planície parcialmente iluminada em direção ao aquecedor de água. Venceu os últimos doze metros de costas, inclinado sobre o pacote e sem parar de rosnar, enquanto arrastava o fardo de comida. Depois de poucos minutos, estaria em sua cama quente e confortável, alimentado e resguardado.

Com os dentes cerrados num esforço subitamente prazeroso, empurrou o pacote até a base da plataforma de concreto. Ainda valia a pena lutar pela vida. O mais simples dos prazeres físicos podia justificar o combate. Comida, água, calor. Deu meia-volta, cheio de felicidade.

Soltou um grito.

A gigantesca aranha estava na borda da plataforma, esperando por ele.

Seus olhos encontraram-se durante um breve instante. Permaneceu imóvel aos pés da plataforma de concreto, olhando para cima, apavorado.

Então, as longas patas negras moveram-se e, com um gemido sufocado, Scott introduziu-se em uma das duas aberturas existentes na plataforma.

Enquanto corria pelo úmido túnel, ouviu que a aranha caía pesadamente no chão por trás dele.

Não é justo!, gritou-lhe sua mente com desolada fúria.

Não teve tempo de pensar outra coisa. Tudo foi engolido pela selvagem goela do pânico. A perna deixou de doer e o cansaço desapareceu.

Apenas o terror permanecia o mesmo.

Saiu pela abertura do outro lado do bloco de concreto, olhou para trás e avistou a sombra da aranha no túnel. Depois, com um profundo suspiro, começou a correr para o tanque de combustível. Seria inútil tentar chegar à pilha de lenha, a aranha o alcançaria muito antes.

Correu para a grande caixa de papelão rompida que havia embaixo do tanque, sem saber o que faria quando chegasse lá, dirigindo-se instintivamente para um refúgio.

Havia alguns trapos dentro da caixa; talvez pudesse ocultar-se embaixo deles e colocar-se fora do alcance da viúva-negra.

Desta vez, não olhou para trás; não tinha necessidade de fazê-lo. Sabia que o enorme e inchado corpo da aranha avançava irregularmente pelo concreto, carregado pelas longas patas negras. Sabia também que, por faltar uma dessas patas ao bicho, havia a possibilidade de ele chegar à caixa antes dela.

Correu através das viscosas manchas de luz, produzindo um ruído surdo com as sandálias, a túnica esvoaçando em torno de seu corpo. O ar penetrava dolorosamente por sua garganta e as pernas avançavam com rapidez.

O tanque de combustível apareceu diante dele.

Precipitou-se para a vasta sombra que ele projetava, com a aranha a menos de três metros de distância. Com um rosnado, Scott deu um salto e, agarrando-se a um barbante, subiu por ele e introduziu-se com os pés por uma abertura existente em um dos lados da caixa.

Caiu suavemente sobre a pilha de trapos. Quando começou a se levantar, ouviu o ruído das patas da aranha na lateral da caixa. Pôs-se de pé, mas perdeu o equilíbrio sobre os macios trapos e caiu. Do chão, viu aparecer a negra silhueta da aranha pela abertura em forma de V. Logo depois, a aranha entrou pela abertura.

Com um soluço, Scott tentou se levantar, mas voltou a cair sobre a colina irregular de trapos. A colina cedeu duas vezes: uma sob seu próprio peso e outra sob o impacto da queda da aranha. O monstro começou a avançar para ele através das sombras.

Não lhe restava tempo para tentar se levantar. Agitou desesperadamente as pernas e deu um impulso para trás. Voltou a cair pesadamente, sem deixar de procurar uma abertura entre os trapos. Não havia nenhuma.

A aranha estava quase em cima dele.

Um estridente gemido escapou de sua garganta. Scott jogou-se novamente para trás, quando uma das patas da aranha caiu pesadamente em cima de um de seus tornozelos.

Soltou um grito de terror ao mesmo tempo que se precipitou na caixa de costura aberta. A enorme aranha saltou também e arrastou-se sobre suas pernas. Ele deu um berro.

Então, sua mão se fechou sobre um objeto de metal. O alfinete! Com um profundo suspiro, deu um novo impulso para trás, arrastando o alfinete com ambas as mãos.

Quando a aranha saltou sobre ele, Scott cravou-lhe o alfinete no ventre, como se fosse uma lança. Sentiu o alfinete oscilar em suas mãos com o peso da criatura parcialmente empalada.

A aranha saltou para trás. Aterrissou sobre os trapos, a alguns centímetros de distância e, depois de vacilar apenas um segundo, precipitou-se novamente sobre ele.

Scott ergueu-se sobre o joelho esquerdo, apoiando-se na perna direita, com o alfinete colado ao quadril e os braços tensionados e preparados para um segundo impacto.

A aranha voltou a cair sobre o alfinete e de novo saltou para trás, roçando a têmpora esquerda de Scott com uma de suas patas pontiagudas.

— Morra! — ouviu-se subitamente. — Morra! Morra!

A aranha não morreu. A poucos centímetros de distância, ela agitou-se sobre os trapos como se tentasse compreender por que não conseguia atingir sua presa. E, de repente, saltou de novo sobre ele.

Desta vez, mal tinha tocado a ponta do alfinete quando parou e retrocedeu apressadamente. Scott seguiu-a com os olhos, sem mudar de posição, aguentando com dificuldade o alfinete que não deixava de apontar para a aranha. Ainda podia sentir seu horrível peso subindo por suas pernas, e o arranhão que ela tinha feito nele com a pata. Piscou para tentar distinguir sua negra silhueta por entre as sombras.

Não saberia dizer quanto tempo permaneceu na mesma posição. A transição foi imperceptível. De repente, magicamente, só havia sombras.

Um confuso som escapou de sua garganta. Levantou-se sobre suas pernas intumescidas e olhou em torno. Do outro lado do porão, a estufa começou a funcionar.

Com o coração disparado, deu meia-volta em pânico, achando que a aranha iria saltar sobre suas costas.

Continuou a girar por muito tempo, e logo seus braços começaram a se ressentir do peso do alfinete. Finalmente, compreendeu que a aranha havia se afastado. Uma grande onda de alívio e exaustão o envolveu. O alfinete parecia de chumbo e caiu subitamente de suas mãos, chocando-se contra o fundo de madeira da caixa. Suas pernas cederam e ele desabou, caindo de costas sobre o alfinete que lhe salvara a vida.

Permaneceu assim por alguns momentos, completamente esgotado.

A aranha fora embora. Ele a afugentara.

Não demorou muito, entretanto, para que a noção de que a aranha ainda estava viva afogasse toda sua satisfação. Podia estar esperando por ele do lado de fora, pronta para se lançar sobre ele quando saísse. Podia ter voltado ao aquecedor de água, para aguardar por ele ali.

Rolou lentamente até ficar estendido de bruços, e enterrou a cabeça entre os braços.

O que tinha conseguido, afinal de contas? Ainda estava à mercê da aranha. Não podia levar o alfinete para onde quer que fosse. Em um dia ou dois, sequer conseguiria sustentá-lo.

E mesmo no caso de a aranha estar assustada demais para atacá-lo, ainda que não acreditasse nem por um segundo em tal possibilidade, a comida acabaria em dois dias, a dificuldade para obter água seria cada vez maior, teria de continuar reformando sua roupa, permaneceria preso no porão e, o pior de tudo, continuaria a ter o medo constante do que lhe aconteceria entre a noite de sábado e a manhã de domingo. Isso não lhe daria um minuto de paz.

Pôs-se de pé com esforço e apalpou ao redor, a fim de encontrar um canto da tampa da caixa. Arrastou-a até centrá-la e deixou-a cair em seu lugar. Depois disso, voltou a mergulhar na escuridão. E se eu me asfixiar assim fechado?, pensou. Mas não se importou muito.

Não parara de correr desde o princípio de tudo aquilo. Correria fisicamente para fugir do homem, dos garotos, do gato, do pássaro e da aranha; em um tipo de fuga muito pior, correria mentalmente. Correria para fugir da vida, de seus problemas e de seus temores. Bateu em retirada, retrocedendo, evitando confrontos, cedendo, renunciando, entregando-se.

Continuava vivendo, mas aquilo era uma vida real ou uma simples sobrevivência instintiva? Sim, continuava lutando para conseguir comida e água, mas isso não era inevitável já que tinha escolhido continuar vivendo?

Perguntava-se: ele era uma pessoa, era um indivíduo? Tinha alguma importância? Era suficiente apenas sobreviver?

Não sabia... não sabia. Era possível que fosse um homem tentando enfrentar a realidade. Também podia ser uma patética fração de uma sombra vivendo apenas pelo hábito, movida por seus impulsos, movida, mas nunca movendo; combatida, mas não combatendo.

Não sabia. Adormeceu, encolhido e trêmulo, ocupando o mesmo espaço que uma pérola, e ele não sabia.

CAPÍTULO 7

Levantou-se e escutou atentamente. O porão estava em silêncio. A aranha parecia ter ido embora. Se ainda quisesse matá-lo, com certeza teria se aventurado a entrar novamente na caixa. Tinha a impressão de que dormira por várias horas.

Fez uma careta ao engolir a saliva, dando-se conta de que a garganta voltava a doer.

Tinha sede, tinha fome. Teria coragem de voltar para junto do aquecedor? Exalou um profundo suspiro. Era inevitável. Precisava voltar.

Apalpou ao seu redor até que suas mãos se fecharam sobre a haste grossa e gelada do alfinete. Ergueu-o. Pesava muito. Era surpreendente que tivesse conseguido manejá-lo tão bem. O medo, provavelmente, o auxiliara.

Suspendeu o alfinete com ambas as mãos, passou-o para o lado direito e o sustentou ali. Isso exigiu muito dos músculos de seu braço, enquanto saía da caixa de costura e percorria as macias colinas de trapos em direção à abertura existente em um lado da caixa de papelão. Se a aranha aparecesse, poderia pegar o alfinete facilmente com as mãos e usá-lo como tinha feito antes. Esse pensamento lhe trouxe a primeira sensação consistente de segurança física que experimentara em várias semanas.

Na abertura, inclinou-se cautelosamente para fora, olhando primeiro para cima, depois, para os lados e, finalmente, para baixo. Não via a aranha em parte alguma. Sua respiração moderou-se um pouco. Deslizou o alfinete pelo buraco e, após aguentá-lo um momento no ar, soltou-o. O objeto chocou-se contra o solo e rolou uns centímetros antes de parar. Deslizou apressadamente para fora da caixa e deixou-se cair. Ao aterrissar, a bomba-d'água recomeçou a apitar. Ele deu um salto até o alfinete, apanhou-o e o manteve em posição de ataque.

Não houve ataque. Baixou a reluzente lança e voltou a prendê-la na cintura, em seguida, dirigiu-se para o aquecedor.

Deixou a montanhosa sombra projetada pelo depósito de combustível e entrou na área banhada pela luz cinzenta do entardecer. A chuva havia cessado. Além das janelas embaçadas, reinava a mais absoluta quietude. Passou rente às imensas rodas do cortador de grama e olhou apreensivo para o alto, certificando-se de que a aranha não estava de tocaia ali.

Então, achou-se em espaço aberto. Dispôs-se a encarar a pequena distância que o separava do aquecedor. Sua vista desviou-se para a geladeira e ele se lembrou do jornal que estava ali em cima, o que lhe trouxe à mente de novo o tormento que lhe produzira a invasão de sua casa pelos fotógrafos. Fizeram-no colocar seus antigos sapatos, que eram, então, cinco números maiores. Berg dissera:

— Faça uma cara como se estivesse se lembrando de quando podia calçá-los, Scott.

Depois, fizeram-no posar com Beth e Lou ao lado de um de seus antigos trajes. De pé junto à fita métrica, com a grande mão de Hammer saindo da margem da fotografia e assinalando a marca. Também, sendo examinado pelos médicos contratados pelo Globe-Post. Sua história havia sido lida por um milhão de pessoas, enquanto ele sofria uma nova tortura mental a cada dia que passava, agitando-se na cama à noite, dizendo a si mesmo que iria romper o contrato que tinha assinado. Não importava se precisavam do dinheiro ou não, se Lou o odiaria por isso ou não.

No entanto, seguiu adiante.

E as ofertas se multiplicaram. Ofertas para rádio, televisão e teatro, ofertas para apresentações em boates, para escrever artigos em todo tipo de revistas, exceto as melhores, para aparecer em todas as edições do Globe-Post. Começou a juntar gente do lado de fora de seu apartamento para vê-lo e até para pedir-lhe um autógrafa. Os fanáticos religiosos o exortavam, pessoalmente ou pelo correio, a aderir aos seus cultos salvadores. Recebia cartas obscenas de mulheres frustradas, e também de alguns homens.

Seu rosto era inexpressivo quando alcançou a plataforma de concreto.

Permaneceu ali um momento, pensando ainda no passado. Depois, voltou à realidade, olhou ao seu redor e compreendeu que a aranha podia estar ali em cima, esperando para dar o bote. Escalou lentamente a plataforma, preparado para usar o alfinete, se necessário. Espiou por cima da borda. O lugar onde dormia estava vazio.

Com um suspiro, largou o alfinete por cima da borda e o observou rolar até parar junto à sua cama. Então, voltou a descer, em busca das bolachas.

Após três viagens, conseguiu reunir todos os pedaços de bolacha em uma pilha ao lado de sua cama. Começou a mordiscar um dos pedaços maiores, desejando poder beber um pouco de água. No entanto, não se atrevia a descer até a bomba; estava anoitecendo e nem mesmo o alfinete era garantia suficiente na escuridão.

Quando terminou de comer, arrastou a tampa da caixa por cima de sua cama e deixou-se cair sobre a macia esponja com um débil gemido. Sentia-se exausto ainda. O cochilo na caixa de papelão não fora suficiente para restaurar-lhe as forças.

Lembrou-se de algo e, depois de procurar à sua volta, pegou a madeira e o carvão e fez uma marca sem capricho, que passou por cima de outra marca; mas isso não importava. A cronologia perdia sua importância a cada dia. Era quarta-feira, depois seria quinta-feira, e viria a sexta-feira e o sábado.

Depois, nada.

Estremeceu na escuridão. Assim como a morte, seu destino era impossível de conceber. Não, era pior do que a morte. A morte, pelo

menos, era um conceito e fazia parte da vida, apesar de ser um mistério. Mas quem, antes dele, havia encolhido até virar nada?

Deitou-se de lado e apoiou a cabeça sobre um braço. Se ao menos pudesse explicar a alguém como se sentia! Se ao menos pudesse estar com Lou, vê-la, tocá-la. Sim, mesmo que ela não soubesse, ainda assim seria um consolo. Mas estava sozinho.

Voltou a pensar nos relatos do jornal e no tanto que se desgostara ao se converter num espetáculo, até o ponto de lhe ocasionar um ataque de nervos durante o qual se rebelou contra sua situação com indizível fúria.

Finalmente, no cúmulo da ira, correria à cidade e dissera ao jornal que rompia seu contrato. Depois, fora embora intempestivamente, tomado de ódio.

1,07 m

A três quilômetros de Baldwin, um dos pneus estourou, produzindo um som similar ao de um tiro. Sobressaltado, Scott agarrou-se ao volante enquanto o Ford, descontrolado, deixava enormes marcas de pneu no pavimento.

Precisou de toda a força que tinha para evitar que o carro fosse de encontro à mureta central. Com o volante trepidando em suas mãos, conseguiu tirar o carro da rodovia.

Vinte e cinco metros adiante, freou e desligou o motor. Permaneceu sentado por alguns momentos, mudo, olhando fixo para a frente, os olhos cheios de ira. Os punhos cerrados com força tremiam sobre as pernas.

Por fim, falou:

— Ah, maldito filho da... — estremecia de raiva. — Vá em frente — disse, com fúria velada pela paciência de seu tom. — Vá em frente. Mande mais. Claro que sim. Vá em frente; por que não? — rangia os dentes. — Não se contente simplesmente com um pneu furado — disse, falando entre os dentes. — Arruíne o motor. Funda as velas. Ferva o radiador.

Mande a porra do carro pelos ares, maldito filho da mãe! — Uma raiva apoplética o dominava.

Recostou-se no assento, esgotado, com os olhos fechados.

Após uns minutos, ergueu o fecho da porta e abriu-a. O ar frio o envolveu.

Ergueu a gola do casaco, moveu as pernas e deslizou do assento elevado.

Aterrissou sobre o cascalho miúdo, de bruços, apoiando-se nas mãos estendidas.

Levantou-se rapidamente, praguejando, e lançou uma pedra em direção à estrada.

Com a minha sorte, quebrarei a janela de um carro e acertarei o olho de uma idosa! , pensou furioso.

Começou a tremer, enquanto olhava o carro arriado sobre o pneu furado. *Que maravilha, pensou, realmente, uma maravilha!* . Como poderia trocá-lo? Cerrou os dentes. Sequer tinha força para isso. E, naturalmente, Therese não fora tomar conta das crianças naquele dia e Lou precisara ficar em casa. Era só o que faltava.

Um espasmo sacudiu-o dos pés à cabeça. Fazia frio. Fazia frio naquela noite de maio.

Não era de admirar. Até o clima estava contra ele. Fechou os olhos. *Podem me levar para uma cela acolchoada,* pensou.

Bem, não podia permanecer ali indefinidamente. Tinha de encontrar um telefone e ligar para uma oficina.

Não se moveu. Olhou fixamente a estrada. *E quando tiver ligado para a oficina, pensou, virá o mecânico e ele vai olhar para mim e me reconhecer; terei de suportar suas olhadas dissimuladas, ou talvez descaradas, como as que Berg sempre me dirige? Olhadas penetrantes, insultantes, que parecem afirmar que SOU uma aberração! E terei de suportar sua conversa, suas perguntas, o tipo de camaradagem que um homem normal oferece a uma aberração.*

Os músculos de sua garganta contraíram-se quando engoliu a saliva.

Mesmo a raiva era preferível àquilo, uma completa negação de espírito. A raiva, pelo menos, era luta, era um movimento contra

algo. O que ele experimentava era a derrota — estática e pesada — sobre seus ombros.

Soltou um suspiro de esgotamento. Bem, não havia outro jeito. Tinha de regressar à sua casa. Em outras circunstâncias, teria chamado Marty, mas agora já não sabia como tratar Marty.

Deslizou as mãos nos bolsos do casaco e começou a andar pelo acostamento coberto de cascalho.

Não importa, repetia para si mesmo enquanto caminhava. Não importa que tinha assinado um contrato. Estou farto de bancar a cobaia para um milhão de doutores.

Continuou andando rapidamente, metido em sua roupa de criança.

Momentos mais tarde, faróis potentes iluminaram-no por trás. Ele se afastou mais da estrada e continuou andando. Com toda certeza, não estava interessado em pedir carona.

A silhueta escura do carro passou por ele. Depois, Scott ouviu uma freada suave e, erguendo a vista, viu que o carro estava parando. Apertou os lábios.

Prefiro andar. Formou as palavras com os lábios, deixando-as preparadas.

A porta se abriu e apareceu uma cabeça oculta por um chapéu de feltro.

— Está sozinho, garoto? — perguntou, com voz rouca, o homem.

As palavras saíram por um só lado de sua boca. O outro lado estava obstruído por um cigarro meio fumado.

Scott aproximou-se do carro. Talvez fosse melhor assim, o homem o tomara por um menino. Já deveria esperar por isso. Por acaso já não lhe haviam negado a entrada num cinema, não fazia muito tempo, por não estar acompanhado de um adulto? Não fora obrigado a mostrar sua identidade a um barman, para que lhe fosse servida uma bebida?

— Está sozinho, meu jovem? — voltou a perguntar o homem.

— Estou a caminho de casa — disse Scott.

— Vai para longe?

A voz era inteligente, mas um tanto pastosa. Scott percebeu pela maneira como o homem mexia a cabeça que devia estar alcoolizado.

Ótimo, pensou.

— Até a cidade mais próxima — disse. — Poderia me dar uma carona, senhor? — deliberadamente elevou ainda mais o tom já agudo de sua voz.

— Naturalmente, garoto, naturalmente — disse o homem. — Suba e bon voyage para você, para mim e para o meu Plymouth 55.

Ele recolheu a cabeça, como uma tartaruga assustada, para dentro do casco de seu automóvel.

— Obrigado, senhor.

Fingir que era um menino e levar o papel até o limite era uma forma de masoquismo, Scott sabia disso. Esperou do lado de fora do carro até que o corpulento indivíduo endireitasse o corpo em frente ao volante, o que foi feito de maneira desajeitada.

Então, fez menção de acomodar-se no assento do passageiro.

— Sente-se aqui, garoto, sente-se... cuidado!

Scott deu um salto ao sentar-se na enorme mão do homem. O homem retirou-a e examinou-a.

— Ei, você me machucou, garoto — disse. — Arrebentou com as minhas juntas, hein?

A risadinha do homem soou líquida, como se saísse de uma garganta cheia de água.

Scott sorriu nervosamente enquanto voltava a sentar-se. O carro cheirava a uísque e fumaça de cigarro. Tossiu com a mão diante da boca.

— Levantar âncora, marinheiro — declarou o homem, que engatou a primeira marcha e o carro se pôs em movimento, com um ligeiro solavanco.

— *Fermez la porte!*{1}, garoto, *fermez* a maldita *porte*.

— Já fechei — respondeu-lhe Scott.

O homem olhou-o, admirado:

— Vejo que entende francês, garoto. Um garoto excelente, extremamente simpático. A sua saúde, senhor.

Scott sorriu de si para si. Quem dera que também estivesse bêbado, mas uma tarde inteira bebendo no reservado de um bar escuro não lhe tinha surtido efeito.

— Vive nessa terra tão úmida, garoto? — perguntou-lhe o homem gordo. E começou a dar palmadas no próprio peito.

— Na próxima cidade — disse Scott.

— Na próxima cidade, na seguinte cidade — disse o homem, sem deixar de se dar palmadas. — No povoado adjacente, na aldeia justaposta. Ah, Hamlet, ser ou não ser, eis a... Mas que diabos, preciso de um fósforo! Meu reino por um fósforo! — Arrotou.

Foi como o rugido de um leopardo.

— Utilize o acendedor do painel — disse Scott, que desejava voltar a ver as duas mãos do homem sobre o volante.

O homem o olhou com aparente surpresa.

— Que garoto brilhante — disse. — Analítico e inteligente. Deus sabe que adoro os garotos inteligentes — sua risada borbulhante invadiu o automóvel malcheiroso. — *Mon dieu.*

Scott gelou ao vê-lo inclinar-se para a frente, sem ao menos olhar para a estrada, a fim de apertar o acendedor. Quando o homem voltou a se endireitar, roçou o ombro de Scott.

— Então, quer dizer que vive na próxima cidade, *mon cher* — disse. — Isso é uma notícia fascinante. — Outro arrote similar ao rugido de um leopardo. — Venho de um jantar com o velho Vincent — disse o homem. O som que saiu de sua garganta podia ser interpretado como divertimento ou podia indicar um começo de sufocamento. — O velho Vincent — repetiu o homem gordo com tristeza.

O acendedor saltou para fora e o homem puxou-o do painel. Scott desviou o olhar enquanto o outro voltava a acender a ponta escura da bituca.

O homem possuía uma abundante cabeleira, meio oculta pelo chapéu de feltro de abas largas. Raios de luz iluminavam seu rosto. Scott reparou nas grossas sobrancelhas que encimavam os olhos escuros e reluzentes. Viu o nariz de narinas dilatadas e a boca grande com lábios carnudos. Era o rosto de um menino travesso espiando através da banha.

Nuvens de fumaça obscureceram aquele rosto.

— Um garoto extremamente simpático, sim, senhor — disse o homem.

Ele não conseguiu encontrar a abertura no painel e o acendedor caiu no chão com um ruído surdo.

— Por todos os santos! — o homem inclinou-se para a frente.

O carro ziguezagueava.

— Deixa que eu pego — disse Scott rapidamente. — Cuidado!

O homem corrigiu a posição do veículo. Acariciou a cabeça de Scott com uma mão suada.

— Uma criança de excelentes virtudes — tartamudeou. — É como eu sempre digo... — pigarreou, baixou a janela e escarrou ao vento. Esqueceu-se do que sempre dizia. — Mora por aqui? — perguntou depois de arrotar ruidosamente.

— Na próxima cidade — disse Scott.

— Como estava lhe dizendo, Vincent era meu amigo — disse o homem com ar contrito. — Um amigo. No sentido mais verdadeiro da palavra. Um amigo, um aliado, um colega, um camarada.

Scott lançou um olhar para o posto de gasolina que acabavam de deixar para trás.

Parecia estar fechado. O melhor seria chegar a Freeport e assegurar-se de que poderia conseguir a ajuda de alguém.

— Insistiu — prosseguiu o homem — em se deixar prender pelos laços do matrimônio. — Virou-se: — Você compreende, querido menino? Apesar de sua tenra idade, compreende?

Scott engoliu em seco.

— Sim, senhor — respondeu.

O homem exalou uma baforada de fumaça. Scott tossiu.

— E o que era um homem, querido menino — prosseguiu o indivíduo —, converteu-se numa criatura degradada, um laçai, um servo, um autômato. Em suma: em uma alma perdida e sem vida. — O homem, tonto pela bebida, olhou para Scott: — Sabe o que quero dizer, querido menino? Sabe?

Scott olhou pela janela. Estou cansado, pensou. Quero me deitar e me esquecer de quem sou e do que está acontecendo comigo. A única coisa que desejo é ir para a cama.

— Mora por aqui? — perguntou o homem.

— Na próxima cidade.

— Muito bem — disse o homem.

Um momento de silêncio. Depois, o homem falou:

— Mulheres. Desgraçam a vida dos homens — arrotou. — Malditas sejam! — olhou para Scott. O carro ia em direção a uma árvore. -E meu querido Vincent — prosseguiu o homem — deixou de olhar para os homens. Tragado pelas areias movediças espirituais de...

— Vamos bater naquela árvore!

O homem virou a cabeça.

— Pronto — disse. — Rumo corrigido, capitão. De volta à sela. Novamente, onde um amigo é um... — voltou a olhar Scott, como se fosse um comprador examinando a mercadoria.

— Você tem... — disse franzindo os lábios e calculando. Limpou violentamente a garganta.

— Tem doze anos continuou. — Acertei na mosca?

Scott tossiu novamente por causa da fumaça do cigarro.

— Acertou — respondeu. — Cuidado!

O homem endireitou o volante e seu riso terminou em um novo arrote.

— Uma idade de grandes possibilidades, meu caro — disse. — Uma idade de ilimitadas esperanças. Oh, querido menino! — deixou cair a enorme mão, que foi posar sobre a perna de Scott. — Doze... doze. Oh, voltar a ter doze anos! Bendito aquele que tem doze anos de idade.

Scott afastou a perna. O homem a apertou uma vez mais e repôs a mão sobre o volante.

— Sim, sim, sim, sim, sim — prosseguiu. — Não tenha pressa em encontrar a sua primeira mulher — seus lábios franziram-se. — É uma experiência análoga levantar a sua primeira pedra e encontrar o seu primeiro inseto.

— Posso descer? — começou Scott, ao ver um posto de gasolina aberto a uma pequena distância.

— São muito feias — declarou o corpulento indivíduo de traje escuro e amassado. — É uma feiúra que chega às raias da monstruosidade — seus olhos se moveram, espiando Scott por entre a banha. — Tem a intenção de se casar, querido menino? — perguntou.

Se nesses dias pudesse rir de algo, pensou Scott, riria disso.

— Não — respondeu. — Ouça, poderia descer em...?

— Uma sábia e nobre decisão — disse o homem gordo. — Uma decisão que fala de virtude e decoro. Mulheres — fincou os olhos desmesuradamente abertos no para-brisa — são como um câncer. Destroem da mesma maneira silenciosa, eficaz e, use a palavra justa, profeta!, odiosa.

O homem olhou para Scott.

— Não é, garoto? — disse, rindo entre os dentes, arrotando e soluçando.

— Senhor, desço aqui.

— Posso levá-lo a Freeport, meu filho — disse o homem. — A Freeport! A terra da alegria e das obliterações casuais. Fortaleza dos interesses suburbanos. — O homem olhou diretamente para Scott: — Gosta das moças, meu filho?

A pergunta pegou Scott desprevenido. Na realidade, não tinha prestado atenção ao monólogo do homem. Olhou para o indivíduo. De repente, pareceu-lhe maior. Como se, com a pergunta, tivesse aumentado de volume.

— Não moro precisamente em Freeport — respondeu Scott. — Eu...

— É tímido! a risadinha do homem gordo converteu-se subitamente em um cacarejo. — Oh, tímida juventude amada!

A mão voltou a se dirigir à perna de Scott, cujo rosto retesou-se ao levantar a vista para o homem, enquanto o cheiro de uísque e de cigarro invadia seu nariz. Viu que a ponta do cigarro acendia e apagava, acendia e apagava.

— Desço aqui mesmo — disse.

— Olhe ao seu redor, jovem amigo — disse o homem, olhando para a estrada e para Scott ao mesmo tempo —, a noite é uma criança. Não são mais que nove horas. — Sua voz tornou-se meiga. — Na geladeira da minha casa tem um delicioso sorvete. Não meio litro, mas, imagine você...

— Por favor, quero descer aqui.

Scott podia sentir o calor da mão do homem pelo tecido da calça. Tentou afastar-se, mas não pôde. O coração começou a bater mais

depressa.

— Ah, vem comigo, jovenzinho! — disse o homem. — Sorvete, bolo, um pouquinho de diversão, o que mais podem desejar dois aventureiros como você e eu? Hein? — a mão apertou Scott de maneira quase ameaçadora.

— Ai! — exclamou Scott, sobressaltado pela dor. — Tire a mão de cima de mim.

O homem pareceu surpreendido diante da cólera adulta que a voz de Scott expressava, do tom de voz bem mais grave, da autoridade.

— Vai parar o carro ou não vai? — perguntou raivosamente Scott. — E cuidado com o que faz!

O homem corrigiu a direção.

— Não se exalte desse modo, garoto — disse o homem, começando a parecer agitado.

— Quero descer — as mãos de Scott tremiam.

— Meu querido menino — disse o homem com a voz subitamente triste —, se você soubesse a solidão que eu sinto... a negra solidão que...

— Pare o maldito carro!

O homem retesou-se.

— Respeite os mais velhos, mal-educado! — exclamou.

De repente, ergueu a mão direita e golpeou a lateral da cabeça de Scott, fazendo-o chocar-se contra a porta.

Scott endireitou-se rapidamente, compreendendo, com um acesso de pânico, que não era mais forte que um menino.

— Querido menino, peço-lhe perdão — disse instantaneamente o homem, soluçando. — Machuquei-o?

— Moro na próxima rua — disse Scott, tenso. — Pare aqui, por favor.

O homem arrancou o cigarro da boca e atirou-o ao chão.

— Eu o ofendi, garoto — disse, como se estivesse a ponto de chorar. Ofendi-o com palavras desagradáveis. Por favor. Por favor. Olhe o que há por trás das palavras, por trás da superficial máscara de alegria. Porque ali só há tristeza e a maior das solidões.

Pode entender isso, querido menino? Será que você pode, na sua tenra idade, compreender minha...?

— Senhor, eu quero descer — disse Scott. Sua voz era a de um menino, meio zangado, meio assustado.

E o mais horrível era que ele não sabia exatamente se na voz havia fingimento ou realidade.

O homem freou bruscamente e parou no acostamento da estrada.

— Então, abandona-me, abandona-me — disse com amargura.

— Não é diferente do resto, claro que não é.

Scott abriu a porta com mãos trêmulas.

— Boa noite, doce príncipe — disse o homem gordo, procurando com apalpadelas a mão de Scott. — Boa noite, e que sonhos esplendorosos abençoem o seu repouso. — Um ofegante soluço interrompeu seu discurso de despedida. — Eu sigo adiante vazio, vazio, vazio. Quer me dar um beijo? Um beijo de adeus, de...

Scott já havia descido do carro e corria em direção ao posto de gasolina pelo qual acabavam de passar. O homem virou sua cabeçorra e observou o jovem que fugia dele.

CAPÍTULO 8

Havia um barulho surdo, como o golpear de um martelo sobre madeira, como o ruído de uma enorme unha tamborilando, com falsa paciência, sobre um quadro-negro.

Aquele som ecoou em seu cérebro adormecido.

Mexeu-se na cama, revirando-se com um brusco movimento de braços.

Tum-tum-tum.

Ele gemeu. Suas mãos, estendidas ao longo do corpo, ergueram-se ligeiramente e caíram de novo.

Tum-tum.

Gemeu irritado, ainda meio adormecido.

Então, uma gota-d'água arrebentou sobre seu rosto.

Engasgando e tossindo, sentou-se na esponja, ao mesmo tempo que ouvia um forte esguicho. Outra gota arrebentou sobre o seu ombro.

— O quê?

Seu cérebro lutava para se orientar, seus olhos arregalados olhavam para todos os lados na escuridão.

Tum-tum

Era o punho de um gigante golpeando uma porta, era um martelo colossal golpeando uma plataforma. O sonho tinha evanescido. Sentia o coração disparado no peito.

— Meu Deus! — murmurou, descendo as pernas pela lateral da esponja.

Seus pés aterrissaram numa poça de água morna.

Voltou a levantar as pernas com um sobressalto. O ruído, que parecia vir de algum lugar acima de sua cabeça, aumentou de frequência.

Tum-tum-tum

Prendeu a respiração. Que diabos podia ser aquilo?

Com uma careta provocada por aquele barulho atordoante, voltou a descer as pernas pela lateral da cama e submergiu-as na água morna. Pôs-se rapidamente de pé, com as mãos coladas aos ouvidos.

Tum-tum-tum

Era como estar dentro de um tambor. Ofegante, procurou a borda da tampa da caixa.

Escorregou sobre a superfície molhada e soltou um grito quando seu joelho direito chocou-se com o concreto.

Levantou-se com um gemido e escorregou novamente.

— Maldição! — gritou.

Mal pôde ouvir sua voz, o ruído era ensurdecedor. Firmou freneticamente os pés e, erguendo os braços, levantou a borda da tampa e enfiou-se por baixo dela.

Voltou a escorregar e caiu sobre um cotovelo. A dor difundiu-se por seu braço. Tratou de se levantar. Uma gota de água arrebentou em suas costas, fazendo-o cair de novo.

Retorceu-se como um peixe e viu que o aquecedor tinha um furo.

— Oh, Meu Deus! — murmurou, sentindo fortes dores no joelho e no cotovelo.

Ergueu-se, contemplando as grossas gotas respingarem sobre a tampa da caixa e o concreto. A água morna corria por seus tornozelos; uma diminuta cascata escorria pela borda da plataforma, derramando-se no piso do porão.

Permaneceu imóvel durante longos minutos, paralisado pela indecisão, observando a água cair e sentindo que a túnica se colava cada vez mais ao seu corpo.

Então, gritou de repente:

— As bolachas!

Lançou-se novamente sobre a tampa da caixa, escorregando e esforçando-se para manter o equilíbrio. Levantou a tampa e puxou-a sobre a cama, ao mesmo tempo que lutava para que seus pés não deslizassem. Deixou a tampa cair e depois se jogou sobre a esponja, de cujos poros inchados ouviu a água escorrer.

— Oh, não!

Não pôde levantar o pacote, de tão empapado que estava. Com o rosto contraído pela ira, abriu-o, rompendo o embrulho molhado com a mesma facilidade com que teria rasgado um lenço de papel.

Contemplou os pedaços de bolacha ensopados pela água, convertidos numa massa acinzentada. Pegou um punhado e sentiu seu contato úmido, semelhante a um mingau dormido.

Com uma imprecação, atirou longe a massa que voou por cima da borda da plataforma e foi se esparramar no chão, numa centena de pequenas tiras pálidas.

Ajoelhou-se na esponja, indiferente à água que caía ao seu redor e em cima dele. Seus olhos não podiam se desviar do monte de migalhas, seus lábios comprimidos numa finíssima linha.

— De que adianta? — murmurou e fechou os punhos com força.
— De que adianta?

Uma gota-d'água caiu na sua frente e ele a golpeou selvagememente, o que fez com que perdesse o equilíbrio e acabasse

por cair de cara sobre a esponja. A água brotou em abundância da esponja comprimida.

Pôs-se de pé de um salto, cheio de fúria.

— Não vai me vencer — disse, ainda que sem saber a quem.

Apertou com força os dentes e gritou em tom de provocação e desafio:

— Não vai me vencer.

Recolheu as bolachas pastosas aos punhados e levou-as para um local seco e seguro: o primeiro lance da grade de metal negro do aquecedor. De que servem as bolachas empapadas?, perguntava-lhe a voz da razão. Hão de secar, ponderava ele. Estarão podres antes disso. Rebelou-se:

— Cale-se!

Dissera aquilo em voz alta. Na verdade, gritara. *Meu Deus*, pensou.

Arremessou uma "bola de neve" de bolacha contra o aquecedor e ela se espatifou ao bater no metal.

De repente, começou a rir. De repente, tudo aquilo lhe pareceu motivo de algo hilariante. Ele, que não media nem dois centímetros de altura, vestido com uma túnica que mais parecia uma barraca de acampamento, com água morna até os tornozelos, atirando bolachas molhadas no aquecedor. Jogou a cabeça para trás e pôs-se a rir com estrondo. Sentou-se na água morna e chapinhou nela, molhando-se dos pés à cabeça. Tirou a túnica e revolveu-se na água morna. Um banho!, pensou. Estou tomando meu banho matinal!

Após um momento, levantou-se e se secou com o que restara do lenço que cobria a esponja. Depois, torceu a túnica e pendurou-a para secar.

Minha garganta dói, pensou. *E daí?*, prosseguiu. *Uma coisa de cada vez.*

Não sabia por que estava tão animado e estupidamente divertido.

Achava-se em apuros. A explicação para isso, acreditava, era que quando as coisas chegam a tal estado de gravidade tornam-se tão absurdas, que já não se pode levá-las a sério: ou ria ou perdia a

razão. Imaginou que, mesmo se a aranha aparecesse naquele momento na borda da plataforma, continuaria rindo.

Rasgou o lenço com os dentes, as unhas e as mãos; fez com ele uma frágil túnica e amarrou-a nas costas, tal como havia feito com a outra. Vestiu-a apressadamente.

Tinha de chegar cedo à caixa de costura.

Pegando o pesado alfinete, atirou-o ao chão. Depois, desceu da plataforma de concreto e recuperou-o. *Agora, terei de encontrar outro lugar para dormir*, pensou. Era divertido.

Talvez tivesse até de subir ao precipício em busca daquele pedaço de pão seco. Isso também era divertido. Sacudia a cabeça enquanto caminhava até a caixa de papelão; os raios de sol reluziam através das vidraças lá no alto.

Era como quando rompeu o contrato. Pesavam sobre ele todas as faturas, a impiedosa insegurança e os problemas de adaptação. Tentara voltar ao trabalho. Implorara a Marty que acedera de má vontade. Mas não deu certo. Foi de mal a pior até que um dia Therese o viu tentando subir em uma cadeira e o pegou como um menino e o colocou sentado.

Gritara com ela e dirigira-se furioso ao escritório de Marty. Antes que pudesse dizer uma só palavra, Marty lhe mostrara uma carta que tinha diante de si. Era da Administração de Veteranos. O empréstimo do governo havia sido negado.

E, naquela tarde, quando se dirigia à sua casa e o mesmo pneu estourou pela segunda vez, a meio quarteirão de casa, Scott não pôde evitar cair na gargalhada. Com um riso tão histérico, caiu de seu assento especial, rolou pelo assento normal e caiu no chão.

Era o único meio: autodefesa, um mecanismo que o cérebro ativava para se proteger, uma válvula de escape quando as coisas se complicavam demais.

Quando chegou à caixa de papelão, apressou-se em escalá-la, sem se incomodar em comprovar se a aranha o esperava no interior ou não. Dirigiu-se com longas passadas à caixa de costura e encontrou um pequeno dedal. Precisou de toda sua força para arrastá-lo pela colina de trapos e o atirar pela abertura.

Rolou o dedal pelo chão como se fosse um gigantesco tonel, com o alfinete fincado em sua túnica de lenço, de modo que o arrastava sobre o concreto à medida que avançava.

Ao chegar ao aquecedor, pensou em subir o dedal até a parte superior da plataforma de concreto, mas, depois, deu-se conta de que era demasiado pesado e o empurrou até encostá-lo à base da plataforma, onde a torrente d'água o encheu rapidamente.

A água estava um pouco suja, mas isso não importava. Pegou um pouco com as mãos e lavou a cara. Era um luxo do qual não dispunha havia meses. Teria gostado também de se barbear e raspar fora a abundante barba; iria se sentir muito melhor. E se usasse o alfinete? Não, não daria certo.

Bebeu um gole de água e fez uma careta. Não estava muito boa. Bem, esfriaria logo.

Agora, já não teria de descer aquilo tudo para chegar até a bomba.

Fazendo um grande esforço, conseguiu arrastar o dedal um pouco mais para longe da cascata e deixou que a tremula superfície se acalmasse.

Depois, apoiando o alfinete na lateral do dedal, subiu por ele até a borda.

Ali, em meio ao tênue vapor, contemplou seu rosto na água.

Soltou um grunhido. De fato, era notável. Pequeno, sim. Uma fração do que costumava ser, mas exatamente o mesmo, traço a traço. Os mesmos olhos verdes, o mesmo cabelo castanho-escuro, o mesmo nariz largo, a mesma mandíbula, as mesmas orelhas e os mesmos lábios carnudos. Fez uma careta. Eram os mesmos dentes, ainda que, provavelmente, cariados, após tanto tempo sem poder escová-los. No entanto, continuavam brancos; havia garantido isso os esfregando com um dedo molhado. Surpreendente. Ele seria um mau exemplo para a necessidade de se usar pasta de dentes.

Contemplou seu rosto um pouco mais. Parecia estranhamente calmo para ser o rosto de um homem que vivia em meio ao medo e ao perigo constantes. Talvez a vida selvagem, apesar do perigo físico, fosse relaxante.

Com toda certeza, não conservava os ressentimentos triviais e os disparatados valores da sociedade. Era uma vida singela, desprovida de artifícios e pressões. No mundo selvagem, a responsabilidade ficava reduzida estritamente à sobrevivência básica. Não havia necessidade de diplomacia, nem arenas financeiras onde lutar, nem competições exaustivas por um degrau mais alto na escala social. Tudo se reduzia a ser ou não ser.

Agitou a água com a mão. Fora, rosto, pensou, já não tem importância na vida que levo neste porão. Parecia-lhe estúpido que em outra época o considerassem belo. Estava só, já não tinha ninguém a quem agradar, a quem sustentar, a quem amar.

Escorregou pelo alfinete. Achou, enquanto enxugava o rosto, que continuava amando Louise. Era um verdadeiro exemplo. Amar alguém quando não se pode obter nada dessa pessoa: isso é amor.

ACABARA DE SE MEDIR na régua e dirigia-se para o aquecedor, quando ouviu um forte estalo, um rangido ensurdecido e um ofuscante tapete de luz cobriu o chão. Um gigante descia pelas escadas do porão.

Ficou paralisado.

O terror fez com que permanecesse imóvel no mesmo lugar, com a vista elevada para a enorme figura que se lançava sobre ele, a figura cujos sapatos eram mais altos do que ele mesmo e que fazia tremer o chão com seus passos. Foi acometido por um duplo choque: ver aquele ser enorme tão de repente e, ao mesmo tempo, dar-se conta de que, em outras épocas, tinha sido, ele próprio, igualmente grande. Com a cabeça jogada para trás e a boca aberta, acompanhou a aproximação do gigante.

Depois, seus pensamentos e imobilidade deram lugar ao instinto e, com um sobressalto, correu para sair da sombra projetada pelo gigante que o engolfava. O chão estremeceu ainda mais. Ouviu o ranger dos gigantescos sapatos que estavam a ponto de esmagá-lo como a um inseto. Com um grito sufocado, correu meio metro e atirou-se de cabeça em direção à área iluminada, com os braços estendidos.

Aterrissou com força, rolando sobre o ombro para amortecer a queda.

O grande sapato, como uma baleia que salta, atingiu pesadamente o chão a poucos milímetros de seu corpo.

O gigante parou. Tirou do bolso uma chave de fenda tão longa quanto um edifício de sete andares e, depois, acocorou-se diante do aquecedor, o que fez com que sua sombra negra se alongasse como um líquido derramado que se espalha.

Scott começou a correr, chapinhando, ao redor do pé direito do gigante. Sua cabeça mal alcançava a borda do solado. De pé, junto à plataforma de concreto, ergueu a vista para o colosso.

Muito acima — tanto que tinha de entrecerrar os olhos para enxergá-lo — estava o rosto dele: um nariz como uma escarpada pendente pela qual poderia esquiar; umas narinas e orelhas como grutas nas que poderia se introduzir; uma cabeleira como um bosque onde poderia se perder; uma boca como uma vasta e fechada caverna; espaço entre os dentes (o gigante repentinamente fez uma careta) da grossura de um braço seu; umas pupilas da sua altura; íris negras grandes o bastante para se esgueirar por elas e umas pestanas como escuros e curvos sabres.

Contemplou o gigante em silêncio. Isso era como Lou lhe parecia agora: monstruosamente alta, com dedos tão grossos como sequoias, pés como os de elefantes e seios como macias pirâmides.

De repente, a enorme figura moveu-se diante da gelatina incolor de suas lágrimas.

Aquilo nunca lhe havia ocorrido de forma tão contundente.

Por não vê-la, baseando-se apenas em seu próprio físico, pensava nela como diluem em quem podia tocar e abraçar, ainda que soubesse que não era assim. Agora, entendia por completo. E aquele era um cruel peso que esmagava qualquer lembrança.

Continuou chorando silenciosamente, sem ao menos se importar quando o gigante pegou sua esponja e, com um rosnado de dinossauro, atirou-a para o lado. Naquela manhã, experimentara todo tipo de sensações, desde o pânico até a hilaridade, da tranquilidade ao terror, e, agora, novamente a tristeza. Permaneceu junto à plataforma, observando como o gigante retirava a lateral do aquecedor e a punha de lado, para introduzir a chave de fenda em suas entranhas.

Um vento gelado soprou em torno dele e, então, girou a cabeça com tal rapidez que sentiu uma grande dor nos músculos da nuca. A porta!

— Oh, meu Deus — murmurou, surpreendido com sua própria estupidez.

Deixar-se envolver por sua inconsolável tristeza, enquanto o caminho para a liberdade o aguardava!

Esteve a ponto de começar a correr para a porta. Depois, reprimindo seu impulso, pensou que o gigante poderia vê-lo e pensar que era um inseto, pois não poderia distinguir mais que sua pequenez e seu movimento.

Sem apartar os olhos da figura, que se elevava diante dele, recuou ao longo da plataforma até chegar à parede. Então, dando meia-volta, correu junto à base até a grande sombra do depósito de combustível. Com os olhos fincados no gigante, correu por baixo do depósito, deixou para trás a escada, passou por baixo da mesa de metal vermelha e da mesa de vime, sem se sobressaltar quando a estufa recomeçou a funcionar. Às suas costas, o gigante continuava manipulando as entranhas do aquecedor.

Scott chegou ao pé dos degraus da entrada do porão.

O primeiro degrau erguia-se a quinze metros acima dele. Caminhou pela sombra fria que ele projetava, contemplando o paredão que se erguia a sua frente, banhado de sol.

Ainda era cedo, e a parte dos fundos da casa estava orientada para o leste.

Correu velozmente ao longo do degrau, que devia ter o comprimento de um quarteirão, à procura de um lugar por onde subir. Mas não tinha nada, exceto uma estreita rachadura vertical no canto direito, onde a argamassa entre dois blocos de cimento havia recuado, deixando um vão de três lados da grossura aproximada de seu corpo.

Teria de subir por ela como faziam os alpinistas, apoiando-se com as costas e as solas das sandálias, subindo centímetro a centímetro apenas com a força de suas pernas.

Era um caminho terrivelmente difícil e eram sete degraus até o quintal.

Sete precipícios de quinze metros a vencer. Se ele já estava exausto após o primeiro...

A linha. Podia servir. Voltou correndo à mesa de vime e soltou a barra com puxões.

Olhou o gigante por cima do ombro e, ao ver que continuava agachado em frente ao aquecedor, regressou correndo para junto do degrau, arrastando a grossa linha.

Dispunha de uma única chance.

Atirou para cima. No entanto, não alcançaria a parte superior do degrau, e, ainda que pudesse atirá-la tão alto, não era provável que houvesse ranhuras onde pudesse se prender. Arrastou a linha até o vão de três lados e examinou sua estreita superfície à procura de uma brecha onde alojar a barra. Não encontrou.

Atirou a barra ao chão e, meio andando, meio correndo, percorreu a base do degrau de um lado a outro. Virou-se como um animal enjaulado e começou a correr novamente na direção oposta. Tinha de haver algum meio. Havia esperado essa oportunidade por meses inteiros; havia passado a metade do inverno no porão, esperando que alguém abrisse aquela enorme porta para escalar para a liberdade.

Mas ele era tão pequeno! Não, não. Não podia se permitir pensar assim. Tinha de haver um jeito; sempre havia. Não importava o quão difícil fosse, mas sempre havia um jeito. Precisava acreditar nisso. Inquieto, lançou outra olhadela para a figura inclinada do gigante. Por quanto tempo permaneceria ali? Horas? Minutos? Não tinha tempo a perder.

A vassoura.

Dando novamente meia-volta, Scott começou a correr, tremendo por causa do vento.

Deveria vestir a túnica mais grossa. Mas não tinha tempo. Além do mais, provavelmente continuava molhada. O dedal. Perguntou-se se os monstruosos pés do gigante já o teriam chutado para longe ou mesmo esmagado sob seu peso.

— Não importa! — gritou para si. — Vou sair daqui!

Parou diante da vassoura apoiada na geladeira.

Havia uma teia de aranha entre as cerdas superiores. Sabia que não era trabalho da viúva-negra, mas aquilo fez com que se lembrasse de que deixara o alfinete ao lado do aquecedor. Deveria regressar e tentar recuperá-lo?

Descartou essa ideia também. Não importava. Ia sair dali! Era só nisso que ele devia se concentrar.

Vou sair daqui; isso é tudo. Vou sair daqui.

Pegou uma das palhas, grossas como bastões, e puxou-a com toda a força. A palha não cedeu.

Puxou-a de novo, sem resultado. Pegou a palha mais próxima e repetiu a operação.

Esta também não cedeu. Com uma exclamação de impaciência, pegou outra e puxou; depois outra e mais outra.

Nenhuma delas cedeu.

Tentou mais uma. Puxou-a com toda a força que pôde, desesperadamente, apoiando-se com os pés nas palhas restantes. Quando, por fim, encontrou uma que cedeu. Ela se soltou com tanta facilidade que ele saiu voando e aterrissou de costas sobre o piso de cimento.

Soltou um grito agudo e, então, teve de rolar apressadamente para um lado, a fim de evitar que a palha lhe caísse sobre a cabeça.

Pôs-se de pé, sentindo uma grande dor nas costas. Agachando-se, pegou a palha e arrastou-a lentamente até o degrau, onde a estendeu perpendicularmente ao precipício.

Depois, deixou-a cair e descansou um momento, ofegante e com as mãos na cintura. O raio de sol que passava sobre sua cabeça, de tão grosso e brilhante, parecia uma ponte reluzente e despertou-lhe o impulso de correr por ele até o quintal.

Fechou os olhos e inspirou profundamente o frio ar de março. Então, correu até a outra extremidade da palha e a levantou. Apoiando a extremidade na áspera face de concreto, continuou levantando-a, fazendo com que a ponta da palha fosse subindo o degrau. O gigante poderia ouvir os arranhões?

Não, claro que não. Aqueles ouvidos tão grandes não perceberiam um som tão insignificante.

Quando a palha estava apoiada no degrau, num ângulo de cerca de setenta graus, deixou cair os braços ao longo do corpo e permaneceu assim por um momento. Baixou a cabeça e, com a boca aberta, respirou ofegante. Apesar do frio que fazia, apoiou-se no concreto. O porão pareceu-lhe desfocado diante de seus olhos cansados. A estufa tinha-se desligado. Rompendo o silêncio, apenas os golpes das ferramentas do gigante no aquecedor.

Quando recobrou a visão normal e seus braços deixaram de tremer, ergueu os olhos para a palha.

Soltou um gemido. Não era tão longa como esperava que fosse; e ficava ainda mais curta devido à flacidez fazendo com que se curvasse na parte central. Mesmo que chegasse até o topo, ainda restariam dois metros e meio ou três de escalada para atingir a parte superior do degrau. De dois metros e meio a três de concreto vertical, sem nenhum tipo de apoio que o ajudasse na subida.

Passou uma trêmula mão pelo cabelo. Não vai me vencer, pensou, dirigindo-se novamente a algum poder desconhecido. Seu rosto era uma tensa máscara de linhas e sulcos. Iria subir até lá e pronto.

Olhou ao redor.

Empilhada contra a parede, junto à pilha de lenha, havia uma colina de pedras, folhas e lascas de madeira. Muito tempo atrás, numa vida que agora lhe parecia mais imaginária do que real, ele mesmo as tinha varrido e amontoado ali num acesso atípico de zelo.

Começou a correr para a pilha. Elevava-se acima dele como uma colina de troncos gigantes e enormes rochas, algumas tão altas como casas.

Esperava poder arrastar uma delas até a base do degrau, pelo menos o suficiente para apoiar a palha nela e ganhar um metro e meio dos três que lhe faltavam. O resto da distância poderia superá-la com um grande salto, tal como tinha feito ao escalar até a superfície da mesa. Mas você quase caiu ao fazer isso, recordou a si mesmo. Se não fosse pela alça da lata de tinta...

Ignorou a reflexão. Aquilo não admitia discussões. Todos os seus atos desde que se achara preso no porão haviam sido na esperança de subir aqueles degraus. A princípio, subira e descera por eles uma

centena de vezes, sendo sempre detido pela porta fechada. Agora, ficava doente só de pensar na facilidade com que havia subido aqueles degraus antes. Era muito cruel que, agora, quando a porta encontrava-se finalmente aberta, os degraus já não fossem muros para ele, mas sim penhascos.

A primeira pedra que tentou mover pesava tanto que não pôde deslocá-la nem um milímetro.

Esquadrinhou a desigual superfície da colina à procura de pedras menores, detendo-se momentaneamente a inquieta vista em diversas das escuras e cavernosas aberturas formadas pelas rochas amontoadas.

E se a aranha estivesse escondida em uma delas? Enquanto sentia o coração bater lenta e pesadamente, rodeou a encosta irregular até encontrar uma pedra plana que podia mover.

Empurrou-a pelo chão com agonizante lentidão, até que, finalmente, conseguiu encostá-la no degrau. Endireitou o corpo e recuou alguns passos.

A pedra era um pouco mais alta que seus joelhos. Precisaria de outra.

Regressou à colina de rochas e continuou procurando até encontrar uma pedra similar e um pedaço de casca de árvore. Acrescentando-as à primeira pedra, essas duas peças conseguiriam a altura requerida. Além do mais, a casca possuía uma ranhura na qual talvez pudesse introduzir a extremidade da palha.

Com uma exclamação de satisfação, empurrou o peso morto da segunda pedra até o degrau. Ali, com os dentes cerrados e o corpo estremecido de exaustão, conseguiu erguê-la até colocá-la em cima da primeira pedra, mas sentiu uma pontada de dor nas costas ao fazer isso. *Você está caindo aos pedaços, Scott Carey, disse a si mesmo .*

Era divertido.



Descobriu que a segunda pedra se balançava ligeiramente sobre a primeira. Teve de rechear os vãos existentes entre as duas superfícies com pedaços de papelão. Uma vez feito isso, subiu nela e deu alguns saltos. Pelo que podia avaliar, sua pequena plataforma era segura.

Olhou inquieto para o gigante, que continuava a trabalhar no aquecedor; mas, por quanto tempo?

Saltou da pedra para o chão, sentindo uma grande dor nas costas, e voltou até a colina mancando. Dor na garganta, nas costas, nos braços. O que viria depois? Um vento gelado soprou em cima dele e o fez espirrar. *Depois viria uma pneumonia*, pensou.

Era divertido.

Bem... quase.

O fragmento de casca foi fácil de transportar. Pôs o lado mais fino sobre o ombro e começou a andar, encurvado, arrastando-o. Fazia cada vez mais frio. De repente, ocorreu-lhe que não sabia o que iria fazer quando estivesse no quintal. Se fazia tanto frio, morreria congelado. Eliminou tal pensamento.

Deslizou a casca para cima das duas pedras e apoiou-se na estrutura, olhando-a.

Não, agora que estavam juntas, percebia que a extremidade da palha era muito grossa para entrar na ranhura da casca. Exalou um suspiro através dos dentes cerrados.

Problemas, problemas. Lançou outro olhar apreensivo para o gigante. Como saber quanto tempo lhe restava? E se conseguisse subir dois degraus e o gigante terminasse e fosse embora? Se não

sucumbisse esmagado sob os monstruosos sapatos, no mínimo ficaria desabrigado no alto e escuro degrau, incapaz de ver o suficiente para descer novamente.

Mas não iria pensar nisso. Aquilo era o fim, o ponto-final. Ou saía agora ou... Não, não havia um "ou". Não deixaria que houvesse.

Pegando um minúsculo fragmento de rocha, subiu à superfície de sua plataforma e raspou a ranhura, arrancando-lhe as fibras até que o orifício tornou-se bastante largo para acomodar a extremidade da palha. Ele largou o fragmento de pedra e, levantando a bainha de sua túnica, enxugou o suor do rosto.

Permaneceu ali parado uns minutos, respirando profundamente, deixando seus músculos relaxarem. Não há "tempo" para descanso, lembrou-lhe a voz da razão. Mas ele a contestou: Tenho de descansar porque, caso contrário, nunca chegarei ao topo.

Precisava se arriscar quanto ao tempo que o gigante continuaria trabalhando. Nunca chegaria ao alto num único esforço, isso estava claro.

Então, foi quando lhe ocorreu a pergunta: Por que faço tudo isso?

Por um momento, ficou completamente imóvel. Por que fazia isso? Tudo estaria acabado dentro de poucos dias. Ele teria desaparecido. Por que todo aquele esforço, então? Por que aquela pretensão de continuar uma existência que já estava condenada?

Balançou a cabeça. Era perigoso pensar assim. Se continuasse, poderia significar seu fim. Porque, em última análise, tudo o que tinha feito e estava fazendo era ilógico. No entanto, não podia parar. Talvez por que não achasse que no domingo tudo estaria concluído. Como podia duvidar disso? Por acaso, o processo havia vacilado uma única vez, uma vez, desde que se iniciara? Nenhuma. Três milímetros e meio ao dia, com a mesma exatidão de um relógio. Poderia ter estabelecido uma teoria matemática sobre a absoluta constância de sua regressão até o inevitável nada.

Estremeceu. Era estranho; pensar nisso o debilitava. Já se sentia mais fraco, mais exausto, menos confiante. Se continuasse, estaria acabado.

Piscou os olhos e, ignorando deliberadamente o aumento de sua irremediável exaustão, foi até a palha. Não deixaria que aquilo acontecesse com ele. Mergulharia no trabalho.

Levantar a palha até a superfície da casca provou ser uma tarefa muito difícil. Uma coisa era elevar uma extremidade dela, utilizando o chão como ponto de apoio; apoiar a palha no degrau com os contínuos deslizamentos. Mas era algo muito diferente levantar todo seu peso do chão e apoiá-la na base que tinha construído.

Na primeira vez que tentou erguê-la, a palha escapou de suas mãos e caiu sobre o concreto, esmagando uma das bordas de sua sandália. Não pôde mover o pé até que levantou novamente a palha e se viu livre de seu peso.

Apoiou-se na plataforma, com o peito agitado pela entrecortada respiração.

Se a palha tivesse caído em cima de seu pé? Fechou os olhos. Não pense nisso, advertiu a si mesmo. Por favor. Não pense nas coisas que "poderiam" ter acontecido.

Na segunda tentativa, conseguiu apoiar a palha na borda da primeira pedra. Mas, enquanto estava descansando, a palha caiu e quase lhe acertou a cabeça.

Amaldiçoando-a com desesperada cólera, voltou a apoiar a palha e, depois, com um ímpeto de energia, levantou-a de novo, assegurando-se de que desta vez estava segura antes de soltá-la.

A próxima etapa era ainda mais dura. O sistema de alavancas não funcionaria, pois teria de começar a levantar a palha na altura de sua cintura até chegar à superfície da segunda pedra, que estava no nível de seus ombros.

Não seria possível explorar a força das pernas. Ele teria de usar apenas as costas, os ombros e os braços.

Respirou fundo. Em seguida, esvaziou o peito abruptamente e, de um só golpe, levantou a pesada palha, depositando-a na segunda pedra.

Só então se deu conta do grande esforço que tinha realizado. Percebeu nas costas e na virilha uma dolorosa tensão, que foi diminuindo muito lentamente, como se os músculos tivessem sido

retorcidos como uma peça de roupa e custassem a se desenrolar. Apoiou a palma da mão na zona dolorida das costas.

Instantes depois, subiu na superfície da plataforma. Com um novo esforço, deslizou a extremidade da palha até a ranhura. Mexeu a palha para colocá-la na posição mais vantajosa e, em seguida, sentou-se a fim de se preparar para a subida. O gigante continuava trabalhando. Tinha tempo suficiente. Claro que tinha.

Levantou-se e comprovou a firmeza da palha. Muito bem, pensou.

Inspirou rapidamente. Agora, sairia dali. Apalpou o rolo de fio que trazia no ombro direito. Muito bem. Estava pronto.

Começou a subir pela palha, milímetro a milímetro, com extremo cuidado para não cair.

A palha dobrou-se ainda mais com seu peso. Houve um momento em que se deslocou um pouco e ele teve de parar e endireitá-la com várias sacudidas de seu corpo.

Depois de uma pausa, retomou a escalada com as pernas enroladas em torno da palha, os lábios apertados e os olhos fixos na cor cinzenta do penhasco de concreto.

Quando chegasse à parte superior do degrau, baixaria um laço do fio e ergueria a palha. Ali em cima, não haveria pedras onde apoiá-la, mas haveria de inventar alguma coisa. Já subira seis metros... oito... dez...

Uma gigantesca figura deslizou diante dele, ocultando-lhe os raios do sol.

Esteve a ponto de cair da palha. Perdeu o equilíbrio e girou, ficando do lado inferior da haste, agarrando-se desesperadamente à sua lisa superfície enquanto escorregava.

Por fim, conseguiu endireitar-se e ficou frente a frente com os brilhantes olhos verdes do gato.

O choque tirou-lhe o fôlego. Sentiu-se ainda mais paralisado do que quando o gigante descera as escadas. Continuou agarrado à palha, olhando fixamente o gato como se ele o tivesse hipnotizado.

Os bigodes, semelhantes a lanças, se moveram. O enorme gato inclinou-se para a frente com inquieta curiosidade, ventre próximo

ao solo, baixando as patas dianteiras e arqueando ligeiramente o dorso. Scott sentiu seu hálito quente no rosto e teve náuseas.

Inconscientemente, deslizou para baixo alguns milímetros. Um inquietante ronronar escapou da garganta do gato e ele se deteve bruscamente, permanecendo imóvel naquela posição. Os bigodes do gato voltaram a se mover. Seu hálito era repugnante.

Virando a cabeça de um lado para o outro, viu seus afiados dentes que, como gigantescos punhais, podiam ser fincados em seu corpo a qualquer instante.

Um estremecimento de terror percorreu-lhe as costas. Deslizou um pouco mais para baixo. O gato avançou uns milímetros. Não!, gritou-lhe sua mente. Continuou aferrado à palha que tremia, ouvindo os apressados batimentos de seu coração.

Se tentasse descer, o gato atacaria. Se saltasse, quebraria uma perna e seria devorado. Mas não podia ficar ali. Sua garganta contraiu-se com um ruído seco. Sua impotência obrigou-o a permanecer no mesmo lugar, sob o olhar brandamente curioso do enorme gato.

Quando o animal ergueu a pata direita, Scott conteve a respiração.

Dominado pelo mais absoluto terror, contemplou a gigantesca pata com afiadas garras e viu que ela se erguia lentamente e se aproximava dele cada vez mais. Não podia se mover. Sem ao menos piscar, permaneceu ali parado, sem ação.

No momento em que a pata ia tocá-lo, recobrou o domínio de si mesmo.

— Fora daqui! — gritou junto à cara do gato, que saltou para trás, assustado.

Com uma sacudida, deslocou a palha para um lado, fazendo com que escorregasse pelo precipício de concreto com crescente rapidez. Sem olhar o gato, Scott continuou fortemente agarrado até que a palha estivesse a um metro e meio do solo. Então, saltou.

Ao aterrissar, deu uma cambalhota. Atrás dele, o gato precipitou-se para a frente, grunhindo. Levante!, gritou-lhe sua mente. Tocou o solo com os pés e deu impulso, mas cambaleou e caiu.

Ao cair sobre os joelhos, o gato saltou, aterrissando com as grandes patas uma de cada lado de seu corpo, cravando as garras no cimento. Tinha a boca aberta, uma gruta de cimitarras e ventos quentes.

Enquanto recuava, Scott sentiu que o rolo de linha deslizava de seu ombro. Pegando-o, atirou-o na boca do gato e o animal saltou para trás, tentando cuspir e engasgando.

Afastando-se do degrau, Scott correu para a colina de pedras e introduziu-se numa gruta.

Após um segundo, uma das patas do gato remexia o lugar onde ele havia entrado. Uma das pedras se desequilibrou. Scott arrastou-se até o fundo da gruta e penetrou em um túnel lateral, quando o gato começava a revolver furiosamente as pedras.

— Ei, gatinho!

Scott deteve-se bruscamente, com a cabeça abaixada, ao ouvir a voz ensurdecadora.

— Ei, o que está procurando? — perguntou a voz. Scott ouviu uma risadinha que lhe pareceu a ameaça de um trovão ao longe. — Encurralou um rato?

O chão estremeceu sob as fortes passadas do gigante. Sufocando um grito, Scott continuou descendo pelo túnel, entrou em outro e depois em outro, até que se viu obrigado a se deter diante de uma parede.

Agachou-se ali, tremendo e aguardando.

— Encurralou um rato, não é? — perguntou a voz.

Sua intensidade provocou uma aguda dor nos ouvidos de Scott. Tampou-os com as mãos. Continuava ouvindo o feroz miado do gato.

— Bem, vamos ver se podemos encontrá-lo, gatinho — disse o gigante.

— Não — Scott sequer se deu conta de que falara. Colou-se à parede, ouvindo as pedras serem afastadas pelas mãos do gigante, com um estrépito que se introduzia em seu cérebro como uma faca. Apertou os ouvidos com as palmas das mãos, fazendo o máximo de força que pôde.

De repente, a luz o alcançou. Com um grito, atirou-se de cabeça num túnel recém-aberto. Sacudindo desesperadamente os braços, caiu cerca de dois metros e atingiu uma plataforma de pedra, aterrissando de costas e rasgando a pele do braço direito.

Na escuridão, uma rocha chocou-se com grande estrondo a pouca distância dele, roçando-lhe a palma da mão direita.

Ele berrou de terror.

O gigante disse:

— Vamos encontrá-lo, gatinho. Vamos encontrá-lo.

A luz chegou novamente até ele. Com um soluço, Scott endireitou-se e voltou a lançar-se de cabeça na escuridão. Uma pedra quicou no chão e o derrubou. Voltou a se levantar e começou a correr pelo chão da caverna meio demolida, tomado pelo pânico.

A queda de outra rocha mandou-o pelos ares, até que bateu de cabeça contra uma parede rochosa.

Enquanto a escuridão invadia a sua mente, sentiu que o sangue escorria calidamente por sua face. Tinha as pernas inertes e as mãos estendidas como flores moribundas.

As rochas que caíam iam construindo uma sepultura ao redor dele.

CAPÍTULO 9

Por fim, voltou a ver a luz.

Estava na entrada da caverna, olhando todo o porão com olhos assustados.

O gigante havia ido embora. O gato também. A tampa do aquecedor voltara ao seu lugar. Tudo estava igual como era antes: os objetos amontoados, o pesado silêncio, a vastidão que o rodeava. Sua vista avançou lentamente para os degraus e subiu por eles. A porta estava fechada.

Ficou olhando para ela e sentiu-se completamente vazio de qualquer desejo. Tinha lutado em vão mais uma vez. As pedras

deslocadas com a força de seus braços, as intermináveis caminhadas por túneis escuros haviam sido em vão.

Seus olhos se fecharam. Balançou-se debilmente sobre a colina de rochas, seu corpo todo latejava de dor: as mãos, os braços, as pernas e o tronco. E seu interior também, a garganta, o peito e o estômago. Sentia uma insuportável dor de cabeça. Não sabia dizer se sentia fome ou náusea.

As mãos tremiam.

Arrastou-se até o aquecedor.

O dedal tombara. Bebeu as poucas gotas que ficaram nele como um animal sedento, aproveitando inclusive as que conseguiu absorver dos furinhos do chão. A garganta doeu ao engolir.

Quando terminou de beber, escalou com lentos e cansados movimentos a plataforma de concreto. O lugar onde costumava dormir estava totalmente arrasado; a esponja, o lenço, o fardo de bolachas e a tampa da caixa haviam desaparecido. Aproximou-se da beirada da plataforma e viu a tampa da caixa no chão. Parecia muito grande e pesada.

Não tinha força suficiente para levantá-la.

Permaneceu longos momentos naquela cálida área sombreada, de pé, tremendo um pouco e com a vista fixa no porão cada vez mais escuro. Outro dia havia chegado ao fim. Quarta-feira. Restavam-lhe três dias.

Seu estômago contraiu-se de fome. Virou lentamente a cabeça para trás e ergueu a vista para o lugar onde pusera as migalhas de bolacha molhadas.

Continuavam ali. Com um gemido, dirigiu-se à base do aquecedor e escalou o primeiro lance da grade.

Sentou-se ali, com as pernas penduradas, e comeu os pedaços de bolacha. Ainda estavam úmidos, mas dava para comer. Suas mandíbulas se moviam com apatia desprovida de ritmo, enquanto seus olhos permaneciam fixos no vazio. Estava tão cansado que mal podia comer. Sabia que tinha de descer e pegar a tampa da caixa para se proteger, no caso de a aranha vir. Era o que ela fazia quase todas as noites.

Mas estava cansado demais.

Dormiria ali mesmo. E se a aranha aparecesse? Bem, que importava? Lembrou-se da época, já muito longínqua, quando esteve com a Infantaria na Alemanha. Havia dormido sem cavar uma trincheira, mesmo sabendo que isso podia significar sua morte, mas estava cansado demais.

Caminhou pesadamente ao longo da grade até chegar a uma zona mais guarnecida.

Então, estendeu-se na escuridão, apoiando a cabeça em um parafuso.

Estava deitado de costas, respirando lentamente, quase incapaz de reunir força suficiente para encher os pulmões de ar. Pensou: Homenzinho, e agora?

Então, ocorreu-lhe que, em vez de lutar com as pedras e a palha, teria sido mais fácil subir na barra da calça comprida do gigante e se deixar levar para fora do porão num instante. A única indicação da fúria que sentiu contra si mesmo foi um súbito enrugamento da pele ao redor de seus olhos fechados; um som estrangulado escapou através dos dentes cerrados. Idiota!

Mesmo pensar causava-lhe um grande esforço.

Seu rosto relaxou novamente, convertendo-se numa máscara inerte.

Outra pergunta: por que não tinha tentado se comunicar com o gigante? Era estranho, mas esse pensamento não o encolerizou. Tratava-se de algo tão inconcebível que só o surpreendeu.

Seria devido ao seu tamanho? Talvez, porque acreditava pertencer a outro mundo que não podia existir uma comunicação. Ou seria porque agora, em todas as suas decisões, só contava consigo mesmo para a realização de algum desejo?

Claro que não era isso, disse a si mesmo, com amargura. Estava tão desamparado e inútil como sempre foi; talvez um pouco mais atrapalhado, só isso.

Na escuridão, apalpou todo o corpo. Passou a mão pela longa esfoladura em seu antebraço direito. Tocou a pele levantada da palma de sua mão direita, tocou com o cotovelo a área inchada e roxa de seu flanco direito.

Passou um dedo pela ferida em sua testa. Pressionou a garganta dolorida. Ergueu-se um pouco e sentiu uma aguda dor nas costas. Finalmente, deixou que as dores separadas voltassem a se fundir numa única dor.

Seus olhos se abriram, as pálpebras levantaram-se por decisão própria e ele olhou fixo o escuro vazio. Recordou o momento em que recobrou a consciência na sepultura de rochas; recordou o horror que quase o levara a loucura, até que se deu conta de que tinha ar para respirar e que devia se manter sensato se quisesse sair dali.

Mas o instante em que se deu conta de que estava encerrado vivo numa cripta foi o pior de tudo.

Perguntou-se por que tal frase havia lhe ocorrido. Como sabia que era o pior de tudo?

Podia esperar coisas muito piores... caso continuasse a viver.

Mas não lhe ocorreu nenhuma. Havia sido o pior de tudo, o nadir de sua existência no porão. Isso o fez pensar em outro mau momento, na outra vida que levou tempos atrás.

89 cm

Estavam voltando da casa de Marty. Ao chegar em casa, ele ficou na sala de estar enquanto Lou levava Beth para a cama. Não se ofereceu para ajudar. Sabia que já não podia levantar a filha nos braços.

Quando Lou saiu do quarto, ele continuava ali de pé.

— Não vai tirar o chapéu e o casaco? — perguntou ela.

Entrou na cozinha antes que ele pudesse responder. Vestido com sua jaqueta de menino e o chapéu tirolês com a pluma vermelha metida na fita, ouviu quando a esposa abriu a geladeira. Contemplou a rua às escuras e ouviu o barulho dos cubos de gelo sendo soltos da bandeja, o ruído seco da tampa de uma garrafa ao ser aberta, o borbulhante gás do refrigerante que era vertido no copo.

— Quer um refrigerante? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Scott?

— Não — respondeu. Sentiu a pulsação acelerada.

Ela entrou com o copo.

— Não vai tirar as roupas? — perguntou-lhe.

— Não sei — respondeu ele.

Ela se sentou no sofá e tirou os sapatos sacudindo os pés.

— Outro dia? — perguntou ela.

Ele não respondeu. Teve a impressão de que ela tentava fazê-lo se sentir como um menino que fez drama sobre algo insignificante, enquanto ela o acompanhava pacientemente. Teve vontade de responder-lhe com violência, mas não o fez.

— Vai ficar assim a noite toda? — perguntou ela.

— Por que não? — retrucou.

Ela o olhou por um momento, com a expressão vazia. Ele viu o reflexo de seu rosto na janela. Então, ela deu de ombros.

— Faça como quiser — disse.

— O que eu faço não é assunto seu — respondeu ele.

— O quê? — seus lábios abriram-se num sorriso triste e cansado.

— Nada, nada — agora sim se sentia como um menino.

Pareceu-lhe que ela bebia e engolia fazendo ruído em excesso. Fez uma careta de irritação. Não engula assim, protestou sua mente. Parece um porco.

— Vamos, Scott; ficar de mau humor não vai ajudá-lo em nada — ela parecia ligeiramente aborrecida.

Ele fechou os olhos e estremeceu. Chegamos a isso, pensou. O horror havia desaparecido; ela já estava acostumada. Ele já esperava por isso, mas a constatação era um choque.

Era seu marido. Antes, media mais de um metro e oitenta. Agora, era mais baixo que a filha de cinco anos. Achava-se, em frente a ela, grotesco em sua roupa de menino; a voz dela não traía mais do que um ligeiro aborrecimento.

Era um horror indizível.

Contemplou a rua com os olhos semicerrados, ouvindo o murmúrio das folhas das árvores agitadas pelo vento noturno. Parecia o farfalhar das saias de uma mulher descendo uma escada interminável. Voltou a ouvi-la beber ruidosamente e se irritou.

— Scott — disse ela.

Falso tom afetuosos, pensou ele.

— Sente-se. Olhar pela janela não ajudará em nada os negócios de Marty.

Ele falou sem se virar.

— Acha que estou preocupado com isso?

— Não é isso? Não é por esse motivo que ambos...

— Não é-interrompeu-a com frieza. Uma frieza bizarra na voz de um menino, como se representasse um papel no teatrinho da escola, sem convicção e quase ridículo.

— Então, o que é? — perguntou ela.

— Se ainda não sabe...

— Oh, meu amor, pare com isso.

Ele se agarrou àquilo.

— Custa-lhe um pouco de esforço chamar-me de meu amor agora, não é verdade? — disse, com a pele do rosto esticada pela ira. — Custa-lhe um pouco...

— Ah, basta, Scott! Já não temos problemas suficientes para que você invente outros?

— Invente? — sua voz fez-se estridente. — Claro! Eu inventei tudo isso! Nada mudou. Tudo continua igual. E só a minha imaginação!

— Vai acordar Beth.

A raiva o sufocou. Tinha tanto para falar e não disse nada. A única coisa que conseguiu fazer foi ficar ali parado, furioso e impotente. Virou-se para a janela novamente, olhos fixos no exterior.

Então, bruscamente, dirigiu-se à porta da frente.

— Aonde vai? — perguntou ela com voz alarmada.

— Dar um passeio! Importa-se?

— Dar um passeio pela rua?

Teve vontade de gritar.

— Sim — respondeu, com uma voz que tremia de cólera reprimida —, pela rua.

— Acha que deve?

— Sim, acho que devo!

— Scott, só estou pensando em você! — explodiu ela. — Será que não vê?

— Claro, claro que só está pensando em mim — tentou puxar a porta, sem resultado. O sangue lhe subiu à cabeça. Puxou com mais força, sufocando uma maldição.

— Scott, o que foi que eu fiz? — perguntou ela. — Por acaso eu tenho culpa de você estar assim? Fui eu que neguei esse contrato a Marty?

— Maldita porta — disse, com voz tremida.

Então, a porta se abriu de um golpe e bateu na parede.

— E se alguém o vir? — perguntou ela, levantando-se do sofá.

— Tchau — disse ele, batendo a porta atrás de si.

E até isso foi inútil, porque o batente estava bastante empenado e a porta não se fechou com barulho, fez apenas um leve ruído.

Não olhou para trás. Começou a descer o quarteirão, com passadas rápidas e agitadas, em direção ao lago. Devia estar a dez metros da casa quando a porta voltou a se abrir.

— Scott!

A princípio, pensou em não responder. Depois, deteve-se mal-humorado e falou por cima do ombro.

— O quê? — perguntou com vontade de chorar ao ouvir o som agudo e ineficaz de sua voz.

Ela hesitou um momento e, depois, perguntou:

— Quer que eu vá com você?

— Não — disse ele.

A resposta lhe saiu sem cólera nem desespero.

Permaneceu ali ainda um momento, olhando para trás contra a própria vontade, perguntando-se se ela faria questão de acompanhá-lo. Mas aquela silhueta destacada pela luz da porta não se mexeu.

— Tenha cuidado, meu amor — disse ela.

Precisou sufocar o soluço que ameaçou lhe escapar. Dando meia-volta, continuou descendo apressadamente a rua escura. Não a ouviu fechar a porta.

Isso é o fundo do poço, pensou, o fim de tudo. Não há nada pior para um homem que se converter em objeto de piedade. Um homem pode suportar o ódio, o abuso, a cólera e o castigo, mas nunca a piedade. Quando um homem se converte num ser digno de

pena, está perdido. A piedade é reservada para os casos sem esperança.

Continuou a andar, tentando esvaziar a mente. Manteve os olhos fixos na calçada, caminhando rapidamente pelas áreas iluminadas pelos postes e mergulhando na escuridão novamente, tentando não pensar.

Sua mente não cooperou com ele; era algo típico das mentes introspectivas. Quando lhe dizia que não pensasse em algo, era justamente o contrário que fazia. Quando lhe pedia que o deixasse em paz, colava-se a ele como um cão.

Era sempre assim.

As noites de verão no lago costumavam ser frias. Levantou a gola da jaqueta e continuou andando, olhando para as escuras e cambiantes águas.

Corno era noite de um dia útil, os cafés e tabernas da orla não estavam abertos.

Ao aproximar-se do escuro lago, começou a ouvir o ruído da água que se chocava contra as pedrinhas da praia.

A calçada acabou. Prosseguiu pela terra batida, fazendo as folhas e íamos sob seus pés rangerem como se estivessem vivos. Soprava um vento gelado do lago, que lhe atravessava a jaqueta, dando-lhe calafrios. Não se importava.

A uns cinquenta metros da calçada, havia uma área aberta junto a uma construção escura e rústica. Era um misto de café e taberna alemã, junto ao qual havia algumas mesas e cadeiras para comer e beber ao ar livre. Scott abriu caminho por entre elas até que divisou o lago. Então, sentou-se na áspera superfície de um banco.

Contemplou sombriamente o lago. Tentou se imaginar afundando nele para sempre.

Seria assim tão absurdo? A mesma coisa estava acontecendo com ele agora. Não, chegaria ao fundo e aquilo seria o fim de tudo.

Afogava-se de outra maneira.



HAVIAM SE MUDADO PARA A CASA do lago seis semanas antes, porque Scott sentia-se preso naquele apartamento. Se saía, as pessoas ficavam olhando. Apenas uma semana e meia após aparecer no Globe-Post, já era uma celebridade nacional.

Continuava recebendo convites para apresentações.

Os jornalistas batiam continuamente à sua porta.

Mas, em geral, eram as pessoas comuns, os curiosos, que queriam ver "o incrível homem que encolheu" para pensarem "Obrigado, meu Deus, por eu ser normal".

Por tudo isso, mudaram-se para o lago e conseguiram chegar ali sem que as pessoas ficassem sabendo.

Mas a vida ali, ele veio a descobrir, era a mesma.

A lentidão com que transcorria era o pior. A forma como encolhia dia após dia, sempre de maneira imperceptível, sempre de maneira ininterrupta; dois centímetros exatos por semana. E todas as tediosas tarefas rotineiras arrastavam-se com inexorável monotonia.

Até que a ira, que se escondia em seu íntimo como um animal acossado, saltasse violentamente. O motivo não importava. Era só pretexto.

Como o gato:

— Juro por Deus, se você não se livrar desse maldito gato, eu o mato!

Fúria de uma boneca. Sua voz já não era masculina nem autoritária, mas frágil e pouco convincente...

— Scott, ele não lhe fez nada.

Ele enrolou uma manga:

— O que é isso? Minha imaginação? — apontava um pequeno arranhão.

— Estava assustado quando lhe fez isso.

— Pois eu também estou assustado! O que mais ele precisa fazer? Abrir-me a garganta, antes que você decida se livrar dele?

E as duas camas:

— O que está tentando fazer, humilhar-me?

— Scott, foi ideia sua.

— Só porque você já não podia suportar me tocar.

— Não é verdade!

— Não?

— Não! Fiz tudo o que pude para...

— Não sou um menino! Não pode tratar o meu corpo como o de um menino!

— E Beth, Scott, não vê que ela não entende?

— Ainda sou o pai dela! Que inferno!

Todas essas explosões de cólera terminavam da mesma maneira: corria para o porão frio, descia as escadas e se apoiava na geladeira, respirando entrecortadamente, trincando os dentes, cerrando os punhos.

Os dias passavam e uma tortura somava-se à outra. Suas roupas precisavam ser ajustadas, a mobília ficava maior, sentia-se cada vez mais desconfortável lidando com isso. Beth e Lou também cresciam. Assim como os problemas financeiros.

— Scott, tenho de lhe dizer: não sei como vamos continuar vivendo com cinquenta dólares por semana. Com todas as despesas de alimentação, roupas, casa... — sua voz desvaneceu-se, ela balançou a cabeça com angústia.

— Suponho que espera que eu volte ao jornal.

— Não disse isso. Só disse que...

— Sei o que disse.

— Bem, se o ofendi, sinto muito. Cinquenta dólares por semana não nos bastam. O que acontecerá quando o inverno chegar? Como faremos para comprar agasalhos e combustível?

Ele balançou a cabeça como se tentasse afastar a necessidade de pensar nisso.

— Acha que Marty poderia... — começou ela.

— Não posso pedir mais dinheiro a Marty — interrompeu-a com firmeza.

— Então..

Não disse mais nada. Não foi necessário.

E quando ela se esquecia e se despia sem apagar a luz, acreditando que ele estivesse dormindo, Scott permanecia estendido na cama, olhando seu corpo nu e ouvindo o ruído de sua camisola ao deslizar sobre seus seios fartos, barriga, quadris e pernas.

Não se tinha dado conta até então, mas aquele era o som mais enlouquecedor que existia no mundo. E ele continuaria olhando-a, como um homem morrendo de sede que contemplasse águas inalcançáveis.

Então, durante a última semana de julho, o cheque de Marty não chegou.

A princípio, acharam que se tratava de um descuido. Mas, passaram-se mais dois dias e o cheque não chegou.

— Não podemos esperar muito mais, Scott — disse ela.

— Quanto nos resta na poupança?

— Não devemos ter mais de setenta dólares.

— Oh! Bem... esperaremos mais um dia — decidiu ele.

Passou aquele dia na sala de estar, com a vista fixa na mesma página do livro que supostamente estava lendo.

Continuava repetindo para si mesmo que deveria voltar ao Globe-Post, e deixar que continuassem sua série. Ou aceitar uma das numerosas ofertas para fazer apresentações. Ou deixar que algum semanário sensacionalista publicasse sua história.

Ou permitir que um ghost-writer escrevesse um livro sobre o seu caso. Então, teriam bastante dinheiro e a insegurança que Lou temia tão desesperadamente seria afastada.

Mas o fato de ficar repetindo aquilo para si mesmo não era o suficiente.

A repulsa que lhe causava se exhibir perante a mórbida curiosidade das pessoas era forte demais.

Consolou-se. O cheque chegaria no dia seguinte, tinha de chegar no dia seguinte.

Mas não chegou. E naquela noite foram à casa de Marty que lhes disse que acabara de perder o contrato com Fairchild, sendo obrigado a reduzir as operações ao mínimo.

Não haveria mais cheques. Deu cem dólares a Scott, mas seriam os últimos.

SOPRAVA UM VENTO GELADO. Do outro lado do lago, um cachorro latiu.

Babou a vista e viu seus sapatos balançando sobre o solo como pêndulos. A partir de agora, não teria renda. Setenta dólares no banco e cem em sua carteira.

E quando acabassem?

Imaginou a si mesmo de novo no jornal, Berg tirando fotografias, comendo Lou com os olhos, Hammer fazendo intermináveis perguntas. Em sua mente podia até ver as manchetes:

MENOR DO QUE UM MENINO DE DOIS ANOS!

COME NUMA CADEIRA PARA CRIANÇAS!

USA ROUPA DE CRIANÇA!

VIVE EM UMA CAIXA DE SAPATOS!

O DESEJO SEXUAL CONTINUA SENDO O MESMO!

Fechou os olhos rapidamente. Por que não era acromicria? Pelo menos, seu desejo sexual teria quase desaparecido. Como era, intensificava-se cada vez mais. Parecia ter duplicado desde que não tinha sexo normal, mas, com certeza, era por não ter escape algum. Já não podia se aproximar de Louise. Mas o instinto continuava ardendo em seu interior. Aumentava dia após dia e acrescentava sua pressão a tudo mais que sofria. E não podia falar com Louise a respeito disso. A noite em que ela havia se oferecido a ele, sentiu-se quase ofendido. Sabia que tudo tinha terminado.

"Laughin' at the blues!

Laughin' till I'm crazee!" {2}

Endireitou-se no banco e virou bruscamente a cabeça.

Esquadrinhando a escuridão, percebeu a silhueta de três figuras que

passavam a curta distância e cantavam com finas vozes juvenis.

"My life is nothin' but a stumblin' in the dark.

I lost my way when I was born." {3}

Rapazes, pensou. Rapazes que cantavam, cresciam e davam isso por garantido.

Observou-os com inveja.

— Ei, há um garoto ali — disse um deles.

A princípio, Scott não compreendeu que estavam falando dele. Depois, percebeu que sim e apertou os lábios com força.

— O que estará fazendo ali?

— Provavelmente...

Scott não ouviu o resto da frase, mas pelas roucas gargalhadas que se seguiram pôde adivinhar o sentido dos sussurros. Com todos os músculos tensionados, desceu do banco e se dirigiu para a calçada.

— Olha, ele está indo embora — disse um dos jovens.

— Vamos nos divertir um pouco — disse outro.

Scott sentiu um acesso de pânico, mas o orgulho o impediu de começar a correr.

Continuou andando imperturbavelmente para a calçada.

Os três jovens apressaram o passo.

— Ei, aonde você vai, garoto? — ouviu um dos rapazes falando.

— É, garoto, aonde você tá indo? — disse outro.

— Onde é o fogo, moleque?

Houve uma gargalhada geral. Scott não pôde evitar; apertou o passo.

Os jovens também.

— Acho que o garoto não gosta da gente — disse um deles.

— Não é uma pena? — falou o outro.

Era uma corrida. Scott deu-se conta disso, com um peso no estômago.

Mas não iria correr. Não de três rapazes. Olhou-os de soslaio quando começava a subir o aclive que conduzia à calçada. Estavam quase o alcançando.

Viu as reluzentes pontas de seus cigarros avançando para ele como saltitantes vaga-lumes.

Alcançaram-no antes de chegar à calçada. Um deles o agarrou pelo braço, impedindo-o de seguir adiante.

— Me solta — disse ele.

— Garoto, aonde você tá indo? — perguntou-lhe o jovem que o segurava. Sua voz, que fingia amizade, era insolente.

— Vou para casa — respondeu.

O rapaz aparentava ter quinze anos, talvez dezesseis. Usava um boné de beisebol.

Fincou os dedos no braço de Scott. Scott não precisou ver seu rosto, pois era capaz de imaginá-lo: magro, vulgar, o queixo e a testa cobertos de espinhas, um cigarro dependurado em um dos cantos da boca quase desprovida de lábios.

— O garoto disse que tá indo pra casa — disse outro.

— É isso que o garoto tá falando? — perguntou um deles.

— É isso aí — disse o terceiro. — Não é um grande progresso?

Scott tentou passar por entre eles, mas o rapaz do boné o obrigou a entrar novamente no círculo que o rodeava.

— Garoto, não devia ter feito isso — disse. — Não gostamos dos garotos que fazem isso, não é verdade, colegas?

— Não, não. É um garoto metidinho e nós não gostamos de garotos metidinhos.

— Me solta — disse Scott, assombrando-se ao constatar o tremor de sua voz.

O rapaz soltou-lhe o braço, mas ele continuou encurralado.

— Quero que conheça os meus amigos — disse o rapaz.

Nenhum rosto. Só uma pálida bochecha, o brilho de olhos ao débil reflexo de um cigarro. Um vulto escuro inclinando-se sobre ele.

— Esse é Tony — disse. — Cumprimente-o.

— Tenho de ir para casa — respondeu Scott, dando um passo para a frente.

O rapaz o obrigou a retroceder com um empurrão.

— Ei, garoto, acho que você não me entendeu. Amigos, esse garoto não me entendeu — ele tentava parecer amável e razoável.

— Moleque, não tá entendendo? — perguntou um dos outros rapazes.

— E muito engraçado, sabe? O garoto devia nos entender.

— Vocês é que são muito engraçados — disse Scott. — Agora, podem...

— Ah, o garoto acha que somos engraçados — disse o rapaz do boné. — Ouviram, amigos? Acha que somos engraçados — sua voz tinha perdido o tom de gracejo. — Acho que vamos ter de mostrar como somos engraçados — disse.

Scott sentiu uma contração no estômago. Passou a vista ao redor do círculo, incapaz de dominar seu medo.

— Ouçam, minha mãe está me esperando em casa — ouviu-se dizendo.

— Ooooooh — disse o rapaz do boné. — Sua mãe está esperando você. Meu Deus, não é realmente uma pena? Não é uma pena, amigos?

— Tenho vontade de chorar — disse um dos outros. — Buá, buá. Estou até chorando.

Uma desagradável risada escapou de sua garganta. O terceiro rapaz riu dissimuladamente e socou de brincadeira o braço do amigo.

— Mora aqui perto, garoto? — perguntou o rapaz do boné, soltando uma baforada de fumaça no rosto de Scott, que teve um acesso de tosse. Ei, o garoto está morrendo — disse o jovem, com zombadora preocupação. Está sufocando. Não é uma pena, amigos?

Scott tentou escapulir, mas foi devolvido ao círculo, desta vez, com mais violência.

— Não volte a fazer isso — advertiu-o o jovem do boné. Sua voz era amistosa e afável. — Não gostaríamos de machucar um menino, não é verdade, amigos?

— Não, não gostaríamos nem um pouco — disse outro.

— Ei, vejamos se tem grana com ele — disse o terceiro.

Scott sentiu-se invadido por uma estranha mistura de fúria adulta e medo infantil. Era muito pior do que da outra vez, quando encontrou com o homem gordo. Agora, estava bem menor e bem mais fraco. Não tinha força suficiente para demonstrar sua ira de homem.

— É! — disse o rapaz do boné. — Ei, tem grana, garoto?

— Não, não tenho — respondeu com azedume.

Sobressaltou-se quando o rapaz do boné lhe deu um soco no braço.

— Não fale comigo desse modo, garoto — disse o rapaz. — Não gosto de garotos metidinhos.

O medo voltou a sufocar sua cólera. Sabia que tinha de recorrer à astúcia para escapar daquilo.

— Não tenho dinheiro — disse. Sua nuca começava a doer de tanto olhar para cima. — Minha mãe não me dá.

O rapaz do boné virou-se para os amigos.

— O garoto diz que a mãe dele não lhe dá.

— Que vaca! — disse outro.

— Garanto que ela daria para mim — disse o terceiro, sacudindo os quadris para a frente algumas vezes.

Os rapazes riram estrondosamente.

— Ouviu só, garoto? — disse o rapaz do boné. — Diga pra tua coroa que o Tony dá um trato nela baratinho.

— Baratinho? Faço isso de graça — disse Tony, o gracejo subitamente afogado por um desejo furioso. — Então, garoto, como são as tetas dela?

Suas roucas gargalhadas foram interrompidas quando Scott se lançou entre dois deles.

O rapaz do boné o agarrou pelo braço e o forçou a dar meia-volta. Ele deu um tapa no rosto de Scott.

— Eu avisei para não fazer isso — disse o rapaz.

— Filho da... — explodiu Scott, cuspidando sangue. A última palavra foi engolida pelo grunhido que deu ao descarregar seu minúsculo punho no estômago do rapaz.

— Seu escroto! — replicou o rapaz, furioso. Acertou um soco no meio da cara de Scott, que lançou um grito e sentiu uma dor aguda em toda a cabeça.

Caiu sobre um dos outros rapazes, sangrando abundantemente pelo nariz.

— Segurem ele! — gritou o rapaz, e os outros dois pegaram os braços de Scott.

— Quer me acertar na barriga, seu filhinho da puta? — disse o rapaz. — Eu vou...

Ele parecia indeciso quanto à vingança que empregaria. Então, soltou um rosnado de irada decisão e tirou uma caixa de fósforos de um dos bolsos da calça.

— Acho que vou queimar você um pouquinho, garoto — disse. — O que acha disso?

— Solte-me! — Scott debateu-se violentamente entre as garras dos rapazes.

Aspirava sem cessar, para evitar que o sangue escorresse pelos lábios.

— Por favor! — disse, com a voz estrangulada.

O fósforo se acendeu na escuridão e Scott viu a cara do rapaz, tal como a tinha imaginado. O rapaz aproximou-se ainda mais.

— Ei! — disse, subitamente fascinado. — Ei! — um sorriso torto entreabriu seus lábios. — Não é um garoto — contemplou fixamente o transtornado rosto de Scott. — Sabe quem ele é?

— Do que está falando? — perguntou um dos rapazes.

— É aquele cara! Aquele cara que está encolhendo!

— O quê? — exclamaram.

— Olhem para ele, olhem para ele, caramba!

— Seus malditos, soltem-me ou farei com que metam vocês na cadeia! — ameaçou Scott para ocultar sua agonia.

— Cale-se! — ordenou o rapaz do boné. Seu sorriso voltou. — Sim, não estão vendo? É...

O fósforo se consumiu e ele acendeu outro. Aproximou-o de tal modo do rosto de Scott que ele pôde sentir o calor.

— Estão vendo agora? Estão vendo?

— Sim — os outros dois rapazes contemplaram, boquiabertos, o rosto de Scott. — Sim, é ele. Vi a foto na televisão.

— E tentava nos fazer achar que era um garoto — disse o rapaz. — O maldito filho da mãe!

Scott não podia falar. O desespero tinha superado a cólera. Conheciam-no, podiam traí-lo. Permaneceu imóvel, enquanto seu peito arfava. O segundo fósforo foi atirado ao chão.

— Ai! — sua cabeça virou violentamente para um lado, quando o rapaz do boné lhe deu um forte tapa com as costas da mão.

— Isso é por mentir, aberração — disse o rapaz. Seu riso parecia forçado. — Aberração, esse é o seu nome. O que me diz, aberração? O que me diz?

— O que querem de mim? — perguntou Scott.

— O que nós queremos? — repetiu o rapaz. -A aberração quer saber o que nós queremos.

Os rapazes começaram a rir.

— Ei — disse o terceiro —, vamos abaixar as calças dele para descobrir se tudo nele está encolhendo!

Scott debateu-se como um anão enlouquecido. O rapaz do boné acertou-lhe uma bofetada. A noite converteu-se em um borrão aos olhos de Scott.

— A aberração não entende — disse o rapaz. — É uma aberração surda

Respirava entrecortadamente através dos dentes cerrados.

Scott estava aterrorizado. Compreendeu que com aqueles rapazes qualquer tentativa de diálogo era inútil. Odiavam o mundo e essa postura era manifestada por meio da violência.

— Se o que querem é dinheiro, peguem — disse rapidamente, tentando ganhar tempo.

— Claro que faremos isso — respondeu o rapaz, rindo de sua própria ousadia. — Essa foi boa, não? — O bom humor desapareceu novamente. Segurem-no — disse com frieza. - Vou pegar a carteira dele.

Scott retesou-se quando o rapaz do boné se aproximou de um dos amigos.

— Ai! — gemeu um dos rapazes, quando a ponta do sapato de Scott atingiu-lhe a canela.

As mãos que agarravam Scott pelo braço esquerdo o soltaram.

— Ai! — gemeu como um eco o outro rapaz, que também soltou Scott.

Ele começou a correr na escuridão, com o coração disparado.

— Atrás dele! — gritou o rapaz do boné.

As pernas curtas de Scott apressaram o passo quando começou a subir o aclave.

— Desgraçado! — gritou o rapaz, pondo-se a correr para alcançá-lo.

Scott já estava sem fôlego antes de chegar à calçada. Esteve a ponto de tropeçar na borda; balançou-se para a frente com as mãos estendidas e as pernas em movimento, mas acabou por recobrar o equilíbrio e continuou correndo. Sentiu uma pontada aguda na lateral. Por trás dele, o ruído de passadas sobre o concreto denotava o rápido avanço de seu perseguidor.

— Lou — choramingou, sem deixar de correr, com a boca aberta.

A quase vinte e cinco metros de distância estava sua casa. Então, deu-se conta de que não podia entrar nela porque, desse modo, saberiam onde vivia, saberiam onde vivia o "incrível homem que encolheu".

Apertou as mandíbulas e, por impulso, entrou num beco escuro.

Estendeu as mãos, com a ideia de abrir alguma porta lateral e, sem deixar de correr, fechá-la com força, para que, escutando tal som, seus perseguidores pensassem que ele havia entrado por ela.

Mas aquela casa ficava perto demais da sua. Continuou correndo, arfando. Os rapazes entravam naquele momento no beco, fazendo ranger o cascalho sob seus sapatos.

Scott dobrou a esquina dos fundos da casa às escuras e atravessou o quintal.

Havia uma cerca. O pânico tomou conta dele. Sabia que não podia parar. Correndo tudo o que pôde, saltou em direção a ela, tentando se agarrar à parte superior.

Começou a escorregar, voltou a escalar.

— Peguei você!

Um calafrio de terror percorreu-lhe a espinha ao sentir que mãos agarravam o seu pé direito. Virou a cabeça e viu o rapaz de boné tentando fazê-lo descer.

Um grito de exasperação escapou de sua garganta. Lançou o outro pé para trás e acertou o rosto do rapaz. Com um grito, o rapaz o soltou e levou as mãos ao rosto.

Scott acabou de galgar a cerca e saltou para o outro lado.

Sentiu uma insuportável dor no tornozelo.

Não podia parar. Levantando-se com um gemido, continuou a correr, mancando. Pôde ouvir que os outros dois rapazes haviam alcançado o amigo deles.

Continuou correndo até desembocar na próxima rua. Ali, ao encontrar aberta a porta de um porão, desceu os altos degraus meio escorregando, meio saltando. Virou-se e puxou a pesada porta, que bateu em sua cabeça, arremessando-o de lado contra a parede fria de concreto. Procurou desesperadamente um lugar onde se agarrar, enquanto rolava por dois degraus e aterrissava no chão sujo do porão.

Sentou-se no primeiro degrau, tentando recuperar o fôlego. O degrau estava frio e úmido. Podia senti-lo através das calças compridas. Mas ele se sentia muito atordoado e fraco para se levantar.

Sua respiração não se normalizara. Seu peito continuava subindo e descendo espasmodicamente, enquanto os pulmões lutavam para obter ar.

A garganta ardia. A pontada era muito aguda, como se tivesse um punhal fincado na lateral do corpo. A cabeça latejava e doía. Tinha a boca seca e amarga, o sangue continuava escorrendo por seus lábios. Sentia cãibra nos músculos das pernas por causa do frio do porão. Estava suado e trêmulo.

Começou a chorar.

Não era o pranto de um homem, não eram os soluços desesperados de um homem.

Era um menino, sentado na fria e úmida escuridão, ferido, assustado e chorando porque no mundo não havia esperança para ele. Tinha sido vencido e estava perdido num lugar estranho e desagradável.

Mais tarde, quando acreditou ser seguro, foi mancando até sua casa, gelado até os ossos. Uma Lou assustada e chorosa meteu-o na cama. Perguntou-lhe várias vezes o que havia acontecido, mas ele não lhe disse. Limitou-se a balançar a cabeça com o rosto inexpressivo, esfregando a minúscula cabeça no travesseiro de um lado para o outro, sem parar.

CAPITULO 10

Ao acordar, sempre fazia um inventário de suas dores.

A garganta seca doía como se estivesse em carne viva. Seu rosto se contraiu ao engolir a saliva.

Soltando um suspiro, virou-se de lado. A dor que sentiu ao esfregar sua têmpora machucada contra a cabeça do parafuso fez com que despertasse completamente.

Quando começou a se sentar, sentiu uma dor aguda nos músculos das costas e deixou-se cair para trás com um gemido. Alçou a vista para as empoeiradas entranhas do aquecedor. Pensou: Hoje é quinta-feira; restam-me três dias.

A perna direita doía. O joelho esquerdo estava inchado. Experimentou dobrar a perna e teve um sobressalto quando a dor surda se converteu em uma terrível agulhada.

Manteve-se imóvel por um momento para que a dor se acalmasse. Apalpou o rosto, passando os dedos por cima dos arranhões e das lágrimas.

Finalmente, com um gemido, sentou-se com esforço e pôs-se de pé, agarrando-se à negra parede para não cair. Como era possível que houvesse se machucado tanto em tão poucos dias? Estava há quase três meses no porão e nunca lhe ocorreu nada parecido. Era por causa de seu tamanho?

Era porque quanto menor se tornava, mais perigosa era a vida para ele?

Vagarosamente, passou pela parede e caminhou ao longo da grade de metal para chegar à base. Deu um pontapé nas escassas e diminutas migalhas de bolacha que ainda restavam ali, e deslizou pela base do aquecedor com movimentos lentos e cuidadosos, até chegar à superfície da plataforma de concreto. Quinta-feira. Quinta-feira. A língua movia-se em sua boca como um pedaço de tela seca.

Precisava beber água.

Desceu da plataforma e espiou dentro do dedal. Vazio. Toda a água do chão havia se infiltrado pelas ranhuras do concreto. Permaneceu com a vista fixa no interior do dedal.

Isso significava que teria de descer pela interminável linha até o outro dedal, que estava sob o reservatório de água.

Soltou um suspiro de resignação e aproximou-se da régua. Dez milímetros.

Impassivelmente, como se fosse fazer algo que tinha planejado com antecedência e que não era a consequência de um asco repentino, deu um empurrão na régua, que caiu por terra. Estava farto de se medir.

Começou a caminhar em direção à caverna, onde a bomba-d'água arfava e soluçava.

Depois, parou, lembrando-se do alfinete. Passou a vista pelo chão à sua procura. Não o via em parte alguma.

Aproximou-se da esponja e olhou embaixo dela. Olhou embaixo da tampa da caixa. O alfinete não apareceu. O gigante devia tê-lo chutado sem querer, ou teria ficado preso à sola daqueles sapatos colossais.

Desviou a vista para a caixa de papelão, alta como uma casa, que tinha embaixo do depósito de combustível. Parecia estar a muitos quilômetros de distância. Virou-lhe as costas. Não pensava em ir procurar outro. Não me importo, pensou. Não tinha importância; era preferível esquecê-lo. Dirigiu-se novamente para a bomba-d'água.

Descobriu que havia outro ponto, um ponto abaixo daquele em que o homem ou começava a rir ou sucumbia. Era necessário descer outro degrau para chegar ao nível da absoluta negação. Ele havia chegado lá. Além das simples funções corporais, nada mais existia.

Ao sair de baixo dos gigantescos pés do cabide de roupas, passou a vista pelo precipício. Perguntou-se se a aranha ainda estaria ali. Provavelmente sim, encolhida sobre suas sete patas, na solidão da teia de aranha, ou talvez dormindo, ou talvez mastigando algum inseto capturado.

Poderia ter sido ele mesmo.

Estremecendo, voltou a olhar para o chão. Nunca se conformaria com a ideia de ser devorado pela aranha, por mais desesperado que estivesse. O horror e a repulsa que sentia por ela estavam completamente arraigados nele. Era melhor não pensar nisso.

Era melhor não pensar que, naquele dia, a aranha tinha a mesma altura que ele, que o corpo dela era três vezes mais volumoso que o seu e que suas longas e negras patas eram tão grossas como suas pernas.

Chegou à beira do precipício e olhou para o vasto cânion. Valia realmente a pena?

Quem sabe fosse melhor se esquecer também da água?

Mas a garganta seca não deixava de incomodá-lo. Não, a água não era algo de que pudesse se esquecer. Balançando a cabeça como um idoso arrependido, pôs-se de joelhos e se inclinou sobre a borda do degrau, dependurando-se pela linha. Quinze metros, dois dias antes. Vinte e dois hoje, provavelmente. E no dia seguinte?

E se a aranha estiver me esperando aqui abaixo?, pensou.

A ideia o assustou, mas continuou descendo já que estava muito fraco para parar.

Tentou não pensar na subida. Por que não havia pensado em fazer nós a intervalos regulares na linha? Isso teria simplificado consideravelmente a subida.

Por fim, tocou o solo com as sandálias e largou a escada de linha. Pelo menos, não tinha arranhado tanto os dedos, agora que eram tão pequenos.

O dedal erguia-se diante dele como uma enorme cuba, cuja borda se encontrava a quase dois metros acima de sua cabeça. Se a água estivesse transbordando, poderia pegá-la com a palma das mãos. No entanto, teria de subir até o alto.

Mas como? Os lados, apesar das ranhuras, eram muito lisos e se abriam ligeiramente para fora.

Empurrou o dedal com a esperança de fazê-lo cair, mas, cheio de água, pesava muito.

Olhou-o fixamente.

A linha. Foi mancando até a parede e recolheu uma de suas pesadas extremidades, arrastando-a até onde conseguia chegar. Não

foi suficiente.

Soltou-a e observou como deslizava até a parede.

Voltou a empurrar o dedal. Deixou cair os braços. Pesava demais. Era inútil. Dirigiu-se novamente para a linha. É inútil, pensou. Simplesmente deixarei para lá. Tinha o rosto martirizado. De qualquer jeito, vou morrer.

Assim, não faz diferença. *Vou morrer. Quem liga?*

Deteve-se, mordendo selvagememente o lábio inferior. Não, aquela era a antiga atitude.

Era a infantil reação de "castigarei o mundo morrendo". Precisava de água. No dedal, estava a única água disponível. Ou a obtinha ou morreria, e ele não pensava em se deixar morrer sem lutar.

Rangendo os dentes, andou por ali à procura de algum pedregulho.

Por que sigo adiante? , perguntou-se pela centésima vez. *Por que me esforço tanto?*

Por instinto? Vontade? De certo modo, aquele constante assombro perante suas próprias motivações era o mais exasperante de tudo.

A princípio, não encontrou nada. Moveu-se nas sombras, murmurando para si. E se houvesse ali outra aranha? E se houvesse?

Teria sido muito melhor que seu cérebro tivesse perdido suas tóxicas introspecções há tempos. Teria sido muito melhor terminar sua vida como um verdadeiro inseto, em vez de ser plenamente consciente de cada um dos degraus que descia. O pior em encolher não era o fato em si, mas a consciência de que estava encolhendo.

Apesar de se sentir faminto e sedento, essa ideia o deteve. Permaneceu imóvel nas frias sombras, dando voltas em sua mente.

Era verdade. Havia se dado conta uma vez, momentaneamente, e se esquecera de novo. Afundava-se no lado físico. Mas era verdade. Enquanto dispusesse de mente, ele era único. Ainda que as aranhas fossem maiores que ele, ainda que as moscas e os mosquitos pudessem lhe fazer sombra com suas asas, ele continuava a ter sua mente.

Sua mente podia ser sua salvação, do mesmo modo que havia sido sua condenação.

Quase deu um salto, quando a bomba recomeçou a funcionar.

Com um grito rouco, colou-se à parede da caverna e tapou os ouvidos com as mãos. O ruído parecia vir em ondas fisicamente tangíveis, que o prendiam ali.

Pensou que seus tímpanos fossem estourar. Apesar da força que fazia com as mãos, o barulho ensurdecedor penetrava em sua cabeça. Não conseguia pensar. Como uma besta sem inteligência, colou-se à parede com o rosto convulsionado e o olhar desvairado por causa da dor.

Quando, finalmente, a bomba deixou de funcionar, deixou-se cair no chão com os olhos meio fechados e a boca entreaberta. Tinha o cérebro nublado, confuso. Os membros ainda tremiam.

Oh, sim, debochou debilmente sua mente. Sim, enquanto puder pensar, é único.

— Tolo — murmurou. — Tolo, tolo, tolo.

Depois de um momento, levantou-se e retomou a busca pelo pedregulho.

Afinal encontrou um e, aproximando-se do dedal, subiu nele. Ficava faltando cerca de um metro para chegar à borda. Agachou-se um pouco, preparou-se e saltou.

Agarrou-se com os dedos na borda do dedal. Seus pés davam chutes a esmo e escorregavam pela superfície lisa, enquanto tentava subir. Água, pensou a ponto de saboreá-la na boca. Água. A princípio, não se deu conta de que o dedal estava prestes a tombar.

Foi tomado de pânico quando o dedal começou a virar. Tentando não perder o equilíbrio, agarrou-se com mais força em vez de se soltar. *Solte-se!*, gritou-lhe sua mente. Diminuiu a pressão e caiu pesadamente, aterrissando sobre a beirada do pedregulho. Perdeu o equilíbrio pela segunda vez e caiu para trás, agitando os braços.

Despencou tão forte sobre o concreto que ficou sem ar. O dedal continuava caindo.

Com um grito de terror, protegeu o rosto com o braço e esperou que o dedal o atingisse.

Mas só água fria caiu sobre ele, cegando-o e sufocando-o. Lutando para respirar, pôs-se de joelhos. Outra onda de água precipitou-se sobre ele, que esteve a ponto de voltar a cair de costas. Tossindo e cuspiendo, levantou-se esfregando os olhos.

O dedal balançava de um lado a outro, e a água transbordava e salpicava o concreto.

Scott ficou ali tremendo, recuperando o fôlego e lambendo com a língua as frias gotas em seus lábios.

Finalmente, quando o dedal já se balançava com menos violência, aproximou-se dele e recolheu com as mãos a água que continuava caindo. Estava tão fria que sentiu as palmas anestesiadas.

Quando terminou de beber, recuou e espirrou. *Oh, meu Deus, agora vem a pneumonia*, pensou. Começava a bater os dentes. A túnica de algodão estava fria e colada ao corpo.

Com espasmódicos e impulsivos movimentos, tirou a túnica pela cabeça. O ar frio o envolveu.

Tinha de sair dali. Atirando a túnica empapada ao solo, correu para a linha e começou a escalá-la o mais veloz que pôde. Depois de subir três metros, sentiu-se exausto. Cada movimento ascendente parecia mais difícil que o anterior. A dor muscular alternava entre aguda quando subia, e latejante quando descansava.

Não podia descansar mais que uns segundos. A cada pausa que fazia, sentia mais frio.

Com todo o corpo arrepiado, continuou escalando, respirando com a boca aberta. Meia dúzia de vezes pensou que iria cair por esgotamento, já que os braços e as pernas não o sustentavam, e os músculos pareciam ceder. Suas mãos agarraram-se desesperadamente à linha, e suas pernas se enrolaram em torno dela. Ele se encostou à parede de cimento, ofegante.

Depois de alguns instantes, começou a subir de novo. Sem olhar para cima porque sabia que se o fizesse, ainda que fosse uma única vez, nunca poderia chegar ao topo.

Deixou-se cair no chão, invadido por ondas de calor e de frio. Levou a trêmula mão à testa. Estava quente e seca. Estou doente, pensou.

Encontrou atrás do bloco de concreto a antiga túnica, coberta de pó, mas seca.

Sacudiu-a e vestiu-a. Sentiu-se um pouco melhor. Tremendo de cansaço e cólera, sem deixar de estremecer por causa do frio, deu uma volta para recolher os escassos pedaços de bolacha molhada que restavam, lançando-os em cima da esponja.

Precisou de toda a sua força para arrastar a tampa da caixa por cima da esponja.

Depois, estendeu-se sobre ela, respirando com dificuldade. No porão, reinava um silêncio absoluto.

Após uns minutos, tentou comer, mas sentiu muita dor ao engolir.

Já voltava a ter sede. Jogou-se de bruços e apertou o rosto ardente contra a esponja macia, abrindo e fechando as mãos com desespero. Após um tempo, sentiu o rosto úmido e, então, começou a espremer a esponja com força, lembrando-se de que ela fora molhada na manhã anterior. Mas a água que conseguiu era tão salobra que esteve a ponto de vomitar a pouca comida que havia conseguido ingerir.

Voltou a estender-se de costas. Que vou fazer agora?, pensou, desesperado.

Não havia nada para comer, exceto as poucas migalhas que acabava de guardar embaixo da tampa da caixa; não dispunha de mais água, além daquela que estava no fundo do precipício, e não se sentia com ânimo para descer novamente até ela; não tinha meio algum de sair do porão. Além disso, se tudo aquilo não bastasse, estava com febre.

Esfregou furiosamente a testa quente. O ar era denso e pesado. O calor pressionava-o como uma mão. *Estou sufocando*, pensou. Sentou-se bruscamente olhando ao redor com os olhos febris e a cabeça inclinada.

Inconscientemente, esfacelou uma migalha de bolacha com a mão direita e lançou longe os minúsculos fragmentos.

— Estou doente — gemeu. Sua voz ressoou em seus ouvidos. Soluçou, afundando os dentes nos nós de sua mão esquerda até tirar sangue. — Estou doente. Estou doente!

Caiu para trás com um gemido e permaneceu imóvel, olhando para cima com os olhos semicerrados pela febre. Meio inconsciente, pareceu-lhe ouvir a aranha passeando sobre a tampa da caixa. Um, dois, três, começou a cantar em sua mente. Quatro, cinco, seis; sete patas tem o meu amor.

Recordava, como num sonho, do dia em que mediu setenta centímetros, a mesma estatura de um menino de um ano: um boneco de porcelana que fazia barba de verdade, tomava banho em uma bacia, usava a cadeira com urinol própria para bebês e vestia roupinhas de criança adaptadas.

Estavam na cozinha, e aborrecera-se com Lou porque ele acabava de lhe sugerir que o exibisse numa feira para ganhar algum de dinheiro. Ela não se incomodara em lhe dizer que não queria ouvi-lo falar daquele modo e limitara-se a dar de ombros.

Ele gritou cada vez mais forte, apoplético, sapateando de raiva com seus sapatinhos de boneca, olhando-a com ira, até que ela lhe virou bruscamente as costas e gritou:

— Ora, pare de guinchar comigo!

Tomado de fúria, pôs-se a correr em direção à porta, sem conseguir outra coisa além de esbarrar com o gato e receber numerosos arranhões.

Lou correu até ele e tentou consertar as coisas. Tratou-lhe as feridas do braço e pediu-lhe perdão. Mas ele se deu conta de que não era uma mulher pedindo perdão a um homem, mas sim a um anãozinho por quem sentia compaixão.

E, quando a esposa terminou os curativos, desceu outra vez ao porão; seu refúgio naqueles dias. Ficou junto aos degraus, contemplando o porão com o olhar perdido, cheio de desespero e cólera.

Agachou-se e apanhou uma pedra que estava no chão, pensando em todas as coisas que lhe tinham acontecido nas últimas semanas. Pensou no dinheiro que praticamente acabara, na incapacidade de Lou em encontrar trabalho, na crescente falta de respeito de Beth, na falta de notícias do centro médico e em seu corpo cada vez menor. E, enquanto pensava nisso tudo, sua cólera aumentava, seus

lábios se apertavam e sua mão se fechava em torno da pedra como uma garra de aço.

Quando viu a aranha na parede diante dele, recuou bruscamente e atirou-lhe a pedra com toda força. A rocha deixou colada uma das patas da aranha na parede, enquanto ela fugia rapidamente, deixando a pata para trás. Scott permaneceu junto à parede, olhando a pata revolver-se como um fio de cabelo vivo. E, com o rosto inexpressivo, pensou: Algum dia, minhas pernas terão esse mesmo tamanho.

Pareceu-lhe inacreditável na ocasião.

Mas, agora, suas pernas já eram daquele tamanho e a louca degeneração de sua existência se aproximava do inevitável desfecho. Perguntou-se o que ocorreria se morresse. Acaso seu corpo continuaria a encolher? O processo cessaria? Certamente não continuaria a encolher se estivesse morto.

No outro extremo do porão, a estufa retomou seu rugido, fazendo tremer o chão com suas ensurdecedoras vibrações. Com um gemido, tapou os ouvidos com as mãos e começou a tremer, sentindo-se como se estivesse enterrado num caixão enquanto um terremoto sacudia o cemitério.

— Deixe-me em paz — murmurou com um fiapo de voz. — Deixe-me em paz — suspirou profundamente e fechou os olhos.

Com um estremecimento, acordou.

A estufa continuava rugindo. Era o mesmo rugido de quando fechara os olhos? Havia passado segundos ou horas?

Sentou-se lentamente, nauseado e trêmulo. Ergueu a mão e tocou a testa. Continuava quente. Passou a mão pelo rosto, gemendo profundamente. *Oh, meu Deus, estou doente.*

Avançou debilmente até a extremidade da esponja e deslizou por cima da borda.

Estava tão fraco que suas mãos se negaram a sustentá-lo e ele aterrissou de pé, mas em seguida caiu sentado pesadamente com um gemido de surpresa.

Permaneceu um longo momento sobre o concreto frio, piscando muito, o torso bamboleando.

O estômago roncava de fome. Tentou se levantar, teve de se apoiar na esponja. A respiração saía de seu nariz em curtas e ardentes rajadas. Engoliu saliva. Preciso de água. As lágrimas rolaram por sua face.

Não tinha água disponível. Desferiu um impotente soco sobre a esponja.

Após alguns minutos, deixou de chorar e, virando-se lentamente, penetrou na escuridão até chocar-se com a parede que constituía a tampa da caixa. Caiu no chão.

Resmungando, subiu na lateral da tampa da caixa novamente e, levantando-a primeiro com as mãos e depois com as costas, saiu debaixo dela.

Foi como entrar em uma geladeira. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Pôs-se de pé e apoiou-se na tampa da caixa.

Já era de tarde; dormira, então. Viam-se alguns raios de sol através da janela situada sobre a pilha de lenha, a janela que dava para o sul. Calculou que seriam duas ou três horas da tarde. Havia decorrido metade de mais um dia, mais da metade.

Virou-se e deu um débil soco na parede de papelão. Sentiu uma aguda dor nos nós dos dedos. Repetiu o golpe. Maldição! Apoiou a cabeça na lateral e continuou dando socos, sentindo o impacto de cada um deles nos braços, ombros e costas.

— Inútil, inútil, inútil, inú...

Disse a palavra sem respirar, com voz rouca e furiosa, até que nenhum som saiu de sua garganta. Então, deixou cair os braços ao longo do corpo como se fossem pedaços de madeira e se jogou sobre o papelão, com os olhos fechados e se contorcendo de desespero.

Quando finalmente se acalmou, tinha a mente indiferente a tudo, exceto à água.

Avançou lentamente. Não posso descer até o reservatório, mas preciso de água, pensou. Mas não há água em nenhum outro lugar. Existe a goteira que cai em cima da caixa de bolachas, mas não posso subir até lá. Mas preciso de água, continuou andando de olhos baixos, sem ver nada. Preciso de água.

Quase caiu no buraco.

Durante um assustador instante, balançou-se em sua borda. Depois, recobrou o equilíbrio e recuou.

Ajoelhou-se e esquadrinhou a escura cavidade aberta no piso de concreto.

Foi como olhar para o interior de um poço, exceto pelo detalhe de que o poço terminava a uns cinco metros de profundidade e não tinha nada mais que o vazio sem luz.

Inclinou a cabeça sobre o buraco, escutando. A princípio, só ouviu o som de sua própria respiração. Depois, contendo o fôlego, começou a ouvir outro som. O som de água.

Era um pesadelo estar estendido de bruços, verdadeiramente sedento, e ter de escutar o gotejar de uma água inalcançável. Sua língua remexia-se dentro da boca, tentando escapar da prisão de seus lábios. Começou a engolir saliva, mal se dando conta da dor que isso lhe ocasionava.

Houve um momento em que esteve a ponto de se lançar ao buraco de cabeça. *Não me importo!*, pensou num acesso de fúria. *Não me importo em morrer!*

Não saberia dizer o que o impediu de pular. Fosse o que fosse, estava além da consciência, pois na superfície estava raivosamente decidido a mergulhar no buraco para encontrar aquela água.

Mas afastou-se do buraco e pôs-se novamente de joelhos. Titubeou.

Então, voltou a cair para a frente e escutou o som, quase a inalá-lo, como se fosse ar.

Soltou um gemido. Ajoelhou-se uma vez mais, pôs-se de pé com insegurança e recuou para se afastar do buraco. Deu meia-volta e voltou a se aproximar da borda. Pôs um pé em cima dela, com a vista fixa em suas invisíveis profundezas.

Oh, meu Deus, por que não...?

Deu meia-volta de novo e afastou-se do buraco caminhando com rigidez, com as mãos fechadas ao longo do corpo. É inútil!, quis gritar. Por que não podia pular no buraco?

Por que não, como uma grotesca e verdadeira Alice, mergulhar em outro mundo?

A princípio, achou que era uma parede vermelha. Deteve-se em frente ela e a observou minuciosamente. Tocou-a. Nem pedra nem madeira. Era uma mangueira.

Caminhou ao seu redor até chegar a um de seus extremos. Ali, contemplou o longo e escuro túnel, que se afastava dele descrevendo uma curva. Subiu até a anilha de metal e deteve-se sobre uma ranhura, pensando.

Às vezes, ao pegar uma mangueira, escapam algumas gotas de água pela ponta.

Com um sobressalto, entrou pelo túnel de piso escorregadio, chocando-se com as paredes nos trechos em que a mangueira virava bruscamente e correndo o mais depressa possível pelo tortuoso labirinto. Até que, ao virar para a direita pela centésima vez, encontrou-se mergulhado até os tornozelos em líquido frio. Com um soluço de alívio, agachou-se e levou a água aos lábios com mãos trêmulas. Tinha um sabor rançoso e a garganta doía ao engolir, mas nunca havia bebido tão avidamente nem o melhor dos vinhos.

Graças a Deus! , pensava. Graças a Deus! Agora tenho toda a água de que preciso.

Toda a água de que preciso! Grunhiu, quase divertido, ao pensar em todas as vezes que havia descido pela linha até o depósito de água. Que estúpido havia sido! Bem, já não tinha importância. Tudo estava solucionado.

Até começar a refazer de volta o longo trajeto do túnel, não se deu conta de que, no melhor dos casos, só havia sido um triunfo parcial. Como alterava ou melhorava sua situação? Sua minúscula existência estaria preservada durante um pouco mais, isso era verdade. Contemplaria o final com a consciência intacta. Mas o final chegaria de qualquer jeito. Seria isso um triunfo?

Veria realmente o final?

Ao sair novamente no porão, deu-se conta de como a doença o debilitara. Pior ainda, de como a fome o debilitara. A doença podia ser mitigada com descanso e sono, mas para a fome só havia uma solução.

Sua vista dirigiu-se para o enorme precipício.

Permaneceu à sombra da mangueira, olhando para o lugar onde a aranha vivia.

No porão havia um pedaço de comida; disso ele tinha certeza. Uma fatia de pão seco mais que suficiente para se alimentar durante os dois dias restantes. E estava ali em cima.

Deu-se conta com acachapante simplicidade. Não tinha forças para subir até lá. Ainda que pudesse, graças a algum incrível prodígio da vontade, uma vez lá em cima encontraria a aranha. E não tinha coragem de se enfrentar de novo com ela. Aquele horrível bicho já era três vezes maior que ele.

Deixou pender a cabeça. Então, era isso. Era a decisão que tinha de aceitar. Afastou-se da mangueira e dirigiu-se para a esponja. Que outra decisão podia tomar? Tinha outra escolha, por acaso? Não era algo que escapava inexoravelmente de suas mãos?

Tinha dez milímetros de altura. O que podia esperar?

Algo o fez olhar novamente para o precipício. A gigantesca aranha descia a toda velocidade pela parede.

Com um sobressalto, Scott começou a correr. Antes que a aranha chegasse ao fundo do precipício, ele já havia se metido embaixo da tampa da caixa e subido na esponja.

Quando a aranha, negra e bulbosa, escalou a tampa da caixa, ele já esperava seu ruído com os dentes tão cerrados que as mandíbulas doíam.

Então, não podia ter esperança alguma de obter comida. Aquele canibal negro que o espreitava impediria qualquer tentativa. Fechou os olhos, reprimindo os soluços enquanto escutava acima dele os movimentos e ruídos da aranha.

CAPÍTULO 11

Como num sonho, conduzido pelo delírio, ele estava novamente no Centro Médico Presbiteriano de Columbia, submetendo-se a todo tipo de exames.

Com clareza e precisão, o Dr. Silver disse-lhe que não tinha acromitria, como a princípio acreditavam. Era verdade que seu corpo encolhia, mas sua hipófise não estava doente. Não tinha perda de cabelo, não apresentava cianose nas extremidades, nem descoloração azulada da pele, e suas funções sexuais não haviam desaparecido.

Foram feitas várias análises da excreção urinária para estabelecer a quantidade de creatina e creatinina em seu organismo; eram análises muito importantes, já que poderiam dizer muitas coisas a respeito de suas glândulas suprarrenais e do equilíbrio do nitrogênio em seu corpo.

Descoberta: você apresenta uma deficiência de nitrogênio, senhor Carey. Seu corpo elimina mais nitrogênio do que retém. Como o nitrogênio é um dos pilares mais importantes do organismo, em consequência, ocorre a redução de seu corpo.

A falta de equilíbrio da creatinina ocasionava mais complicações. O fósforo e o cálcio também eram eliminados na precisa proporção em que tais elementos se encontravam em seus ossos.

Administraram a ACTH, possivelmente, para frear a decomposição catabólica dos tecidos. Mas a ACTH foi ineficaz. Discutiui-se muito a respeito de uma possível dose de extrato de pituitária.

— Poderia conseguir que seu corpo retivesse o nitrogênio e provocasse a elaboração de novas proteínas — murmuravam.

No entanto, parecia implicar algum perigo. A reação do corpo humano a hormônios do crescimento não é conhecida; mesmo os melhores extratos são difíceis de tolerar e, com frequência, produzem resultados desastrosos.

— Não me importo. Quero usá-lo. Como posso ficar pior do que estou? — disse ele.

O hormônio lhe foi administrado.

Negativo.

Um elemento qualquer estava combatendo o extrato.

Por fim, a cromatografia de papel; os rastros capilares dos elementos do corpo sobre o papel, a gravidade específica de cada um manchava uma parte diferente do papel.

E encontrou-se um novo elemento em seu sistema. Uma nova toxina.

— Diga-nos uma coisa — pediram-lhe —, já esteve exposto a algum tipo de pulverização germicida? Não, nada de guerra bacteriológica. Você foi, por exemplo, borrifado acidentalmente com uma grande quantidade de inseticida?

A princípio, ele não se lembrou de nada; só experimentou um grande terror. Depois, veio a lembrança. Los Angeles, em uma tarde de sábado do mês de julho. Havia saído de casa, em direção à loja. Caminhou por uma avenida arborizada, entre duas fileiras de casas. De repente, passou um caminhão da prefeitura, fumigando as árvores. O vapor caiu sobre ele, queimando-lhe a pele, ocasionando uma grande irritação nos olhos e cegando-o momentaneamente. Insultou aos gritos o motorista.

Podia ser essa a causa de tudo aquilo?

Não, isso não. Eles lhe disseram. Aquilo foi só o princípio. Depois daquele vapor sucedeu-lhe algo, algo fantástico e desconhecido. Algo que converteu o inseticida ligeiramente virulento em um veneno mortífero que destruía o crescimento.

Assim, procuraram esse algo, formulando intermináveis perguntas e revolvendo constantemente o passado.

Até que, num segundo, tudo ficou claro. Recordou a tarde passada no barco, a névoa que se abateu sobre ele, o formigamento ácido em sua pele.

Um vapor impregnado de radiação.

E isso foi tudo; a busca havia chegado ao fim. Um inseticida terrivelmente alterado pela radiação. Uma possibilidade em um milhão. Aquela exata quantidade de inseticida, combinada com aquela exata quantidade de radiação, ambas recebidas por seu organismo justamente naquela ordem e naquele espaço de tempo; dado que a radiação dissipava-se rapidamente, tornando-se imperceptível.

Só restara o veneno.

Um veneno que, sem destruir a hipófise, destruía pouco a pouco sua capacidade de manter o crescimento. Um veneno que, dia após dia, forçava seu organismo a converter o nitrogênio em um excesso

de matéria de excreção; um veneno que afetava a creatinina, o fósforo e o cálcio e os transformava em matéria a ser eliminada. Um veneno que, por essa razão, descalcificava seus ossos que, fracos e flexíveis, podiam encolher pouco a pouco. Um veneno que anulava qualquer extrato hormonal que lhe pudessem administrar provocando uma ação anti-hormonal igual e contrária.

Um veneno que o transformou, pouco a pouco, no "incrível homem que encolheu".

Será mesmo que a busca havia chegado ao fim? De fato, não. Só existia um modo de combater as toxinas, e esse modo era encontrar as antitoxinas.

Então, eles o mandaram para casa. E, enquanto ele esperava, procuraram a antitoxina que poderia salvá-lo.

AS MÃOS, CONVERTIDAS EM crispados punhos, apertavam-se ao longo de seu corpo. Por que, dormindo ou acordado, tinha de pensar naqueles dias de espera?

Naqueles dias terríveis em que todo o seu corpo estava continuamente em tensão, esperando ouvir a campainha da porta ou a súbita estridência do toque do telefone? A consciência constante daquilo, que não lhe permitia distrair-se com nada, sempre em suspense, sempre alerta.

As inúmeras viagens até a agência dos Correios, onde havia alugado uma caixa postal para poder receber duas ou três remessas ao dia, em vez de só uma. Aquele cruel trajeto do apartamento até a agência dos Correios, desejando correr e tendo de andar, com o corpo tenso pela ânsia desesperada de correr. A entrada na agência dos Correios, com as mãos inertes e o coração disparado. Depois, cruzava o local com piso de mármore, agachava-se e checava sua caixa. E, quando tinha cartas, suas mãos tremiam tanto que mal podia introduzir a chave na fechadura. Tirava-as com pressa e olhava o remetente. Nenhuma carta do centro médico. A repentina sensação de que a vida o abandonava, e suas pernas e pés se desfaziam como cera.

E, quando se mudaram para o lago, o sofrimento foi ainda pior, porque tinha de esperar que Lou fosse à agência dos Correios. Ficava de pé junto à janela, com as mãos trêmulas quando a via regressar e se aproximar da casa. Sabia que não trazia nenhuma carta por seu passo lento, mas era incapaz de acreditar até que ela própria lhe dissesse.

Estendeu-se de bruços e mordeu furiosamente a esponja. Recordava tudo com tanta clareza que esses pensamentos se tornavam sua ruína. Quisera ser inconsciente, ser alegremente inconsciente. Ser capaz de arrancar o tecido do cérebro e lançá-lo o mais longe possível. Por que não podia...?

Prendeu a respiração. Recuou bruscamente, ignorando a pontada de dor que sentiu na cabeça. Música.

— Música? — murmurou debilmente. Como era possível que tivesse música no porão?

Então, deu-se conta. Não era no porão, mas lá em cima. Louise estava escutando rádio: a primeira sinfonia de Brahms. Apoiou-se sobre os cotovelos, com os lábios entreabertos, conteve a respiração e escutou o movimento de abertura da sinfonia. Mal podia ouvir, como se estivesse no vestíbulo de uma sala de concertos e ouvisse a orquestra através das portas fechadas.

Finalmente voltou a respirar, mas não se moveu. Seu rosto estava imóvel, seus olhos não piscavam. Continuava sendo o mesmo mundo, e continuava fazendo parte dele. O som da música fez com que compreendesse isso. Lá em cima, gigantescamente remota, Louise escutava aquela música. Ali embaixo, incrivelmente diminuto, ele também a escutava. Era música para ambos, e era uma beleza.

Recordou que, nos últimos tempos de sua estada na casa acima, era incapaz de escutar música, a não ser que soasse tão baixo que a própria Lou não conseguisse escutar. Caso contrário, a música convertia-se num ruído ensurdecedor que lhe dava dor de cabeça. O barulho da louça era uma punhalada em seu cérebro. O súbito pranto ou riso de Beth parecia-lhe um disparo feito junto aos seus ouvidos, que o obrigava a tapá-los.

Brahms. Ser como uma partícula, uma insignificância no porão e escutar Brahms. Se a própria vida não fosse tão fantástica, aquele

momento podia ser qualificado como tal.

A música cessou. Dirigiu a vista para o alto como se, na escuridão, pudesse ver a razão para aquele fato. Permaneceu imóvel, em silêncio, escutando a voz abafada da mulher que havia sido sua esposa. Seu coração pareceu parar de bater. Por um momento, fez parte novamente daquele antigo mundo.

Seus lábios articularam o nome Lou.

53 cm

Quando o verão chegou ao fim, a adolescente que trabalhava na mercearia do lago teve de regressar à universidade. A vaga foi concedida a Lou, que a tinha solicitado um mês antes.

Ela havia pensado que Scott cuidaria de Beth, quando conseguisse um trabalho. Mas, então, compreendeu que, se ele batia na altura do peito de Beth, não poderia de forma alguma tomar conta dela. Além disso, ele se negou a tentar. Assim, contrataram uma moça da vizinhança que havia terminado o ensino médio e que concordou em pajear Beth enquanto Lou estivesse trabalhando.

— Deus sabe que não nos sobrarão muito dinheiro se a pagarmos — disse Lou —, mas não temos alternativa.

Ele não disse nada. Sequer pronunciou uma palavra quando ela lhe disse que, por mais desagradável que lhe parecesse a ideia, teria de ficar no porão durante o dia se não quisesse que a jovem descobrisse quem era. Isso porque era evidentemente que não podia se passar por um menino. Limitou-se a dar de ombros e saiu do quarto.

Pela manhã, antes de sair para o primeiro dia de trabalho, Lou preparou sanduíches e duas garrafas térmicas, uma de café e outra de água, para Scott. Ele estava sentado à mesa da cozinha, empoleirado sobre dois travesseiros grossos, com os dedos da grossura de um lápis ao redor de uma fumegante xícara de café, sem dar mostras de ouvir uma única palavra do que ela dizia.

— Isso será suficiente — dizia ela. — Leve um livro; leia. Tire uma soneca. Não será tão ruim. Voltarei logo.

Ele contemplou os círculos de creme que flutuavam como gotas de óleo no café. Girou a xícara muito lentamente em cima do pires, produzindo um ruído que, ele sabia, irritava Lou.

— Agora, lembre-se do que lhe disse, Beth — advertiu Lou. — Não diga uma só palavra sobre o papai. Nenhuma palavra. Entendeu?

— Sim — concordou Beth.

— O que foi que eu lhe disse? — perguntou Lou.

— Para eu não dizer uma só palavra sobre papai.

— Sobre a aberração — murmurou Scott.

— O quê? — perguntou Lou, olhando-o.

Ele continuou contemplando o café. Ela não repetiu a pergunta. Scott pegara a mania de murmurar desde que se mudaram para o lago.

Após o café da manhã, Lou desceu com ele ao porão, levando uma das cadeiras do jardim para que pudesse se sentar. Baixou sua mala que estava sobre uma pilha de caixas, entre o depósito de combustível e a geladeira, e a deixou no chão. Em cima, colocou duas almofadas.

— Veja, aqui você poderá tirar um agradável cochilo — disse-lhe.

— Como um cão — murmurou ele.

— O quê?

Olhou-a como uma boneca belicosa.

— Não acho que a moça tentará descer — prosseguiu ela. — Mas pode ser que seja intrometida. Talvez seja melhor trancarmos a porta.

— Não.

— Mas e se a moça descer?

— Não quero a porta trancada!

— Mas, Scott, e se...?

— Não quero a porta trancada!

— Muito bem, muito bem — respondeu ela. — Não trancarei a porta. Teremos de esperar que a moça não queira conhecer o porão. Ele nada disse.

Enquanto Louise se certificava de que ele tinha tudo de que precisava, inclinando-se para lhe dar um beijo na bochecha e voltando a subir as escadas para fechar a porta, Scott permaneceu imóvel no centro do aposento.

Olhou-a sair pela janela, com a saia colada às suas torneadas pernas por causa do vento.

Quando ela se foi, permaneceu imóvel com o olhar fixo no lugar por onde ela tinha desaparecido. Suas diminutas mãos abriam e fechavam sem cessar. Seus olhos eram inexpressivos. Parecia absorto em sombrios pensamentos, como se refletisse sobre os relativos méritos da vida e da morte.

Depois de um momento, recobrou a consciência do que o rodeava.

Soltou um profundo suspiro e olhou em torno. Ergueu brevemente as palmas das mãos num gesto de irônica rendição e deixou-as cair com força sobre as coxas.

— Esplêndido! — disse.

Subiu na cadeira com o livro nas mãos. Abriu-o onde o marcador de couro dizia "Adormeci aqui", e começou a ler.

Leu o parágrafo duas vezes consecutivas. Depois, deixou cair o livro sobre suas pernas e pensou em Louise e em sua impossibilidade de tocá-la.

Chegava à altura de seus joelhos e nada mais. Algo nada viril, pensou, com os dentes cerrados. Sua expressão não mudou. Empurrou o livro displicentemente com um braço e ouviu-o cair ruidosamente sobre o concreto.

Ouviu os passos de Lou no andar superior, quando ela se dirigia à porta da frente, e depois mais nada. Quando voltaram, estavam acompanhados por outros passos, e ouviu também a voz da moça: tipicamente adolescente, fina, estridente e superficialmente confiante.

Dez minutos mais tarde, Lou foi embora. Escutou o ronco do motor do Ford se aquecendo. Após poucos minutos, aquele som foi diminuindo gradualmente e desapareceu. Só pôde distinguir as vozes da moça, Catherine, e de Beth. Escutou os altos e baixos da

voz de Catherine, e perguntou-se o que estaria dizendo e que aspecto teria.

Pensativo, adaptou a voz indistinta a uma forma precisa. Mediria um metro e sessenta e sete, teria a cintura fina e as pernas longas, seios arrebitados apontando sob a blusa.

Cara fresca e jovem, cabelo louro e dentes brancos. Viu-a mover-se em sua imaginação com a ligeireza de um pássaro, com os olhos azuis e brilhantes.

Recolheu o livro e tentou recomeçar a leitura, mas não pôde. As frases misturavam-se umas com as outras, como turvos riachos de prosa. A página obscureceu-se em meio à confusão de palavras. Suspirou e moveu-se irrequietamente no assento. A moça estimulou a sua imaginação, e ele viu os seios firmes da garota saltarem da blusa de seda que os aprisionava.

Afastou a cena de sua imaginação com um irado suspiro. *Isso não*, ordenou a si mesmo.

Dobrou as pernas e abraçou-as com ambos os braços, apoiando o queixo nos joelhos.

Parecia um menino pensando no que escrever para Papai Noel.

A moça já havia tirado a blusa parcialmente, quando ele correu a cortina mental sobre aquele espetáculo inconveniente. A expressão tensa voltou ao seu rosto, a expressão de um homem que descobriu que o esforço não é recompensado e que, em vez disso, optou pela impassibilidade. Mas, em seu interior, como a ameaçadora lava das entranhas vulcânicas, o desejo continuava borbulhando.

Quando ouviu a porta de tela dos fundos da casa se fechar fortemente e as vozes de Beth e da moça ressoarem no quintal, deslizou da cadeira com repentina excitação e correu para a pilha de caixas, que havia perto do depósito de combustível. Permaneceu ali um momento, com o coração batendo apressadamente. Depois, como sua mente não apresentasse resistência, escalou a pilha e espiou pelo canto da janela coberta de teias de aranha.

A decepção estampou-se em seu rosto.

O um metro e sessenta e sete havia se convertido em um metro e cinquenta e nove; a estreita cintura e as pernas longas, em músculos atarracados e gordura; os seios arrebitados

desapareceram nas dobras folgadas de um suéter de mangas longas. A cara fresca e jovem escondia-se por trás da gordura e das espinhas, o cabelo louro não passava de um castanho banal e sem brilho. O que restara eram os dentes brancos e os movimentos ligeiros de um pássaro, se bem que era um pássaro bem pesado. Não dava para ver a cor de seus olhos.

Viu como Catherine inspecionava o quintal, as enormes nádegas metidas em calças compridas desbotadas e os pés nus em chinelos. Escutou sua voz:

— Ah, vocês têm um porão — disse.

Viu que a expressão de Beth mudou obviamente e sentiu que os músculos da menina se retesaram.

— Sim, mas está vazio — apressou-se em responder Beth. — Ninguém mora lá.

Catherine pôs-se a rir...

— Assim espero — disse, olhando para a janela.

Ele se afastou rapidamente, mas, depois, compreendeu que era impossível ver o interior do porão por qualquer uma das janelas, por causa do reflexo da luz nos vidros.

Esteve a observá-las até que desapareceram pelo outro extremo do quintal. Divisou-as um momento quando passaram em frente à janela situada em cima da pilha de lenha.

Depois, desapareceram. Resmungando, desceu da pilha de caixas e voltou à cadeira.

Pôs uma das garrafas sobre o braço da cadeira e pegou o livro. Depois, sentado, serviu-se um pouco de café quente na tampa de plástico vermelho e permaneceu imóvel, com o livro aberto e abandonado sobre as pernas, enquanto bebia lentamente.

Gostaria de saber quantos anos tem, pensou.

DEU UM SALTO SOBRE a almofada da cadeira e arregalou os olhos.

Alguém abria a porta do porão.

Com um sobressalto, deslizou apressadamente até a borda, pronto para fugir, quando a maçaneta escorregou da mão da pessoa

e a porta voltou a se fechar. Pôs-se de pé e olhou para as escadas, apreensivo. A porta começou a abrir-se de novo; uma faixa de luz iluminou o chão e foi aumentando.

Com dois rápidos movimentos, Scott pegou a garrafa térmica de café e o livro e enfiou-se debaixo do depósito de combustível. No momento em que a porta se abria, passou por trás da grande caixa de papelão onde estavam os trapos. Abraçou-se ao livro e à garrafa térmica, sentindo-se nauseado.

Por que não deixara Lou trancar a porta? Sim, não gostara da ideia de ficar preso.

Mas o cárcere tinha a compensação de que ninguém poderia entrar lá.

Ouviu que desciam cuidadosamente as escadas -o ruído dos chinelos — e tentou prender a respiração. Quando a moça entrou, ele se encolheu nas sombras.

— Hum — disse a moça.

Ela deu alguns passos. Chutou a cadeira, como se a testasse. O que aquilo estava fazendo ali? Um lugar muito estranho para uma cadeira de jardim.

Ele engoliu em seco. E a mala com almofadas em cima? Bem, podia ser o lugar onde o gato dormia.

— Meu Deus, que bagunça! — disse a moça, enquanto seus passos ressoavam pelo concreto.

Houve um instante em que ele pôde ver as grossas panturrilhas da moça, quando ela se aproximou do aquecedor. Ouviu que suas unhas tamborilavam no metal esmaltado.

— O aquecedor — disse baixinho a jovem. — Certo.

A moça bocejou. Espreguiçou-se e concluiu o movimento com um grunhido profundo. A jovem prosseguiu sua inspeção. Cantarolava baixinho.

Oh, meu Deus, os sanduíches e a outra garrafa térmica, pensou ele. Maldita garota intrometida!

Catherine disse:

— Hum... Croque.

Depois de alguns minutos, acrescentou:

— Ah, já chega — e, voltando a subir as escadas, deixou a porta bater.

Se Beth estivesse tirando uma soneca, com certeza teria acordado com o barulho.

Enquanto Scott saía de debaixo do tanque de combustível, ouviu a porta dos fundos bater também, bem como os passos de Catherine no andar de cima. Levantou-se e voltou a colocar a garrafa térmica sobre o braço da cadeira. Agora, teria de permitir que Lou trancasse a porta.

Maldita garota idiota...

Começou a andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado.

Vaca intrometida! Não se podia confiar em nenhuma delas. Primeiro dia e já tinha que inspecionar a casa inteira. Provavelmente, revistaria as gavetas e os armários um por um.

O que pensaria ao ver roupas masculinas? Que mentira teria de lhe dizer Lou? Ou acaso já lhe teria dito alguma? Sabia que tinha dado a Catherine um nome falso. Como na casa não se recebia nada dos Correios, não havia perigo de que a jovem descobrisse a mentira.

O único perigo era de que Catherine tivesse lido os artigos do Globe-Post e visto as fotografias. Nesse caso, certamente já suspeitaria que ele se escondia no porão e teria vasculhado mais atentamente. Ou será que fizera isso?

Cerca de dez minutos depois, decidiu comer um sanduíche e, então, viu que a moça os tinha levado.

— Oh, meu Deus!

Desferiu um forte soco no braço da cadeira e quase desejou que ela o ouvisse para que descesse e ele pudesse repreender a estúpida curiosa. Afundou-se na cadeira e empurrou novamente o livro, que caiu estrondosamente no chão. Ao diabo com ele, pensou.

Bebeu todo o café e permaneceu imóvel, suando, com o olhar perdido.

Lá em cima, a moça não parava de andar de lá para cá. Gorda desleixada, xingou-a dentro de sua pequenina cabeça exausta.

— CLARO QUE SIM, vá em frente — disse ele. — Tranque-me.
— Oh, Scott, por favor — protestou ela. — Isso foi decisão sua.
Quer correr o risco de ela o encontrar?

Não respondeu.

— Ela pode descer outra vez se a porta não estiver trancada —
disse Lou.

— Não acredito que tenha estranhado o fato de encontrar alguns
sanduíches aqui ontem, mas se encontrá-los outra vez...

— Tchau — disse ele, virando-lhe as costas.

Lá do alto, ela o olhou por um momento. Depois, disse baixinho:

— Tchau, Scott.

E deu-lhe um beijo no alto da cabeça. Ele se afastou.

Enquanto ela subia as escadas, manteve-se no mesmo lugar,
golpeando ritmicamente o jornal dobrado contra a perna direita.
Todos os dias será a mesma coisa, pensou.

Sanduíches e café no porão, um beijinho de adeus na cabeça, a
saída, a porta sendo fechada e trancada.

Quando ela se foi, um grande terror o invadiu dos pés à cabeça e
esteve a ponto de gritar. Viu as pernas de Lou pela janela, mas
fechou subitamente os olhos, apertando os lábios para conter o grito
que teimava em querer sair de sua garganta. Oh, Deus, já era um
prisioneiro! Uma aberração que gente boa e decente trancava no
porão a fim de que o mundo não conhecesse o horrível segredo.

Após um momento de tensão começou a se tranquilizar, e seu
estado de ânimo se normalizou. Subiu na cadeira e acendeu um
cigarro, tomou café e folheou distraidamente o Globe-Post do dia
anterior que Lou havia comprado.

O artigo estava na página três.

Título: ONDE ESTÁ O INCRÍVEL HOMEM QUE ENCOLHEU?

Subtítulo: Sem notícias desde seu desaparecimento há três
meses.

Nova York: Faz três meses que Scott Carey, também conhecido
como "o incrível homem que encolheu", por causa da estranha

doença que o acomete, desapareceu sem deixar rastros. Desde então, não se tem notícias dele".

Qual o problema? Querem mais fotografias? , pensou.

"As autoridades do Centro Médico Presbiteriano de Columbia, onde Carey foi tratado, alegam que não podem se pronunciar a respeito de seu paradeiro."

Também não podem fazer a antitoxina , pensou. *Um dos melhores centros médicos do país, e aqui estou eu, desaparecendo pouco a pouco enquanto eles pesquisam sem sucesso.*

Esteve a ponto de atirar longe a garrafa térmica, mas depois se deu conta de que, com isso, não conseguiria outra coisa a não ser prejudicar a si mesmo. Apertou com força uma mão contra outra até que o sangue se retirou das pontas dos dedos e os pulsos começaram a doer. Depois, apoiou as mãos no braço da cadeira e contemplou melancolicamente a madeira laranja que tinha entre seus dedos separados. Que cor estúpida para uma espreguiçadeira de jardim, pensou. Que idiota deve ser o senhorio!

Desceu da cadeira e começou a andar. Tinha de fazer alguma coisa, além de ficar sentado olhando para o vazio. Não tinha vontade de ler. Percorreu inquietamente o porão com os olhos. Algo para fazer, algo para fazer...

Aproximou-se impulsivamente de uma vassoura que estava apoiada contra uma parede, pegou-a e começou a varrer. O chão estava muito sujo, tinha pó em toda parte, pedras e lascas de madeira. Recolheu tudo com rápidos e bruscos movimentos, fazendo uma pilha junto aos degraus e largando a vassoura ao lado da geladeira.

E agora?

Sentou-se e tomou outra xícara de café, dando nervosos pontapés na perna da cadeira.

Enquanto bebia, a porta dos fundos abriu e fechou e ele ouviu Beth e Catherine. Não se levantou, mas dirigiu o olhar para a janela e, após um momento, viu passar suas pernas nuas.

Não pôde evitar. Levantou-se, foi até a pilha de caixas e escalou-a.

Estavam junto à porta do porão, em trajes de banho: vermelho e peça única o de Beth, azul-claro de duas peças o de Catherine. Reparou no volume dos seios apertados contra o biquini.

— Ah... sua mãe trancou a porta — disse. — Por que ela fez isso, Beth?

— Acho que não sei — respondeu Beth.

— Pensei que podíamos jogar croque — disse Catherine.

Beth encolheu os ombros com indiferença.

— Não sei — respondeu.

— A chave está em casa? — perguntou Catherine.

Beth deu de ombros novamente:

— Não sei.

— Ah! — respondeu Catherine. — Bem, vamos jogar bola, então.

Scott agachou-se sobre as caixas e, dali, ficou observando Catherine apanhar a bola vermelha e lançá-la de volta para Beth. Passaram-se cinco minutos até que se deu conta de que seu corpo estava rígido e tenso, apenas esperando que Catherine deixasse cair a bola e fosse obrigada a se inclinar para apanhá-la.

Ao perceber isso, desceu das caixas perturbado e voltou à cadeira.

Sentou-se com a respiração entrecortada, tentando não pensar naquilo.

Que diabos estava acontecendo com ele? A moça devia ter quatorze anos, talvez quinze. Era baixa e gorda e, mesmo assim, olhara para ela com avidez.

Acaso é minha culpa?, irritou-se subitamente, deixando-se dominar pela raiva. *O que devo fazer? Tornar-me um monge?*

Observou que sua mão tremia ao se servir de água, que se derramou pelas bordas do copo de plástico vermelho e escorreu por seu pulso. Aquilo produziu nele a mesma sensação de ter um pedaço de gelo descendo por sua garganta ardente.

Que idade ela teria, de fato?

Um calafrio percorreu-lhe as costas enquanto continuava mastigando.

Através da janela empoeirada, contemplou Catherine, que estava estendida de bruços, lendo uma revista. Via-a de lado, esticada

sobre uma esteira, com o queixo apoiado numa mão, virando lentamente as páginas com a outra.

Tinha a garganta seca, mas não se deu conta. Nem mesmo quando precisou pigarrear.

Comprimia seus minúsculos dedos contra a áspera superfície da parede.

Não, ela não podia ter menos de dezoito anos, comentou consigo mesmo.

Seu corpo já estava muito desenvolvido. Fixava-se no volume de seus seios naquela posição e na largura de seus quadris. Talvez não tivesse mais de quinze, mas, nesse caso, eram quinze anos terrivelmente precoces.

Suas narinas inflaram-se de raiva e ele estremeceu. Que raio de diferença fazia aquilo?

Não significava nada para ele. Respirou fundo e se preparava para descer, mas, bem naquele momento, Catherine dobrou o joelho direito e balançou a perna no ar com indolência.

Seus olhos passearam interminavelmente pelo corpo de Catherine.

Por uma perna até a colina de suas nádegas, por suas costas e por seus brancos ombros, baixando até os seios comprimidos contra o chão, passando pela barriga e voltando novamente às pernas.

Fechou os olhos. Desceu ao chão, rígido, e voltou à cadeira. Largou-se nela, passou um dedo pela testa e o tirou de lá pingando de suor. Deixou a cabeça cair contra o encosto de madeira.

Levantou-se e voltou para perto das caixas. Escalou-as sem pensar em nada. Sim, é isso, mais uma espiadela no quintal, debochou sua mente.

A princípio, pensou que a moça havia entrado na casa. Um gemido delator ameaçou sair de sua garganta. Então, viu que ela estava ao lado da porta do porão, com os lábios apertados e os olhos fincados na fechadura.

Engoliu em seco. Será que ela sabe?, perguntou-se. Durante um instante de loucura sentiu a tentação de correr para a porta e gritar: Desça, desça aqui, menina bonita!

Seus lábios tremiam ao reprimir o desejo.

A moça passou pela janela. Ele a comeu com os olhos, como se fosse a última coisa que veria. Depois, ela desapareceu e ele se sentou em cima das caixas, de costas para a parede. Olhou seus tornozelos e viu que a largura deles era similar à de um cassete de um guarda. Ouviu uma porta que se fechava e os passos da moça no andar superior.

Sentiu-se esgotado. Pareceu-lhe que, se relaxasse um pouco mais, morreria pelas caixas como calda sobre uma taça de sorvete.

Não saberia dizer quanto tempo permaneceu assim, quando ouviu a porta dos fundos se abrir e se fechar com estrondo. Sobressaltou-se e voltou a se levantar.

Catherine passou pela janela, com um molho de chaves chacoalhando na ponta dos dedos. Ficou sem fôlego. A garota havia revirado as gavetas do escritório até encontrar as chaves sobressalentes!

Desceu da pilha de caixas num salto e reprimiu uma exclamação de dor quando caiu sobre o tornozelo direito. Apanhou o saco com os sanduíches e meteu nele as garrafas térmicas. Atirou a caixa de bolachas meio cheia em cima da geladeira.

Inspicionou rapidamente o cenário. O jornal! Correu para ele e o pegou, justo quando a moça começava a experimentar as chaves na fechadura.

Pôs o jornal dobrado na prateleira da mesa de vime, pegou o livro e o saco e correu para o escuro espaço onde ficavam o reservatório e a bomba-d'água. Já tinha decidido com antecedência que, se Catherine descesse outra vez, era ali que se esconderia.

Saltou sobre o degrau para o úmido piso de concreto. Na porta, a fechadura cedeu e ouviu-se um rangido. Ele se introduziu apressadamente no labirinto de canos e se esgueirou por trás das paredes altas e frias do reservatório. Deixou o livro e o saco no chão e ficou ali parado, ofegante, enquanto a porta se abria e Catherine entrava no porão.

— Fechar o porão com chave... — ouviu-a comentar, com um tom depreciativo. — Como se achasse que eu fosse roubar algo!

Ele franziu os lábios e apertou os dentes num silencioso rosnado. *Vaca estúpida!*, pensou.

— Hum — disse Catherine.

Andava de um lado para o outro de maneira ruidosa. Voltou a dar um pontapé na cadeira. Deu outro pontapé na estufa, ressoou com um som desagradável. Deixe quietos esses malditos pés!, explodiu seu cérebro.

— Croque — disse ela. Ouviu um dos tacos ser puxado do suporte. —, Humm — repetiu a jovem, um pouco mais divertida. — Cuidado! — o taco caiu pesadamente sobre o concreto.

Scott avançou cautelosamente para a direita. Roçou a áspera parede de concreto com a camisa e se imobilizou bruscamente. A moça não o escutou.

— Certo — dizia. — Aros, tacos, bolas e estacas. Esplêndido! Ele a observou detidamente.

A moça estava inclinada sobre as peças de croque. Tinha afrouxado as alças da parte superior do biquini enquanto tomava sol, e agora que estava agachada tinha os seios quase à mostra. Mesmo naquela luz fraca, ele via a clara linha que demarcava a pele bronzeada e a pele branca como o leite.

Não!, suplicava-lhe a voz da razão. *Não, recue. Ela vai ver você.*

Catherine agachou-se um pouco mais para pegar uma bola e o top acabou caindo.

— Opa! — exclamou ela, colocando as coisas em ordem.

Scott deixou cair a cabeça para trás até apoiá-la na parede. Estava frio e úmido ali, mas sentia as faces afogueadas.

Quando Catherine foi embora e fechou a porta atrás de si, Scott saiu de seu esconderijo. Deixou o saco e o livro sobre a cadeira e permaneceu imóvel junto a ela, com a sensação de ter todos os músculos e articulações de seu corpo inchados e quentes.

— Não posso — murmurou, balançando a cabeça lentamente. — Não posso. Não posso.

Não sabia com exatidão a que se referia, mas sabia que era algo importante.

— QUANTOS ANOS TEM essa moça? — perguntou naquela noite, sem ao menos levantar os olhos do livro, como se a pergunta lhe

tivesse ocorrido naquele momento e não tivesse importância alguma para ele.

— Acho que tem dezesseis — respondeu Lou.

— Ah, sim — disse ele, como se já tivesse esquecido a razão que o levou a perguntar.

Dezesseis anos. "Uma idade de grandes possibilidades." Onde tinha ouvido aquela frase?

Eliminou a ideia e sentou-se em cima das caixas, como um anão bem-proporcionado, vestido com um macacão de veludo cotelê, fitando com olhar perdido os pingos de chuva se arrebentarem contra o solo, respingando gotículas de lama nas vidraças. Seu rosto era a máscara da derrota.

Não devia estar chovendo, pensou. Oh, não devia estar chovendo.

Soluçou. Depois, com um suspiro de resignação, desceu das caixas e dirigiu-se com passo vacilante até a cadeira. Oh, querida cadeira laranja!, saudou a cadeira. Sentou-se nela e — opa! — conseguiu segurar a garrafa de uísque que quase caiu do braço da cadeira. Oh, querida garrafa de birita! 'Riu tolamente.

O porão girava diante de seus olhos. Inclinou a garrafa e deixou que o uísque deslizasse por sua garganta, queimando-lhe o estômago. Seus olhos se encheram d'água. *Estou bebendo Catherine!,* gritou em sua mente. *Tenho-a aqui destilada, tudo está sintetizado aqui nesta bebida que estou tomando: suas nádegas, seus peitos, sua barriga e seus dezesseis anos.*

Então... Sua garganta moveu-se convulsivamente, enquanto o uísque descia por ela.

Beba, beba! A bebida será amarga no estômago, mas em sua boca será doce como mel.

Estou bêbado, e bêbado pretendo permanecer, pensou. Perguntou-se por que aquilo não lhe ocorrera antes. Aquela garrafa, que tinha entre as mãos naquele instante, ficara três meses no armário e, antes disso, dois meses no antigo apartamento. Cinco meses de abandono. Acariciou a garrafa de vidro marrom; beijou-a com fervor. *Beijo-a; estou beijando Catherine. Estou beijando a destilação de seus cálidos e doces lábios.*

É simples, pensou, é porque ela é muito menor que Lou, por isso, me sinto assim.

Suspirou. Apoiou a garrafa vazia sobre as pernas. Catherine acabou. *À saúde de Catherine. Doce menina que agora navega por minhas veias, convertida numa poção atordoante.*

Levantou-se subitamente e lançou a garrafa contra a parede, com toda a força que tinha. A garrafa explodiu e centenas de fragmentos de vidro caíram ao solo. *Adeus, Catherine.*

Fincou a vista na janela. Por que tem que chover?, pensou. Por quê? Por que não fazia sol para que a bela moça se deitasse no quintal, metida em seu biquini, e ele pudesse contemplá-la em segredo, com cobiça doentia?

Não, tinha de chover; estava escrito nas estrelas.

Sentou-se na beirada da cadeira e balançou as pernas. No andar superior, não se ouviam passos. *Que estaria fazendo? Que estaria fazendo a bela moça? Bela, não.*

Feia. Que estaria fazendo a feia moça? Ah, que importância tinha se era bela ou feia?

Que estaria fazendo a moça?

Contemplou seus pés que se balançavam no ar. Deu um chute no vazio. *Tome essa, ar!*

E mais essa!

Soltou um gemido. Pôs-se de pé e deu alguns passos. Contemplou a chuva e as janelas salpicadas de lama. *Que horas seriam? Certamente, não passava da uma.*

Não resistiria muito tempo mais.

Subiu as escadas e empurrou a porta. Naturalmente estava fechada com chave e Louise levava todas elas.

— Despeça-a! — gritara ele aquela manhã. -É desonesta!

E Lou respondera:

— Não podemos, Scott. Não podemos. Levarei as chaves e tudo estará em ordem.

Apoiou as costas na porta e a empurrou com força. Machucou as costas.

Soltou uma exclamação de ira e golpeou a cabeça na porta. Caiu no degrau, com o cérebro embotado.

Começou a murmurar e apertou a cabeça com as mãos. Sabia por que desejava que a moça fosse despedida. Ele não aguentava olhar para ela, e isso não era coisa que conseguisse explicar para Lou. O máximo que ela poderia era lhe fazer outra insultante oferta. Ele não aceitaria tal coisa.

Endireitou-se, sorrindo nas sombras. *Bem, enganei-a*, pensou. *Enganei-a; trouxe escondido para cá uma garrafa de uísque, e ela nunca saberá disso.*

Manteve-se um momento naquela posição, respirando entrecortadamente, enquanto pensava em Catherine inclinada sobre o jogo de croque e com o top caído.

Levantou-se bruscamente, batendo a cabeça novamente. Desceu os degraus em dois saltos, ignorando a dor que sentia. *E voltarei a enganá-la!*

Conseguiu sentir-se plenamente justificado enquanto escalava, meio zozzo, a pilha de caixas. Com meio sorriso de ironia nos lábios, destrancou a janela ao mesmo tempo que empurrava a estrutura para fora. A janela não cedeu. Seu rosto ficou vermelho com o esforço. *Abra, maldita!*

— Filha da...

A janela abriu-se repentinamente e ele saltou o parapeito. A janela voltou com força e chocou-se contra a sua cabeça. Ao inferno com tudo!

Tinha os dentes cerrados.

— Agora — disse ao mundo, atordoado. — Agora veremos.

A chuva caía sobre ele, que não fazia nada para combater o vicioso calor que ardia em seu interior.

Levantou-se e sentiu um calafrio. Seus olhos miraram a janela da sala de jantar e a chuva salpicava-lhe os olhos e escorria por sua cara, molhando-lhe as bochechas. *E*

agora?, pensou. O ar gelado e a chuva começavam a esfriar seus impulsos.

Deliberadamente, deu a volta na casa sem se afastar da base de tijolos até que chegou à varanda. Então, correu para os degraus e subiu-os. *O que você está fazendo?*, perguntou-se. Não sabia. Não era a sua mente que comandava o passeio.

Pôs-se nas pontas dos pés e olhou cautelosamente para o interior da sala de jantar. Ali não havia ninguém. Escutou, mas não ouviu nada. A porra que conduzia ao quarto de Beth estava fechada; devia estar dormindo.

Desviou a vista até a porta do banheiro. Estava fechada.

Voltou a se apoiar sobre os calcanhares e soltou um suspiro. Lambeu as gotas de chuva nos lábios. *E agora?*, voltou a se perguntar.

Dentro da casa, a porta do banheiro se abriu.

Com um sobressalto, Scott afastou-se da janela ao ouvir uns passos abafados na cozinha, que não demoraram a se desvanecer. Achou que a moça podia ter ido para a sala de estar e aproximou-se novamente do canto da janela, erguendo-se sobre as pontas dos pés.

Conteve a respiração. Ela estava junto à janela olhando o quintal, nua, segurava diante de si uma toalha de banho amarela.

Deixou de sentir sobre ele o açoite da chuva, e a intrincada rede de linhas que traçava sobre seu rosto. Com a boca aberta, baixou lentamente a vista pela suave concavidade das costas dela e pelas depressões de sua coluna vertebral, consistente numa fina sombra que continuava baixando, até se perder entre as meias-luas de suas brancas nádegas.

Não podia afastar os olhos dela. Suas mãos tremiam. Ela se moveu e pôde ver sobre suas costas o brilho das gotas de água, que oscilavam com minúsculas bolhas de gelatina. Inspirou profundamente o ar úmido.

Catherine deixou cair a toalha.

Ela pôs as mãos por trás da cabeça e inspirou profundamente. Scott conseguia ver o seio esquerdo, que se mantinha rigidamente erguido, mamilo escuro empinado como uma ponta de lança. A moça separou o braços e se espreguiçou.

Quando ela se virou, ele ainda estava na mesma posição. Recuou com pressa, mas a moça não chegou a vê-lo porque o topo de sua cabeça não alcançava o parapeito da janela. Viu-a agachar-se para recolher a toalha com os seios pendurados, brancos e pesados. Depois, ela ergueu-se e saiu do quarto.

Scott caiu sobre seus calcanhares e foi forçado a se agarrar ao corrimão, porque as pernas, de repente, recusaram-se a apoiá-lo. Ele permaneceu ali, tremendo na chuva, com um brilho selvagem nos olhos.

Após um minuto, desceu os degraus aos trancos e dirigiu-se novamente para a janela do porão. Introduziu-se por ela e a fechou por dentro.

Seus dentes batiam e ele tremia convulsivamente.

Mais tarde, tirou a roupa e pendurou-a na estufa para que secasse.

Postou-se próximo ao depósito de combustível, com seus sapatinhos de bebê e um suéter ao redor dos ombros, olhando para a janela. E, finalmente, quando já não podia resistir à pressão, à quietude ou aos pensamentos um segundo mais, começou a chutar a caixa de papelão. Não parou até que a perna doeu e um dos lados da caixa se rasgou quase até o chão.

— MAS COMO PÔDE se resfriar? — perguntou Lou, com uma voz que denotava uma ponta de exasperação.

Ele respondeu com uma voz anasalada e grave:

— O que você esperava, se passo os dias nesse maldito porão?

— Sinto muito, querido, mas... bem, quer que amanhã eu fique em casa para que você possa passar o dia inteiro na cama?

— Não se preocupe — disse ele.

Ela não comentou que tinha dado pela falta da garrafa de uísque, que guardavam no armário da cozinha.

Se Lou pudesse fechar também as janelas, não teria havido problema algum. Mas, o fato de saber que podia sair sempre que quisesse, o fato de saber que podia continuar espiando Catherine, piorava consideravelmente a situação.

O tempo custava a passar no porão. As vezes, conseguia concentrar-se uma ou duas horas em um livro, mas, ultimamente, a visão de Catherine o assaltava constantemente e ficava impossível retomar a leitura.

Se Catherine tivesse saído para o quintal com mais com frequência, não teria havido problema algum. Nesse caso, pelo menos, podia olhá-la através da janela. Mas os dias ficavam mais frios à medida que setembro avançava e Catherine e Beth permaneciam a maior parte do dia no interior da casa.

Scott passara a levar um pequeno relógio para o porão. Disse a Lou que desejava saber as horas, mas, na realidade, queria saber quando Beth tirava sua soneca. Então, saía e espiava Catherine pela janela.

Certos dias, ficava estendida no sofá lendo uma revista e, então, ele não obtinha nenhuma satisfação. Mas, em outros, passava roupa e, por alguma razão, sempre tirava parte de sua roupa. Outras vezes, tomava uma ducha e, depois, permanecia nua junto à janela dos fundos. E, numa ocasião, estendeu-se nua no quarto, embaixo da lâmpada de bronzamento portátil de Lou. Isso aconteceu numa tarde nublada, em que não baixou totalmente as persianas. Ele ficou parado do lado de fora durante trinta minutos e sequer se moveu.

Os dias passavam. A leitura havia sido quase totalmente esquecida.

A vida tinha se convertido numa interminável e mórbida aventura. Quase todas as tardes, às duas em ponto, depois de ter esperado uma ou duas horas cheio de ansiedade, saía para o quintal e dava a volta na casa furtivamente, espiando por sobre o parapeito de todas as janelas à procura de Catherine.

Se ela estivesse parcial ou completamente nua, considerava o dia um sucesso. Se, como sucedia na maior parte dos dias, estivesse vestida e ocupada com algum afazer tedioso, voltava para o porão para resmungar durante o resto da tarde e discutir com Louise durante toda a noite.

No entanto, qualquer coisa que acontecesse, mantinha-se acordado à noite, esperando a chegada da manhã; odiando-se e desprezando-se por ser tão impaciente, mas sem conseguir dominar sua impaciência. Seus sonhos sempre giravam em torno da figura de Catherine. Sonhos em que ela se tornava progressivamente mais atraente. E, no fim, Scott deixou até de zombar dos sonhos.

Pela manhã, tomava o desjejum apressadamente e descia ao porão para a longa espera até as duas da tarde, momento em que, com o coração saltando no peito, saía novamente pela janela para espiar.

Tudo isso acabou de forma surpreendentemente brusca.

Ele estava na varanda. Na cozinha, Catherine passava roupa usando um roupão de Lou aberto e sem nada por baixo.

Scott trocou o peso dos pés, escorregou e caiu ruidosamente sobre as tábuas de madeira.

Lá dentro, Catherine perguntou:

— Quem está aí?

Com um grande sobressalto, ele desceu o degrau e contornou a casa em disparada, olhando apavorado por cima do ombro. Então, viu a estupefata Catherine junto à janela da cozinha observando sua figura infantil.

Durante toda a tarde, permaneceu atrás do reservatório de água, tremendo, incapaz de sair porque, ainda que ela não o tivesse visto entrar no porão, estava seguro de que tentava vê-lo pela janela. E se amaldiçoou e se sentiu miserável ao pensar no que Lou iria dizer, e em como o olharia quando soubesse.

PERMANECEU IMÓVEL SOB a tampa da caixa, escutando o característico avanço da aranha sobre o papelão.

Umedeceu os lábios com a língua e pensou na piscina de água fria que tinha na mangueira. Tateou ao seu redor até que encontrou um fragmento de bolacha molhada.

Em seguida, percebeu que tinha muita sede para conseguir comer e retirou a mão.

Por alguma razão, o som da aranha não o preocupou muito. Tinha a sensação de que estava além de tudo, na superfície das emoções, esgotado e tranquilo. Nem mesmo as lembranças podiam feri-lo. Sim, sequer as lembranças daquele mês em que descobriram a antitoxina e a aplicaram nele três vezes, sem resultados.

Todas as queixas passadas haviam sido apagadas pela doença e pelo esgotamento presentes.

— Esperarei — disse a si mesmo — até que a aranha tenha ido embora e, então, caminharei pela escuridão fria e pularei no precipício e será o fim de tudo. Sim, é o que farei. Esperarei até que a aranha vá embora, pularei no precipício e será o fim de tudo.

Dormiu pesadamente. E, em seu sonho, ele e Lou estavam passeando sob a chuva. E ele dizia:

— Lou, ontem à noite tive um sonho horrível. Sonhei que era tão pequeno como um alfinete.

E ela, sorrindo, dava-lhe um beijo na bochecha e dizia:

— Ora, vamos, não acha que foi um sonho muito tolo?

CAPÍTULO 12

Um trovão o acordou. Seus dedos se crispavam bruscamente e seus olhos se arregalaram. Um instante de total suspensão da consciência, sob impacto daquele repentino despertar. Seus olhos olhavam sem ver, seu rosto era uma máscara pálida e tensa, e a boca um traço oculto pela barba.

Então, lembrou-se. As cicatrizes da preocupação e da derrota sulcaram novamente sua testa, seus olhos, sua boca. Deixou de ver ao fechar ? pálpebras e estendeu as mãos.

Só o débil murmúrio de sua garganta revelava dor que o estrépito lhe ocasionava.

Depois de cinco minutos, a estufa desligou e o porão mergulhou num pesado silêncio.

Com um grunhido, sentou-se lentamente na esponja. Sua dor de cabeça tinha desaparecido quase por completo. Só quando fazia alguma careta, voltava a senti-la. A garganta continuava doendo, tinha o corpo coalhado de dores e pontadas, mas, pelo menos, a dor de cabeça havia desaparecido. Tocou a testa, a febre cedera um pouco.

Pensou que tudo aquilo se devia às propriedades curativas do sono.

Estremeceu ligeiramente e passou a língua pelos lábios ressecados. Por que adormeci?, perguntou-se. O que o havia drogado quando acabava de decidir que poria fim à vida?

Arrastou-se pela esponja e, agarrando-se à borda, saltou para o chão. Uma aguda dor subiu-lhe pelas pernas. Se ao menos pudesse achar que se sono havia tido um propósito concreto! Se pudesse achar que tinha sido obra de uma vigilante benevolência! Mas não podia. O mais provável é que sua covardia o impulsionara a dormir, em vez de se atirar no precipício. Apesar de querer fazer isso, não

lhe era possível qualificar o fato como "vontade de viver". Já não tinha vontade de viver.

Simplesmente não tinha vontade de morrer.

A princípio, não pôde levantar a tampa de papelão, pois se tornara muito pesada para ele. Isso o fez perceber que teria gostado de verificar na régua. Naquela noite, havia encolhido outra fração e agora só media sete milímetros.

A borda da tampa caiu sobre um lado de seu corpo, quando tentava sair. Teve de se agachar e levantá-la com as mãos. Uma vez livre, sentou-se no concreto frio para que o atordoamento passasse por completo. Seu estômago era um balão de gás.

Não se mediu; teria sido absurdo. Começou a andar sem olhar para os lados. Dirigiu-se à mangueira com passos vacilantes. Por que havia dormido? Por nenhuma razão especial. Fazia frio. Uma luz cinzenta e triste penetrava pelas janelas. 14 de março. Um novo dia.

Depois de uma caminhada de oitocentos metros, escalou a anilha metálica da mangueira e adentrou o escuro túnel, escutando o eco de suas sandálias. Estavam agora muito folgadas para os seus pés, e a túnica se arrastava pesadamente pelo piso de borracha.

Dez minutos de caminhada pelo tortuoso e escuro labirinto o levaram até a água.

Agachou-se e começou a beber. Sua garganta doía ao engolir, mas estava bem contente por dispor de água para que isso lhe importasse.

Enquanto bebia, viu-se segurando uma mangueira muito parecida com aquela, puxando-a pelo jardim, conectando-a à torneira e regando a grama com um reluzente jorro de água. Agora, estava agachado dentro de uma mangueira semelhante, seu tamanho era inferior a um quinto de seu diâmetro e bebia com uma mão que não era maior que um grão de sal.

A visão se desvaneceu. Seu tamanho agora era natural, era sua realidade. Já não lhe causava assombro.

Quando terminou de beber, dirigiu-se para a boca da mangueira, sacudindo os pés para eliminar a água de suas sandálias. Março continuava seu curso, pensou, seu curso para nada. 14 de março. Ao

fim de uma semana, o primeiro dia da primavera romperia sobre a ilha.

Jamais o veria.

Uma vez no exterior da mangueira, regressou à caixa de papelão e deteve-se junto a ela, apoiando a palma de uma mão na superfície. Passeou a vista pelo porão. E então?, pensou. O que fazer agora? Introduzir-se sob a tampa e voltar a mergulhar no sono de rendição? Mordeu nervosamente o lábio inferior enquanto contemplava o precipício que conduzia ao território da aranha.

A ser evitado.

Deu uma volta em torno do bloco de concreto, com a esperança de encontrar alguma migalha de bolacha. Encontrou uma muito suja, raspou-lhe a superfície e continuou andando, mastigando pensativamente. Bem, o que iria fazer? Voltar para a cama ou...

Parou e ficou imóvel. Uma luz brilhou em seus olhos. Um sorriso abriu-se em seus lábios

Muito bem. Tinha um cérebro. Iria usá-lo. Afinal de contas, aquele não era seu universo? Não podia determinar seus valores e significados? Acaso não pertencia a ele a lógica daquela vida no porão, a ele, que vivia naquele porão sozinho?

De acordo. Tinha planejado suicidar-se, mas alguma coisa o impedira. Podia explicar sua atitude de muitas formas: medo, desejo inconsciente de sobreviver, ação de uma inteligência exterior que o protegeu. Mas, fosse o que fosse, ocorrera daquela maneira.

Continuava vivo, sua existência não havia sido interrompida. Ainda lhe era possível atuar positivamente; as decisões continuavam sendo suas.

— Muito bem — murmurou.

Estando vivo, podia fazer muitas coisas.

Foi como o desaparecimento da neblina em seu cérebro, como o embate de um vento gelado sobre um deserto ressecado de intenções. A consciência disso fez — absurdamente, talvez? — com que lançasse os ombros para trás, fez com que se movesse com mais segurança e ignorasse as dores em seu corpo. E como se fosse uma instantânea recompensa, encontrou um grande fragmento de

bolacha atrás do bloco de concreto. Limpou-o e comeu-o. Tinha um sabor horrível, mas não se importou; era comida.

Continuou passeando de um lado para o outro. O que significava sua decisão? Na realidade, já sabia, mas tinha medo de se aprofundar nisso. Em vez de fazê-lo, deslizou para a gigantesca caixa de papelão que havia embaixo do depósito de combustível, sabendo o que devia ser feito; sabendo que ou fazia ou pereceria.

Parou em frente à enorme massa da caixa. Em certa ocasião, ele mesmo a tinha rompido em um canto, a pontapés. Naquele momento, fora um ato de raiva, uma frustração convertida em autêntica fúria. Era estranho que um antigo acesso de raiva simplificasse as coisas para ele agora! Aquilo, de fato, salvara a sua vida mais de uma vez.

Acaso não obtivera dois dedais daquela caixa, um que pusera debaixo do reservatório de água e outro que pusera debaixo do furo do aquecedor?

Não obtivera o tecido para sua túnica daquela caixa? Não fora nela, também, que conseguira a linha que possibilitou que escalasse a mesa de vime para pegar as bolachas? E, finalmente, não havia ele afugentado a aranha dali, descobrindo com assombro que podia lutar eficazmente contra aquele monstro de sete patas?

Sim, tudo isso era verdade. E tinha sido possível porque, num dia já muito longínquo, deixara-se invadir por um desejo terrível, abrindo com um pontapé um canto da caixa de papelão.

Vacilou um momento, pensando se deveria procurar o alfinete que antes havia tirado da caixa e perdido. Então, concluiu que provavelmente não conseguiria encontrá-lo e que, se o fizesse, seria um desperdício não só de seu tempo, como de sua preciosa energia.

Entrou pelo rasgo da caixa com dificuldade. Aquela dificuldade fez com que pensasse nos esforços que teria de fazer para escalar o precipício, para não falar no combate em si...

Não. Não ia pensar nisso. Se havia algo que pudesse detê-lo, eram os pensamentos sobre a aranha. Eliminou-os rapidamente, relegando-os ao outro lado da barreira da consciência.

Deslizou pela pilha de trapos até que chegou à borda, caindo dentro da caixa de costura. Por um momento, sentiu-se invadido

pelo pânico ao pensar que talvez não conseguisse sair da caixa. Então, lembrou-se almofadinha de borracha em que estavam espetados os alfinetes e as agulhas. Poderia empurrá-la até a borda da caixa e subir.

Encontrou uma agulha no fundo da caixa e recolheu-a.

— Meu Deus — murmurou.

Era como um arpão feito de chumbo. Deixou-a cair, produzindo um ensurdecido estrépito. Permaneceu um momento imóvel, com o rosto sulcado por rugas de inquietude. Talvez já devesse dar-se por vencido. Nunca leria condições de levar aquela agulha até o precipício.

É muito fácil, disse-lhe sua mente, leve um alfinete.

Fechou os olhos e esboçou um sorriso. Sim, sim, pensou. Procurou nas sombras, mas não encontrou um alfinete solto. Teria de arrancar um da almofadinha de borracha.

Em primeiro lugar, era preciso virá-la. Tinha quatro vezes a altura dele. Cerrando os dentes, empurrou-a com todas suas forças até que ela se virou. Então, rodeou-a e arrancou um alfinete, que soposou em suas mãos.

Item melhor. Ainda pesado, mas era manejável.

No entanto, como iria levá-lo? Não podia fincá-lo na túnica, pois não ficaria estável, chocaria-se com todas as superfícies, dificultaria sua escalada e poderia até machucá-lo. Faria uma alça de linha para amarrá-lo e levá-lo às costas. Olhou em torno à procura da linha. Seria absurdo tentar recuperar aquele pedaço de linha que havia arremessado na boca do gato, provavelmente, estava perdido.

Cortou um pequeno pedaço de linha, para ele grosso como uma corda, esfregando nela a afiada ponta do alfinete até que as fibras estivessem frágeis o bastante para que fosse capaz de rompê-las. Ofegante naquela caverna escura, ele atou uma das extremidades da linha ao redor da cabeça do alfinete e, depois, prendeu à outra ponta.

O segundo nó deslizou um pouco, mas resistiria, sem dúvida. Com um grunhido, colocou o alfinete nas costas e apoiou-se nas pontas dos pés para testar o peso. Sem problema.

E agora? Isso era tudo que precisava? Permaneceu indeciso, com a testa franzida, mas não devido à preocupação. Não se dera conta disso, mas o fato de calcular as coisas positivamente proporcionava-lhe uma agradável sensação. Talvez fosse verdade a teoria de que a verdadeira satisfação se baseava na luta. Aquele momento era realmente a antítese das apáticas horas da noite anterior. Agora, trabalhava para atingir uma meta. Ainda que aquilo pudesse ser uma emoção autoinduzida, conferia-lhe o primeiro prazer autêntico que experimentara em um longo tempo.

Certo. Então, do que mais precisava? A subida era muito difícil para ser realizada sem ajuda. Ele era minúsculo e precisava de instrumentos. Pois bem, já que se tratava de um precipício, aquilo o transformava em um alpinista. O que utilizam os alpinistas?

Sapatos especiais? Isso não podia obter. Picaretas? Isso também não. Ganchos?

Também não...

Sim, claro que podia! E se pegasse outro alfinete e conseguisse dobrá-lo até que formasse uma curva? Assim, poderia amarrá-lo a uma linha muito longa, poderia lançá-lo nos vãos das cadeiras, prendê-lo nelas e subir pela linha. Constituiria um equipamento perfeito.

Muito excitado, arrancou outro alfinete da almofadinha de borracha e, em seguida, desenrolou o que corresponderia a cento e cinquenta metros de linha, segundo suas próprias proporções. Atirou a linha e os alfinetes para fora da caixa, saiu ele próprio com o auxílio da almofadinha, arrastou suas ferramentas colina acima e atirou-as ao chão.

Deslizou para fora da caixa de papelão e deixou-se cair. Depois, dirigiu-se para o bloco de concreto, arrastando os alfinetes e a linha atrás de si.

E agora?, pensou. Se pudesse levar comigo um pouco de comida e água...

Deteve-se olhando para a tampa da caixa. De repente, lembrou-se de que ainda tinha alguns pedaços de bolacha sobre a esponja! Podia guardá-los de algum modo na túnica e levá-los consigo.

E a água? Seu rosto tinha uma expressão concentrada que beirava o júbilo. A mesma esponja! Por que não podia rasgar um pequeno fragmento, ensopá-lo na água da mangueira e levá-lo em sua excursão? Claro que gotejaria, mas grande parte da água permaneceria retida na esponja, o suficiente para suas necessidades.

Não se permitiu fazer reflexões a respeito da aranha. Não se permitiu fazer reflexões a respeito do fato de que só lhe restavam dois dias, apesar de tudo que fizesse. Estava demasiado absorto nos pequenos triunfos de detalhes conquistados e no grande triunfo de desespero conquistado, para se deixar abater novamente por tristes conclusões.

Por conseguinte, tudo estava arranjado. Levava o alfinete cruzado sobre as costas, as migalhas de bolacha e a esponja empapada de água na túnica, bem como o alfinete entortado que serviria de gancho para escalar.

Em meia hora, aprontou-se. Ainda que estivesse cansado devido ao tremendo esforço requerido para dobrar o alfinete (consequira fazê-lo empurrando sua ponta sob o bloco de concreto e erguendo-lhe a cabeça), cortar e arrancar um fragmento de esponja, ir procurar a água e as bolachas e levar tudo para a base do precipício, encontrava-se satisfeito demais para se preocupar. Estava vivo, tinha diante de si um objetivo. O suicídio tinha se convertido em algo distante e impossível. Estranhava até ter pensado seriamente nele.

Mas seu entusiasmo empalideceu e quase sumiu por completo, quando inclinou a cabeça para trás e alçou a vista para a parte superior das cadeiras, encostadas na parede no alto. Seria possível escalar aquilo tudo?

Baixou os olhos com raiva. *Não olhe*, ordenou a si mesmo. *Olhar todo o trajeto é uma estupidez. Divida-o em segmentos; é a única forma. O primeiro segmento: a estante.*

O segundo: o assento da primeira cadeira. O terceiro: o braço da segunda cadeira. O quarto...

Parou ali no fundo do precipício. *Não se preocupe com nenhuma outra coisa*, disse a si mesmo. Havia decidido subir até lá; era tudo o que importava.

Lembrou-se de outra vez em que tomou uma resolução. Não pôde evitar pensar nisso, enquanto lançava o gancho e começava a escalar.

46 cm

Era o brinquedo de um gigante; um brinquedo resplandecente, móvel e incrível. A roda-gigante, como uma enorme engrenagem branca e laranja, dava lentamente a volta no negro céu de outubro. As gaiolas do círculo da morte, iluminadas em vermelho, mais pareciam estrelas cadentes. O carrossel era uma brilhante caixa de música estridente que girava e girava, enquanto os vistosos cavalos de olhos arregalados subiam e desciam incessantemente, imóveis em sua posição de galope.

Minúsculos carros, trens e bondinhos elétricos, que lembravam graciosos besourinhos, davam intermináveis voltas em seus círculos fechados, abarrotados de crianças com o rosto afogueado que gritavam e agitavam as mãos. Os corredores eram preguiçosas correntes de pessoas que se amontoavam ao redor dos vendedores ambulantes, dos quiosques de comida e das barracas onde podiam atirar dardos contra balões de diversas cores ou bolas contra pinos de madeira em cuja parte superior se equilibravam bolas de beisebol, jogar moedas sobre mosaicos de quadrados coloridos. O ar pulsava com as vozes da multidão e os refletores riscavam o céu com vívidos raios de luz.

Quando chegaram, outro carro saía do estacionamento e Lou meteu o Ford na vaga livre, puxou o freio de mão e desligou o motor.

— Mamãe, posso andar no carrossel, posso?— perguntou Beth, empolgada.

— Sim, querida — respondeu Lou, distraidamente, olhando para onde Scott estava sentado, um anão encolhido no sombrio canto do banco traseiro, com as faces pálidas iluminadas pelo resplendor do parque de diversões e os lábios fortemente apertados.

— Você ficará no carro — disse com tom preocupado.

— E tenho escolha?

— É para o seu próprio bem — disse ela.

Essa era a frase que agora empregava continuamente, dita com enorme paciência, como se não lhe ocorresse coisa melhor para dizer.

— Claro — respondeu ele.

— Mamãe, vamos — disse Beth, com decidida ansiedade. — Não vamos chegar a tempo.

— Certo — Lou abriu a porta. — Tranque a porta do seu lado — disse Lou a Beth, e a menina obedeceu.

— Talvez seja melhor você se trancar — disse Lou.

Scott não respondeu. Batia lentamente seus sapatos de bebê contra o assento. Lou esboçou um sorriso.

— Não demoraremos — disse, fechando a porta.

Ele a ficou olhando enquanto introduzia a chave na fechadura; ouviu o ruído da tranca ao baixar. Lou e Beth atravessaram a rua, a menina puxando ansiosamente a mão da mãe, e entraram no parque.

Permaneceu imóvel durante um momento, perguntando-se por que razão tinha insistido tanto em acompanhá-las, apesar de saber que não poderia entrar com elas. A razão era evidente, mas não quis admitir. Havia gritado com Lou para ocultar a vergonha que sentia por tê-la obrigado a abandonar seu emprego na loja do lago; a vergonha que sentia ao ver que ela tinha de ficar em casa, porque não se atrevia a contratar outra babá; a vergonha que sentia porque ela teria de escrever aos pais e lhes pedir dinheiro.

Por isso se pusera a gritar e tinha feito questão de acompanhá-las.

Após alguns minutos, pôs-se de pé sobre o assento e aproximou-se da janela. Arrastou um travesseiro, subiu em sua superfície macia e apertou o nariz contra o vidro gelado.

Contemplou o parque com olhar duro e indiferente, à procura de Lou e Beth, mas tinham sido tragadas pela multidão em constante movimento.

Olhou um momento a roda-gigante e seus pequenos assentos balançando de um lado para o outro, os passageiros fortemente agarrados às barras de segurança. Desviou a vista para o círculo de morte, os braços horizontais de cujas extremidades pendiam gaiolas giravam como ponteiros descontrolados de um relógio. Contemplou o movimento ritmado do carrossel e ouviu o som abafado da música mecânica. Era outro mundo.

Certa vez, muito tempo antes, um garoto chamado Scott Carey havia tomado um assento em uma roda-gigante como aquela, paralisado por um delicioso terror e agarrado com toda força à barra protetora. Havia conduzido carros de brinquedo, girando o volante como se fosse um verdadeiro motorista. E, numa agonia deliciosa, havia girado loucamente no círculo da morte, sentindo o cachorro-quente, o algodão-doce, a pipoca, o refrigerante e o sorvete revirarem. Havia passeado pela colorida irrealidade de outro parque de diversões, vibrando de alegria com uma vida que era capaz de erguer da noite para o dia semelhantes maravilhas em terrenos baldios.

Por que devo ficar no carro?

Formulou a pergunta uns minutos depois, com beligerância, quase exigindo satisfações.

Que importava que as pessoas o vissem? Pensariam que era um menino perdido. E se soubessem quem era, que diferença isso faria?

Não ia ficar no carro, isso era tudo.

O único problema era que não conseguia abrir a porta. Já fora bastante difícil empurrar um dos assentos dianteiros para a frente e passar por cima dele. Mas girar a maçaneta era impossível. No entanto, tentou seguidamente, cada vez mais nervoso, até que deu um chute na porta e a empurrou com o ombro.

— Bem, ao inferno com isso... — murmurou e, seguindo um impulso repentino, baixou o vidro da janela.

Sentou-se na borda, balançando nervosamente as pernas. O vento gelado o fez estremecer. Seus sapatos golpeavam a porta. *Vou sair; não me importo*. Decidiu-se bruscamente, escorregou pela borda da janela e manteve-se suspenso sobre o solo.

Com extremo cuidado, baixou uma mão e agarrou a maçaneta exterior da porta. Após um instante, saltou.

— Oh! — seus dedos escorregaram no metal cromado e ele se estatelou no chão, batendo antes na lateral do carro.

Sentiu-se momentaneamente invadido pelo medo, ao dar-se conta de que não podia voltar a entrar; mas recompôs-se rapidamente. Louise voltaria logo. Contornou o carro, saltou a calçada inclinada e passou para a rua.

Recuou apressadamente ao ouvir o ruído de um automóvel. Este passou a mais de dois metros dele, mas o rugido do motor quase deixou surdo.

Até o barulho dos pneus sobre o pavimento pareceu-lhe excessivamente forte. Depois que o carro passou, atravessou a rua apressadamente, saltou para a calçada que lhe batia nos joelhos e começou a correr até uma área deserta atrás de uma tenda.

Caminhou ao longo da parede de lona escura sacudida pelo vento, escutando o burburinho da feira.

Um homem dobrou a esquina da tenda e foi em sua direção. Scott ficou imóvel e o homem passou sem notá-lo. Todo mundo fazia o mesmo. Ninguém olhava para baixo, pois não esperavam ver outra coisa além de cães ou gatos.

Quando o homem se afastou, Scott continuou a andar, abaixando-se para passar por baixo dos triângulos que as cordas formavam com o chão e a parede da tenda.

Parou diante de uma pálida faixa de luz, que se projetava por baixo da tenda. Olhou detidamente a lona, sentindo uma crescente excitação. Depois, ajoelhou-se, estendeu-se no solo, ergueu a barra da lona e espiou lá dentro.

O que viu foi a traseira de uma vaca de duas cabeças. O animal encontrava-se dentro de um cercado coberto de palha e rodeado por cordas, contemplando as pessoas com quatro reluzentes olhos. Era empalhada.

Abriu-se em seu rosto o primeiro sorriso que Scott conseguiu esboçar em mais de um mês. Se por acaso houvesse feito uma lista de todas as coisas que poderia esperar encontrar naquela tenda, uma vaca de duas cabeças morta seria um dos últimos itens.

Passeou a vista pela tenda. Não conseguia ver o que havia do outro lado do corredor, pois a aglomeração de pessoas o impedia. Ao seu lado, viu um cão de seis patas (duas delas atrofiadas), uma vaca cuja pele era semelhante à de um ser humano, uma cabra com três patas e quatro chifres, um cavalo cor-de-rosa e uma porca gorda que havia adotado uma galinha magra. Deu uma olhada no conjunto, sorrindo frouxamente. Um show de horrores, pensou.

E, então, o sorriso murchou. Naquele momento, ocorreu-lhe a notável exibição que ele mesmo renderia, posando, por exemplo, entre a porca de instintos maternos e a vaca morta de duas cabeças. Scott Carey, Homo reductus.

Voltou para a noite e pôs-se de pé, sacudindo automaticamente o macacão de veludo cotelê e a jaqueta. Devia ter ficado no carro; havia sido uma tolice sair dele.

No entanto, não voltou atrás; não pôde se decidir a voltar atrás. Chegou ao extremo da tenda e viu a multidão que caminhava, ouviu o ruído dos pinos de madeira ao serem atingidos por uma bola, as detonações dos rifles e as minúsculas explosões dos balões de gás que eram estourados. Ouviu o lamentoso som da música do carrossel.

Um homem saiu pela porta traseira de uma das barracas. Olhou Scott. Ele continuou andando e desapareceu rapidamente por trás da tenda seguinte.

— Ei, menino — escutou o homem dizer.

Começou a correr, procurando um lugar para se esconder. Havia um trailer estacionado atrás da tenda. Precipitou-se até ele e se agachou por trás de um pneu grosso, espiando pela borda.

A uns quinze metros de distância, viu o homem aparecer num canto da tenda e observou que olhava ao seu redor com as mãos na cintura. Após alguns segundos, o homem resmungou algo e foi embora. Scott se levantou e já ia abandonar a sombra do trailer, quando parou; lá em cima, alguém cantava.

Scott franziu o cenho e escutou com atenção:

— "*If I loved you*" — cantava a voz — "*time and again I would try to say...*" {4}.

Saiu de debaixo do *trailer* e elevou a vista para a janela de cortinas brancas que resplandecia devido à luz. Continuava ouvindo a canção, melódica e romântica. Olhou fixamente a janela, sentindo uma estranha inquietude.

Os gritos alegres de uma menina em um dos brinquedos do parque o despertaram de seu transe. Afastou-se uns passos do trailer, mas, em seguida, deu a volta e regressou. Ficou junto a ele até a canção terminar. Então, contornou lentamente o trailer, olhando primeiro por uma janela e depois por outra, estranhando por se sentir tão atraído por aquela voz.

Fixou-se nos degraus que conduziam à porta envidraçada do trailer.

Num impulso, galgou o primeiro deles.

Era justo da sua altura.

Seu coração começou a bater apressadamente e suas mãos se agarraram ao corrimão, que lhe chegava à cintura. Conteve um momento a respiração. *Não podia ser!*

Subiu lentamente os degraus até se encontrar bem embaixo da porta, que era só um pouco mais alta que ele. Havia algumas palavras pintadas embaixo da janela, mas não pôde lê-las. Sentiu um formigamento estranho e elétrico em toda a pele. Não pôde evitar; subiu os dois últimos degraus e deteve-se em frente à porta.

Ficou paralisado. Era seu mundo, seu próprio mundo: cadeiras e um sofá onde ele poderia se sentar sem ficar afundado; mesas proporcionais ao seu tamanho; luminárias que podia acender e apagar sem ter de ficar embaixo delas como se fossem árvores.

Ela entrou na pequena sala e o viu ali.

Os músculos de seu estômago se contraíram subitamente. Permaneceu no mesmo lugar, olhando inexpressivamente para a mulher com um murmúrio de incredulidade.

A mulher parecia enraizada no solo, com uma mão na face, os olhos arregalados de surpresa. O tempo parou para eles enquanto contemplavam-se mutuamente. E um sonho, repetia-lhe sua mente. É um sonho.

Então, a mulher dirigiu-se lentamente para a porta. Ele recuou e esteve a ponto de rolar escada abaixo. Conseguiu agarrar-se

fortemente ao corrimão e recobrou o equilíbrio, justo no momento em que a mulher abria a minúscula porta.

— Quem é você? — perguntou ela, num sussurro assustado.

Ele não podia apartar a vista daquele rosto tão frágil: o nariz e os lábios como os de uma boneca, os olhos como contas verdes, as orelhas como pétalas de rosa mal visíveis através da abundante cabeleira dourada.

— Por favor — insistiu a jovem, fechando a frente de seu roupão com suas diminutas mãos de alabastro.

— Sou Scott Carey — disse, com um fio de voz por causa do choque.

— Scott Carey — repetiu ela. Não parecia conhecer o nome. — Você é... sua voz falhou.

— Você é... como eu?

Ele tremia.

— Sim — respondeu. — Sim.

— Oh! — foi como se soltasse um suspiro.

Observaram-se mutuamente.

— Eu... a ouvi cantar — disse ele.

— Sim, eu... — um sorriso nervoso contraiu seus lábios pálidos.

— Por favor — disse ela —, não quer entrar?

Ele entrou no trailer sem vacilar. Parecia-lhe que a conhecia há longos anos e que voltava de uma longa viagem. Leu os dizeres na porta: Senhora Polegar. Fitou-a com obscuro desejo.

Ela fechou a porta e virou o rosto para ele.

— Estou... fiquei surpresa — disse-lhe ela. Balançou a cabeça e mais uma vez fechou a frente do roupão amarelo. — É uma verdadeira surpresa — disse.

— Compreendo — respondeu ele, mordendo o lábio inferior. — Eu sou o "incrível homem que encolheu" — disparou, desejoso de que ela conhecesse tal apelido.

Ela não falou durante algum tempo. Depois disse, "Oh!", e ele não soube distinguir o que tinha em sua voz: decepção, lástima ou indiferença.

Continuavam observando-se mutuamente.

— Eu me chamo Clarice — disse a mulher.

Suas minúsculas mãos se apertaram e não se separaram. Ele não conseguia respirar direito; faltava-lhe o ar.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela, retirando a mão.

Ele engoliu em seco.

— Eu... vim... — foi tudo o que pôde dizer.

Continuou encarando-a com olhos incrédulos. Então, percebeu que a jovem ruborizava e tentou se acalmar.

— Eu... sinto muito — disse ele. — É que... — fez um gesto de impotência — nunca havia visto alguém como eu. E que... — balançou a cabeça com pequenos movimentos rápidos — não posso lhe explicar o que sinto.

— Oh, eu sei, eu sei — apressou-se ela em responder, olhando-o intensamente.

— Quando... — limpou a garganta — quando eu o vi junto à porta, não soube o que pensar — seu riso foi débil e trêmulo. — Por um momento, achei que tinha perdido a razão.

— Está sozinha? — perguntou ele, subitamente.

Ela o olhou sem parecer compreender.

— Sozinha? — perguntou.

— Refiro-me ao seu... seu nome... o da porta — disse ele, sem ao menos se dar conta de que a tinha assustado.

O rosto da mulher relaxou e voltou a assumir seus doces traços naturais.

Sorriu com tristeza.

— Oh — disse —, é como me chamam — encolheu os pequeninos e torneados ombros. — É só meu apelido — disse.

— Ah, sim — concordou ele —, compreendo. — Continuava tentando engolir o nó que sentia na garganta. Estava atônito. As pontas de seus dedos formigavam como se recuperassem a sensibilidade após um princípio de congelamento.

— Compreendo — repetiu.

Continuaram a se observar mutuamente, como se não pudessem acreditar que fosse verdade.

— Suponho que tenha lido algo a meu respeito — disse ele.

— Sim, li — respondeu ela. — Sinto que...

Ele meneou a cabeça.

— Não tem importância — um calafrio desceu por suas costas. — Alegro-me tanto por... — interrompeu-se, sem deixar de contemplar os doces olhos da mulher. — Clarice — murmurou —, alegro-me tanto por... — retorceu as mãos como se quisesse reprimir o desejo de estendê-las e tocá-la.

— Surpreendeu-me tanto ver... esta sala — disse apressadamente. — Estou tão acostumado com... — encolheu os ombros com nervosismo — com coisas grandes.

Quando vi os degraus da entrada...

— Alegro-me que tenha subido — disse Clarice.

— Eu também — respondeu ele.

A visão da jovem afastou-se dele, mas voltou a fixar-se instantaneamente em sua figura, como se tivesse medo de que fosse desaparecer se deixasse de olhá-lo por muito tempo.

— Na realidade, estou aqui por acaso — disse ela. — Nunca trabalho fora de temporada, mas o dono desta feira é um velho amigo meu que está num aperto. E... bem, gosto de estar aqui.

Continuavam a se olhar.

— E uma vida muito solitária — disse ele.

— Sim — respondeu ela baixinho —, pode ser muito solitária.

Voltaram a ficar em silêncio, olhando-se. Ela sorriu, inquieta.

— Se tivesse ficado em casa — disse ele —, não a teria conhecido.

— Eu sei.

Outro calafrio desceu por seus braços.

— Clarice — disse ele.

— Sim?

— É um belo nome — disse. Agora, o desejo o estava estraçalhando por dentro.

— Obrigada... Scott — disse ela.

Ele mordeu os lábios.

— Clarice, eu gostaria...

Ela o olhou longamente. Depois, sem pronunciar uma única palavra, aproximou-se dele e roçou-lhe a face com a sua, mantendo-se quieta quando ele a rodeou com os braços.

— Oh! — murmurou ele. — Oh, meu Deus. E...

Ela o acariciou e se apertou subitamente contra ele, tocando-o as costas com suas pequeninas mãos. Permaneceram abraçados na pequena sala, sem pronunciar uma palavra, com as faces unidas e molhadas pelas lágrimas.

— Meu querido — sussurrou ela —, meu querido, meu querido. Ele jogou a cabeça para trás e afundou a vista nos olhos brilhantes dela.

— Se você soubesse — disse com voz abalada. — Se soubesse...

— Eu sei — respondeu ela, acariciando-lhe a face com a mão trêmula.

— Sim. Claro que sabe.

Inclinou-se ligeiramente e notou que os cálidos lábios dela mudavam ao tocar os dele, passando de uma doce aceitação a uma ânsia exigente e violenta.

Ele a estreitou fortemente entre seus braços.

— Oh, meu Deus, ser um homem outra vez — murmurou. — Apenas ser um homem outra vez. Abraça-la assim.

— Sim. Abraça-me assim. Faz tanto tempo...

Depois de uns minutos, Clarice levou-o ao sofá e sentaram-se com as mãos apertadas e um sorriso nos lábios.

— É estranho — disse ela —, mas sinto-me bem perto de você. E, no entanto, nunca o tinha visto em minha vida.

— Deve ser porque somos iguais — disse ele —, porque compartilhamos a mesma miséria.

— Miséria? — murmurou ela.

Ele levantou a vista de seus sapatos.

— Meus pés tocam o chão — disse, pensativamente. Seu riso estava carregado de melancolia. — E uma bobagem — acrescentou —, mas é a primeira vez em muito tempo que toco o solo com os pés estando sentado. Sabe...?

— apertou-lhe a mão. — Você sabe, claro que sim — completou.

— Você falou em miséria — disse ela.

Ele contemplou por um momento o seu rosto preocupado.

— Não é uma miséria? — perguntou. — Não somos miseráveis?

— Eu não... — em seus olhos apareceu uma ponta de angústia.

— Nunca me considereei digna de lástima.

— Oh, sinto muito, sinto muito, de verdade — disse ele. — Não era minha intenção... — Seu rosto estava contrito. — Tornei-me amargo. Tenho estado muito sozinho, Clarice. Ao atingir determinada estatura, encontrei-me completamente sozinho — acariciou com doçura a mão que tinha entre as suas. — Por isso me sinto tão atraído por você; por isso...

— Scott!

Abraçaram-se novamente e ele ouviu as fortes batidas do coração dela junto ao seu peito.

— Sim, tem estado muito sozinho — disse ela —, tremendamente sozinho. Eu tive outros como eu... como nós. Já fui até casada — sua voz converteu-se num murmúrio. — Quase tive um filho.

— Oh!, eu...

— Não, não diga nada — rogou ela. — Foi bem mais fácil para mim. Eu fui assim toda minha vida. Tive tempo para adaptar-me.

Estremeceu-se dos pés a cabeça e disse, pois não pôde evitar:

— Um dia você será um gigante para mim.

— Oh, meu querido — aproximou o rosto de Scott de seu peito, acariciando-lhe os cabelos. — Que horrível deve ter sido para você ver a sua esposa e sua filha cada dia maiores, enquanto você diminuía continuamente!

Seu corpo cheirava limpeza e doçura. Aspirou seu perfume, tentando se esquecer de tudo que não fosse a presença dela. Aquela voz suave, abençoando a felicidade daquele momento.

— Como chegou até aqui? — perguntou ela, e ele lhe explicou.

— Oh! — exclamou a moça. — Ela não ficará assustada?

Interrompeu-a ansiosamente:

— Não me obrigue a ir embora.

Ela o apertou ainda mais contra o peito.

— Não, não — apressou-se a responder. — Não, fique o tempo que...

Interrompeu-se. Ouviu-a engolir em seco e perguntou:

— O que foi?

Ela hesitou antes de responder:

— E que tenho de atuar dentro de... — virou-se ligeiramente para olhar o relógio de parede que havia no outro lado da sala —

dez minutos.

— Oh, não! — exclamou Scott, agarrando-se a ela.

A respiração da jovem fez-se mais rápida.

— Se pudesse estar comigo um momento, só um momento!

Ele não soube o que dizer. Endireitou o corpo e contemplou o rosto tenso dela.

Suspirou profundamente.

— Não posso — disse. — Ela estará me esperando. Ela... — moveu as mãos com desassossego, mas tranquilizou-se em seguida. — Não adianta completou.

Ela se inclinou e pressionou as palmas de ambas as mãos sobre as faces de Scott.

Roçou os lábios dele com os seus. Ele apertou seus braços com mãos trêmulas, acariciando delicadamente a seda de seu traje. Ela envolveu-lhe o pescoço com os braços.

— Ela ficaria tão assustada se... — começou ela, interrompendo-se para beijar-lhe a face. Ele ainda não podia responder. Ela se afastou e Scott contemplou seu rosto ruborizado. Ela baixou os olhos.

— Não fique pensando, por favor, que sou uma... uma pessoa horrível — disse. — Sempre vivi... decentemente. É que... alisou o roupão com movimentos nervosos. É que eu também, tal como você disse, sinto-me atraída por você. Afinal de contas, não somos duas pessoas normais num mundo normal. Nós... somos apenas dois de nós.

Não encontraríamos outra pessoa igual em milhares de quilômetros a nossa volta. Não seria o mesmo que...

Interrompeu-se bruscamente ao ouvir passos junto ao trailer e uma batida na porta.

Uma voz grave disse:

— Dez minutos, Clar.

Ela começou a responder, mas o homem já tinha ido. Permaneceu alguns instantes com os olhos fixos na porta. Finalmente, voltou-se para ele.

— Sim, não há dúvida de que ela ficaria assustada — disse.

De repente, as mãos de Scott aumentaram sua pressão sobre os braços da moça e a expressão de seu rosto se endureceu.

— Vou contar a ela — disse ele. — Não deixarei você. Não deixarei.

Ela se lançou nos braços dele com paixão.

— Sim, conte a ela, conte-lhe — rogou. — Não quero que sofra, não quero que se assuste, mas conte-lhe. Conte o que está acontecendo, diga como nos sentimos. Ela não pode dizer não. Não quando...

Afastou-se dele e se levantou, respirando agitadamente. Seus dedos trêmulos percorreram o roupão de cima a baixo, desabotoando os botões. O roupão deslizou, com um murmúrio sedoso, de seus ombros de mármore, detendo-se na curva de seus braços dobrados. Usava uma roupa íntima muito fina, que aderira aos contornos de seu corpo.

— Conte-lhe! — exclamou quase com ira. Então, deu meia-volta e correu para o aposento ao lado.

Ele se pôs de pé, com os olhos fixos na porta entreaberta que conduzia ao aposento em que ela havia entrado. Ouviu o ruído do traje que vestia para sua atuação.

Permaneceu imóvel no lugar, até que ela saiu.

Manteve-se afastada dele, com o rosto muito pálido.

— Fui injusta — disse. — Fui muito injusta com você — baixou os olhos.

— Não devia ter feito o que acabo de fazer. Eu...

— Mas você irá me esperar — ele a interrompeu. Pegou-lhe a mão e apertou-a até que ela lançou um gemido de dor. — Clarice, você vai me esperar?

A princípio, ela não o olhou. Depois, repentinamente, ergueu a cabeça e seus olhos contemplaram-no com ardor.

— Sim, esperarei — disse.

Ele ficou escutando o som dos saltos altos dos sapatos de Clarice, enquanto ela descia os degraus do trailer. Então, deu meia-volta e passeou pela reduzida sala, olhando os móveis e tocando-os.

Finalmente, entrou no outro aposento e, depois de vacilar um momento, sentou-se na cama e pegou o roupão de seda amarela.

Era suave e fino; ainda conservava o cheiro de sua pele.

De repente, afundou o rosto entre suas dobras, aspirando o perfume que se desprendia dele. Por que tinha de consultá-la? Já não havia nada entre Lou e ele.

Nada. Por que simplesmente não podia ficar com Clarice desde já? Lou não se importaria. Ficaria alegre em se livrar dele. Ela...

Ficaria assustada, preocupada, pensou.

Com um suspiro de preocupação, deixou o roupão em cima da cama e levantou-se.

Atravessou todo o trailer, abriu a porta, desceu os degraus e iniciou o caminho de volta, envolvido pela noite fria e escura.

Contarei a ela, pensou.

Contarei e voltarei.

Mas quando chegou à calçada e a viu junto ao carro, foi invadido pelo desespero.

Como iria ter coragem de dizer a ela? Teve um momento de vacilação.

Depois, ao ver que alguns adolescentes saíam do parque, atravessou a rua com pressa.

— Ei, olha só aquele anão! — ouviu um deles dizer.

— Scott!

Lou correu para ele e, sem mais palavras, pegou-o por um braço, com o rosto inquieto e irado. Voltou ao carro e abriu a porta com a mão que tinha livre.

— Por onde andou? — perguntou-lhe.

— Passeando — respondeu ele.

Não! Gritou sua mente. Conte! Conte! Uma visão o assaltou: Clarice meio nua gritando: Conte!

— Acho que poderia ter pensado no que eu sentiria ao regressar e não encontrá-lo — disse Lou, baixando o assento dianteiro para que ele pudesse ir para a parte traseira do carro.

No entanto, ele não se moveu.

— Bem, entre — disse-lhe ela.

Ele suspirou profundamente.

— Não — respondeu.

— O quê?

Engoliu em seco.

— Não penso em voltar com vocês — disse, fazendo um esforço para ignorar o olhar de Beth fixo nele.

— De que está falando? — perguntou Lou.

— Eu... — lançou um olhar para Beth e depois voltou a encarar a esposa.

— Quero falar com você — disse.

— Não pode esperar até chegarmos em casa? Beth precisa ir para a cama.

— Não, não posso esperar.

Desejou gritar, num acesso de fúria. Voltava a se sentir invadido pela sensação de sempre: ser um inútil, algo grotesco, uma aberração. Devia ter imaginado que isso ocorreria no momento em que deixou Clarice.

— Bem, não entendo por que...

— Então me deixe aqui! — gritou-lhe ele.

Já tinha perdido toda sua força, toda sua firmeza. E voltava a ser a marionete sem fios que aguardava um socorro inútil.

— Posso saber qual é o seu problema? — perguntou-lhe ela, raivosa.

Ele reprimiu um soluço e, girando bruscamente sobre os calcanhares, preparou-se para atravessar a rua.

— Scott!

Uma estremecedora confusão de visões e sons, o rugido de um carro cada vez mais próximo, o brilho ofuscante de faróis, o barulho dos saltos de Lou, o apertão dos dedos sobre o seu corpo, o safanão que lhe deu ao tirá-lo do caminho do carro levando-o de volta para a traseira do Ford, o ruído dos pneus do outro carro que se desviara para a faixa do meio e retornava à sua própria faixa.

— Pelo amor de Deus! — a voz de Lou parecia terrivelmente agitada. Perdeu a razão?

— Oxalá tivessem me atropelado! — tudo que carregava em seu interior foi traduzido em sua voz: toda sua angústia, toda sua fúria e esperanças destroçadas.

— Scott! — ela se agachou para lhe falar baixinho. — Scott, o que está acontecendo?

— Nada — respondeu ele.

Depois, quase que imediatamente:

— Quero ficar. Vou ficar.

— Ficar onde, Scott? — perguntou ela.

Ele engoliu em seco, rapidamente, colericamente. Por que tinha de se sentir como um tolo, como um insignificante tolo? Antes, tinha-lhe parecido algo vital, agora lhe parecia absurdo e fútil.

— Onde pensa ficar, Scott? — perguntou ela, começando a se impacientar.

Ele ergueu os olhos e, com o rosto inexpressivo, insistiu sem convicção:

— Quero ficar com... ela — disse.

— Com...

Lou olhou-o fixamente e ele baixou a vista, fixando-a na ampla barra da calça comprida de sua esposa. Apertou os dentes e sentiu uma aguda dor ao longo da mandíbula.

— Há uma mulher — disse, sem elevar os olhos para ela. Lou ficou em silêncio. Ele a olhou. À luz de um longínquo farol, pôde ver o brilho de seus olhos.

— Você está falando da anãzinha do espetáculo secundário?

Ele estremeceu. A maneira como ela falou aquilo e o som de sua voz fizeram com que seu desejo parecesse vil. Mordeu com força o lábio superior.

— É uma mulher muito amável e compreensiva — disse. — Quero passar um momento com ela.

— Você quer dizer passar a noite com ela.

Ele jogou a cabeça para trás.

— Oh, meu Deus, como pode...? — seus olhos soltavam faíscas.
— Você faz isso parecer tão...

Conseguiu dominar-se. Olhou fixamente a ponta de seus sapatos. Falou com a maior clareza que conseguiu.

— Vou ficar com ela — disse. — Se preferir não voltar a me procurar, tanto faz. Deixe-me. Irei me virar.

— Oh, deixe de ser tão...

— Falo sério, Lou — respondeu ele. — Juro que falo muito sério.

Ao ver que ela não respondia, ergueu a vista e comprovou que ela o estava olhando.

Não soube decifrar o que expressava o seu rosto.

— Você não entende, não pode entender — disse ele. — Acha que isso é algo repugnante, algo animal. Pois não é. É mais... bem mais. Não percebe? Já não somos os mesmos, você e eu. Agora somos dois seres diferentes. Mas você pode ter companhia se quiser. Eu, não. Nunca falamos disso, mas espero que você volte a se casar quando isso terminar... pois irá terminar.

Ele prosseguiu:

— Lou, já não me resta coisa alguma, não vê? Nada. A única coisa que posso esperar do futuro é a desintegração. Continuarei assim, dia após dia, cada vez serei menor e estarei mais sozinho. Não há ninguém no mundo que possa me compreender. Mesmo essa mulher chegará a ser como... Bem, estará fora de meu alcance. Mas agora, Lou, por hora, ela é companhia, afeto e amor. Sim, amor! Não nego, não posso evitar.

Posso ser uma aberração, mas continuo precisando de amor e continuo precisando... — suspirou profundamente.

— Uma noite — disse. — Isso é tudo que lhe peço. Uma noite. Se você estivesse em meu lugar e tivesse a oportunidade de passar uma noite de paz, aconselharia você que a aproveitasse. É isso o que eu faria.

Baixou os olhos.

— Ela tem um trailer — explicou. — Tem mobília na qual posso sentar-me; os móveis são do meu tamanho.

Ergueu um pouco a vista.

— Só o fato de poder me sentar numa cadeira como um homem e não como... — suspirou. — Só isso, Lou. Só isso.

Finalmente, decidiu olhar para ela, mas foi apenas quando o farol de um carro que passava iluminou o rosto dela que ele percebeu que estava molhado de lágrimas.

— Lou!

Ela não pôde dizer nada. Mordeu um punho, com o corpo convulsionado por silenciosos soluços. Lutou para se dominar. Suspirou profundamente e secou as lágrimas, enquanto ele

permanecia ao seu lado, sem deixar de olhá-la, apesar da dor que levantar a cabeça daquela forma lhe provocava.

— Está certo, Scott — disse ela, enfim. — Seria inútil e cruel de minha parte tentar impedi-lo. Tem razão. Não há nada que eu possa fazer.

Ela respirava com dificuldade.

— Voltarei pela manhã — conseguiu articular, correndo para o carro.

Scott permaneceu ali ao vento, até que as luzes vermelhas traseiras do automóvel desapareceram de sua vista. Então, atravessou a rua correndo com a sensação de ser um miserável.

Não devia ter feito aquilo. Já não era a mesma coisa.

Mas, quando voltou a ver o trailer, a luz na janela e os pequenos degraus que conduziam à jovem, tudo voltou. Era como entrar em outro mundo e deixar atrás de si todas as tristezas.

— Clarice — sussurrou.

E correu para ela.

CAPÍTULO 13

Estava sentado em uma das largas ripas que formavam o assento da cadeira inferior, apoiado no suporte do braço, tão grosso como uma árvore, enquanto mastigava um pedaço de bolacha. Não tinha tocado a esponja a não ser para extrair umas gotas de água a meio caminho da primeira etapa da escalada. Junto a ele jaziam os rolos de linha, o alfinete que utilizava como gancho e o longo e brilhante alfinete que lhe servia de lança.

O cansaço de seus músculos começava a ceder. Inclinou-se lentamente para a frente e massageou o joelho. Estava um pouco inchado novamente. Enquanto subia pela linha, batera-o contra a perna da cadeira. A massagem provocou-lhe uma sensação de dor.

Só esperava não piorar.

No porão reinava um silêncio absoluto. A estufa não se pusera a funcionar uma única vez durante a hora passada. O tempo deve ter esquentado, pensou. Olhou para a janela que ficava acima do depósito de combustível.

Era um trêmulo quadrado de luz. Fechou os olhos. Estranhou que Beth não estivesse brincando no pátio. A bomba-d'água também não funcionava há bastante tempo. O mais provável era que Lou e Beth não estivessem em casa. Perguntou-se onde estariam.

Advertido por um começo de inquietação em seu peito, eliminou qualquer pensamento relacionado ao sol e ao exterior sobre sua esposa e filha. Já não faziam parte de sua vida, e não era próprio de pessoas sensatas pensarem demais em coisas que não fazem parte da própria vida.

Sim, continuava sendo um homem. Um homem de sete milímetros de altura.

Recordou a noite que passara com Clarice e a segurança que também o assaltara a respeito de continuar sendo um homem.

— Não é digno de lástima — havia sussurrado ela. — E um homem -e acariciou-lhe o peito com seus suaves dedos.

Foi um momento de decisiva alteração.

Por quase toda a noite, acordado e estendido junto a ela, sentia a cálida respiração no ombro, pensando no que lhe havia dito.

Era verdade, continuava sendo um homem. Após viver tanto tempo sob o degradante peso de sua aflição, esquecera-se disso. Após se perder em considerações sobre seu casamento e sobre os problemas que seu tamanho lhe causara, esquecera-se disso.

Depois de refletir tanto tempo sobre sua vida e a esterilidade de suas realizações, esquecera-se disso. O efeito decrescente que o tamanho de seu corpo havia tido sobre o tamanho de seus pensamentos fez com que se esquecesse disso. Não se tratava de simples introspecção.

Só precisava se olhar no espelho para se convencer da realidade.

Entretanto, não era bem assim. Afinal de contas, a auto-estima de um homem era algo muito relativo. Estava deitado numa cama feita sob medida para o seu tamanho, e tinha uma mulher entre os

braços. Aquilo mudava totalmente as coisas. Voltou a ver com clareza.

E viu que com seu tamanho não tinha mudado nada essencial. Continuava tendo uma mente e continuava sendo único.

Pela manhã, estendido no leito quente com ela, com as pernas iluminadas pelas faixas amareladas que formavam os raios do sol, explicou-lhe seus pensamentos e a mudança que tinha operado neles.

— Vou deixar de lutar — disse-lhe. — Não, não é que me vou dar por vencido — acrescentou rapidamente, ao ver a expressão de seu rosto. — O que quero dizer é que vou deixar de lutar contra o que não posso vencer. Agora, sei que é incurável. Posso dizer; só isso já é um sucesso. A verdade é que nunca havia admitido isso. Tinha tanto medo de descobrir que meu caso era incurável, que certa vez abandonei os médicos. Expliquei que era pelo dinheiro, mas mentia. Agora sei a verdadeira razão. Era porque estava aterrorizado diante da possibilidade de saber a verdade.

Continuou deitado naquele leito, olhando para o teto, com as mãozinhas de Clarice sobre o peito e seus olhos fixos nele.

— Bem, aceito o fato — disse finalmente ele. — Aceito o fato e não voltarei a me rebelar contra o destino. Não voltarei a odiar — virou-se repentinamente para ela: — Sabe o que vou fazer? — perguntou-lhe, quase com excitação.

— O que, meu amor?

Seu sorriso foi rápido, quase infantil.

— Vou escrever sobre isso — disse. — Vou seguir a mim mesmo até onde puder. Vou explicar tudo o que me aconteceu, e tudo o que irá me acontecer. É algo raro. Vou considerar tudo isso algo de valor potencial, não só como uma maldição. Vou estudar o fato — continuou. — Vou desmembrá-lo para ver tudo o que há para ver. Vou conviver com esse peso e vou sair vitorioso. E não terei medo. *Não terei medo.*

TERMINOU O PEDAÇO de bolacha e abriu os olhos. Meteu a mão dentro da túnica, tirou de lá o fragmento de esponja e a espremeu

ligeiramente acima de sua boca. As gotas de água que ingeriu estavam quentes e salgadas, mas tinha a garganta seca e lhe pareceram muito boas. Recolocou a esponja em seu lugar. Tinha uma longa subida pela frente.

Contemplou o alfinete que lhe servia de gancho. Tinha aberto um pouco ao suportar o peso de seu corpo. Passou a mão por cima de sua superfície lisa.

Bom, provavelmente poderia envergá-lo um pouco mais se fosse necessário.

Pareceu-lhe ouvir um ruído acima de sua cabeça, e olhou ansiosamente para o alto.

Não havia nada, mas isso não desacelerou os batimentos de seu coração. Era uma sombria antecipação do que o esperava.

Estremeceu, e um sorriso melancólico entreabriu-lhe os lábios. Não terei medo.

Aquelas palavras soaram-lhe ridículas. *Se eu soubesse, pensou. Se soubesse os momentos de terror que iria experimentar, nunca teria dito aquilo.*

Só a bênção de um futuro desconhecido permitiu-lhe manter a promessa que tinha feito a si mesmo.

Tinha mantido. Sem dizer a Lou, descia ao porão todos os dias, munido de um lápis e de um caderno de notas. E ali ficava horas, até que o pulso lhe doía tanto que não podia sustentar o lápis.

Desesperado, massageava o pulso e a mão, tentando devolver-lhes a força para continuar escrevendo. Porque, a cada dia, sua mente convertia-se numa incontrolável fonte de lembranças e ideias, gerando-as de modo interminável. Se não fossem anotadas, poderiam fugir de seu cérebro e se perder.

Escreveu com tanta perseverança, que, em questão de poucas semanas, terminou o relato sobre sua vida como "o incrível homem que encolheu".

Então, começou a datilografar o manuscrito, golpeando lenta e laboriosamente as teclas, à medida que os dias iam passando. Quando chegou nessa etapa, não pôde continuar escondendo o projeto de Lou. A máquina de escrever tinha de ser alugada. A princípio, pensou em dizer-lhe que só a queria para passar o tempo.

Mas o aluguel era alto e ele sabia que não tinham bastante dinheiro para pagá-la caso se tratasse de um mero capricho. Por isso, explicou-lhe o que tinha feito. Ela não se entusiasmou muito, mas conseguiu a máquina e o papel.

Quando enviou as cartas a revistas e editoras, a esposa nada disse, mas ele percebeu nela um crescente interesse. E quando, quase imediatamente, recebeu uma onda de ofertas interessantes, ela teve de aceitar o fato de que, apesar de tudo, ele estava lhe proporcionando a segurança que desistira de esperar.

Numa tarde gloriosa, recebeu o primeiro cheque por seu manuscrito junto com uma carta de felicitação. Lou sentou-se com ele na sala de estar e Lou disse que sentia muito ter caído em tal estado de afastamento. Fez isso para se proteger, acrescentou, mas lamentava da mesma forma. Disse-lhe quão orgulhosa estava dele. Sustentou sua mãozinha e falou:

— Continua sendo o homem com quem me casei, Scott.

Levantou-se. Basta de lembranças. Tinha de seguir adiante; ainda lhe restava um longo caminho a percorrer.

Pegou o alfinete que lhe servia de lança e voltou a carregá-lo às costas. Esse acréscimo de peso despertou fortes pontadas em seu joelho, o que lhe causou um sobressalto de dor. Não importa, disse a si mesmo. Com os dentes cerrados, agachou-se e pegou o alfinete em forma de gancho.

Olhou ao seu redor.

De onde estava, teria de subir uns quinze metros para chegar ao nível do braço da cadeira. O único problema era que ali não havia reentrância; onde atirar o gancho.

Teria de fazer tal como antes: subir pela parte posterior da cadeira. A plataforma inferior corria numa ligeira inclinação paralela ao assento. Essa plataforma quase tocava o chão. Não teria de alçar o gancho muito acima, para que se agarrasse a uma das ripas inferiores da plataforma.

A subida da plataforma não havia sido mais difícil que subir um declive moderadamente inclinado, utilizando o gancho e a linha para atravessar os espaços entre uma ripa e outra. A única parte difícil havia sido a escalada vertical até o assento onde agora estava.

Por conseguinte, não havia outra solução. Se quisesse continuar subindo, teria de descer um pouco. Começou a descer o declive em direção às costas da cadeira. As aberturas entre as ripas eram mais largas que as da plataforma. Entretanto, no geral, não parecia difícil.

Chegou à primeira abertura. Apanhou a linha que lhe servia de corda e, depois de enrolá-la, lançou-a sobre a brecha. Caiu pesadamente. Ele ouviu o ruído metálico do gancho golpeando a madeira.

O estrépito da estufa pegou-o de surpresa. Cambaleou violentamente com o choque e levou as mãos aos ouvidos. Permaneceu ali, tremendo, com os olhos quase fechados, enquanto sentia o corpo todo trepidar com aquele som ensurdecedor.

Quando o silêncio foi restabelecido, ficou um longo momento imóvel, olhando para a frente. Depois, sacudindo a cabeça, tomou impulso e saltou a brecha existente entre duas ripas.

Não foi tão fácil como imaginou. Ao chegar do outro lado, a dor que lhe ocasionou aterrissar sobre a perna com o joelho inchado o fez soltar um grito. Sentou-se rapidamente com o rosto contraído.

— Meu Deus, meu Deus — murmurou.

Seria melhor não voltar a fazer aquilo.

Após um minuto, levantou-se e atravessou mancando a larga ripa seguinte, arrastando a linha atrás. Ao chegar à próxima brecha, atirou a linha para o outro lado. Descarregou cuidadosamente a lança, com a intenção de atirá-la também para não ter de suportar seu peso. Além disso, tentaria aterrissar sobre a perna saudável.

Atirou a lança por cima da abertura. Sua afiada ponta cravou na madeira laranja, mas depois o alfinete se soltou devido ao próprio peso.

Scott estava recuando para pegar impulso quando viu que o alfinete começara a rolar em direção à brecha.

Cairia pela brecha seguinte!

Sem pensar duas vezes, correu até a borda da ripa e deu um grande salto. Voltou a cair sobre a perna doente e seu rosto se contraiu com a dor.

Não podia parar, o alfinete ganhava velocidade e dirigia-se para a brecha. Começou a correr atrás dele, tentando não perder as

enormes sandálias. No entanto, perdeu uma delas e pisou numa farpa de madeira com a planta do pé. Continuou correndo, com a intenção de alcançar o alfinete.

Desesperado, lançou-se de cabeça para pegá-lo no momento em que resvalava pela borda da ripa. A dor no joelho pareceu-lhe insuportável.

Esteve a ponto de cair pela abertura. Não conseguiu pegar o alfinete.

Mas o alfinete não caiu em paralelo com a abertura e seu movimento rotatório cessou de repente quando sua ponta se fincou na ripa do outro lado, a cabeça ficou virada para o lado onde estava Scott.

Ofegante, recuperou-o e afundou sua ponta na madeira, como se fosse uma lança fincada na areia. Depois, levantou o pé e, com os dentes cerrados, extraiu a longa farpa da planta do pé. Brotaram algumas gotas de sangue.

Estancou-as apertando raivosamente o lugar da ferida.

Não terei medo, não terei medo, pensou. Oh, claro que não!

Começou a esfregar o joelho, mas apressou-se em retirar a mão com um sobressalto.

Ao cair, tinha arranhado a mão. Lançou um suspiro de inquietude e examinou-a. Sentiu que a água corria pelo peito e pela barriga. Ao cair, havia comprimido a esponja e quase todo o líquido havia* escapado.

Voltou a fechar os olhos. *Não importa, pensou. Está tudo bem.*

Rasgou uma tira de tecido da bainha da túnica e amarrou-a ao redor da mão. Melhor.

Esfregou decididamente o joelho, mordendo os lábios para combater a dor. *Ah!*

Melhor, muito melhor.

Mancando prudentemente, recuperou a sandália e fez vários nós a mais para evitar que voltasse a escapar. Então, regressou ao lugar onde havia deixado o rolo de fio e o levou até a borda da ripa. Desta vez, ataria a extremidade da linha à lança. Desse modo, quando atirasse a lança pelos ares, não só arrastaria a linha, como seria impossível que o alfinete voltasse a rolar.

Assim fez. Saltou atrás da lança, aterrissando sobre a perna saudável e apressou-se para recolher a linha e o gancho. Sim, aquilo era muito melhor.

Só é preciso pensar um pouco, disse a si mesmo.

Continuou avançando dessa forma pelo assento da cadeira laranja até chegar à parte posterior. Ali, descansou, contemplando o encosto quase vertical. Bem mais acima estava o aro de croque suspenso no espaço. Agora poderia aproveitar esse aro.

Depois de recobrar o fôlego e beber algumas gotas de água, levantou-se e preparou-se para completar a próxima etapa da escalada, que tinha como meta o braço superior da cadeira.

Não seria muito difícil. Regularmente espaçados sobre as três pranchas que constituíam o encosto da cadeira, havia várias traves de reforço. Só tinha de lançar o gancho para cima, prendê-lo na primeira ripa, subir até ela, lançar o gancho à segunda ripa, subir até ela. E assim sucessivamente.

Começou a lançar o gancho. Na quarta tentativa, conseguiu que ficasse fixo e, depois de carregar a lança às costas, subiu até a primeira ripa.

Uma hora depois, quando chegou à ripa superior, o alfinete que lhe servia de gancho estava quase reto. Lançou-o sobre o braço da cadeira, subiu até lá e deitou-se, respirando com dificuldade. *Meu Deus, como estou cansado!*, pensou. Contemplou a enorme altura que acabava de escalar e não pôde evitar pensar que em outro tempo suas costas cobriam aquela área por completo. Em outro tempo, podia carregar aquela cadeira. Voltou a estender-se de costas.

Pelo menos, o cansaço impedia-o pensar. Normalmente, teria pensado na aranha, no passado, numa quantidade de coisas inúteis. Em vez disso, encontrava-se deitado ali, quase estupefato, e aquilo era bom...

Levantou-se sobre suas trêmulas pernas e olhou ao seu redor. Devia ter caído no sono por um momento; um sono negro, pacífico e sem sonhos.

Colocou a lança sobre as costas, pegou o gancho e começou a andar pela longa planície laranja do braço da cadeira, arrastando

atrás de si a linha como uma preguiçosa serpente.

Por alguma razão que lhe escapava, percebeu que era capaz de pensar na aranha.

Estranhava não ter visto sinal algum dela desde que acordara naquela manhã. Sempre estava a espreitar de algum lugar quando ele fazia alguma coisa. Noite e dia, nunca se ausentava por muito tempo.

Seria possível que estivesse morta?

Durante um segundo, sentiu-se invadido por uma sensação de imensa alegria. Talvez tivesse sido morta de algum jeito!

Sua excitação desapareceu quase imediatamente. Não podia acreditar que estivesse morta. Aquela aranha era imortal. Era algo mais que uma aranha. Era o conjunto de todos os horrores desconhecidos do mundo, fundidos num terror indescritível. Era o conjunto de todas as ansiedades, inseguranças e temores de sua vida na forma de um corpo repugnante e negro como a noite.

Antes de iniciar a etapa seguinte da escalada, tinha de dobrar novamente o alfinete.

Não gostava da maneira como se abria sob seu peso. E se acabasse abrindo totalmente enquanto ele estivesse suspenso no espaço? Não se abrirá, disse a si mesmo, enquanto introduzia a ponta na ligação entre o braço e a perna da cadeira e voltava a dobrá-lo. Assim.

Lançou o gancho para cima e conseguiu fixá-lo no aro de croque.

Após comprovar sua firmeza por meio de vários puxões, preparou-se para começar a subida até o aro. Ao cabo de dois minutos, estava agarrado à suave superfície metálica.

Demorou muito tempo para escalar sua fria e curvada superfície. O peso da linha, o gancho e a lança dificultaram a escalada; estava longe demais para atirar as três coisas sem arriscar perdê-las.

Perdeu o equilíbrio várias vezes, rolando até a parte inferior do aro e se agarrando desesperadamente a ele, com o coração a ponto de explodir.

Cada vez custava-lhe mais endireitar-se. No fim do último trecho, deslocou-se dependurado pelas pernas e braços, com a linha balançando abaixo dele no vazio.

Quando chegou à plataforma da cadeira superior, sentia câibras em todos os músculos do corpo. Subiu e estendeu-se naquela área, ofegante e com a testa apoiada sobre a superfície. Sentiu uma pontada de dor ao apoiar a ferida da testa na áspera madeira, mas estava muito cansado para se mover. Os pés estavam para fora, pendurados acima do precipício de duzentos metros de altura.

Vinte minutos mais tarde, depois de ter se recuperado, inclinou-se para olhar pela beirada do precipício. Aos seus pés estava o mundo do porão.

Num extremo, a mangueira vermelha voltava a ser uma serpente, imóvel e com a boca aberta. A almofada voltava a ser uma planície coberta de flores. Viu o buraco, similar a um poço, no qual estivera a ponto de cair quando ouviu o ruído de água corrente. O buraco havia se convertido num ponto minúsculo. A tampa da caixa embaixo da qual ele dormia não era mais que um pequeno quadrado cinza que parecia um selo descolorido.

Arrastou-se até a larga perna da cadeira e apoiou-se nela, abandonando o gancho, a linha e a lança. Tirou a esponja e o último pedaço de bolacha de dentro de sua túnica e pôs-se a comer e beber ali mesmo, com as pernas estendidas na frente dele. Esvaziou quase metade da esponja. Não importava. Logo chegaria ao cume. E, se obtivesse o pão sem dificuldade, desceria com grande rapidez. De qualquer modo, caso alguma coisa o impedisse de obter o pão, também não estaria em condições de comê-lo.

AS "SOLAS" DE SUAS SANDÁLIAS tocaram o cume do precipício. Soltou o gancho da cadeira com várias sacudidas, puxou-o rapidamente e foi se refugiar atrás da base de vidro de um gigantesco fusível em forma de sino.

Permaneceu ali, ofegante, e começou a observar o enorme deserto imerso nas sombras.

Através da pálida luz que entrava pelas janelas empoeiradas, pôde ver os detalhes próximos: os enormes canos e fios encapados, os grandes pedaços de madeira, pedra e papelão esparramados ao longo da areia. À sua esquerda, as altas torres de latas de tinta; à

sua frente, a grande extensão do deserto que ia até onde a vista alcançava.

A duzentos metros de distância estava a fatia de pão.

Umedeceu os lábios e estava prestes a atravessar imediatamente o deserto, quando recuou bruscamente, virando a cabeça de um lado para o outro, olhando em todas as direções, até para trás. *Onde estava a aranha?* Começava a ficar nervoso, imaginando onde poderia estar.

Quietude, só quietude. O raio de luz formava um ângulo agudo e parecia uma reluzente barra apoiada na janela, uma barra na qual o pé em suspensão no ar dançava, enchendo-a de vida. Os enormes pedaços de madeira, as pedras, o pilar de concreto, os fios e os canos, as latas e as garrafas, e as colinas de areia, tudo estava imóvel, como que à espera de algo. Estremeceu e desatou a lança. Sentiu-se um pouco melhor ao apertá-la entre as mãos, com a extremidade apoiada no concreto e a afiada ponta virada para o alto.

— Bem... — murmurou e, engolindo o medo, pôs-se em marcha pela areia.

O gancho se arrastava na areia. Deixou-o cair. *Não precisarei dele, pensou, vou deixá-*

lo aqui. Avançou alguns passos e parou. Não gostava da ideia de deixá-lo para trás.

Não corria o risco de perdê-lo, mas... se o perdesse, ficaria preso, sem maneira de escapar.

Retornou ao lugar onde estava o gancho, lançando olhares nervosos por cima do ombro para se assegurar de que não havia nada atrás dele.

Alcançou o gancho, abaixou-se e o recolheu. Se a aranha chegasse, poderia soltar o gancho rapidamente e agarrar a lança com ambas as mãos. Acalme-se, disse a si mesmo. Ainda não aconteceu nada.

Voltou a caminhar pela areia, com lentidão e prudência, olhando para todos os lados, sempre alerta. Não era possível evitar, naturalmente, mas não contribuía para melhorar as coisas o fato de

que os nós da linha se arrastavam pela areia atrás dele e faziam um som irregular e sibilante que lembrava o ruído produzido pela...

Deteve-se e olhou para trás com medo. Não havia nada. *Pare de se preocupar*, ordenou a si mesmo.

Olhou lentamente ao seu redor, notando as batidas de seu coração contra as costelas.

Não, nada. Só sombras, silêncio e objetos à espera. Talvez fosse por isso. Talvez fosse porque nenhum dos objetos estava em linha reta. Tudo se inclinava, formava ângulos, vergava-se. Todas as linhas eram desiguais e fluidas. Algo estava para acontecer. Sentia. O próprio silêncio parecia lhe sussurrar isso.

Algo estava para acontecer.

Ele fincou a ponta da lança na areia e começou a enrolar a linha, para poder colocá-la em cima do ombro e acabar com aquele maldito som que o seguia a todas as partes.

E, enquanto recolhia do chão a linha preta e suja de areia, continuava a olhar em volta, alerta.

Um imperceptível som o fez deixar cair o rolo de linha no chão para segurar a lança, sustentando-a diante de si. Os músculos de seus braços e ombros estremeceram, suas pernas se arquearam ligeiramente e seus olhos prosseguiram a busca.

Um suspiro escapou de seus lábios. Continuou escutando atentamente. Talvez o que ouvia não fosse mais que ruídos próprios da casa. Talvez...

Um estalo, uma batida, um rugido estrondoso.

Com um grito de medo, girou sobre seus calcanhares procurando a origem do ruído com os olhos arregalados de terror. Mas, naquele mesmo instante, deu-se conta de que era a estufa. Soltando a lança, tapou os ouvidos com mãos trêmulas.

Dois minutos depois, a estufa deixou de funcionar e o silêncio caiu novamente sobre o porão em sombras.

Scott terminou de enrolar a linha, pegou as pesadas laçadas e a lança e começou a caminhar novamente, sem deixar de esquadrihar tudo com os olhos. *Onde estava?*

Onde estava a aranha?

Quando chegou ao primeiro pedaço de madeira, deteve-se. Soltou o rolo de linha e estendeu a lança. Podia estar escondida por trás daquele pedaço de madeira.

Umedeceu os lábios ressecados, aproximando-se com o tronco meio agachado.

Quanto mais fundo adentrava as dunas, mais escuro tudo se tornava. Podia estar ali atrás; e se estivesse ali atrás?

Jogou rapidamente a cabeça para trás, ao ocorrer-lhe que podia estar acima dele, suspensa pelo fio de sua teia.

Apertou os dentes e voltou a olhar o chão. O medo havia se transformado em um apertado e frio nó na boca de seu estômago. *Muito bem, maldita!*, pensou. *Não vou ficar aqui imóvel como um paralítico.* Apoiando-se em suas trêmulas, mas decididas pernas, dirigiu-se para a extremidade da madeira e olhou ao seu redor. Nada.

Soltando um suspiro de alívio, regressou para perto da linha e recolheu-a.

Pesa tanto..., pensou. Realmente teria de deixá-la para trás. De qualquer modo, o que poderia acontecer? Permaneceu um momento indeciso. Depois, ocorreu-lhe que precisaria do gancho para arrastar a fatia de pão até a borda do precipício. Ciente disso, pegou o pesado rolo de linha e voltou a carregá-lo em cima do ombro. Alegrava-se de ter encontrado uma utilidade para a linha. Agora, tinha uma boa razão para levá-la. Apesar do muito que pesava, a ideia de deixá-la para trás não o seduzira.

Cada vez que chegava a uma madeira, uma enorme pedra, um pedaço de papelão, um tijolo ou uma alta duna de areia, tinha de fazer algo que punha seus nervos em prova: deixar a linha no chão, aproximar-se com grande cuidado do obstáculo, com a lança firmemente estendida diante de si, até comprovar que a aranha não estava escondida ali. Depois, a cada vez, um grande suspiro de alívio, que não era realmente alívio, sacudia seu corpo e o fazia baixar a ponta da lança. Então, regressava para junto da linha e do gancho e seguia adiante até o próximo obstáculo. Nunca totalmente calmo, porque sabia muito bem que o perigo continuava a rondá-lo.

Quando conseguiu chegar ao pão, sequer tinha fome.

Ficou em frente ao alto quadrado branco como um menino em frente a um edifício. Não lhe havia ocorrido até aquele momento, mas, como iria arrastar aquela fatia sozinho?

Bem, não importa, pensou amargamente. De qualquer modo, não precisaria de tanto pão. Só tinha de durar por mais um dia.

Olhou atentamente ao seu redor, mas nada viu. Talvez a aranha estivesse morta. Não podia acreditar nisso, mas já deveria tê-la visto. Em todas as demais ocasiões, o bicho tinha parecido sentir sua presença. Indubitavelmente, lembrava-se dele e o mais provável era que, ainda por cima, o odiasse.

O certo era que ele a odiava.

Fincou a lança na areia e partiu um pedaço do pão duro, mordeu um canto e começou a mastigar. O sabor era bom. Após alguns minutos, voltou a sentir apetite e, após comer um pouco mais, o apetite converteu-se em voracidade. Ainda que não tenha conseguido relaxar completamente, achou-se partindo um pedaço de pão atrás do outro e fincando rapidamente os dentes naquela brancura crocante. Não se dera conta antes, mas havia sentido falta daquele pão. As bolachas não eram a mesma coisa.

Quando seu estômago já estava bem cheio, bebeu toda a água que restara. Depois, após um momento de hesitação, jogou fora o pedaço de esponja. Já cumprira o seu propósito. Recolheu a lança e partiu um pedaço de pão que equivalia ao dobro de seu tamanho. Mais que suficiente, disse-lhe sua mente. Ignorou-a.

Afundou o gancho no pedaço de pão e arrastou-o lentamente até o precipício, formando um traço na areia. Na borda do precipício, desencravou o gancho e empurrou o enorme pedaço por cima da borda. O pão revolteou pelos ares, perdendo, enquanto caía, minúsculos fragmentos que se esfarelavam por cima dele como flocos de neve.

Ao chegar ao chão, partiu-se em três pedaços, que quicaram, rolaram um pouco e finalmente pararam. Pronto.

Missão cumprida. Havia realizado a difícil escalada e obtido o pão que queria.

Virou-se para contemplar de novo o deserto.

Por que, então, a tensão em seu corpo continuava a atormentá-lo? Por que aquele nó de fria angústia não abandonava o seu estômago? Estava a salvo. A aranha não estava por perto; não estava atrás das madeiras, das pedras, dos pedaços de papelão, nem atrás das latas de tinta. Estava a salvo.

Então, por que não começava a descida?

Permaneceu imóvel no lugar onde se encontrava, com a vista fixa nas vastas extensões do deserto tenuemente iluminado. Ouvia as batidas cada vez mais aceleradas de seu coração, que parecia lhe dizer a verdade, enviando-a pelos canais neurais até o cérebro, golpeando suas portas e suas paredes, para recordá-lo de que havia subido ali não só para pegar o pão, mas também para matar a aranha.

A lança escapou de suas mãos e caiu ruidosamente no piso de concreto.

Ficou ali parado, tremendo, pois sabia o que significava aquela tensão que o dominava, e não tinha dúvida a respeito do que ia acontecer... do que ele ia fazer acontecer.

Pegou a lança, aturdido, e avançou para o deserto. Poucos metros adiante, suas pernas negaram-se a sustentá-lo e ele desabou pesadamente, com as pernas cruzadas, sobre a areia. A lança caiu em seu colo e ele ficou ali sentado, segurando-a, contemplando as areias silenciosas com uma expressão de incredulidade no rosto.

Esperava.

CAPITULO 14

"A vida em uma casa de bonecas". Havia sido o título de um capítulo de seu livro; o último capítulo. Após terminá-lo, deu-se conta de que não poderia continuar escrevendo a história do livro. Mesmo o menor dos lápis era para ele tão grande como um bastão de beisebol. Decidiu arranjar um gravador, mas, antes que houvesse concretizado a ideia, ficou incomunicável.

No entanto, isso ocorreu depois. Naquele momento, media vinte e cinco centímetros e Louise apareceu, certo dia, com uma gigantesca casa de bonecas.

Estava descansando sobre uma almofada colocada embaixo do sofá, onde Beth não podia sentar-se sobre ele acidentalmente. Observou enquanto Lou deixava a casa no chão e, então, apressou-se em sair debaixo do sofá engatinhando e se levantou.

Lou pôs-se de joelhos e inclinou-se para ele, para aproximar o ouvido de sua boca.

— Por que a comprou? — perguntou ele.

Ela respondeu baixinho, para que o som de sua voz não ferisse seus ouvidos.

— Achei que gostaria.

Esteve a ponto de dizer que não gostava nem um pouco. Contemplou por um momento o perfil de Lou. Depois, disse:

— É muito bonita.

Era uma casa de bonecas muito cara. Agora já podiam se dar a tais luxos, com as edições e reedições de seu livro. Aproximou-se dela e subiu na varanda. Estar ali lhe produziu uma sensação estranha, que o fez se agarrar com força ao minúsculo corrimão de ferro forjado; a mesma sensação que experimentara na noite em que subiu os degraus do trailer de Clarice.

Abriu a porta principal com um empurrão, entrou na casa e fechou a porta atrás de si.

Encontrou-se na sala de estar. Apesar das cortinas brancas e macias, estava vazia.

Tinha uma chaminé de tijolos falsos, piso de madeira, janela, arandelas. Era uma linda sala, exceto por uma coisa: faltava uma das paredes.

Então, viu Lou pelo lado descoberto, esforçando-se para vê-lo, com um amável sorriso no rosto.

— Gostou? — perguntou.

Ele atravessou o salão e se deteve no lugar onde deveria haver a parede.

— Há móveis? — perguntou ele.

— Estão... — começou ela, interrompendo-se em seguida, ao perceber que ele se sobressaltava com o elevado timbre de sua voz.

— Estão no carro — disse, em voz mais baixa.

— Ah! — regressou à sala.

— Irei buscá-los — disse ela. — Enquanto isso, olhe a casa.

Retirou-se. Ele sentiu que a esposa atravessava a sala de estar pelas vibrações no chão. Depois, a porta principal se fechou com um golpe forte e ele olhou sua nova casa.

Ao meio-dia, todos os móveis estavam em seu lugar. Fez com que Lou empurrasse a casa contra a parede atrás do sofá, para desfrutar da privacidade e da proteção de quatro paredes. Beth havia recebido ordens estritas de não se aproximava dele, mas, ocasionalmente, o gato entrava na casa e então, havia perigo.

Também fez com que Lou colocasse uma extensão elétrica na casa, a fim de usar uma pequena lâmpada de árvore de Natal como iluminação. E, em seu entusiasmo, Lou havia se esquecido de que precisaria de luz. Ele também gostaria de ter água corrente, mas isso, é claro, era impossível.

Mudou-se para a casa de bonecas, mas os móveis não haviam sido desenhados para serem confortáveis, já que as bonecas não têm particular necessidade de comodidade.

As cadeiras, mesmo as da sala de estar, eram de encosto reto e muito incômodas porque careciam de almofadas. A cama não tinha colchão. Lou teve de costurar um pouco de algodão dentro de um retalho de lençol para que ele pudesse dormir naquele duro leito.

A vida numa casa de bonecas não é uma vida de verdade. Se sentisse vontade de passar os dedos pelo teclado do reluzente piano de cauda, as teclas eram pintadas e o interior era oco. Se sentisse vontade de entrar na cozinha e abrir a porta da geladeira com a intenção de comer algo, a geladeira era feita de um bloco único. Os comandos do fogão giravam, mas isso era tudo.

Levaria uma eternidade para aquecer um pouco de água nele. Podia girar as minúsculas torneiras da pia até que as mãos lhes doessem, mas não veria uma gota d'água sequer. Podia meter sua roupa na pequena lavadora, e ela permaneceria seca e suja. Podia colocar lenha na lareira, mas, se a acendesse, só conseguiria produzir muita fumaça, pois a casa não tinha chaminé.

Uma noite, tirou a aliança de ouro.

Fazia tempo que a levava pendurada em um cordão ao redor do pescoço, mas, agora, já pesava demais. Era como carregar uma grande argola de ouro. Subiu as escadas e dirigiu-se ao quarto. Ali, abriu a última gaveta de uma pequena cômoda e, após meter nela o anel, fechou-a novamente.

Depois, sentou-se na beirada da cama, com a vista fixa na escrivaninha, pensando na aliança; pensando que era como se viesse carregando as raízes de seu casamento por todos aqueles meses, como se, naquele momento, as raízes tivessem sido finalmente arrancadas para serem sepultadas, inertes e mortas, na gaveta da pequena cômoda. E o casamento, por meio daquele ato, estava formalmente acabado.

Beth levou uma boneca para ele naquela mesma tarde. Colocou-a na varanda e deixou-a ali. Ele ignorou-a durante todo o dia. Porém, seguindo um impulso, desceu a escada e pegou a boneca, que estava sentada no primeiro degrau com um traje de praia azul.

— Está com frio? — perguntou-lhe, ao pegá-la nos braços.

Ela nada disse.

Levou-a para o andar superior e deitou-a na cama. Os olhos da boneca se fecharam.

— Não, não durma — disse-lhe. Conseguiu sentá-la após dobrá-la pela articulação do corpo, mas as longas e duras pernas eram inflexíveis. — Assim — disse.

Ela continuou olhando fixamente com seus reluzentes olhos que nunca piscavam.

— Sua roupa é muito bonita — disse. Estendeu a mão e acariciou-lhe o cabelo de fibra. — Quem a penteou? — perguntou. Ela permaneceu sentada rigidamente, com as pernas separadas e os braços ligeiramente erguidos, como se se dispusesse a dar um abraço.

Acariciou-lhe o duro e pequeno peito. O sutiã da boneca caiu.

— Por que usa sutiã? — perguntou ele, como se tentasse se justificar.

Ela continuava olhando-o fixamente. — Suas pestanas são de plástico — disse, com uma total ausência de tato. — Não tem orelhas — acrescentou. Ela continuou olhando-o. — Seu peito é plano — disse-lhe.

Então, pediu-lhe desculpas por ter sido tão rude e continuou contando-lhe a história de sua vida. Ela se manteve pacientemente sentada no quarto à meia-luz, contemplando-o com seus azuis olhos cristalinos que não piscavam e uma boquinha vermelha perpetuamente entreaberta, como se estivesse disposta a dar-lhe um beijo que nunca chegava.

Um pouco mais tarde, deitou-a na cama e colocou-se junto a ela. A boneca dormiu instantaneamente. Ele a pôs de lado e seus olhos azuis se abriram e o encararam.

Voltou a deitá-la de costas e os olhos dela tornaram a se fechar.

— Durma — disse-lhe.

Rodeou-a com os braços e se aninhou junto à sua fria perna de plástico. Virou-a para o outro lado, para que não o olhasse. Depois, aconchegou-se a ela e voltou a envolvê-la com um braço.

No meio da noite, acordou sobressaltado e contemplou o suave corpo nu que tinha junto a ele, e o cabelo louro preso com uma fita vermelha. O coração bateu-lhe com rapidez.

— Quem é você? — sussurrou.

Então, tocou-lhe a carne dura e fria e lembrou-se de tudo.

Um soluço estremeceu seu peito.

— Por que não é real? — perguntou, mas ela não respondeu.

Apertou o rosto contra o suave cabelo da boneca e abraçou-a com força, adormecendo pouco depois.

CONTINUAVA SENTADO na areia fria, olhando fixamente o braço da boneca que saía da enorme caixa de papelão situada na frente dele. Aquilo o fizera lembrar.

Piscou e olhou em torno de si. Quanto tempo havia decorrido desde então? Não pôde se lembrar. E o que era ainda mais importante: quanto tempo ficara perdido em suas recordações? Não podia saber. O raio de luz ainda penetrava pela janela.

Piscou, olhou ao redor. Já não lhe restava muito tempo. Se começasse a escurecer, nunca conseguiria...

Eis a questão; não era um indício claro? Aquela impossibilidade de completar o pensamento. No escuro, nunca conseguiria matar a aranha; não teria essa oportunidade. Aquele era o pensamento. Por que não conseguia completá-lo?

Porque a ideia o aterrorizava.

Por que ficava, então? Não tinha necessidade alguma. Devia pensar sobre isso; compreender. Muito bem. Apertou fortemente os lábios, aguentando a lança entre as mãos com força. Por alguma razão concreta, a aranha significava algo para ele, algo que odiava, algo com o qual não podia co-existir.

E, como iria morrer de qualquer jeito, queria ter a oportunidade de matar esse algo.

Não, não era tão simples. Havia alguma outra coisa. Talvez por achar, na realidade, que não desapareceria no dia seguinte. Mas não era assim também com a morte? Que pessoa normal e jovem podia achar que ia morrer?

Normal — pensou. *Quem era normal?* Fechou os olhos.

Depois, levantou-se apressadamente, sentindo o sangue latejar em suas têmporas. O amanhã não tinha nada a ver com a questão ou, se tinha algo a ver, devia se convencer de que não era assim. O agora era a única coisa que importava. E naquele momento decidiu que, ainda que morresse no embate, aquela monstruosidade morreria com ele.

Parou de refletir nesse ponto. Já era suficiente.

Encontrou-se caminhando pela areia com pernas que pareciam de chumbo. Aonde vai?, perguntou-se. A resposta era evidente: Vou em perseguição da aranha e...

O ruído das sandálias sobre a areia cessou de repente. E o quê? Estremeceu. Que podia fazer? Que podia fazer contra uma gigantesca aranha de sete patas? O tamanho dela era quatro vezes superior ao seu. De que lhe serviria o pequeno alfinete?

Permaneceu imóvel por um momento, com a vista perdida no silencioso deserto.

Precisava de um plano e rápido. Já voltava a ter sede. Não tinha tempo a perder. *Muito bem*, pensou, lutando contra o crescente temor que o atormentava. Muito bem, tinha de considerá-la como uma fera que precisava ser destruída. O que faziam os caçadores quando queriam destruir uma fera?

Encontrou a resposta em seguida. Uma armadilha no chão. A aranha cairia dentro dela e...

O alfinete! Fincado com a ponta para cima, como uma longa e afiada estaca!

Pegou rapidamente o rolo de linha que levava pendurado no ombro e o atirou ao chão.

Desatando a lança, começou a arranhar a areia, usando o alfinete como enxada.

Demorou quarenta e cinco minutos para acabar. Com o rosto e o corpo banhados em suor e todos os músculos trêmulos, saltou ao fundo do buraco e observou suas paredes verticais. Se não tivesse a linha para subir, ele mesmo estaria preso ali.

Depois de descansar um momento, afundou a lança na areia, de forma que a ponta formasse um ângulo agudo. Afundou-a ainda mais e amontoou grandes quantidades de areia dura e úmida ao seu redor para que não pudesse desprender-se. Depois, subiu pela linha, que recolheu quando já estava fora do buraco. Ficou parado na borda, olhando para o fundo.

Quase imediatamente, as dúvidas começaram a assaltá-lo. Daria resultado? Não subiria a aranha por essas paredes tal como fazia pelas paredes do porão? E se não caísse em cima do alfinete? E se desse um salto para trás antes de tocar o alfinete?

Então, não disporia de arma alguma com a qual pudesse lhe fazer frente. Não seria melhor repetir o que fizera quando encontraram na caixa de papelão? Manter o alfinete estendido diante dele deixar a aranha se empalar na ponta?

Compreendeu que já não podia fazer desse modo; era pequeno demais, agora. O impacto o derrubaria. Lembrava-se muito bem da horrível sensação experimentada quando aquela enorme pata negra o arranhou.

Não podia voltar a se enfrentar com aquilo. *Então, por que ficar?* Não respondeu.

Faltava um detalhe. Teria de cobrir o poço quando a aranha estivesse dentro.

Conseguiria enterrá-la na areia? Não, isso levaria muito tempo.

Deu uma volta por ali até encontrar um pedaço de papelão grande o bastante para tapar o buraco. Arrastou-o para lá.

Então, estava tudo arranjado. Atrairia de alguma forma a aranha até ali, ela cairia sobre o alfinete e ele tamparia o buraco com o pedaço de papelão. Então, colocaria todo o peso do seu corpo em cima da tampa até assegurar-se de que a aranha estava morta.

Umedeceu os lábios. Não havia outra forma. Manteve-se imóvel durante alguns minutos, recobrando o fôlego. Depois, mesmo ainda cansado e ofegante, pôs-se em marcha.

Sabia que, se esperasse mais, sua vontade fraquejaria.

Aventurou-se novamente pelo deserto, procurando.

A aranha devia estar em sua teia. Era isso o que devia procurar. Avançou a passos largos, olhando ansiosamente ao seu redor. Sentia o peso de uma enorme e fria rocha no estômago. Sem o alfinete, estava indefeso. E se a aranha se colocasse entre ele e o buraco? Uma rocha despencou, produzindo-lhe um sobressalto. *Não, não,* pensou com desespero. *Não permitirei que isso ocorra.*

Outro ruído. Assustou-se, mas, em seguida, deu-se conta de que se tratava dos alicerces da casa e retomou a marcha, com os músculos em constante tensão.

Estava escurecendo. Adentrava as sombras cada vez mais, pois se afastava da luz que entrava pela janela. Sua respiração entrecortada sacudia-lhe o peito com rápidos movimentos

ascendentes e descendentes. Era a forma de agir das viúvas-negras, e ele sabia muito bem. Reticentes e discretas por natureza, construíam suas teias nos nichos mais escuros e isolados.

Avançou pela escuridão crescente e finalmente a encontrou. Pendurada em sua teia, um ovo negro pulsante, como uma gigantesca pérola de ébano com sete extremidades, agarrada aos pegajosos fios.

Scott sentiu um instantâneo nó na garganta. Queria engolir, mas tinha a garganta calcificada. Acreditou estar se asfixiando enquanto contemplava a gigantesca aranha.

Então, compreendeu a razão pela qual não a tinha visto o dia todo: embaixo de seu corpo imóvel, pendurando na teia, havia um grande besouro parcialmente comido.

Scott sentiu náuseas. Fechou os olhos e inspirou profundamente. O ar parecia impregnado com o cheiro da morte.

Abriu rapidamente os olhos. A aranha não se mexera. Continuava imóvel, semelhante a uma reluzente amora flutuando num líquido leitoso.

Continuou tremendo, sem desviar os olhos dela. Era evidente que não podia subir ali atrás dela. Ainda que tivesse a coragem de fazê-lo, a teia de aranha o prenderia como fizera com o besouro.

O que podia fazer? O instinto aconselhava-o a afastar-se antes de ser visto, tal como se aproximara. Chegou mesmo a recuar alguns metros antes de parar.

Não. Tinha de fazer aquilo. Era insensato, irracional e absurdo, mas tinha de fazer aquilo. Agachou-se, alçando a vista para a enorme aranha, enquanto passava inconscientemente as mãos pela areia.

Esbarraram em algo duro e se afastaram. Ele quase caiu para trás, soltando um gemido. Então, depois de se certificar de que a aranha não o havia ouvido, averiguou o que havia tocado e viu o fragmento de pedra sobre a areia.

Pegou-o e fechou a mão em volta dele, sentindo que o nó do estômago ficava mais forte. Seu peito subia e baixava segundo os impulsos de sua entrecortada respiração.

Sua vista voltou a fixar-se no corpo inchado da aranha.

Pôs-se rapidamente de pé, com os dentes cerrados. Vasculhou uma pequena área em torno de si e encontrou outros nove fragmentos de pedra, similares ao primeiro. Deixou-os todos sobre a areia, diante dele.

Do outro lado do deserto, a estufa pôs-se a funcionar ruidosamente.

Protegeu-se do estrépito tapando os ouvidos com as mãos. A areia estremeceu sob seus pés. Na parede, a aranha pareceu se mover, mas não era nada além do ligeiro tremor da teia.

Quando a estufa desligou, Scott pegou uma das pedras, hesitou um momento e a lançou contra a aranha.

Falhou, pois a pedra passou por cima do escuro e redondo corpo da aranha e abriu uma fenda na teia. Alguns de seus filamentos dependuraram-se das bordas do buraco, como cortinas balançadas pelo vento. A aranha dobrou as patas e voltou a ficar imóvel.

Ainda está a salvo, advertiu-o rapidamente sua mente. *Ainda está a salvo! Por tudo que é mais sagrado, fuja!*

Com os músculos do estômago duros como madeira, pegou a segunda pedra e a lançou contra a aranha.

Voltou a falhar. Desta vez, a pedra caiu sobre a teia, que se balançou um pouco, cedeu ligeiramente sob seu peso e desceu uns milímetros. A aranha acomodou-se sobre os fios. Esticou as patas e voltou a ficar imóvel.

Sufocando uma maldição, Scott pegou a terceira pedra e atirou-a.

Desta vez, depois de descrever um arco pelos ares, o projétil acertou as costas da aranha.

A aranha deu um salto. Pareceu estar suspensa no ar e, depois, voltou a cair em cima da teia, como um peso morto. Scott pegou outra pedra e atirou-a, pegou outra e voltou a atirar, meio horrorizado e meio dominado por uma enlouquecedora fúria. As pedras passaram através da gelatinosa teia e uma delas abriu um segundo buraco.

— Vamos! — gritou subitamente, com toda a potência de sua voz. — Vamos, maldita!

Então, a aranha começou a descer pelos fios, com o corpo tremendo sobre suas patas. Um novo grito morreu na garganta de Scott. Depois de encher os pulmões de ar, girou sobre os calcanhares e disparou pela direita.

A cinco metros do ponto de partida, lançou uma olhadela para trás sem deixar de correr. A aranha estava já sobre a areia, como uma escura bolha a persegui-lo. Um pânico repentino anuviou seu cérebro. Suas pernas pareciam ter perdido toda força.

Vou cair!, pensou.

Foi uma ilusão. Continuou correndo velozmente, com a boca aberta.

Vasculhou a distância, procurando o buraco, mas não o viu. Devia estar um pouco mais longe. Voltou a virar a cabeça. A aranha ganhava terreno.

Afastou rapidamente os olhos. Não olhe!, pensou. Sentiu uma pontada na lateral do corpo.

Suas sandálias voavam sobre a areia. Continuou olhando para frente, à procura do buraco.

Não pôde evitar e voltou a olhar para trás. A aranha aproximava-se cada vez mais, balançando-se sobre suas rígidas patas e com a vista fixa nele.

Correu a toda velocidade, com os olhos arregalados, através das sombras e da luz.

Onde estava o buraco?

Deu-se conta de que já avançara muito, tinha certeza disso, pois já estava perto das latas de tinta. *Não, era impossível!* Havia planejado muito bem para que agora lhe ocorresse isso. Olhou para trás. Mais perto; arrastando, flutuando, afundando, sacudindo, um horrível corpo negro corria para ele, mais rápido do que um cavalo.

Precisava voltar! Começou a correr num amplo semicírculo, rogando para que a aranha não se colocasse em seu caminho. A areia parecia atrasar seu avanço cada vez mais e suas sandálias afundavam-se nela, fazendo inquietantes ruídos.

Voltou a olhar para trás. A aranha continuava em seu encalço, só que bem mais próxima. Pareceu-lhe ouvir o brusco arranhar de suas

patas na areia. A aranha chegou a cinco metros dele, quatro metros, três...

Sem deixar de correr, deu um salto no ar para tentar localizar o buraco.

Não pôde. Seu corpo despencou pesadamente. Um gemido tremeu em sua garganta.

Iria terminar assim?

Não, espere! Lá adiante, à direita!

Alterou a direção e correu para o parapeito de areia que rodeava o buraco. Três metros atrás, a enorme aranha corria atrás dele.

O buraco foi aumentando de tamanho. Continuou correndo a toda velocidade, respirando pela boca e impulsionando-se com os braços. Freou na beira do buraco e deu meia-volta. Era o momento crucial: tinha de ficar ali até que a aranha estivesse quase em cima dele.

OS GRITOS HAVIAM cessado. A aranha movia-se com lentidão, recuava com insegurança sobre suas patas trêmulas. Scott experimentou a súbita necessidade de pôr fim à sua agonia. Podia afastar-se e deixá-la morrer, mal não o fez. Por alguma razão fantástica, baseado em seus antigos princípios de moralidade, compadeceu-se da aranha e quis abreviar seu sofrimento, Penetrou cautelosamente em seu círculo de confinamento. Com um violento esforço final, a aranha voltou a saltar.

A ponta da lança atravessou seu corpo e o bicho despencou, sacudida por horríveis estremecimentos, enquanto fechava a venenosa mandíbula a poucos centímetros do corpo de Scott. Depois, ficou imóvel e gigantesca na areia ensanguentada. Estava morta.

Scott afastou-se cambaleando e caiu por terra, inconsciente. O último som que lembrava ter ouvido foi o lento e horroroso raspar das patas da aranha morta, mas não quieta.

DESPERTO LENTAMENTE, abriu as mãos e pegou um punhado de areia.

Um gemido sacudiu seu peito; virou-se até ficar estendido de costas. Abriu os olhos.

Havia sido um sonho? Respirou profundamente por um minuto; depois, com um grunhido, endireitou o corpo.

Não havia sido um sonho. A poucos metros dele jazia o corpo da aranha, semelhante a uma grande pedra morta, com as patas semelhantes a imóveis lanças curvadas em todas as direções. A quietude da morte pairava sobre ela.

Era quase noite. Precisava descer do precipício antes que escurecesse totalmente.

Suspirando de cansaço, pôs-se de pé e aproximou-se da aranha.

Repugnava-lhe ter de se aproximar de seu corpo sanguinolento, mas tinha de recuperar o gancho.

Quando finalmente conseguiu, avançou pelo deserto aos tropeções, arrastando atrás de si o gancho, para que a areia o limpasse.

Bom, já está feito, pensou. As noites de terror haviam terminado.

Agora, já poderia dormir sem a tampa da caixa, dormir livre e em paz. Um sorriso cansado iluminou sua tensa expressão. Sim, tinha valido a pena.

Agora, parecia-lhe que tudo valia a pena.

Na borda do precipício, fincou com força o gancho na madeira.

Depois, com extrema lentidão por causa do cansaço, endireitou-se, atou a linha e atravessou o braço da cadeira. Tinha uma longa descida pela frente.

Voltou a sorrir. Isso não importava.

Quando estava suspenso no ar, em cima da cadeira inferior, o gancho se rompeu.

No instante seguinte, voava pelos ares, descrevendo lentas cambalhotas.

Para ele, foi uma impressão tão esmagadora, que não pôde exalar qualquer som. Tinha o cérebro embotado. A única emoção que sentiu foi um total e absoluto assombro.

Aterrissou sobre a almofada de flores, quicou uma vez e ficou estendido em perfeita imobilidade.

Após um momento, levantou-se e tocou o corpo. Não podia compreender.

Ainda que tivesse aterrissado sobre a almofada, havia caído muitas centenas de metros. Como era possível que ainda estivesse vivo e ileso?

Esteve muito tempo se tocando sem cessar, incapaz de acreditar que não tinha um osso quebrado e que só estava um pouco machucado.

Depois, ocorreu-lhe: seu peso. Estivera enganado todo o tempo.

Achava que numa queda sofreria os mesmos efeitos de quando media e pesava como um homem normal. Estava enganado. Deveria ser óbvio para ele. Por acaso não era possível deixar cair uma formiga de qualquer altura e perceber que ela saía andando do ponto em que atingia o solo, como se nada tivesse acontecido?

Balançando pensativamente a cabeça, dirigiu-se até um dos fragmentos de pão e o levou até a esponja. Então, após ter bebido um bom gole de água no interior da mangueira, subiu até a superfície da esponja com o seu pedaço de pão e devorou o jantar.

Naquela noite, dormiu em paz.

CAPITULO 15

Levantou-se com um grito, subitamente desperto. Um tapete de luz resplandecia sobre o solo de concreto; um estrépito semelhante a tambores vinha da escada. Conteve a respiração. Interceptando a luz, surgiu um gigante.

Scott rolou sobre a esponja, arrastando-se para a borda e, então, saltou dela. O gigante deteve-se e olhou ao redor, sua cabeça quase tocando o teto, muito acima dele. Scott caiu suavemente sobre o concreto e pôs-se de pé. Deu um passo para a frente e tropeçou na enorme túnica. Voltou a se levantar, com os olhos fixos no gigante, que permanecia imóvel com os imensos braços nos quadris. Deixando as sandálias para trás, Scott arregaçou a túnica e correu descalço pelo chão frio.

Quatro metros depois, as pregas da túnica escaparam de suas mãos e ele tropeçou novamente. O gigante se moveu. Scott reprimiu uma exclamação de horror e recuou, agitando um braço. Não havia como escapar. O solo estremeceu com a aproximação do gigante. Horrorizado, Scott viu os imensos sapatos do gigante desabarem sobre o concreto. Alçou a vista. O corpo do gigante cambaleava acima dele como uma montanha prestes a desmoronar.

Scott tapou o rosto com o outro braço. *É o fim!*, gritou-lhe sua mente.

O estrépito cessou e Scott baixou os braços.

Milagrosamente, o gigante havia parado junto à mesa vermelha de metal. Por que não havia continuado até o aquecedor? O que estava fazendo?

Uma exclamação de surpresa escapou de seus lábios quando o gigante se inclinou sobre a superfície da mesa, pegou um pedaço de papelão maior que um apartamento e o atirou no chão. O ruído que a peça fez ao cair penetrou no cérebro de Scott como uma lança. Tapou com força os ouvidos e, pondo-se de pé com esforço, recuou

apressadamente. O que ele estava fazendo? Outro enorme pedaço de papelão estatelou-se no chão do porão, aterrissando com ruído ensurdecedor. O olhar aterrorizado de Scott acompanhou sua trajetória e, então, retornou ao lugar onde estava o gigante.

Agora, tirava algo ainda maior da pilha que havia entre o tanque de combustível e a geladeira. Uma coisa azul. Era a mala de Lou.

De repente, compreendeu que aquele não era o mesmo gigante que estivera ali na quarta-feira. Seus olhos subiram pelas paredes íngremes de suas calças compridas.

Um padrão azul e cinza de quadrados e linhas, o que era aquilo? Contemplou-o detidamente. Príncipe de gales! O gigante era um homem vestido com um terno príncipe de gales e calçava sapatos negros tão longos quanto um quarteirão inteiro.

Onde ele havia visto aquele terno?

Lembrou-se quase que imediatamente, um segundo antes que um gigante menor descesse as escadas correndo e, com voz estridente, dissesse:

— Precisa de ajuda, tio Marty?

Scott ficou imóvel, movimentando apenas os olhos: da imensa figura de sua filha até a figura ainda mais imensa de seu irmão, e então de volta a ela.

— Acho que não, querida — disse Marty. — Creio que tudo aqui seja muito pesado para você.

A voz penetrou os ouvidos de Scott com tamanho volume, que ele mal conseguiu decifrar as palavras.

— Posso levar a mala pequena — respondeu Beth.

— Bom, talvez você possa levá-la — disse Marty.

As caixas de papelão continuavam voando pelos ares, chocando-se contra o chão.

Agora, duas cadeiras de lona eram lançadas:

— Essa. E essa — disse Marty. Foram jogadas sobre as cadeiras de jardim.

— E mais essa — falou Marty.

Um poste de rede, semelhante a uma árvore de 600 metros de altura, foi arrastado pelo chão e acabou apoiado sobre o precipício,

permanecendo ali, com a extremidade inferior apoiada na borda metálica em formato de lua, na qual a rede estava presa.

Scott agora se comprimia contra o bloco de concreto, com a cabeça para trás, observando a figura altíssima do irmão. Contemplou a gigantesca mão de Marty aproximar-se da alça da segunda mala, arrastá-la asperamente pela mesa de metal e, então, atirá-la ao chão. Para que Marty colocava as malas no chão?

A resposta veio logo: estavam de mudança.

— Não — murmurou, pondo-se a correr impulsivamente. Viu a gigantesca figura de Beth avançar pelo pavimento em três passos largos e depois agachar-se para pegar a segunda mala.

— Não! — seu rosto estava desfigurado pelo pânico — Marty! — gritou, correndo em direção ao irmão. Voltou a tropeçar em sua túnica, caindo de bruços. Levantou-se com rapidez, gritando de novo o nome do irmão. Ela não podia partir!

— Marty, sou eu! — berrou — Marty!

Com dedos paralisados, livrou-se da túnica pela cabeça e atirou-a ao chão. Correu desesperadamente para os sapatos do irmão.

— Marty!

Ouviu, vindo da escada, o ruído provocado pelo esforço de Beth ao arrastar a mala menor pelos degraus de concreto e o ignorou, continuando a correr em direção ao irmão. Tinha de se fazer ouvir.

— Marty! Marty!

Com um suspiro, Marty começou a subir a escada.

— Não! Não vá! — gritou Scott, o mais alto que pôde.

Como um pálido inseto branco, continuou correndo pelo concreto frio em direção à figura em movimento do irmão.

— Marty!

Junto aos degraus, Marty se virou. Os olhos de Scott arregalaram-se, subitamente, de excitação.

— Aqui, Marty! Aqui! gritou, pensando que o irmão o havia escutado. Agitou violentamente os braços, finos como linha. — Estou aqui, Marty! Aqui!

Marty virou sua colossal cabeça:

— Beth? — disse ele.

— Sim, tio Marty? — sua voz vinha do alto da escada.

— Sua mãe tem mais alguma coisa aqui embaixo?

— Tem sim — respondeu Beth.

— Certo. Voltaremos, então.

A essa altura, Scott havia alcançado o sapato do gigante e o escalava, segurando-se na borda da sola. Agarrou-se ao couro duro e manteve-se ali.

— Marty! — voltou a gritar, enquanto subia até a plataforma.

Pondo-se rapidamente em pé, começou a golpear o sapato com os punhos. Foi como golpear uma parede rochosa.

— Marty, por favor! — implorou. — Por favor! Oh, por favor!

De repente, a plataforma deslocou-se descrevendo uma enorme e atordoante curva.

Scott perdeu o equilíbrio e caiu para trás com um grito, agitando loucamente os braços.

Aterrissou pesadamente sobre o concreto, sem fôlego, e ficou observando o irmão subir as escadas com a mala de Lou.

Então, Marty desapareceu e a luz do sol ofuscou-o com seu brilho.

Scott protegeu os olhos com um braço e afastou-se rapidamente. Um soluço irrompeu de seu peito. *Não era justo! Por que todos os seus triunfos eram desfeitos com tanta rapidez, suas vitórias anuladas em um instante?*

Ainda trêmulo, pôs-se de pé num pulo e permaneceu de costas para a intensa luz do sol. Ela estava de mudança. Louise estava indo embora. Pensava que ele havia morrido e o abandonava.

Trincou os dentes. Tinha de fazê-la saber que ele ainda estava vivo.

Olhou para os lados, protegendo os olhos com as mãos em concha. A porta ainda estava aberta. Correu até a base do último degrau e contemplou o desafiador lance de escadas. Mesmo que construísse outro gancho, não poderia lançá-lo àquela altura.

Andava de um lado para o outro, inquieto, aos pés do degrau.

E quanto às rachaduras existentes entre os blocos de concreto? Poderia subir por elas como havia planejado fazer na quarta-feira? Dirigiu-se para a mais próxima, mas deteve-se em seguida, ao perceber que precisava de roupas, comida e um pouco de água.

Foi então que a impossibilidade da escalada caiu sobre ele como chumbo derretido.

Deixou-se cair de encontro ao concreto frio do degrau e começou a tremer violentamente, com os olhos sem vida fixos no chão. Sua cabeça balançava-se lentamente para a frente e para trás. Era inútil tentar. Jamais chegaria ao topo. Não agora que media três milímetros e meio. Encontrava-se a meio caminho de volta até a esponja, quando uma ideia afastou seu desespero. Marty havia dito que voltaria.

Com uma exclamação sufocada, começou a correr de novo para os degraus e deteve-se uma vez mais. Calma, calma, disse a si mesmo, primeiro você tem de se preparar.

Não podia simplesmente voltar a escalar o sapato. Nele, não havia no que se segurar.

Teria de se agarrar às calças compridas de Marty, meter-se talvez dentro da bainha e ali ficar enquanto fosse carregado pela casa. Então, poderia sair, subir em uma mesa ou uma cadeira, qualquer coisa, agitar um trapo e atrair a atenção de Lou. Só tinha de fazê-la saber que continuava vivo, pensou com excitação. Só tinha de fazê-la saber.

Muito bem, então. Rápido, rápido. Juntou as mãos num movimento de nervosismo. O que devo fazer primeiro?

A primeira coisa a fazer era separar comida e bebida; levar uma boa refeição presa ao seu — riu nervosamente — seu cinto? Olhou o próprio corpo nu, branco e arrepiado de frio. Sim, aquilo era prioridade, mas o que iria vestir? A túnica ficara grande demais e o tecido era muito resistente para ser rasgado. Talvez...

Aproximou-se da esponja e, após uma série de puxões, sacudidas e trincadas de dentes, conseguiu romper um grande naco. Arrumou-o como pôde e o vestiu, introduzindo os braços e as pernas pelos poros. Aderiu ao seu corpo como se fosse de borracha, mas não o protegia muito bem; ficava ligeiramente descoberto na frente.

Bom, teria de servir. Não havia tempo para criar algo melhor.

Em seguida, a comida. Buscou pelo chão e partiu um pedaço de pão de uma das partes do precipício. Levou-o rapidamente à mangueira e sentou-se ali para comê-lo, com as pernas penduradas

sobre a anilha metálica que envolvia a abertura. Precisava também calçar seus pés com alguma coisa, mas com o quê?

Ao terminar de comer e regressar da longa caminhada pelo interior da escura mangueira, voltou à esponja e arrancou dois pequenos fragmentos para seus pés. Fez buracos no centro e meteu os pezinhos neles. A esponja não aguentava muito bem.

Teria de atá-la com um pouco de linha.

De repente, ocorreu-lhe que a linha não apenas serviria para atar suas improvisadas vestimentas como também para ajudá-lo a subir na bainha das calças compridas de Marty. Se encontrasse outro alfinete e o entortasse, atando-o em seguida a um pedaço de linha, podia enganchá-lo na calça e se sustentar até chegar à parte superior da casa.

Começou a correr em direção à caixa de papelão, que estava embaixo do tanque de combustível. De repente, deteve-se e deu meia-volta, ao lembrar-se do pedaço de linha que usara para descer na noite anterior. Ainda devia estar atado ao alfinete. Correu para encontrá-lo.

Encontrou-o, e o que era melhor: o alfinete ainda estava dobrado o suficiente para se enganchar na bainha da calça de Marty.

Scott correu sobre a pilha de pedras e lascas de madeira junto ao último degrau, para esperar ali o irmão voltar a descer.

Ouviu passos inquietos e ligeiros no andar de cima, e imaginou Lou se movendo de um lado para o outro, preparando-se para partir. Apertou os lábios até machucá-los. Ainda que fosse a última coisa que fizesse, ele faria com que ela soubesse que ainda estava vivo.

Olhou para o porão. Era difícil acreditar que, após tanto tempo, poderia sair dele. O porão havia se transformado em seu mundo. Talvez fosse se sentir como um prisioneiro que, libertado após um longo período de reclusão, ficaria assustado e inseguro. Não, não podia ser verdade. O porão não havia sido para ele um ninho cheio de comodidades. A vida lá fora dificilmente seria mais penosa do que havia sido ali.

Passou suavemente os dedos sobre o joelho machucado. O inchaço havia diminuído consideravelmente, já doía muito pouco. Tocou os cortes e escoriações da face.

Desfez a atadura que cobria a mão e a atirou ao chão.

Engoliu em seco e comprovou que a garganta doía, mas isso não importava.

Estava disposto a enfrentar o mundo.

No andar de cima, ouviu uma porta se fechar e passos atravessarem a varanda. Saltou da rocha e desenrolou a linha. Depois, pegando o gancho, apertou-se contra a parede do degrau e aguardou, peito arfando com os violentos batimentos do coração. Ouviu o ranger de sapatos sobre o terreno arenoso do quintal e, depois, uma voz que dizia:

— Não sei ao certo o que temos lá embaixo.

Scott empalideceu, seus olhos assemelhavam-se a lagos congelados. Sentiu como se as pernas que lhe sustentavam fossem de borracha.

Era Lou.

Colou-se ao concreto quando os gigantescos sapatos começaram a descer a escada:

— Lou — sussurrou e, então, dois dos gigantes bloquearam o sol como se fossem nuvens.

Deram uma volta pelo porão, suas cabeças a um quilômetro de altura.

Não conseguiu ver o rosto dela, somente o esvoaçar vermelho de sua saia.

— Essa caixa que está em cima da estante é nossa — disse ela, com uma voz que parecia vir do céu.

— Tudo bem — disse Marty, dirigindo-se à parede do precipício e baixando a caixa de papelão da qual escapava um braço de boneca.

Lou deu um pontapé na pequena esponja que havia no chão:

— Agora, vamos ver — disse ela — Acho que...

Agachou-se e Scott pôde ver as imensas feições de seu rosto do mesmo modo que o operário que pendura um outdoor deve enxergar o anúncio. Não obteve uma visão do conjunto; apenas um olho enorme de um lado, um gigantesco nariz do outro e lábios como um desfiladeiro de bordas rosadas.

— Sim — disse ela —, esta caixa de papelão que está embaixo do tanque.

— Eu levo — respondeu Marty, subindo a escada com a primeira caixa.

Ficou sozinho com ela.

Acompanhou-a com o olhar, à medida que ela se levantava novamente.

Moveu-se lentamente, com os gigantescos braços cruzados por debaixo das montanhosas protuberâncias de seus seios. Scott sentiu uma horrível contração no peito e no estômago. Era inútil negar isso; Lou já estava totalmente fora de seu alcance. Sua ideia de fazê-la saber que ele ainda estava vivo evaporara. Desaparecera no momento em que a viu. Era como um inseto para ela; compreendera isso com terrível lucidez. Mesmo que conseguisse chamar-lhe a atenção de alguma forma, não resolveria nada, não mudaria nada.

Ainda assim, estaria de partida aquela noite e a única coisa que conseguiria seria abrir uma velha ferida que seguramente estava quase cicatrizada.

Permaneceu em silêncio, como um pequeno berloque de pulseira, contemplando a mulher que um dia havia sido sua esposa.

Marty voltou a descer a escada.

— Ficarei feliz em ir embora daqui — disse Lou.

— Não a culpo — disse Marty, dirigindo-se ao tanque de combustível e agachando-se diante dele.

Descendo a escada, Beth aproximou-se, perguntando:

— Posso levar alguma coisa, mamãe?

— Acho que não tem mais nada. Ah, sim, você pode levar esse pote com pincéis. Acho que são nossos.

— Tá — Beth foi em direção à mesa de vime.

De repente, Scott desligou-se de seu devaneio. Já não queria falar com Lou, mas ainda assim continuava a querer sair do porão. E deu-se conta de que não podia esperar que Marty chegasse até ele; o irmão passaria com demasiada rapidez pelo degrau. Não teria tempo.

Afastando-se do degrau, correu para a geladeira, percorrendo a sombra de seu volume, e depois passou sob a mesa de vime. Marty continuava agachado em frente ao tanque, tentando puxar a caixa de papelão. Scott correu por debaixo da mesa vermelha de metal.

Depressa! Correu mais rápido, arrastando a linha atrás de si. Marty pôs-se de pé com a caixa em seus braços.

Dirigiu-se para a escada.

Não havia tempo. Conforme Scott saía a campo aberto, o imenso sapato negro de Marty posicionava-se no chão em frente a ele. Com uma violenta sacudida, lançou o gancho à bainha da calça.

Um cavalo galopante não o teria levantado do chão com mais violência.

Reprimiu um grito. Encontrou-se voando pelos ares, para descer quase em seguida e roçar o chão a toda velocidade. Com um movimento abrupto das pernas, planou o corpo e sentiu seu casaco de esponja raspar o chão. A enorme perna voltou a mover-se. Scott, surpreendido no ponto culminante de seu vaivém, foi lançado a uma grande altura. A linha se esticou e ele foi para frente com violência, quase lhe arrancando os braços das articulações.

O porão girou diante de seus olhos, luz e sombras misturaram-se. Queria gritar, mas não pôde. Continuou dançando com violência no ar, oscilando e girando, enquanto seu corpo minúsculo avançava para a escada. Um muro surgiu diante dele, para desaparecer com a mesma rapidez. Seus pés deslizaram ao longo do primeiro degrau e os pedaços de esponja romperam-se. O brusco impacto lançou-o pelos ares e, de repente, viu-se voando a toda velocidade pelo concreto, em direção à parede do segundo degrau. Estendeu os braços para proteger-se do golpe. Gritou com todas as suas forças.

Então, chocou-se com um grão de concreto e caiu de bruços. Suas pernas se levantaram e bateu a cabeça no chão violentamente. A dor atravessou seu cérebro, clara e vívida, e converteu-se subitamente num núcleo escuro que também explodiu, mergulhando sua mente na escuridão.

Permaneceu ali imóvel, enquanto o sapato de sua esposa atingia o chão a poucos centímetros de seu corpo e depois desaparecia.

Mais tarde, quando Marty as levava de carro à estação de trem, Beth notou o gancho com a linha pendurado na bainha da calça de seu tio e, agachando-se, arrancou-o.

Marty disse:

— Deve ter enroscado no porão -e esqueceu-se dele.

Beth colocou-o no bolso do sobretudo e também se esqueceu dele.

18 cm

— Ponha-me no chão! — gritou ele.

Não pôde continuar a falar. A mão da filha fechou-se ao redor de seu corpo, prendendo-o dos ombros aos quadris, imobilizando seus braços e o impedindo de respirar. A sala se apagou diante de seus olhos e ele perdeu a consciência.

Então, despertou sobre o chão da varanda da casa de bonecas, sua mão agarrada à balaustrada de ferro fundido. Beth o contemplava com olhos assustados.

— Dei uma carona para você — disse ela.

Ele abriu a porta principal e precipitou-se para o interior da casa, batendo a porta atrás de si e fechando o minúsculo trinco. Depois, deixou-se cair debilmente no chão, respirando com dificuldade.

Do lado de fora, Beth disse, justificando-se:

— Não machuquei você.

Ele não respondeu. Sentia-se como se tivesse sido colocado numa prensa.

— Não machuquei você — repetiu ela e começou a chorar.

Sabia que aquele momento chegaria, e finalmente havia chegado. Não podia demorar mais. Tinha de pedir a Lou que mantivesse Beth longe dele.

Ela não era confiável.

Com dificuldade, pôs-se de pé e dirigiu-se ao sofá com passos vacilantes.

Ouviu Beth saindo da sala, fazendo tremer o chão sob seus pés. O golpe da porta ao ser fechada lhe ocasionou um violento sobressalto. Ela havia entrado momentos antes, vira-o fazer a longa caminhada em direção à casinha e o pegou.

Recostou-se sobre os pequenos travesseiros que Lou lhe havia feito.

Permaneceu naquela posição por um longo tempo, com a vista perdida nas sombras do teto e pensando em sua filha perdida.

Havia nascido numa quinta-feira de manhã. O parto foi demorado. Lou tentou convencê-lo a ir para casa, mas ele não quis. Às vezes, ia para o carro, reclinava o assento de trás e adormecia superficialmente durante alguns minutos, mas a maior parte do tempo esteve na sala de espera, folheando revistas sem lê-las de fato, como o livro que havia levado para ler e esquecido sobre a mesa. Ah, sim, seria esperto. Nada de melodramas cinematográficos, nada de andar para cima e para baixo, nada de fumar um cigarro após o outro. A propósito, nem se desejasse teria conseguido andar para cima e para baixo. A sala de espera não passava de um pequeno aposento situado no fim do corredor do segundo andar, e não podia andar pelo corredor por causa do intenso movimento de pessoas.

Assim, sentou-se na sala de espera com a sensação de ter no estômago uma bomba prestes a explodir. Só havia outro homem com ele, mas aquele iria seu quarto filho e ele estava até entediado. De fato, lia um livro intitulado *The Curse of the Conquistadores*. Scott ainda se lembrava do título.

Como podia um homem estar tão calmo lendo aquele livro, enquanto sua esposa se retorcia de dor no trabalho de parto? Talvez fosse uma mulher de parto fácil. Na verdade, o homem não pôde ler mais de três capítulos antes que nascesse seu filho, por volta de uma da madrugada. Deu de ombros, piscou o olho para Scott e foi para casa. Scott praguejou baixinho ao vê-lo sair e ficou sozinho na sala de espera, aguardando.

Às sete e um da manhã, vinha ao mundo Elisabeth Louise.

Recordou-se do Dr. Arron saindo da sala de parto e caminhando pelo corredor em direção a ele, do som que seus leves calçados de sola de borracha tiravam do piso de ladrilhos. Uma dúzia de diferentes temores cruzaram a mente de Scott. Ela morreu. O bebê morreu. É anormal. São gêmeos. Trigêmeos. Era uma falsa gravidez.

O Dr. Arron disse-lhe:

— Bem, você tem uma filha.

Então, conduziram-no a uma janela de vidro e, por trás dela, uma enfermeira carregava um bebê envolvido numa manta. Tinha cabelos negros, bocejava e agitava os pequenos punhos avermelhados no ar. Scott conseguiu secar as lágrimas antes que alguém as visse.

Sentou-se no sofá e esticou as pernas. A dor na caixa torácica não era tão ruim agora.

Por um instante, foi bastante difícil respirar. Passou as mãos sobre o peito e laterais.

Nenhum osso quebrado; foi uma verdadeira sorte, Beth o havia apertado de um modo terrível. Claro que a única coisa que pretendia era segurá-lo para não cair de sua mão, mas...

Sacudiu a cabeça:

— Beth, Beth... — murmurou.

Quase sem perceber, foi perdendo-a dia após dia desde que começara a encolher. A perda de sua esposa foi um processo visível e certo. A separação de sua filha era outra coisa.

A princípio, foi uma separação circunstancial. Padecia de uma terrível e desconhecida doença, ia regularmente ao médico, submetia-se a todo tipo de exames, era internado no hospital. Não havia tempo para ela.

Depois, voltou para casa e a preocupação, o medo e o fim de seu casamento o impediram de ver que a estava perdendo também. As vezes, sentava-a em seus joelhos, lia-lhe um conto e, quando já havia adormecido, ficava junto à sua cama e a observava. No entanto, na maioria das vezes estava absorto demais em seu próprio estado para dar-se conta de qualquer outra coisa.

Depois, veio a questão do tamanho físico. À medida que ia diminuindo, foi perdendo a confiança em sua autoridade e o respeito dela. Não era algo que pudesse ser facilmente conquistado. Do mesmo modo que o seu tamanho afetava sua atitude para com Lou, afetava também sua atitude para com Beth.

Descobriu que sua autoridade de pai dependia, em grande parte, da simples diferença física. Um pai, para seus filhos, era grande e forte; era todo-poderoso. Uma criança enxerga com simplicidade,

respeita o tamanho e a entonação da voz. Tudo o que a ofusque fisicamente é digno de ser respeitado ou, pelo menos, temido. Isso não significa que Scott tivesse ganhado o respeito de Beth fazendo-se temido. Era apenas um estado básico, que ocorria porque ele media um metro e oitenta e oito e ela, um metro e vinte.

Quando encolheu até atingir a estatura de sua filha, e continuou nesse processo até ficar mais baixo do que ela; quando sua voz perdeu a entonação grave e a autoridade e se converteu num som estridente e pouco eficiente, o respeito que Beth tinha por ele ficou debilitado. Tudo estava no fato que ela não conseguia mais compreendê-lo. Deus sabe o quanto ele e Lou tentaram explicar isso a ela — incessantemente. Mas a menina não pode entender, porque nada no seu cérebro correspondia à ideia de um pai que estava encolhendo.

Portanto, quando ele deixou de medir um metro e oitenta e dois e sua voz deixou de ser a voz que ela conhecia, Beth deixou de enxergá-la como seu pai. Um pai era constante.

Podia depender dele, ele nunca mudaria. Mas Scott estava mudando. Assim, não poderia mais ser o mesmo; não poderia mais ser tratado da mesma forma.

E foi isso o que aconteceu: o respeito da menina foi se desvanecendo mais e mais.

Sobretudo, quando o nervosismo de Scott começou a lhe provocar acessos de raiva.

Ela não podia compreender ou apreciar. Era muito nova para se colocar no lugar dele.

Só podia vê-lo grosseiramente. E, naquele momento, ele não passava de um horrível anão que gritava e esbravejava, com uma voz muito divertida. Para ela, deixara de ser um pai e se transformara numa esquisitice.

E, agora, a perda era irreparável e definitiva.

Beth havia chegado a um ponto em que representava uma ameaça física para ele.

Como o gato, tinha de ser mantida longe dele.

— Ela não quis machucá-lo — dissera-lhe Lou aquela noite.

— Sei disso — respondeu ele, colando os lábios no pequeno microfone portátil, que reproduzia sua voz com clareza através dos alto-falantes do fonógrafo. — Ela só não compreende. Mas terá de ficar longe de mim. Não sabe como eu sou frágil. Pegou-me como se eu fosse uma boneca indestrutível. E eu não sou.

No dia seguinte, aquilo acabou.

Ele estava dentro de um estábulo coberto de palha, observando os rostos de Maria, José e os Reis Magos, parados diante do Menino Jesus.

Reinava um silêncio absoluto. Se entrecerrasse os olhos, podia imaginar que estavam todos vivos, que o rosto de Maria sorria gentilmente e que os Reis Magos se inclinavam, temerosos e reverentes, sobre o presépio. Os animais comiam e ele aspirava os variados aromas do estábulo, ao som delicado e belo do pranto do menino.

Então, sentiu uma onda de ar frio que o fez estremecer.

Olhou para a cozinha e viu que a porta estava entreaberta e que o vento salpicava o chão com flocos de neve. Esperou que Lou a fechasse, mas ela não o fez. Então, ouviu um lânguido e distante ruído de água e compreendeu que ela estava tomando banho.

Saiu do estábulo, atravessando a neve artificial sob a árvore de Natal, fazendo-a estalar com seus pequenos sapatos fabricados em casa. O vento frio soprou de novo e ele tremeu descontroladamente.

— Beth! — chamou.

Então, lembrou-se de que ela estava brincando lá fora.

Resmungou irritado consigo mesmo e começou a correr pelo tapete para o extenso linóleo verde. Talvez pudesse fechá-la ele mesmo.

Mal tinha chegado à porta, quando um rugido ameaçador soou atrás dele.

Virando-se, viu o gato junto a pia, acabando de erguer a cabeça de um pires de leite, com o pelo úmido e eriçado. Sentiu uma dolorosa contração no estômago.

— Fora daqui — disse. O animal levantou as orelhas. — Fora daqui! repetiu, mais alto desta vez.

Outro rugido escapou da garganta do gato, ao mesmo tempo em que estendia uma pata ameaçadora, com as garras expostas.

— Fora daqui! — gritou, afastando-se, com o vento gelado às costas e os flocos de neve sobre a cabeça e os ombros.

O gato deu alguns passos para a frente tão suave como manteiga de retida, a boca aberta e os afiados dentes à mostra.

De repente, Beth entrou pela porta principal, provocando uma furiosa corrente de ar que fechou a porta dos fundos, arrastando Scott com ela.

Num instante, a porta bateu e ele foi arremessado num montinho de neve.

Pondo-se em pé, com suas roupas cobertas de neve, Scott aproximou-se da porta e descarregou os punhos nela.

— Beth! — o bramido do vento o impedia de ouvir os seus próprios gritos. A neve gelada caía sobre ele como uma nuvem espectral. Uma enorme porção de neve despencou do telhado, caiu ao seu lado e o respingou com grânulos gélidos.

— Oh , meu Deus! — murmurou. Começou a dar frenéticos pontapés na porta. — Beth! — berrou. — Beth, deixe-me entrar!

Continuou golpeando a porta com as mãos até que seus punhos começaram a doer; chutou até não poder mais, mas a porta continuou fechada.

— Oh , meu Deus!

O horror de sua situação o assaltou de repente. Virou-se e olhou temerosamente o quintal coberto de neve. Estava todo branco. O solo era um lívido deserto nevado e o vento levantava grandes nuvens de neve sobre as altas dunas. As árvores eram colunas alvas e longas, arrematadas por esqueléticos ramos brancos. A cerca era uma péssima barricada.

A realidade mostrou-se cruamente: se permanecesse ali por muito tempo, morreria de frio. Já havia perdido a sensibilidade nos pés, os dedos das mãos doíam insuportavelmente e todo o seu corpo estremecia com calafrios.

Estava indeciso. Devia permanecer ali e tentar entrar na casa, ou era melhor abandonar a varanda e procurar abrigo contra a neve e o vento? O instinto empurrava-o para a casa; a segurança encontrava-se do outro lado da porta branca. No entanto, a inteligência lhe dizia que ficar ali era arriscar a vida. Mas, para onde podia ir? As janelas

do porão estavam fechadas por dentro, e as portas eram bastante sólidas e pesadas para que ele as pudesse levantar. Além disso, não estaria menos frio embaixo da varanda.

A varanda da frente! Se conseguisse, de alguma forma, subir pela balaustrada da varanda da frente, talvez pudesse alcançar a campainha.

Assim poderia entrar.

Continuou hesitante. A neve parecia muito profunda e ameaçadora. E se fosse levado por uma corrente de vento? E se o frio o atacasse de tal forma que o impedisse de chegar à varanda da frente?

Mas sabia que essa era sua única chance, e que devia decidir-se logo.

Não havia nenhuma garantia de que elas notassem de imediato sua ausência. Se ficasse na varanda dos fundos, Lou poderia encontrá-lo a tempo. Mas também podia ser que isso não acontecesse.

Rangendo os dentes, aproximou-se da beira da varanda e saltou o primeiro degrau. A neve acumulada amorteceu sua queda. Escorregou um pouco, recuperou o equilíbrio e aproximou-se da borda. Voltou a saltar.

Seus pés deslizaram sob seu corpo e ele caiu de bruços. Os braços se afundaram na neve até a altura dos ombros. Levantou-se, ofegante, e conseguiu levantar com um brusco movimento, limpando a cara como se estivesse cheia de patinhas congeladas de aranhas.

Não havia tempo a perder. Dirigiu-se com rapidez para a borda do degrau, tendo extremo cuidado para não escorregar. Deteve-se um momento junto à borda para olhar para baixo e, depois de respirar fundo, saltou.

Voltou a escorregar, agitando os braços no ar. Deslizou até a borda lateral do degrau, manteve-se ali por um instante e caiu no vazio.

Um metro e meio abaixo, seu corpo afundou-se num montão de neve como uma faca cortando um sorvete. Cristais congelados salpicaram seu rosto e desceram-lhe pelo pescoço. Ergueu-se,

cuspiendo, e voltou a cair e a afundar as pernas na neve. Por um momento, permaneceu imóvel, aturdido, enquanto os flocos continuavam a cair sobre sua cabeça.

O frio penetrante já começava a castigar suas extremidades. Ele se levantou. Devia se manter em contínuo movimento.

Não podia correr. Tudo o que conseguia era dar passos vacilantes e inseguros, inclinando o corpo para a frente, as pernas afundando na neve.

Enquanto avançava com dificuldade pelo quintal, o vento açoitava seu cabelo e sua roupa, atravessando o tecido como lâminas geladas. Já havia perdido completamente a sensibilidade das mãos e dos pés.

Por fim, chegou à extremidade da casa. Ao longe, viu o volume coberto do Ford, a lona que o envolvia cheia de montículos de neve. Um gemido escapou de sua garganta.

Estava tão longe. Respirou fundo aquele ar gelado e continuou em frente. Vou conseguir, disse a si mesmo. Vou conseguir.

Um objeto rasgou o céu como um meteoro.

Por um instante, houve apenas vento, frio e neve até as coxas. Em seguida, uma massa pesada abatia-se sobre ele, derrubando-o. Com o rosto coberto de neve, ergueu-se bem a tempo de ver que um escuro pardal mergulhava para atacá-lo novamente.

Ofegante, ergueu um braço quando o pássaro, batendo as asas firmemente, arremeteu mais uma vez. Subiu em linha reta, descreveu um círculo brusco e investiu novamente contra ele. Antes que Scott tivesse chance de se levantar, o pássaro já estava diante dele, tão perto que até pôde sentir o cheiro de suas penas úmidas. Suas asas se agitaram violentamente no ar; os duplos sabres de seu afiado bico lançaram-lhe uma rápida estocada.

Voltou a cair para trás, pegou um punhado de neve e atirou-o na cabeça do pardal. O pássaro alçou voo, gritando ferozmente, fez uma curva fechada e começou a voar em círculos cada vez mais apertados, agitando as asas escuras.

O olhar severo de Scott dirigiu-se para a casa, e ele viu que faltava uma vidraça em uma janela do porão.

Então, o pássaro voltou a atacá-lo. Atirou-se na neve e a escura massa de asas velozes avançou sobre ele. Depois, elevou-se, traçou alguns círculos no ar e voltou a mergulhar. Scott correu poucos metros e foi derrubado de novo.

Conseguiu se levantar e atirou mais neve no pássaro, observando-a chocar-se contra o seu bico negro e vistoso. O pardal recuou. Scott girou sobre os calcanhares e conseguiu dar algumas passadas antes de ser atacado novamente pelo animal, que golpeava sua cabeça com as asas úmidas. Ele agitou os braços e suas mãos atingiram o duro bico do pardal. O pássaro voltou a alçar voo.

A cena se repetiu inúmeras vezes. Ele avançava aos saltos pela neve gelada até ouvir o bater de asas se aproximar. Então, deixava-se cair de joelhos, girava bruscamente e lançava um punhado de neve nos olhos do pardal para cegá-lo, afastando-o tempo suficiente para avançar mais alguns metros.

Até que, finalmente, gelado e ensopado, apoiou-se com as costas na janela do porão e atirou várias bolas de neve no pássaro, na esperança de que desistisse, para que ele não se visse obrigado a saltar para dentro do porão.

Ficaria preso ali, se o fizesse.

Mas o pássaro continuou atacando, mergulhando sobre ele, pairando à sua frente, agitando as asas com o ruído de panos úmidos sacudidos pelo vento. De repente, o afiado bico do pardal desceu sobre sua cabeça como um martelo, rasgando-lhe a pele e lançando-o contra a parede da casa.

Ficou parado ali, atordoado, agitando os braços, em pânico diante do ataque do pássaro. O quintal girou diante de seus olhos, transformando-se num extenso borrão branco. Apanhou um punhado de neve e atirou, mas errou. As asas continuavam golpeando-lhe o rosto e o bico voltou a rasgar-lhe a carne.

Com um grito de horror, Scott se virou e saltou para a abertura quadrada, arrastando-se por ela, zozzo. O pássaro o empurrou com uma arremetida.

Caiu, tentando se segurar, e seus gritos terminaram com um gemido sem fôlego, enquanto ele despencava sobre a areia que

havia embaixo da janela do porão. Tentou se levantar, mas havia torcido a perna ao cair e ela se negava a sustentar seu peso.

Dez minutos depois, ouviu o som de passos no andar de cima. A porta dos fundos se abriu e fechou com um estrondo. E, durante todo esse tempo, não conseguiu se mover.

Lou e Beth rodearam a casa e atravessaram o quintal, removendo a neve e gritando seu nome repetidas vezes até o cair da noite. E, mesmo depois, continuaram.

CAPÍTULO 16

Ouviu o distante estrépito da bomba-d'água. Tinham-se esquecido de desligá-la. O pensamento introduziu-se como um jato de água fria entre as fissuras de seu cérebro.

Continuou olhando o vazio, com olhos que nada viam e o rosto sem expressão. A bomba deixou de funcionar e o silêncio voltou a reinar no porão. *Foram-se*, pensou. *A casa está vazia. Fiquei sozinho.* Moveu preguiçosamente a língua. Só. Moveu os lábios. A palavra começou e terminou em sua garganta.

Retorceu-se ligeiramente e sentiu uma pontada na nuca.. Fechou o punho direito e deixou-se cair com desespero sobre o concreto. Só. Depois de tudo. Após todos os seus esforços, estava só no porão.

Finalmente levantou-se, mas, caiu em seguida por causa da terrível dor que sentia na nuca. Sem tentar voltar a se mover, esticou um dedo e cautelosamente tocou o ponto nevrálgico. Acompanhou as bordas denteadas da crosta de sangue coagulado. Seu dedo subiu e desceu seguindo a parábola do machucado. Fez pressão sobre ele. Deu um gemido e deixou cair a mão. Permaneceu deitado de bruços, sentindo a testa apoiada no áspero e frio concreto.

Só.

Finalmente, virou o corpo e sentou-se. A dor se espalhou por toda a cabeça. Não cessou imediatamente. Teve de comprimir as têmporas com ambas as mãos para atenuar as pontadas. Depois de muito tempo, a dor cessou e se concentrou na base do crânio, como se tivesse um milhar de estacas afundadas , na carne. Perguntou-se se teria fraturado o crânio, mas depois chegou à conclusão de que, se fosse o caso, não estaria em condições de se perguntar nada.

Abriu os olhos e passeou a vista pelo porão, com os olhos semicerrados por causa da dor. Tudo continuava igual. Seu olhar triste vagou pelo familiar território. *E eu que pensava em sair daqui!*

disse a si mesmo, com amargura. Deu uma olhadela por cima do ombro. A porta, é claro, estava novamente fechada. E, provavelmente, com chave. Continuava preso. Seu peito estremeceu com um profundo suspiro. Umedeceu os lábios ressecados. Voltava a ter sede, fome também. Tudo aquilo era absurdo.

Mesmo a mais ligeira contração das mandíbulas aumentava sua terrível dor de cabeça.

Abriu a boca e decidiu permanecer sentado até que diminuísse.

Mas, quando pouco depois se pôs de pé, voltou a senti-la. Apertou a palma da mão sobre a parede do degrau seguinte e apoiou-se nela, enquanto o porão ondulava diante de seus olhos como se o visse através da água.

Demorou um momento para ver os objetos com clareza.

Levantou-se e soltou um chiado de dor ao descobrir que o joelho estava novamente inchado. Examinou-o detidamente, lembrando-se de que era a mesma perna que tinha suportado sua queda quando se jogou pela primeira vez no porão. Estranhou não ter relacionado antes ambas as coisas, mas essa era indubitavelmente a razão pela qual aquela perna era sempre a primeira a enfraquecer.

Lembrou-se de quando estava estendido na areia, com a perna dobrada sob seu corpo, ouvindo os gritos de Lou, que o chamava. Era noite; o porão estava escuro e fazia frio. O vento trazia o níveo confete através do vidro quebrado.

Sentia como se deslizasse sobre seu rosto como a tímida carícia de um fantasma de criança. E, ainda que houvesse respondido aos chamados da esposa, ela não o ouviu.

Nem mesmo quando desceu ao porão. Sem poder se mover, ele havia permanecido naquele mesmo lugar gritando o seu nome em vão.

Aproximou-se com lentidão da beira do degrau, e contemplou a queda de trinta metros que tinha até o solo. Uma distância terrível. Devia descer laboriosamente pelo vão formado pela falha na argamassa ou...

Abruptamente, saltou.

Aterrissou de pé. Seu joelho parecia explodir e sentiu como se houvesse sido atingido na cabeça por uma clava de pontas afiadas,

quando caiu para a frente, apoiando-se nas mãos. Mas isso foi tudo. Ligeiramente aturdido, sentou-se no solo, sorrindo com tristeza, apesar da dor. Era uma verdadeira sorte ter descoberto que podia saltar de grandes alturas sem maiores danos.

Caso contrário, teria de descer pela rachadura e perderia muito tempo. O sorriso se desvaneceu. Ficou observando melancolicamente o chão. O tempo já não era algo que pudesse ser desperdiçado, porque também já não podia ser poupado. Já não era uma coisa que pudesse ser gasta ou acumulada. Perdera todo o valor.

Levantou-se e começou a andar, arrastando pesadamente os pés sobre o frio concreto. Deveria ter posto os sapatos de esponja, pensou. Depois deu de ombros com indiferença. *Afinal de contas, o que isso importava?*

Bebeu um gole da água do interior da mangueira e regressou para junto da esponja.

Não sentia fome. Subiu até a superfície da esponja e deitou-se com um débil suspiro.

Permaneceu imóvel, com a vista fixa na janela situada em cima do depósito de combustível. Quase não havia luz. Devia estar entardecendo.

A escuridão não demoraria a se abater sobre o porão. A última noite não demoraria a começar.

Olhou para a retorcida renda de uma teia de aranha que cobria o canto da janela.

Numerosas coisas encontravam-se presas à sua trama: besouros, pedaços de folhas secas e até um toco de lápis que ele mesmo atirou ali, certa vez. Em todo aquele tempo que passara no porão, não havia conseguido ver a aranha que tecera aquela teia. Também não a via naquele momento.

O silêncio reinava no porão. Deviam ter desligado o aquecedor antes de partirem.

Ouviam-se ligeiros estalos, mas isso não era suficiente para sequer arranhar a superfície do silêncio. Podia até mesmo ouvir sua própria respiração, irregular e lenta.

Através daquela janela, pensou, contemplei aquela moça. Catherine Era assim que se chamava? Sequer se lembrava de seu aspecto.

Também tentara escapar por aquela mesma janela após cair no porão.

Era a única ao seu alcance. A janela com o vidro quebrado era muito alta, ficava numa parede completamente vertical levava até ela. A janela acima da pilha de lenha era ainda menos acessível. A única que apresentava uma ligeira possibilidade era a que se encontrava em cima do depósito de combustível.

Mas, com dezessete centímetros, foi impossível escalar as caixas e malas. E, quando elaborou um meio, já era pequeno demais. Uma vez, conseguiu subir até lá, mas, por não dispor de uma pedra, não conseguiu quebrar o vidro e teve de descer de novo.

Estendeu-se de lado e desviou a vista da janela. Era incrível ver o céu e as árvores e saber que nunca voltaria a sair para o exterior. Respirou pesadamente, fixando os olhos no precipício.

E aqui estou eu, pensou, mergulhando outra vez em suas introspectivas reflexões, sem nada para fazer. Aquilo podia ter terminado há tempos, mas ele tinha de lutar. Subir por fios, matar aranhas, procurar comida.

Fechou a boca com força e contemplou o longo poste da rede, apoiado no precipício.

Seus olhos percorreram-no em toda a sua longitude, em toda a sua tremenda longitude.

Sentou-se subitamente.

Com um gemido, arrastou-se até a borda da esponja e desceu de um salto, ignorando o joelho e a cabeça. Começou a correr para o precipício e deteve-se. E a comida e a água? Não devia se preocupar; não precisaria de nada. Não demoraria tanto. Começou a correr novamente para o poste.

Antes de chegar à rede, entrou na mangueira sem deixar de correr e bebeu um pouco de água. Depois, uma vez no exterior, começou a subir pela borda metálica da rede, deixando para trás as grossas cordas. Continuou escalando até chegar ao poste e, então, subiu em sua larga e curva superfície.

Foi melhor do que tinha imaginado. O poste era tão largo e estava apoiado na parede formando um ângulo tão baixo, que quase dava para caminhar por ele com o corpo ereto, sem precisar usar as mãos para garantir o equilíbrio. Com um grito de excitação, iniciou o caminho de subida para o precipício.

Era possível, perguntou-se, enquanto corria, que tudo tivesse terminado definitivamente? Era possível que sua sobrevivência se devesse a um propósito concreto? Era difícil acreditar e, no entanto, era ainda mais difícil não acreditar. Todas as coincidências que haviam contribuído para que ele continuasse vivo pareciam estar além de todos os limites da probabilidade.

Por exemplo: aquele poste deixado justo naquele lugar por seu próprio irmão. Era isso uma mera coincidência? E a morte da aranha, no dia anterior, que lhe proporcionou a chave final para escapar. Era isso uma mera coincidência? E o mais importante: os dois acontecimentos combinados justamente dessa forma para facilitar sua fuga. Podia ser mera coincidência?

Era difícil de acreditar. Não obstante, como duvidar do processo que estava ocorrendo em seu corpo, que lhe dizia claramente que dispunha daquele dia apenas e nada mais?

A própria precisão com que encolhia tinha de indicar algo. Mas o que indicaria, além da desesperança?

No entanto, continuou experimentando a mesma sensação de alegria à medida que subia pelo largo poste. Tal sensação foi aumentando quando deixou para trás a primeira cadeira; quando passou a segunda; quando se deteve e se sentou para contemplar a vasta planície cinzenta do solo; quando, uma hora depois, chegou ao cume do precipício e desabou, exausto, sobre a areia. E a agitação continuava aumentando enquanto permaneceu ali descansando, com os dedos afundados na areia.

Levante-se, repetiu para si mesmo várias vezes. *Vá. Logo escurecerá. Saia antes que escureça.*

Levantou-se e começou a correr através do deserto em sombras. Após um momento, passou junto à silenciosa figura da aranha. Não se deteve para olhá-la; já havia perdido sua importância. Só representava um passo já dado, que abria terreno para o seguinte.

Só se deteve uma vez, para pegar um pedaço de pão e metê-lo no casaco de esponja.

Depois, continuou correndo.

Quando chegou à teia de aranha, descansou um momento e começou a escalar. O fio era pegajoso. Precisava fazer um esforço para se soltar antes de se transferir para o seguinte. A teia de aranha tremeu e balançou sob seu peso, quando passou junto ao besouro, sem o olhar, respirando pela boca aberta.

E sua agitação continuava aumentando. De repente, tudo lhe parecia lógico, como se as coisas tivessem de ocorrer justamente daquele modo. Compreendia que podia ser a racionalização do desejo, mas lhe era impossível pensar de outro modo.

Chegou ao alto da teia de aranha e subiu rapidamente para a estante de madeira que corria ao longo da parede. A partir daquele momento, pôde correr e foi o que fez, com passadas fortes e ritmadas, ignorando a dor que sentia no joelho; já não importava.

Correu tão depressa quanto pôde a distância de três quadras naquela direção, ao longo do caminho invadido pelas sombras, a toda velocidade ao fazer a curva e, depois, uns dois quilômetros em linha reta. Deslizou como um minúsculo inseto ao longo da viga, e correu até ficar sem fôlego.

Entrou, então, numa zona de radiante luz.

Deteve-se, ofegante, com o peito sacudido por sua respiração entrecortada.

Permaneceu um momento imóvel, com os olhos fechados, e sentiu que o vento lhe açoitava o rosto. Fechou os olhos e aspirou seu aroma doce e limpo. Livre, pensou. A palavra foi crescendo em seu cérebro até apagar tudo mais e se converter na única palavra existente. Livre. Livre. Livre.

Com muita lentidão, com muita calma, com uma dignidade própria do momento, subiu os poucos centímetros que o separavam do quadrado aberto na janela, passou por cima da borda da madeira e deu um salto. Caiu de pé sobre o caminho de concreto e descansou.

Permaneceu alguns instantes no limiar do mundo, observando-o.

ACHAVA-SE DEITADO sobre um colchão de folhas secas, coberto por outras folhas, com a casa às suas costas protegendo-o do vento noturno.

Estava quente e bem alimentado. Encontrara uma poça d'água embaixo da varanda e bebera até se fartar. Agora, achava-se calmamente deitado, contemplando as estrelas.

Que belas! Pareciam diamantes branco-azulados, espalhados por um céu de cetim negro. Não havia lua para clareá-lo. A escuridão era completa e só o brilho das estrelas rompia o negror do firmamento.

O mais bonito nelas era que continuavam exatamente iguais. Vi-as como todos os demais homens, e isso lhe produziu uma intensa satisfação.

Podia ser muito pequeno, mas a própria Terra era pequena em comparação às estrelas. Era estranho que, após todos os momentos de terror que tinha experimentado ao pensar no término de sua existência, naquela noite, sua última noite, não sentisse temor algum. Só umas horas o separavam do final de seus dias. Tinha consciência disso e, no entanto, alegrava-se de estar vivo.

Aquela foi a melhor parte desse momento. Aquela foi a grossa manta que lhe aqueceu os pés. Saber que o final estava perto e não ter medo. Aquilo era coragem, a verdadeira coragem, porque a seu redor não havia ninguém para admirá-lo ou para elogiá-lo. O que sentiu, sentiu sem esperar louvores de qualquer tipo.

Antes, havia sido muito diferente. Compreendia isso agora. Antes, havia continuado a viver porque tinha esperança. Era o que mantinha com vida a maioria dos homens.

Mas, naquele momento, nas horas finais, mesmo a esperança tinha se desvanecido. No entanto, podia sorrir. Num ponto desprovido de esperança, havia encontrado a satisfação. Sabia que havia lutado e não lamentava nada.

E aquela era a vitória completa, porque era uma vitória sobre si mesmo.

— Travei um grande combate — disse.

Pareceu-lhe uma frase ridícula. Sentiu-se quase constrangido. Depois, eliminou o constrangimento. Era a única coisa que lhe

restara. Por que não proclamar seu orgulho agridoce?

Encarou o universo inteiro.

— Travei um grande combate! — e, em voz mais baixa, acrescentou: Ao inferno com tudo.

Isso o fez rir. Seu riso foi um debilíssimo e inaudível som na vasta e escura terra.

Era maravilhoso rir. Também era maravilhoso dormir sob as estrelas.

CAPÍTULO 17

Como outra manhã qualquer, suas pálpebras deslizaram para trás e seus olhos se abriram. Permaneceu um momento com a vista perdida no vazio e a mente ainda embotada pelo sono. Depois, lembrou-se de tudo e seu coração pareceu deixar de bater.

Com uma exclamação de assombro, ergueu o tronco bruscamente e olhou ao seu redor com incredulidade, enquanto em seu cérebro uma única pergunta era formulada:

— Onde estou?

Ergueu os olhos para o céu, mas não havia céu: só uma grande extensão azul, como se o céu houvesse se rompido, estendido, comprimido e enchido de gigantescos buracos, através dos quais penetrava a luz.

Sua vista incrédula e assombrada abarcou lentamente o que o rodeava.

Parecia encontrar-se numa vasta e interminável caverna. A caverna acabava a poucos metros dele e ali começava a luz. Levantou-se apressadamente e descobriu que estava nu. Onde estava a esponja?

Voltou a levantar os olhos para a grande cúpula azul. Estendia-se na distância, por centenas de metros. Era o pedaço de esponja que lhe tinha servido de casaco.

Sentou-se pesadamente e examinou-se detidamente. Era o mesmo. Tocou-se. Sim, o mesmo. Mas quanto tinha encolhido durante a noite?

Lembrou-se de que na noite anterior estava deitado sobre um leito de folhas e baixou a vista. Achava-se sentado numa vasta planície salpicada de amarelo e marrom, atravessada por caminhos que saíam de uma gigantesca avenida e se perdiam na distância.

Estava sentado em cima das folhas.

Mexeu a cabeça com estupefação. *Como podia ser menos que nada?*

De repente, ocorreu-lhe um pensamento. Na noite anterior, havia alçado o olhar para o universo exterior. Por conseguinte, devia existir também um universo interior. Talvez, vários.

Voltou a levantar-se. Como era possível que nunca lhe tivesse ocorrido pensar nisso, nos mundos microscópicos e submicroscópicos? Sempre soube que existiam. No entanto, nunca estabeleceu a evidente relação. Sempre havia pensado em termos do próprio mundo do homem e das próprias dimensões limitadas do homem. Havia feito suposições a respeito da natureza. Porque o milímetro era um conceito humano, não um conceito da natureza. Para o homem, zero milímetro significava "nada". O zero significava o nada.

Mas para a natureza não existia o zero. A existência sucedia-se em intermináveis círculos. Naquele momento, pareceu-lhe muito simples. Nunca desapareceria, porque no universo a não existência carecia de sentido.

A princípio, assustou-se. A ideia de atravessar interminavelmente os diferentes níveis de dimensão era estranha. Depois, pensou que, se a natureza existia em níveis intermináveis, o mesmo devia suceder no caso da inteligência.

Talvez não estivesse sozinho.

De repente, começou a correr para a luz.

E, quando lá chegou, ficou olhando o novo mundo, com suas intensas manchas de vegetação, suas cintilantes colinas, suas gigantescas árvores, seu céu de cambiantes matizes, como se a luz solar se filtrasse através de um vidro furta-cor.

Era um mundo fantástico.

Tinha muito que fazer, e muito em que pensar. Seu cérebro transbordava de perguntas, ideias e — sim — de renovada esperança. Tinha de encontrar comida, água, roupa, refúgio. E, sobretudo, vida. Quem sabe? Era possível, era muito possível que a encontrasse ali.

Scott Carey correu para o seu novo mundo, à procura.

Fim

PESADELO A 20.000 PÉS

Cinto de segurança, por favor — disse a aeromoça alegremente ao passar por ele.

Quase ao mesmo tempo, o sinal acima da divisória que levava ao compartimento dianteiro se acendeu — APERTAR CINTO DE SEGURANÇA — e, logo abaixo, PROIBIDO FUMAR. Depois de uma profunda tragada, Wilson exalou a fumaça em etapas e, em seguida, apagou o cigarro no cinzeiro do braço da poltrona com pancadinhas frenéticas.

Lá fora, um dos motores tossiu monstruosamente, soltando uma nuvem de fumaça que se dispersou no ar da noite. A fuselagem começou a tremer e Wilson, olhando pela janela, viu o jato de chamas jorrando brancamente da nacela do motor. O segundo motor tossiu, rugiu, e sua hélice em rotação imediatamente se tornou um borrão indiscernível. Com uma submissão tensa, Wilson apertou o cinto em seu colo.

Agora, todos os motores estavam funcionando e a cabeça de Wilson vibrava em uníssono com a fuselagem. Sentou-se rigidamente, olhando para a poltrona da frente, enquanto o DC-7 taxiava, aquecendo a noite com a trovejante explosão de seus escapes.

Na cabeceira da pista, ele parou. Wilson espiou através da janela as luzes brilhantes do gigantesco terminal. No fim da manhã, pensou ele, de banho tomado e com roupas limpas, estaria sentado no escritório de mais um contato para discutir mais um acordo, cujo resultado líquido nada acrescentaria à história da humanidade. Isso tudo era tão inútil...

Wilson perdeu o fôlego quando os motores iniciaram o aquecimento na corrida de preparação para a decolagem. O som, já alto, tornou-se ensurdecedor.

Ondas de som que se chocavam contra os ouvidos de Wilson como golpes de marreta.

Ele abriu a boca para diminuir a pressão. Seus olhos estampavam agonia e as mãos contraíram-se como garras.

Assustou-se e encolheu as pernas ao sentir um toque em seu braço.

Virando rapidamente a cabeça, viu a aeromoça que o recebera na porta. Sorvia para ele.

— O senhor está bem? — ele mal escutou as palavras.

Wilson apertou os lábios e agitou a mão para ela como se a estivesse afastando. Ela lhe sorriu afetadamente e fechou a cara ao virar-se e ir embora.

O avião pôs-se em movimento. A princípio, letargicamente, como um gigante se esforçando para vencer o próprio peso. Depois, com mais velocidade, começando a superar o atrito que o embaraçava. Wilson, virando-se para a janela, viu a pista escura precipitar-se cada vez mais rápido. Houve um ruído mecânico na borda de fuga da asa, quando os flapes foram baixados.

Então, imperceptivelmente, as imensas rodas perderam contato com o solo, a terra começou a se afastar. Árvores passavam velozmente lá embaixo, construções, o brilho prateado dos faróis dos carros. O DC-7 pendeu lentamente para a direita, elevando-se em direção ao brilho gelado das estrelas.

Por fim, estabilizou-se e os motores pareceram calar até que os ouvidos de Wilson se adaptassem e percebessem o murmúrio de sua velocidade de cruzeiro. Um alívio momentâneo diminuiu a tensão em seus músculos, comunicando-lhe uma sensação de bem-estar. O pior já passara. Wilson permaneceu imóvel, olhos fixos no sinal PROIBIDO FUMAR, até que se apagou e, então, rapidamente, ele acendeu um cigarro.

Alcançou o revestido do encosto da poltrona da frente e tirou dali o seu jornal.

Como de costume, o mundo estava em um estado semelhante ao seu. Atrito nos círculos diplomáticos, terremotos e tiros, assassinatos, estupros, tornados e colisões, conflitos comerciais, banditismo. Deus está no céu, tudo certo com o mundo, pensou Arthur Jeffrey Wilson.

Quinze minutos mais tarde, deixou o jornal de lado. O estômago o incomodava terrivelmente. Checou os avisos ao lado dos dois lavatórios. Em ambos, lia-se: OCUPADO. Apagou seu terceiro cigarro desde a decolagem e, desligando a luz do teto, olhou pela janela.

Ao longo da cabine, as pessoas já estavam apagando suas luzes e reclinando suas poltronas para dormir. Wilson consultou o relógio. Onze e vinte da noite. Suspirou, cansado. Como previra, as pílulas que havia tomado antes do embarque não tinham surtido efeito.

Levantou-se bruscamente ao notar que uma mulher estava saindo do banheiro.

Apanhou sua valise de mão e meteu-se pelo corredor.

Seu organismo, como sempre, não cooperava. Wilson deixou escapar um gemido cansado e endireitou a roupa. Após lavar as mãos e o rosto, retirou o nécessaire da valise e espremeu um filamento de creme dental na escova.

Enquanto escovava os dentes, apoiando-se com a outra mão na fria divisória, olhou para fora. Divisava, a alguns metros, o azul-claro do propulsor interno. Wilson imaginou o que aconteceria se aquilo se desprendesse e, como uma lâmina de três gumes, viesse em sua direção e o fatiasse.

Sentiu um súbito aperto no estômago. Wilson engoliu instintivamente e a saliva que lhe desceu pela garganta estava misturada ao creme dental. Engasgando, virou-se e cuspiu na pia; então, rapidamente, lavou a boca e bebeu um gole. Meu Deus, se ao menos pudesse ter ido de trem, em seu próprio compartimento, talvez um passeio descontraído até o vagão-restaurante, onde se acomodaria em uma poltrona confortável, com uma bebida e uma revista. Mas não se tem tempo ou sorte neste mundo.

Estava prestes a guardar o nécessaire quando bateu os olhos em um envelope impermeável dentro da valise. Hesitou um instante e, então, apoiando a pequena valise sobre a pia, retirou dela o envelope e o abriu sobre o colo.

Permaneceu ali sentado, contemplando a lustrosa simetria da pistola.

Trazia-a consigo há quase um ano. No começo, a ideia lhe havia ocorrido por causa do dinheiro que transportava, como proteção

contra assaltos, segurança contra as gangues de adolescentes das cidades que precisava visitar.

Contudo, lá no fundo, sempre soube que tais motivos não passavam de desculpa para a verdadeira razão. Razão na qual pensava cada vez mais. Como seria simples se... aqui, agora...

Wilson fechou os olhos e engoliu rapidamente. Ainda podia sentir o gosto do creme dental na boca, uma leve ardência nas gengivas causada pela menta. Apoiou-se no lavatório frio, a arma lubrificada descansando em suas mãos. Até que, de repente, começou a tremer de maneira descontrolada.

Deus, deixe-me ir!, sua mente gritou abruptamente.

Deixe-me ir, deixe-me ir. Mal se reconhecia naquele choramingar que escutava. De súbito, Wilson endireitou o corpo. Lábios apertados, reembalou a pistola e meteu-a na valise, colocou o nécessaire sobre ela e fechou a maleta. Pondo-se de pé, abriu a porta e saiu, dirigindo-se apressadamente para seu assento, sentando-se e deslizando a valise ao seu devido lugar. Apertou o botão do braço da poltrona e empurrou-se para trás. Era um homem de negócios e tinha um negócio a ser fechado no dia seguinte.

Simple assim.

O corpo precisava de repouso e ele lhe daria o repouso necessário.

Vinte minutos depois, Wilson voltou a pressionar o botão, fazendo o encosto de sua poltrona retornar lentamente para a posição vertical; seu rosto era a máscara da aceitação da derrota. Porque lutar?, pensou. Era óbvio que permaneceria acordado.

Seria assim e ponto-final.

Tinha acabado metade das palavras cruzadas antes de largar o jornal em seu colo.

Seus olhos estavam cansados demais. Endireitou-se no assento, estalou os ombros, esticou os músculos das costas. *E agora?*, pensou.

Não queria ler, não conseguia dormir. E tinha ainda pela frente — consultou o relógio — sete ou oito horas antes de chegar a Los Angeles. Como iria passá-las? Olhou ao longo da cabine e viu que,

com exceção de um único passageiro no compartimento dianteiro, todos estavam dormindo.

Foi tomado por uma súbita e avassaladora fúria e desejou gritar, atirar alguma coisa longe, bater em alguém. Cerrou os dentes com tanta força que lhe doeu o maxilar; Wilson afastou as cortinas com as mãos trêmulas e espiou pela janela, com um olhar assassino.

Lá fora, viu as luzes da asa piscando, os sinistros lampejos de escape do motor. Lá estava ele, percebeu, vinte mil pés acima da terra, preso em uma concha mortal e barulhenta, atravessando a noite gélida em direção...

Wilson estremeceu quando um relâmpago clareou o céu, inundando a asa com sua falsa luz do dia. Engoliu em seco. Haveria uma tempestade?

A ideia de chuva e ventos fortes atingindo o avião como uma casca de noz no mar do céu não era nada agradável. Wilson não era um bom passageiro.

Movimento em excesso o deixava enjoado. Devia ter tomado outro antihistamínico por precaução. E, naturalmente, sua poltrona estava localizada junto à porta de emergência. Pensou na eventualidade de ela se abrir acidentalmente e sobre ele ser sugado do avião, caindo, gritando.

Wilson piscou e balançou a cabeça. Sentiu um ligeiro formigamento na nuca quando se aproximou da janela ainda mais e olhou para fora. Ficou ali sentado, imóvel, com os olhos semicerrados para enxergar melhor. Poderia jurar que...

De repente, sentiu uma violenta contração nos músculos do estômago e arregalou os olhos. Havia alguma coisa rastejando na asa.

Wilson sentiu uma náusea repentina. Meu Deus, será que algum cão ou gato havia rastejado para o avião antes da decolagem e, de alguma forma, conseguira se segurar? Era uma ideia angustiante. O pobre animal estaria louco de pavor. No entanto, como seria possível que descobrisse locais onde se agarrar na superfície lisa e açoitada pelo vento? Certamente era impossível.

Talvez, no fim das contas, fosse apenas um pássaro ou...

Outro raio iluminou o céu e Wilson viu que era um homem.

Não conseguia se mover. Estupefato, ficou olhando a forma preta rastejar pela asa.

Impossível. Em algum lugar, envolta em camadas de choque, uma voz se pronunciou, mas Wilson não ouviu. Não tinha consciência de coisa alguma, exceto do colossal pulo que deu seu coração e do homem lá fora.

De repente, como se houvesse levado um banho de água fria, houve uma reação; sua mente saltou para o abrigo de uma explicação. Um mecânico que, por algum descuido incrível, fora levado junto com o avião.

Conseguira se agarrar a ele, mesmo que o vento lhe houvesse arrancado as roupas, mesmo que a atmosfera fosse rarefeita e próxima de zero.

Wilson não se deu tempo para refutação. Pondo-se de pé num pulo, gritou:

— Aeromoça! Aeromoça! — sua voz ecoou pela cabine. Ele apertou com decisão o botão para chamá-la.

— Aeromoça!

Ela veio correndo pelo corredor com ar de preocupação. Quando se deparou com a expressão em seu rosto, parou onde estava.

— Há um homem lá fora! Um homem! — Wilson gritou.

— O quê? -a pele em torno dos olhos e as bochechas da aeromoça se contraíram.

— Olhe, olhei — com a mão trémula, Wilson caiu de volta na poltrona e apontou para a janela. — Ele está rastejando na...

As palavras terminaram em sua garganta com um engasgo. Não havia coisa alguma sobre a asa.

Wilson ficou sentado ali, tremendo. Por um momento, antes de se virar, olhou para o reflexo da aeromoça na janela. Havia uma expressão vazia em seu rosto.

Afinal, ele se virou e olhou para ela. Viu seus lábios vermelhos separados, como se estivesse prestes a falar, mas não disse nada, apenas fechou os lábios novamente e engoliu. Uma tentativa de sorriso distendeu brevemente suas feições.

— Sinto muito — disse Wilson. — Deve ter sido um...

Ele parou, como se a sentença houvesse sido concluída. Do outro lado do corredor, uma adolescente olhava para ele com sonolenta curiosidade. A aeromoça pigarreou:

— Posso lhe trazer alguma coisa? — perguntou ela.

— Um copo de água — disse Wilson.

A aeromoça virou-se e voltou para o corredor.

Wilson suspirou profundamente e deu as costas para o olhar escrutinador da garota.

Sentia-se da mesma forma. Isso era o que mais o chocava. Onde estava o típico comportamento de louco, as visões, os gritos, os golpes dos punhos apertados contra as têmporas, o arrancar de cabelos?

De repente, fechou os olhos. Havia um homem lá, ele pensou. Havia lealmente um homem lá. E era por essa razão que se sentia assim. E, no entanto, não poderia ter havido um homem lá. Sabia muito bem disso.

Wilson estava sentado com os olhos fechados, imaginando o que Jacqueline estaria fazendo agora, se estivesse no assento ao lado. Será que estaria em silêncio, chocada demais para falar? Ou será que ela, da maneira mais natural do mundo, estaria borboleteando ao redor dele, sorrindo, conversando, fingindo que não tinha visto coisa alguma? O que os seus filhos teriam pensado?

Wilson sentiu um soluço seco ameaçar irromper em seu peito. Oh, Deus...

— Aqui está sua água, senhor.

Contraindo-se fortemente, Wilson abriu os olhos.

— O senhor gostaria de um cobertor? — perguntou a aeromoça.

— Não — ele balançou a cabeça. — Obrigado — acrescentou ele, querendo saber por que estava sendo tão educado.

— Se precisar de alguma coisa, basta chamar — disse ela.

Wilson concordou.

Atrás dele, enquanto permanecia sentado com o copo de água intocado na mão, ouviu as vozes abafadas da aeromoça e de um dos passageiros. Wilson contraiu-se de ressentimento. Subitamente, abaixou-se com cuidado para não derramar a água e pegou a

maleta. Abrindo-a, tirou dali o frasco com as pílulas para dormir e tomou duas.

Amassando o copo vazio, enfiou-o no revestido do encosto da poltrona da frente e, então, sem olhar, correu as cortinas. Pronto, acabou. Uma alucinação não constitui loucura.

Wilson virou-se para o lado direito e tentou estabilizar-se contra o movimento descontínuo do avião. Tinha de esquecer, isso era o mais importante. Não devia ficar pensando naquilo.

Inesperadamente, percebeu que um sorriso irônico se formava em seus lábios. Bom, pelo menos, ninguém poderia acusá-lo de ter alucinações triviais. Em se tratando de alucinações, criara uma de primeira. Um homem nu rastejando na asa de um DC-7 a vinte mil pés, isso era uma quimera digna do mais nobre lunático.

O bom humor desapareceu rapidamente. Wilson sentiu um calafrio.

Havia sido tão claro, tão vívido. Como poderiam os olhos enxergar uma coisa que não existe? Como era possível que sua mente pudesse simular o ato físico de enxergar tão perfeitamente? Ele não estava embriagado, nem atordoado... e não havia sido uma visão indistinta, etérea. Havia sido claramente tridimensional, como todas as outras coisas que via e sabia que eram reais. Essa era a parte mais assustadora de tudo.

Tinha certeza de que não fora um sonho. Havia olhado para a asa e...

Num impulso, Wilson abriu a cortina.

Não soube, imediatamente, se iria sobreviver. Era como se todo o conteúdo de seu peito e barriga inchassem horrivelmente, comprimindo-lhe a garganta e a cabeça, asfixiando-o, pressionando-lhe os olhos. Preso nessa massa estufada, seu coração pulsava descontroladamente, ameaçando romper-lhe o peito enquanto Wilson permanecia sentado, paralisado.

Distante apenas alguns centímetros, separado dele pela espessura do vidro da janela, o homem olhava para ele.

Era um rosto terrivelmente maligno, não humano. Sua pele era suja, áspera e porosa; o nariz era chato e descorado; os lábios, disformes e rachados, eram mantidos abertos por dentes tortos e

descomunais; os olhos pequenos e encovados não piscavam. Tudo isso emoldurado por cabelos emaranhados que lhe brotavam, também, em tufo peludos, das orelhas e do nariz.

Wilson permaneceu colado à poltrona, sem reação. O tempo parou e perdeu o significado. Todo movimento e capacidade analítica cessaram.

Tudo congelado pelo choque. Apenas o coração continuava, sozinho, seu batimento frenético na escuridão. Wilson não conseguia fazer nada mais do que piscar. Com olhos arregalados, sem fôlego, retribuía o olhar vago da criatura.

Abruptamente, em seguida, fechou os olhos e sua mente, livre da visão, isolou-se. Não está lá, pensou. Dentes cerrados, respiração trémula.

Não está lá, simplesmente não está lá!

Agarrando-se aos braços da poltrona com mãos crispadas, Wilson se preparou. Não existe homem algum lá fora, disse a si mesmo. Era impossível haver um homem lá fora, agachado na asa, olhando para ele.

Abriu os olhos...

E voltou a se encolher contra o encosto do assento, quase sufocado.

Não apenas o homem ainda estava lá, como também sorria. Wilson apertou os dedos contra as palmas das mãos, cravando-lhes as unhas até doer. Manteve-se assim até não restar dúvida em sua mente de que estava plenamente consciente.

Então, lentamente, com o braço tremulo e dormente, Wilson alcançou o botão para chamar a aeromoça. Não iria cometer o mesmo erro de novo: gritar, levantar-se, alarmar a criatura e deixá-la escapar. Manteve o braço esticado, com um tremor em seus músculos, agora causado pelo pavor, porque o homem estava a observá-lo, os pequenos olhos acompanhando o movimento de seu braço.

Ele pressionou o botão com cuidado uma... duas vezes. Agora, venha, pensou.

Venha com os seus olhos objetivos, e veja o que eu vejo... mas venha depressa.

Na parte traseira da cabine, ouviu-se uma cortina ser afastada e, de repente, seu corpo se enrijeceu. O homem virara a monstruosa cabeça e olhava naquela direção.

Paralisado, Wilson olhou para ele.

Depressa, pensou. Pelo amor de Deus, depressa!

Tudo terminou em segundos. Os olhos do homem voltaram a pousar em Wilson; nos lábios, um sorriso de monstruosa astúcia. Depois, com um salto, ele se foi.

— Pois não, senhor?

Por um momento, Wilson sofreu a angústia da loucura. Seu olhar ficava pulando do local onde o homem estivera, para o rosto inquisitivo da aeromoça, e vice-versa.

Voltou-se para a aeromoça, com respiração ofegante, os olhos deixando transparecer seu desânimo.

— O que aconteceu? — perguntou a aeromoça.

Sua expressão o entregara. Wilson procurou ocultar sua comoção. Ela jamais acreditaria nele. Percebeu num instante.

— Eu... eu peço-lhe desculpas — vacilou. Engoliu tão em seco que sua garganta fez um barulho. Não é nada. Eu... desculpe-me.

A aeromoça, obviamente, não sabia o que dizer. Procurava se equilibrar, uma mão segurando a parte traseira do assento ao lado de Wilson, a outra pendendo frouxamente ao longo da costura da saia. Seus lábios se separaram um pouco como se ela fosse falar, mas não conseguia encontrar as palavras.

— Bem — disse ela, finalmente, limpando a garganta —, se o senhor... precisar de alguma coisa...

— Sim, sim. Obrigado. Estamos entrando em uma tormenta?

A aeromoça apressou-se em sorrir.

— Apenas uma ligeira tempestade — disse ela. — Nada para se preocupar.

Wilson concordou com pequenos movimentos nervosos. Então, quando a aeromoça se virou, suspirou profundamente, fazendo as narinas tremerem. Tinha certeza de que ela já pensava que ele era louco, mas não sabia o que fazer quanto a isso, porque, em seu curso de formação, não houvera instruções sobre a presença de

passageiros que pensam ter visto homenzinhos agachados sobre a asa.

Pensam?

Wilson virou bruscamente a cabeça e olhou para fora. Contemplou a parte escura da asa, o jorro de chamas do escape, as luzes piscando. Havia visto o homem. Como poderia estar completamente consciente de tudo à sua volta, lúcido e são, em todos os sentidos, e ainda assim imaginar uma coisa dessas? Seria lógico, se estivesse perdendo a razão, que a mente, em vez de distorcer toda a realidade, inserisse no intacto arranjo de detalhes uma visão estranha?

Não, não era lógico.

De repente, Wilson pensou sobre a guerra, sobre as notícias do jornal que relatavam a suposta existência de criaturas no céu, que perturbaram os pilotos aliados em suas funções. Chamaram-nos de gremlins, lembrou.

E se tais seres existissem, de fato? Será que realmente existem aqui, nunca caindo, cavalgando o vento, alheios à gravidade, embora aparentando possuir volume e peso?

Estava pensando nisso quando o homem apareceu novamente.

Num segundo, a asa estava vazia. No outro, executando um salto em arco, lá estava a criatura. Parecia não haver impacto na aterrissagem. Um tanto frágil, baixo, braços peludos estendidos como se para manter o equilíbrio.

Wilson encheu-se de tensão. Sim, havia inteligência naquele olhar.

O homem — poderia chamá-lo assim? — de algum modo entendia que havia enganado Wilson, fazendo-o chamar a aeromoça em vão. Wilson estremeceu alarmado. Como poderia provar a existência do homem para os outros?

Olhou em volta, desesperadamente. A garota do outro lado do corredor. Se ele a chamasse baixinho, se a despertasse, será que ela seria capaz de...

Não, o homem iria pular fora antes que ela pudesse vê-lo. Provavelmente, para a parte superior da fuselagem, onde ninguém podia vê-lo, nem mesmo os pilotos em sua cabine. Wilson

recriminou-se duramente por não ter comprado a câmera fotográfica que Walter havia pedido. Meu Deus, pensou ele, teria podido tirar uma foto do homem.

Inclinou-se, aproximando-se da janela. O que o homem estaria fazendo?

Subitamente, a escuridão foi dissipada quando o clarão de um relâmpago clareou a asa e Wilson o viu. Como uma criança curiosa, o homem estava agachado na borda da asa, estendendo a mão direita em direção a uma das hélices.

Enquanto Wilson observava, entre fascinado e chocado, a mão do homem foi se aproximando cada vez mais da hélice até que, de repente, ele a recolheu e os lábios do homem se abriram em um grito silencioso. Ele perdeu um dedo!, pensou Wilson, perturbado. Mas, imediatamente, o homem se inclinou outra vez para a frente, os dedos tortos estendidos, parecendo uma criança monstruosa tentando capturar o movimento de uma pá de ventilador.

Se não fosse tão inconvenientemente fora de lugar, seria até divertido observar o homem que, naquele momento, era uma visão cômica: um troll de conto de fadas que ganhara vida, o vento chicoteando-lhe os cabelos da cabeça e o corpo, totalmente concentrado no movimento da hélice. Como poderia ser loucura? Wilson, de repente, pensou. Que autorrevelação aquela farsa de horror poderia lhe trazer?

Repetidas vezes, enquanto Wilson observava, o homem se inclinou para a frente.

Sempre recolhia os dedos, chegando, às vezes, a levá-los à boca, como se para resfriá-los. E continuamente conferia, olhando por cima do ombro, os movimentos de Wilson. Ele sabe, pensou Wilson. Sabe que esse é um jogo entre nós dois. Se eu for capaz de conseguir que alguém o veja, então ele perde. Se sou a única testemunha, então, ele ganha. A sensação levemente divertida fora embora. Wilson cerrou os dentes. Por que diabos os pilotos não o veem?

Agora, o homem, não mais interessado na hélice, acomodara-se em cima da carenagem do motor, como se estivesse montado num cavalo obeso.

Wilson não tirava os olhos dele. De repente, um calafrio lhe percorreu a espinha. O homenzinho estava mexendo nas placas que revestiam o motor, tentando enfiar as unhas por baixo delas.

Num impulso, Wilson estendeu a mão e apertou o botão para chamar a aeromoça.

Ouvia-a vindo do fundo e, por um segundo, pensou que havia enganado o homem, que parecia absorto em seus esforços. No último momento, entretanto, pouco antes de a aeromoça chegar, o homem olhou para Wilson. Então, como uma marionete, puxada para cima por fios, ele desapareceu.

— Sim? — ela o olhou apreensiva.

— Você poderia se sentar, por favor? — ele perguntou.

Ela hesitou.

— Bem, eu...

— Por favor.

Ela se sentou cautelosamente no assento ao seu lado.

— O que foi, Sr. Wilson? — perguntou ela.

Ele tomou coragem.

— Aquele homem ainda está fora — disse.

A aeromoça olhou para ele.

— A razão pela qual estou lhe dizendo isso — Wilson apressou-se — é que ele está começando a mexer em um dos motores.

Ela voltou os olhos instintivamente na direção da janela.

— Não, não, não olhe — disse ele. — Ele não está lá agora — ele pigarreou pegajosamente.

— Ele pula fora sempre que você vem aqui.

Foi tomado por uma náusea súbita ao perceber o que ela devia estar pensando. Ao se dar conta do que ele próprio acharia se alguém lhe dissesse algo assim, uma onda de tontura pareceu atravessá-lo e ele pensou: *Estou ficando louco!*

— A questão é — disse ele, lutando contra tal pensamento —, se não estiver imaginando isso, o avião está em perigo.

— Sim — disse a aeromoça.

— Eu sei — disse ele. — Você acha que sou louco.

— Claro que não — disse ela.

— Só peço uma coisa — disse ele, lutando contra a raiva que lhe crescia por dentro —, diga aos pilotos o que eu lhe disse. Peça-lhes para ficarem de olho nas asas. Se não virem nada, tudo bem. Mas se virem...

A aeromoça permaneceu sentada em silêncio, olhando para ele. Wilson cerrou os punhos trêmulos sobre seu colo.

— Então? — ele perguntou.

Ela se pôs de pé.

— Eu vou dizer a eles — respondeu.

Virando-se, ela se deslocou ao longo do corredor com um movimento que foi, para Wilson, mal calculado: muito rápido para ser normal, ainda que obviamente controlado, como para lhe assegurar que ela não estava fugindo. Ele sentiu o estômago se revirar quando olhou para a asa novamente.

De repente, o homem apareceu de novo, aterrissando na asa como um bailarino grotesco. Wilson pôs-se a observá-lo, enquanto ele voltava a trabalhar, envolvendo a grossa carenagem do motor com as pernas nuas, tentando soltar as placas.

Bem, por que estava tão preocupado? Wilson pensou. Aquela miserável criatura não poderia arrancar os rebites com as unhas. Na verdade, não importava se os pilotos o vissem ou não, pelo menos, no que diz respeito à segurança do avião. Quanto às suas próprias razões...

Foi nesse momento que o homem conseguiu levantar um lado de uma placa.

Wilson abriu a boca de surpresa.

— Aqui, rápido! — gritou ele, notando que, lá na frente, a comissária de bordo e o piloto saíam da cabine.

Os olhos do piloto desviaram-se para Wilson e, de repente, ele ultrapassou a aeromoça e correu pelo corredor com certa dificuldade devido à turbulência.

— Depressa!

Wilson gritou. Ele olhou para fora da janela a tempo de ver o homem saltando para cima.

Aquilo não importa agora. Não haveria provas.

— O que está acontecendo? — perguntou o piloto, parando ofegante ao lado de seu assento.

— Ele rasgou uma das placas de motor! — disse Wilson, com voz trêmula.

— Quem fez o quê?

— O homem lá fora! — disse Wilson. — Estou lhe dizendo que ele...

— Sr. Wilson, fale baixo! — ordenou o piloto. Wilson abriu a boca, sem ação.

— Eu não sei o que está acontecendo aqui — disse o piloto —, mas...

— Você vai verificar? — gritou Wilson.

— Sr. Wilson, estou avisando-o.

— Pelo amor de Deus!

Wilson engoliu em seco rapidamente, tentando reprimir a raiva cega que sentia. De repente, deixou-se cair na poltrona e apontou para a janela com a mão paralisada.

— Pelo amor de Deus, será que você pode olhar? — perguntou ele.

Com a respiração alterada, o piloto se inclinou. Num instante, seu olhar desviou-se friamente para Wilson.

— Então? — perguntou.

Wilson sacudiu a cabeça. As placas estavam em sua posição normal.

— Espere um instante — disse ele, antes de perder a coragem.

— Eu o vi erguer aquela placa.

— Sr. Wilson, se o senhor não..

— Eu disse que o vi erguê-la — disse Wilson.

O piloto ficou ali parado, olhando para ele quase da mesma forma reticente, quase horrorizada, que a aeromoça o havia olhado antes.

Wilson tremeu violentamente.

— Escute, eu vi!. — gritou.

A falha repentina na voz o alarmou.

Em um segundo, o piloto estava ao lado dele.

— Sr. Wilson, por favor — disse ele. — Tudo bem, o senhor o viu. Mas lembre-se de que há outras pessoas a bordo. Não devemos alarmá-las.

A princípio, Wilson estava muito abalado para compreender.

— Você quer dizer que já o viu, então? — perguntou.

— Claro — disse o piloto —, mas nós não queremos assustar os passageiros. O senhor entende, não é?

— Claro, claro, eu não quero...

Wilson sentiu uma cãibra na virilha e na parte inferior do abdome.

De repente, apertou os lábios e olhou para o piloto, com olhos maliciosos.

— Eu compreendo — disse ele.

— A única coisa que temos de lembrar... — começou o piloto.

— Podemos parar agora — disse Wilson.

— Como, senhor?

Wilson estremeceu.

— Saiam daqui — disse ele.

— Sr. Wilson, o quê?

— Quer parar, por favor?

Com a face lívida, Wilson desviou a vista do piloto e olhou para a asa, com um olhar vidrado.

Subitamente, olhou para trás.

— Tenha certeza de que eu não direi mais nada! — disse de chofre.

— Sr. Wilson, tente compreender a nossa...

Wilson se virou e ficou vigiando o motor com uma expressão terrível.

Pelo canto dos olhos, viu dois passageiros em pé no corredor olhando para ele.

Idiotas!, explodiu por dentro. Sentiu as mãos começarem a tremer e, por alguns segundos, pensou que fosse vomitar. E o movimento, disse para si mesmo.

O avião balançava agora como um barco castigado por uma tempestade em alto-mar.

Ajustou o foco dos olhos e examinou o reflexo do piloto na janela, que ainda estava falando com ele. Ao lado dele, a aeromoça, muda e carrancuda. *Idiotas cegos! Os dois!*, pensou Wilson. Ele não deu mostras de notar quando os dois se retiraram. Pelo reflexo na janela, viu quando foram para a parte traseira da cabine. Agora vão discutir sobre mim, pensou. Estabelecer planos para o caso de eu me tornar violento.

Agora, desejava que o homem reaparecesse, retirasse a placa da carenagem e estragasse o motor. Deu-lhe uma sensação de prazer vingativo saber que só ele se interpunha entre a catástrofe e as mais de trinta pessoas a bordo. Se quisesse, poderia permitir que a catástrofe acontecesse. Wilson sorriu sem humor. Isso sim seria um senhor suicídio, pensou.

O homenzinho desceu de novo e Wilson constatou que o que pensara estava correto: o homem havia pressionado a placa de volta ao lugar antes de pular fora. Por esse motivo, agora, ele a estava erguendo novamente e o fazia com facilidade, descascando-a para trás como pele extirpada por algum grotesco cirurgião. A asa sacudia violentamente, mas o homem parecia não ter dificuldade para se manter equilibrado.

Mais uma vez, Wilson sentiu-se em pânico. O que fazer? Ninguém acreditava nele. Se tentasse convencê-los, provavelmente iriam segurá-lo a força. Se pedisse à aeromoça para se sentar ao lado dele, seria, na melhor das hipóteses, apenas um alívio momentâneo. No instante em que fosse embora ou se permanecesse e dormisse, o homem voltaria. Mesmo que ficasse acordada ao lado dele, acaso isso evitaria que o homem sabotasse os motores na outra asa? Wilson estremeceu, sentindo um calafrio percorrer seus ossos.

Meu Deus, não há nada a fazer.

Ele se contraiu ao notar pelo reflexo na janela, através da qual ele observava o homenzinho, que o piloto passava por ele. A loucura do momento tornou possível que o homenzinho e o piloto ficassem a poucos metros um do outro, ambos vistos por ele, embora sem tomarem conhecimento um do outro. Não é verdade. O homenzinho olhara por cima de seu ombro quando o piloto passou. Como se

soubesse que não havia necessidade de saltar mais, que a capacidade de Wilson interferir chegara ao fim.

Wilson de repente, estremeceu de cólera. Eu vou matar você!, pensou, seu animalzinho imundo, eu vou matar você!

Lá fora, o motor vacilou.

Durou apenas um segundo, mas, nesse segundo, pareceu a Wilson que seu coração também parara.

Colou-se contra a janela, olhando fixamente. O homem havia curvado a placa da carenagem bem para trás e agora estava de joelhos, enfiando a mão curiosa no motor.

— Não — Wilson ouviu o gemido de sua própria voz, implorando. -Não.

Novamente, o motor falhou. Wilson olhou em torno horrorizado.

Eram todos surdos? Ergueu a mão para apertar o botão e chamar a aeromoça, mas em seguida desistiu. Não, iriam prendê-lo ou restringi-lo de alguma maneira.

E ele era o único que sabia o que estava acontecendo, a única pessoa que poderia ajudar.

Deus... Wilson mordeu o lábio inferior até que a dor o fez choramingar. Ele virou-se de novo e estremeceu. A aeromoça estava correndo pelo corredor balançante. Ela tinha ouvido! Ele olhou-a fixamente e viu-a relanceá-lo ao passar por sua poltrona.

Ela parou três lugares adiante no corredor. *Alguém mais havia ouvido!*

Wilson observou a aeromoça inclinar-se para falar com o passageiro, que ele não conseguia ver de onde estava. Lá fora, o motor tossiu novamente. Wilson sacudiu cabeça e olhou para fora horrorizado, espremendo os olhos para enxergar melhor.

— Desgraçado! — gemeu.

Virou-se novamente e viu a aeromoça voltando pelo corredor. Não parecia assustada.

Wilson encarou-a com olhos incrédulos. Não era possível. Girou na poltrona para seguir seus passos incertos e viu-a entrar na cozinha.

— Não.

Wilson tremia tanto agora que já não conseguia parar. Ninguém escutara.

Ninguém sabia.

De repente, Wilson curvou-se e puxou sua valise de mão debaixo da poltrona. Abriu o zíper, retirou dali sua pasta e jogou-a sobre o carpete.

Então, curvando-se novamente, pegou o envelope com superfície encerada e se endireitou. Com o canto dos olhos, viu que a aeromoça voltava e empurrou a valise para baixo do assento com os pés, escondendo o envelope entre si e o braço da poltrona. Sentou-se ereto, com a respiração agitada fazendo seu peito estremecer, esperando ela passar.

Então, puxou o envelope, depositou-o no colo e o abriu. Seus movimentos eram tão febris que quase deixou cair a pistola.

Pegou-a pelo cano e, em seguida, agarrou-a com força pelo punho e soltou a trava de segurança. Olhou para fora e esfriou.

O homem estava olhando para ele.

Wilson apertou os lábios trémulos. Era impossível que o homem soubesse o que pretendia. Engoliu em seco e tentou recuperar o fôlego. Desviou o olhar para onde a aeromoça entregava algumas pílulas para o passageiro lá adiante e, então, voltou a olhar para a asa. O homem estava voltando para o motor, uma vez mais, enfiando a mão em seu interior.

Wilson apertou a pistola. Começou a erguê-la.

De repente, baixou-a. A janela era muito grossa. A bala poderia ser desviada e matar um dos passageiros. Ele estremeceu e ficou olhando o homenzinho. O motor falhou novamente e Wilson viu uma erupção de faíscas iluminarem as feições animais do homem. Encheu-se de coragem.

Só havia uma solução.

Olhou para a maçaneta da porta de emergência. Havia uma tampa transparente sobre ela. Wilson puxou-a e ela caiu. Olhou para fora. O homem ainda estava lá, agachado e sondando o motor com a mão. Wilson, trêmulo, respirou fundo. Colocou a mão esquerda na maçaneta da porta e testou-a. Não se movia para baixo. O movimento correto era para cima.

De repente, Wilson largou-a e colocou a arma sobre o colo. Não há tempo para discussão, disse a si mesmo. Com as mãos trêmulas, afivelou o cinto em suas coxas.

Quando a porta fosse aberta, haveria uma tremenda despressurização e o ar seria sugado para fora. Para a segurança do avião, ele não deveria ser arrastado. Agora.

Wilson pegou a pistola novamente, com o coração disparado. Teria de ser rápido, preciso. Se errasse, o homem poderia saltar para a outra asa ou, pior ainda, para a cauda, onde, inatingível, poderia romper os fios, destruir os flapes, desequilibrar totalmente o avião. Não, essa era a única maneira. Tinha de atirar baixo e tentar atingir o homem no peito ou na barriga. Wilson encheu seus pulmões de ar.

Agora, pensou.

Agora.

A aeromoça veio correndo pelo corredor, quando Wilson começou a erguer a maçaneta. Por um instante, congelada em seus passos, não conseguiu falar. Uma expressão de horror e estupefação distorcia suas feições e ela levantou uma mão, como que implorando. Então, de repente, sua voz estridente fez-se ouvir acima do ruído dos motores.

— Sr. Wilson, não!

— Volte! — gritou Wilson e girou a maçaneta para cima.

A porta simplesmente desapareceu. Num segundo, estava ao seu lado, sob o toque de sua mão. No outro, com um barulho sibilante, tinha desaparecido.

No mesmo instante, Wilson se sentiu envolvido por uma poderosa sucção que tentava separá-lo de seu assento. Sua cabeça e ombros ficaram para fora da cabine e, de repente, ele respirava o ar tênue e frio. Por um momento, com os tímpanos quase estourando por causa do rugido dos motores, os olhos cegos pelos ventos árticos, ele esqueceu o homem. Pareceu-lhe ouvir um grito ao longe, em meio ao turbilhão que o cercava.

Então, Wilson viu o homem.

Estava atravessando a asa, a forma retorcida inclinada para a frente, as mãos que mais pareciam garras estendidas com avidez. Wilson ergueu o braço e disparou. A explosão foi como um estalo

em meio ao violento bramido do ar. O homem cambaleou, atacou e Wilson sentiu a cabeça doer.

Atirou de novo, à queima-roupa, viu o homem vacilar para trás e, então, de repente, desaparecer sem mais solidez do que um boneco de papel varrido por um vendaval.

Wilson sentiu uma dormência apoderar-se de seu cérebro.

Sentiu que lhe arrancavam a pistola dos dedos.

Então, tudo se perdeu na escuridão invernal.

Ele se mexeu e resmungou. Um calor corria por suas veias, seus membros pareciam de chumbo. No escuro, podia ouvir um som cadenciado, um delicado redemoinho de vozes.

Estava deitado de costas em algo que se movimentava e trepidava. Um vento frio soprava sobre o seu rosto. Ele sentiu a inclinação da superfície abaixo dele.

Suspirou. O avião havia pousado e ele estava sendo levado em uma maca. Sua cabeça estava machucada e, provavelmente, recebera uma injeção para se acalmar.

— Que maneira mais idiota de tentar se suicidar, nunca ouvi falar em algo assim — disse alguém em algum lugar.

Wilson achou engraçado. Quem falou aquilo estava errado, claro.

Como logo seria constatado, quando o motor fosse analisado e examinassem o ferimento em sua cabeça com mais atenção. Então, concluiriam que ele salvara a todos.

Wilson dormiu sem sonhos.

Fim

O TESTE

Na noite anterior ao teste, Les ajudou o pai a estudar na sala de jantar.

Jim e Tommy dormiam no andar de cima e Terry estava costurando na sala de estar, o rosto inexpressivo enquanto a agulha se movia rápida e ritmicamente para dentro e para fora do pano.

Tom Parker estava sentado com o corpo ereto, as mãos ossudas e entrecortadas por veias cruzadas em cima da mesa, enquanto os olhos azuis-claros olhavam fixamente para os lábios do filho, como se acreditasse que isso o ajudaria a compreender melhor.

Tinha oitenta anos e esse era o seu quarto teste.

— Bem — disse Les, lendo o modelo de questionário que o Dr. Trask havia fornecido —, repita as seguintes séries de números.

— Séries de números — murmurou Tom, tentando assimilar as palavras à medida que chegavam até ele. Mas as palavras já não eram assimiladas rapidamente; pareciam se demorar nas dobras de seu cérebro, como insetos sobre um animal preguiçoso.

Mentalmente, repetiu as palavras: séries de números... séries de números. Já tinha entendido. Ele olhou para o filho e esperou.

— Então? — disse impaciente, depois de um momento de silêncio.

— Papai, eu já disse a primeira — observou Les.

— Bem... — seu pai tentava encontrar as palavras certas. — Por gentileza, diga-me...

Faça-me a gentileza de...

Les suspirou desanimado.

— Oito, cinco, onze, seis — disse ele.

Os velhos lábios se mexeram, as antigas engrenagens da mente de Tom puseram-se em marcha laboriosamente.

— Oito... c-cinco... — os olhos claros piscavam lentamente — onze, seis — concluiu Tom de um só fôlego; então, endireitou as

costas, orgulhoso.

Sim, bom, pensou, muito bom. Não iriam fazê-lo de tolo no dia seguinte; derrotara sua lei assassina. Tinha os lábios apertados e as mãos fortemente cruzadas sobre a alva toalha de mesa.

— O quê? — disse ele, piscando os olhos enquanto Les dizia-lhe alguma coisa. — Fale mais alto — disse, irritado.

— Eu já lhe dei outra sequência de números — disse Les sem perder a calma. — Preste atenção, vou lê-la de novo.

Tom se inclinou um pouco, puxando as orelhas.

— Nove, dois, dezesseis, sete, três — disse Les.

Tom pigarreou alto.

— Fale mais devagar — disse ao filho.

Ainda não havia compreendido o significado de tudo isso. Como podiam esperar que alguém guardasse uma sequência de números tão absurdamente longa?

— O quê? O quê? — perguntou raivosamente, enquanto Les lia os números de novo.

— Papai, o examinador fará a leitura das questões ainda mais rapidamente do que eu.

Você...

— Compreendo muito bem — disse o pai, interrompendo-o impaciente. — Muito bem.

Deixe-me lembrá-lo de que... entretanto, isso não é... não é um teste. Isso é para estudo. E tolice ir tão rápido. Tolicie. Tenho de aprender esse... esse teste — terminou ele zangado, com seu filho e com a maneira com que as palavras desejadas se escondiam em sua mente.

Les encolheu os ombros e baixou o olhar novamente para o questionário:

— Nove, dois, dezesseis, sete, três — leu devagar.

— Nove, dois, seis, sete...

— Dezesseis, sete, pai.

— Foi o que eu disse.

— Você disse seis, pai.

— Você acha que eu não sei o que disse!

Les fechou os olhos por um instante.

— Tudo bem, pai — disse ele.

— Então, você vai lê-los novamente ou não? — Tom perguntou incisivo.

Les leu os números novamente e, enquanto escutava o pai repetindo a sequência com dificuldade, olhou para Terry na sala de estar.

Ela estava lá sentada, feições imóveis, costurando. Desligara o rádio e Les sabia que ela podia ouvir o seu pai tropeçando nos números.

Ok, disse Les para si mesmo, como se estivesse falando com sua esposa, Ok, eu sei que ele é velho e inútil. Você quer que eu diga isso na cara dele e o apunhale pelas costas? Sei tanto quanto você que ele não vai passar no teste. Permita-me, pelo menos, essa breve hipocrisia. Amanhã, a sentença será dada. Não me obrigue a dizer esta noite e partir o coração desse pobre velho.

— Está certo, creio eu — Les ouviu a voz cheia de dignidade de seu pai dizer e encarou novamente a face magra e enrugada.

— Sim, está certo — apressou-se em confirmar.

Sentiu-se um traidor quando um leve sorriso cintilou no canto da boca de seu pai. Eu o estou enganando, pensou.

— Vamos passar para outra coisa — ele escutou o pai dizer e baixou os olhos rapidamente para as folhas de papel.

O que seria fácil para ele?, pensou, desprezando a si mesmo por tal pensamento.

— Bem, vamos, Leslie — disse o pai com voz tensa. — Não podemos perder tempo.

Tom olhou seu filho folhear as páginas do questionário e cerrou os punhos. No dia seguinte, sua vida estaria em jogo e seu filho simplesmente folheava o teste como se nada de importante fosse acontecer.

— Vamos, vamos — disse ele, com voz chorosa.

Les pegou um lápis com uma corda amarrada e desenhou um círculo pequeno em uma folha de papel em branco. Entregou o lápis ao pai.

— Mantenha a ponta do lápis suspensa sobre o círculo por três minutos — disse ele, subitamente com medo de ter escolhido a

questão errada. Já vira as mãos do pai tremerem na hora das refeições, ou se atrapalhando com botões ou zíperes de suas roupas.

Les engoliu em seco, nervosamente, pegou o cronometro, deu a partida e acenou para o pai.

Tom respirou fundo, hesitante, inclinou-se sobre a folha de papel e tentou segurar o lápis por cima do círculo, oscilando ligeiramente. Les o viu apoiar-se sobre o cotovelo, coisa que não seria permitida durante o teste; mas nada disse.

Ficou sentado ali olhando o pai. O colorido da face de seu pai estava desbotando e Les podia ver claramente as pequenas linhas vermelhas de veias estouradas sob a pele de suas bochechas. Olhou a pele ressecada, enrugada salpicada por manchas escuras.

Oitenta anos, pensou. Como se sente um homem quando chega aos 80 anos?

Olhou para Terry de novo. Por um instante, seus olhos se encontraram e nenhum dos dois sorriu ou disse alguma coisa. Então, Terry voltou à costura.

— Acho que os três minutos já se passaram — disse Tom com a voz tensa.

Les consultou o cronômetro.

— Um minuto e meio, pai — disse ele, imaginando se não deveria ter sido melhor ter mentido novamente.

— Bem, então fique de olho no cronômetro — disse-lhe o pai, agitado, o lápis balançando completamente fora do círculo. — Isso deveria ser um teste, não uma.... festa.

Les manteve seus olhos na ponta oscilante do lápis, experimentando um sentimento de completa inutilidade, quando percebeu que estava apenas fingindo e que nada que fizesse poderia salvar a vida do pai.

Pelo menos, pensou, os testes não eram administrados pelos filhos e filhas que votaram a favor daquela lei. Pelo menos, ele não teria de carimbar em letras negras a palavra INADEQUADO sobre o teste de seu pai, decidindo, assim, sua sentença.

O lápis balançou novamente para fora da margem do círculo e voltou ao centro quando Tom deslocou seu braço ligeiramente sobre

a mesa, um movimento que o desqualificaria imediatamente nessa questão.

— Esse cronômetro é lento demais! — Tom disse num súbito acesso de raiva.

Les prendeu a respiração e olhou para o cronômetro. Dois minutos e meio.

— Três minutos — disse ele, pressionando o botão.

Tom bateu o lápis irritado:

— Pronto — disse ele. — E um teste idiota esse — assumiu um tom aborrecido.

— Isso não prova nada. Absolutamente nada.

— Você quer responder algumas perguntas sobre dinheiro, pai?

— São as próximas questões do teste? — Tom perguntou, esticando o pescoço para conferir por si próprio, desconfiado.

— Sim — mentiu Les, sabendo que a visão de seu pai estava fraca demais, embora Tom sempre se recusasse a admitir que precisasse de óculos.

— Oh, espere um momento, há outra antes — ele acrescentou, julgando que seria mais fácil para o seu pai. — Eles vão lhe pedir para dizer as horas.

— Que pergunta estúpida — murmurou Tom. — Que diabos...

Estendeu a mão sobre a mesa, apanhou o relógio e o consultou.

— Dez e quinze — disse com ar de desdém.

Les deixou escapar antes que pudesse se conter:

— Mas são onze e quinze, pai.

Seu pai o olhou por um instante como se tivesse sido golpeado. Então, apanhou o relógio novamente e o olhou, torcendo os lábios, e Les teve a terrível premonição de que Tom ia insistir que eram realmente dez e quinze.

— Bem, foi o que eu quis dizer — disse Tom, abruptamente. — Eu me enganei. É claro que são onze e quinze, qualquer idiota saberia disso. Onze e quinze. Esse relógio não vale nada. Os números são muito próximos. Deve ser jogado fora. Agora...

Tom mexeu no bolso e puxou um relógio de ouro.

— Isto é um relógio! — disse ele, orgulhoso. — Vem marcando as horas perfeitamente há 60 anos! Isso sim é um relógio. Não isso

aí.

Com desprezo, atirou longe o relógio de Les, que caiu com o mostrador para baixo, quebrando o vidro.

— Veja só — disse Tom rapidamente, para esconder o seu embaraço. Esse relógio não aguenta nada.

Ele evitava o olhar de Les concentrando-se em seu próprio relógio de ouro. Seus lábios se apertaram quando ele abriu a parte de trás do relógio e viu a fotografia de Mary.

Ela, na casa dos 30 anos, com os cabelos louros, encantadora.

Graças a Deus ela não tinha de se submeter a esses testes, pensou. Pelo menos foi poupada disso. Tom nunca pensou que pudesse considerar a morte acidental de Mary, aos 57 anos, uma sorte, mas isso foi antes dos testes.

Ele fechou o relógio e o pôs de lado.

— E só deixar o relógio comigo esta noite — disse ele, num tom mal-humorado. — Vou providenciar um... um vidro decente amanhã.

— Está tudo bem, pai. É só um relógio velho.

— Está tudo bem — disse Tom. — Está tudo bem, é só deixá-lo comigo. Vou providenciar um vidro... decente. Vou conseguir um para você que não quebre, um que não vá quebrar. E só deixá-lo comigo.

Então, Tom respondeu às questões relativas a dinheiro, do tipo: Quantos quartos têm numa nota de cinco dólares? e Se eu tirar 36 centavos de um dólar, quanto de troco você receberá? Havia questões discursivas e Les ficou ali marcando tempo para o pai.

A casa estava aquecida e silenciosa.

O resultado parecia bastante normal e previsível. Os dois sentados à mesa e Terry costurando na sala de estar. Nisso consistia o horror.

A vida transcorria como de costume. Não se falava em morte. O governo enviava cartas e administrava os testes e aqueles que falhavam eram convocados a comparecer ao centro governamental para receber a injeção.

A lei funcionava, a taxa de mortalidade mantinha-se estável, o problema de superpopulação estava controlado: tudo oficialmente impessoal, sem gritos ou comoções.

Ainda assim, eram entes queridos os que estavam sendo assassinados.

— Não se preocupe em ficar marcando o tempo — disse o pai. — Posso responder a essas questões sem que você fique consultando o tempo todo esse relógio.

— Pai, os examinadores vão consultar o relógio.

— Os examinadores são os examinadores — retrucou Tom. — Você não é um examinador.

— Pai, estou tentando ajudá-lo...

— Bem, então, ajude-me, ajude-me. Não fique aí sentado olhando para esse relógio.

— Esse teste é seu, pai, e não meu — começou Les, sentindo as faces queimarem de raiva. — Se...

— Meu teste, sim, meu teste! — disse o pai de repente, furioso.

— Vocês todos esperam por isso, não é? Esperam... que...

As palavras lhe faltaram novamente, pensamentos raivosos se atropelavam em sua mente.

— Você não precisa gritar, pai.

— Eu não estou gritando!

— Pai, os meninos estão dormindo! — Terry subitamente interveio.

— Não me importo se... — Tom interrompeu no meio a frase e recostou-se em sua cadeira, deixando o lápis cair de sua mão, sem perceber, e rolar sobre a toalha de mesa. Ficou ali sentado, tremendo, o peito magro subindo e descendo convulso e as mãos se torcendo descontroladamente sobre o seu colo.

— Você quer continuar, pai? — perguntou Les, contendo sua raiva e nervosismo.

— Eu não peço muito — Tom balbuciou. — Não peço muito da vida.

— Pai, podemos continuar?

O pai se retesou.

— Se você dispuser de tempo — disse ele, com um tom de orgulho, indignado. — Se você dispuser de tempo.

Les olhou o questionário, seus dedos apertando firme as folhas de papel grampeadas.

Questões psicológicas? Não, não podia fazê-las. Como você pode perguntar a um pai de 80 anos o que ele pensa sobre sexo? Um pai carrancudo, para quem o comentário mais inocente é "obsceno"?

— E então? — perguntou o pai, elevando a voz.

— Parece que não tem mais nada — disse Les. — Já estamos nisso quase quatro horas.

— E todas essas páginas que você pulou?

— A maioria delas é relativa à parte física...

Ele viu o pai apertar os lábios e sentiu medo de que Tom dissesse ai sobre isso de novo. Mas tudo o que ele disse foi:

— Que belo amigo.

— Pai, você...

Les não pôde continuar a frase. Era inútil discutir. Tom sabia perfeitamente que o Dr. Trask não poderia emitir outro atestado médico para ele evitar esse teste, como acontecera com os três anteriores.

Les sabia o quão assustado e ultrajado o velho homem se sentia porque teria de tirar as roupas e se expor aos médicos, que lhe fariam perguntas ofensivas, além de sondá-lo e auscultá-lo. Sabia como Tom tinha receio do fato de que, ao vestir novamente as roupas, estaria sendo observado secretamente e alguém marcaria numa tabela como ele se vestia sozinho. Sabia como seu pai estava assustado por saber que, quando fosse comer na cafeteria governamental, no intervalo de um dia inteiro de exames, estaria sendo observado novamente na expectativa de deixar cair um garfo ou uma colher, ou derrubar um copo de água, ou deixar respingar molho em sua camisa.

— Pedirão que você assine seu nome e escreva seu endereço — disse Les, desejando que o pai se esquecesse da parte física e sabendo como Tom se sentia orgulhoso de sua caligrafia.

Fingindo ainda estar irritado, o velho homem pegou o lápis e começou a escrever. Eu os enganarei a todos, pensou, enquanto o lápis se movia pela página com movimentos fortes e seguros.

"Sr. Thomas Parker", escreveu, "Brighton Street, 2.719, Blairtown, Nova York".

— E a data — disse Les.

O pai escreveu "17 de janeiro de 2003" e sentiu um calafrio. O teste estava marcado para o dia seguinte.

Estavam deitados lado a lado, ambos despertados. Mal haviam falado um com o outro, enquanto se despiam, quando Les havia se inclinado sobre ela para lhe dar um beijo de boa-noite e ela havia murmurado algo que ele não havia conseguido escutar.

Agora, ele se virou para o lado dela com um suspiro profundo e a encarou. No escuro, ela abriu os olhos e o olhou.

— Está dormindo? — ela perguntou baixinho.

— Não.

Ele nada mais disse. Esperou que ela começasse.

Mas ela não começou e, após alguns instantes, ele disse:

— Bem, eu acho que é... o fim-concluiu debilmente porque não gostara da frase; soara ridiculamente melodramática.

Terry não respondeu de pronto. Então, como se pensasse alto, disse:

— Você acha que há alguma chance de...

Les se encolheu ao escutar tais palavras, porque sabia o que ela ia dizer.

— Não — disse ele. — Ele não tem chance alguma de passar.

Escutou-a engolir em seco. Não diga isso, pensou ele implorando. Não me fale que vem dizendo a mesma coisa há quinze anos. Sei disso. Disse porque achava que era verdade.

De repente, desejou que houvesse assinado anos antes o "Pedido de Remoção".

Precisavam se ver livres de Tom desesperadamente, pelo bem dos filhos e de si próprios, mas como verbalizar essa necessidade sem se sentir um assassino? Não se pode dizer: espero que o velho homem fracasse, espero que o matem. Embora qualquer outra coisa que se diga seja apenas um substituto hipócrita para aquelas palavras, porque é assim que você se sente exatamente.

Termos médicos, pensou ele — gráficos sobre o declínio de produção de alimentos e diminuição de condições de vida, a fome no mundo e o nível de deterioração da saúde —, usaram todos esses argumentos para fazerem com que a lei fosse aprovada. Bem, eram mentiras, mentiras óbvias e sem fundamento. A lei foi aprovada

porque as pessoas desejavam ficar livres de problemas e viver suas próprias vidas.

— Les, e se ele passar? — Terry disse.

Ele sentiu suas mãos se apertarem contra o colchão.

— Les.

— Não sei, querida — respondeu ele.

A voz dela soou firme na escuridão. Era uma voz no limite da paciência!

— Você tem de saber disse ela.

Ele revolveu a cabeça no travesseiro.

— Querida, não me pressione — ele implorou, — por favor.

— Les, se ele passar no teste, serão mais cinco anos. Mais cinco, Les. Já pensou o que isso significa?

— Querida, ele não tem condições de passar no teste.

— Mas... e se passar?

— Terry, ele errou três quartos das perguntas que lhe fiz hoje à noite, quase não escuta, sua vista é ruim, seu coração é fraco, tem artrite...

Les bateu o punho impotente na cama:

— Ele não passa sequer pelo teste físico — disse ele, odiando-se por dentro por assegurar à esposa que Tom estava condenado.

Se ao menos ele pudesse esquecer o passado e levar em conta apenas o que o pai era agora: um velho inútil com a mente cansada, que estava arruinando suas vidas.

Mas era difícil esquecer como havia amado e respeitado seu pai, as caminhadas pelo campo, as pescarias, as longas conversas à noite e todas as coisas que seu pai e ele haviam compartilhado.

Por tudo isso, nunca tivera força para assinar o "Pedido de Remoção".

Era um simples formulário a ser preenchido. Muito mais simples do que esperar pelos testes a cada cinco anos. Mas isso significava descartar a vida do próprio pai com uma simples assinatura, requisitando ao governo dispor dele como se fosse lixo a ser removido.

No entanto, agora seu pai tinha 80 anos e, apesar de toda a sua criação moral a despeito de seus princípios cristãos de toda uma

vida, Terry e ele estavam terrivelmente receosos de que o velho Tom pudesse passar no teste, e viver mais cinco anos com eles... mais cinco anos zanzando pela casa, contradizendo as ordens dadas aos garotos, quebrando coisas, querendo ajudar, mas só atrapalhando, e transformando a vida numa agonia enervante.

— É melhor você dormir — disse Terry.

Ele tentou, mas não conseguiu. Ficou deitado com os olhos fixos no teto escuro, tentando descobrir uma solução, mas em vão.

O despertador tocou às seis da manhã. Les não precisava se levantar até as oito, mas desejava ver o pai sair. Saiu da cama e se vestiu silenciosamente para não despertar Terry.

Ela acordou mesmo assim e olhou para ele do seu travesseiro. Após um instante, ergueu-se sobre o cotovelo e olhou-o sonolenta.

— Vou levantar e lhe preparar um café da manhã.

— Não há necessidade — disse Les. — Fique na cama.

— Você não quer que eu me levante?

— Não se incomode, querida — disse ele. — Quero que você descanse.

Ela voltou a se deitar e virou-se para que Les não visse seu rosto. Não sabia o motivo, mas começara a chorar silenciosamente, se era por Les não querer que ela visse seu pai ou por causa do teste. Mas ela não conseguia parar.

Tudo que podia fazer era se segurar até ouvir a porta do quarto se fechar.

Então, seus ombros estremeceram e um soluço transpôs a barreira que ela havia imposto a si mesma.

A porta do quarto de seu pai estava aberta e Les entrou. Deu uma espiada lá dentro e viu Tom sentado na cama inclinado, amarrando os sapatos escuros. Observou os dedos enrugados e trêmulos lidarem com os cadarços.

— Tudo bem, pai? — perguntou Les.

O pai levantou os olhos, surpreso:

— O que está fazendo acordado a esta hora? — perguntou.

— Pensei em tomar o café da manhã com você — Les disse a ele.

Por um instante, olharam-se em silêncio. Então, o pai inclinou-se sobre os sapatos novamente.

— Não há necessidade — ouviu a voz do velho homem lhe dizer.

— Bem, de qualquer maneira, vou preparar — disse ele e virou-se para que seu pai não pudesse contestá-lo.

— Oh... Leslie.

Les se virou.

— Espero que você não tenha se esquecido de deixar o relógio — disse seu pai. — Pretendo levá-lo à joalheria hoje e mandar colocar um... vidro decente nele, um que não quebre.

— Pai, é apenas um relógio velho — disse Les. — Não vale a pena.

O pai assentiu lentamente, gesticulando com a mão como se estivesse encerrando a discussão:

— Mesmo assim — ele afirmou, calmamente — pretendo...

— Está bem, pai. Está bem. Vou deixá-lo sobre a mesa da cozinha.

O pai parou de falar e olhou para ele por um instante, com o rosto sem expressão.

Então, como por impulso e não por um desejo adiado, ele se inclinou para os sapatos novamente.

Les ficou parado um instante olhando para os cabelos grisalhos do pai, seus dedos magros e trémulos. Então, virou-se e foi embora.

O relógio ainda estava sobre a mesa de jantar. Les o apanhou e o levou para a mesa da cozinha. O velho homem deve ter ficado a noite toda se forçando a lembrar do relógio, pensou ele. De outro modo, não teria conseguido se lembrar.

Encheu a cafeteira de água e pôs no fogo duas porções de bacon e ovos. Então, encheu dois copos com suco de laranja e sentou-se à mesa.

Cerca de quinze minutos mais tarde, seu pai desceu trajando seu terno azul-marinho, os sapatos cuidadosamente polidos, as unhas impecáveis, o cabelo gomalinado e penteado. Parecia bem aseado e bastante velho, enquanto caminhava até a cafeteira.

— Sente-se, pai — disse Les. — Deixe que eu sirvo o senhor.

— Não sou imprestável — disse o pai. — Fique onde está.

Les tentou sorrir.

— Estou preparando bacon e ovos para nós -disse ele.

— Não estou com fome — respondeu o pai.

— E melhor você tomar um bom café da manhã, pai.

— Nunca fui de comer muito no café da manhã — disse o pai, ereto, ainda parado na frente do fogão. — Acho que não faz bem para o estômago.

Les fechou os olhos um instante, por seu rosto passou uma expressão de desamparo e desespero. Por que me dei ao trabalho de sair da cama?, ele se perguntou, desanimado. Tudo que fazemos é discutir. Não. Endureceu. Não, não vou lhe dar esse gostinho.

— Dormiu bem, pai? — perguntou.

— Claro que dormi bem — respondeu o pai. — Sempre durmo bem.

— Muito bem.

— Você acha que eu não dormiria bem por causa de um... — interrompeu-se de repente e se virou com ar acusador para Les. — Onde está o relógio? — quis saber.

Les suspirou cansado e lhe entregou o relógio. Seu pai deslocou-se desajeitadamente pelo piso de linóleo, tirou-o das mãos dele e o examinou um instante, com os velhos lábios franzidos.

— Péssima qualidade — disse ele. — Péssima — meteu cuidadosamente no bolso lateral. — Vou conseguir um vidro decente — murmurou. — Um que não quebre.

Les concordou.

— Será ótimo, pai.

Então, o café ficou pronto e Tom encheu as duas xícaras. Les se levantou e desligou o fogão. Já não tinha vontade de comer bacon e ovos. Sentou-se diante da face severa de seu pai e sentiu o café quente descer queimando sua garganta. Tinha um gosto horrível, mas sabia que nada no mundo teria um bom sabor para ele naquela manhã.

— A que horas você tem de estar lá, pai? — perguntou para quebrar o silêncio.

— Às nove horas — disse Tom.

— Tem certeza de que não quer que eu o leve de carro?

— Não precisa. Não precisa — disse o pai como se estivesse falando pacientemente com uma criança insistente e irritante. -O metro é ótimo. Vou chegar lá mais do que a tempo.

— Está certo, pai — disse Les, e ficou ali sentado olhando para o seu café.

Devia haver algo que pudesse dizer, mas não conseguiu atinar nada.

O silêncio pairou sobre eles por longos minutos, enquanto Tom bebia o seu café preto em goles vagarosos e metódicos.

Les molhou os lábios nervosamente e, percebendo que tremiam, escondeu-os por trás da xícara. Conversa, conversa, pensou ele, sobre idas de carro e metro, e horário do teste, ambos sabiam que Tom poderia ser condenado à morte naquele mesmo dia.

Lamentou-se por ter se levantado. Teria sido melhor acordar e descobrir que seu pai já havia saído. Desejou que tivesse sido assim -para sempre.

Desejou que pudesse acordar certa manhã e encontrar o quarto de seu pai vazio; descobrir que os dois ternos haviam desaparecido, bem como os sapatos escuros, as roupas de trabalho, os lenços, as meias, os suspensórios, os apetrechos de barbear...

todas essas evidências silenciosas de uma vida.

Mas não seria assim. Depois que Tom fracassasse no teste, levaria várias semanas antes que a carta com a convocação derradeira chegasse e, após isso, outra semana, mais ou menos, para a execução propriamente dita.

Seria um processo terrivelmente longo de preparativos, de encaixotar as coisas dele e escolher o que conservar e o que jogar fora, uma série infindável de refeições juntos, de conversas, o último jantar com ele, a longa viagem até o centro governamental, a subida silenciosa pelo elevador onde só se ouviria o ruído do mecanismo em ação...

Meu Deus!

Pôs-se a tremer, incapaz de se conter e, por um momento, temeu cair em prantos.

Então, olhou para cima, chocado, quando seu pai se levantou.

— Devo ir agora — disse Tom.

Os olhos de Les buscaram o relógio na parede.

— Mas ainda são quinze para as sete — observou ele, tenso. — Não demora todo esse tempo para...

— Gosto de fazer as coisas sem pressa — disse o pai, decidido. — Nunca gostei de chegar atrasado aos compromissos.

— Mas, meu Deus, pai, só leva uma hora para chegar à cidade — disse ele, sentindo um terrível aperto no estômago.

Seu pai balançou a cabeça e Les sabia que não tinha ouvido.

— É cedo, pai — disse mais alto, a voz ligeiramente trêmula.

— Não faz mal — disse o pai.

— Mas você não comeu nada.

— Nunca como muito no café da manhã — Tom começou. — Não me faz, bem...

Les não ouviu o resto da frase, as palavras sobre os hábitos de toda uma vida, sua dificuldade em digerir e tudo o que seu pai sempre repetia.

Sentiu que era castigado por ondas implacáveis de terror, e quis saltar e envolver o velho nos braços, dizendo-lhe para não se preocupar com o exame porque não importava, porque o amavam e cuidariam dele.

Mas não foi capaz. Ficou ali sentado, paralisado pelo medo, olhando para o pai. Sequer conseguiu falar quando Tom se virou na porta da cozinha e disse, com a voz desprovida de emoção, porque lhe custava toda a energia restante para fazê-lo:

— Vejo você à noite, Leslie.

A porta vaivém se fechou e a brisa que atingiu o rosto de Les lhe congelou a alma.

De repente, levantou-se com um gemido de terror e correu pelo piso de linóleo. Ao empurrar a porta, viu que o pai estava quase chegando à porta da frente.

— Pai!

Tom parou e olhou para trás, surpreso, enquanto Les atravessava a sala de estar contando mentalmente os passos: um, dois, três, quatro, cinco.

Parou diante do pai e esforçou-se por sorrir.

— Boa sorte, pai — disse ele. — Eu... o vejo à noite.

Esteve prestes a dizer: Vou torcer por você, mas não consegui. Seu pai assentiu com a cabeça uma vez, apenas um aceno rápido, como um cavalheiro reconhecendo outro.

— Obrigado — disse ele, e se virou.

Quando a porta se fechou, era como se, de repente, ela houvesse se transformado em um muro impenetrável que seu pai nunca mais poderia atravessar.

Les foi até a janela e acompanhou o velho homem com os olhos, enquanto atravessava o jardim lentamente até chegar à calçada e virar à esquerda. Viu-o seguir pela rua, endireitar o corpo, colocar os ombros para trás e caminhar ereto e vigorosamente na névoa da manhã.

A princípio, Les achou que estava chovendo, mas percebeu que a umidade que lhe atrapalhava a vista não era da vidraça.

Não teve coragem de ir trabalhar. Telefonou avisando que estava doente e ficou em casa. Terry acordou os filhos para a escola e, depois que terminaram de tomar o café da manhã, Les a ajudou a limpar os pratos e colocá-los na máquina. Terry não se pronunciou sobre o fato de ele não ter ido trabalhar.

Comportou-se como se fosse normal ele ficar em casa em um dia de semana.

Les passou a manhã e a tarde na garagem, começando sete projetos diferentes e logo perdendo o interesse por todos.

Por volta das cinco da tarde, foi até a cozinha e abriu uma lata de cerveja enquanto Terry preparava o jantar. Nada disse. Ficou andando de um lado para o outro na sala de estar, parando ocasionalmente para olhar o céu nublado pela janela e, então, começar de novo.

— Gostaria de saber onde ele está que ainda não voltou — falou, finalmente, voltando para a cozinha.

— Ele vai voltar — disse a esposa, e Les retesou-se por um instante, julgando ter percebido um tom de desgosto na voz de Terry. Então, relaxou, ao perceber que fora apenas sua imaginação.

Quando se vestia, após tomar um banho, eram cinco e quarenta da tarde. Os meninos já haviam voltado para casa depois de brincar lá fora, e estavam sentados à mesa para jantar. Les reparou que

Terry havia colocado a mesa para o seu pai e se perguntou se fizera aquilo apenas em consideração ao marido.

Não conseguiu comer nada. Continuava a cortar a carne em partes cada vez menores e a passar manteiga na batata assada, sem provar nenhuma das duas.

— O quê? — perguntou quando percebeu que Jim falara com ele.

— Papai, se o vovô não passar no exame, ele terá ainda um mês, certo?

— Les sentiu os músculos do estômago se contraírem, enquanto olhava fixamente para o filho mais velho. Terá ainda um mês, certo? — o final da pergunta de Jim continuava ecoando em seu cérebro.

— Do que você está falando? — disse Les.

— No meu livro de educação cívica, está escrito que dão às pessoas velhas que não passaram no exame um mês de vida. E verdade, não é?

— Não, não é verdade — interveio Tommy. — A avó de Harry Senker recebeu a carta após duas semanas apenas.

— E como você sabe? — perguntou Jim ao irmão de nove anos. — Você viu?

— Basta — disse Les.

— Não precisava ver — contestou Tommy. — Harry me disse que...

— Basta!

Na mesma hora, os dois filhos olharam para o pai, brancos como papel.

— Não falemos mais sobre isso — disse ele.

— Mas o que...

— Jimmy — disse Terry, com severidade.

Jimmy olhou para a mãe e, depois de um momento, voltou a se concentrar em seu prato, e todos comeram em silêncio.

A morte do avô não significava nada para eles, pensou amargamente Les... nada.

Engoliu em seco e tentou relaxar a tensão do corpo. Bem, por que deveria significar alguma coisa?, perguntou para si mesmo. Para eles, ainda não chegara o momento de se preocupar. Por que forçá-los a fazer isso agora? Em breve, chegaria a hora.

Quando a porta da frente abriu e fechou às seis e dez, Les se levantou tão abruptamente, que derrubou um copo vazio.

— Les, não! — Terry disse, de repente, e ele soube imediatamente que tinha razão. Seu pai não gostaria de vê-lo sair correndo da cozinha e enchê-lo de perguntas.

Sentou-se e olhou para a comida que mal tocara, com o coração acelerado.

Ao erguer o garfo com os dedos rígidos, ouviu o velho atravessar o tapete da sala e subir as escadas. Olhou para Terry, que se limitou a engolir.

Não conseguia comer. Sentou-se ofegante, remexendo a comida.

Ouviu a porta do quarto do pai se fechar lá em cima.

Quando Terry colocou a torta na mesa, Les balbuciou uma desculpa e se levantou.

No começo da escada, escutou a porta da cozinha se abrir. Ouviu-a chamar seu nome, com urgência.

Parou e permaneceu em silêncio enquanto a mulher se aproximava.

— Não é melhor deixá-lo sozinho? — perguntou ela.

— Mas, querida, eu...

— Les, se ele tivesse sido aprovado no exame, teria entrado na cozinha para nos dizer.

— Querida, não é possível saber se...

— Ele saberia se houvesse passado, você sabe disso. Ele nos disse isso das duas últimas vezes. Se tivesse passado, já teria...

Não terminou a frase. Estremeceu com a maneira com que Les a olhou. No silêncio opressivo, tudo o que ouviu foi o estrondo repentino da chuva, que começou a bater nas vidraças.

Encararam-se um longo tempo. Então, Les disse:

— Vou subir.

— Les — murmurou Terry.

— Não direi coisa alguma que possa perturbá-lo — disse. — Eu vou...

Ficaram se encarando um tempo ainda maior. Então, Les se virou e subiu a escada ruidosamente. Terry o observou com ar triste e desanimado.

Les parou por um minuto diante da porta fechada, tentando criar coragem. *Não quero incomodá-lo*, disse a si mesmo, *Não quero...*

Bateu na porta suavemente, perguntando-se, no mesmo segundo, se estaria cometendo um engano.

Talvez devesse deixá-lo sozinho, pensou deprimido.

Lá de dentro, percebeu um movimento vindo da cama e, em seguida, o som dos pés de seu pai no chão.

— Quem é? — ouviu Tom perguntar.

Les engasgou.

— Sou eu, pai — disse ele.

— O que você quer?

— Posso vê-lo?

Silêncio do outro lado.

— Bem... — ouviu e, em seguida, a voz se calou.

Les o escutou se levantando novamente, colocando os pés no chão. Ouviu o som de uma folha de papel sendo amassada e uma gaveta que se fechava com cuidado.

Afinal, a porta se abriu.

Tom vestira o velho roupão vermelho por cima de suas roupas, tirara os sapatos e calçara os chinelos.

— Posso entrar, pai? — Les perguntou baixinho.

O pai hesitou um instante e, então, disse "entre", mas não foi um convite. Era mais como se dissesse: "Esta é a sua casa, não posso impedi-lo de entrar neste quarto".

Les estava prestes a lhe dizer que não queria incomodá-lo, mas não conseguiu. Foi até o centro do aposento e esperou.

— Sente-se — disse o pai, e Les se sentou na cadeira de encosto reto na qual o pai pendurava as roupas durante a noite. Tom esperou até que Les estivesse acomodado e, depois, afundou-se na cama com um grunhido.

Por um longo tempo, olharam um para o outro sem dizerem nada, como dois estranhos, cada qual esperando que o outro começasse a falar. Como foi o teste? A questão continuava girando na mente de Les. Como foi o teste? Como foi o teste? Não podia formulá-la. Como foi...

— Suponho que você queira saber o que... aconteceu — disse, então, o pai, visivelmente tentando se controlar.

— Sim — disse Les. — Eu... — tomou fôlego. — Sim — repetiu e esperou.

O velho Tom baixou os olhos para o chão, por um momento. Então, levantou-se bruscamente e olhou para o filho com um ar de desafio.

— Não fui até lá — disse ele.

Les sentiu como se, de repente, toda sua energia tivesse sido sugada pelo chão. Ficou sentado ali, imóvel, olhando fixamente para o pai.

— Não tinha intenção alguma de ir lá — apressou-se em acrescentar Tom. — Nenhuma intenção de me submeter a todo esse absurdo. Testes físicos, testes m-mentais, empilhar c-c-cubos de madeira em um tabuleiro e... sabe Deus mais o quê! Não tinha a menor intenção de ir.

Parou e olhou para o filho com fúria nos olhos, como se a desafiá-lo a dizer que estava errado.

Mas Les não conseguia dizer coisa alguma.

Passou-se um longo tempo. Les engoliu em seco e conseguiu organizar as palavras:

— O que você vai... fazer?

— Não se preocupe, não se preocupe — disse Tom, quase grato pela pergunta. — Não se preocupe com o seu pai. Seu pai sabe se cuidar.

E, de repente, Les ouviu novamente a gaveta da escrivaninha se fechar e o farfalhar de um saco de papel. Ele quase olhou para o móvel, para ver se o saco ainda estava lá.

Entretanto, conseguiu controlar o impulso.

— B-bem — balbuciou, sem se dar conta de como a expressão em seu rosto deixava transparecer quão assustado e desorientado estava.

— Agora, não se preocupe com isso — disse o pai, baixinho, quase gentilmente. — Não é problema seu. Não é mesmo.

Mas, Les se ouviu gritar por dentro, mas nada disse. Algo em seu pai o deteve; uma espécie de orgulho, de energia, uma dignidade

firme com a qual sabia que não devia interferir.

— Gostaria de descansar agora — ouviu Tom dizer.

Teve a sensação de ter acabado de receber um soco no estômago. Gostaria de descansar agora... as palavras ecoaram pelo labirinto do seu cérebro, enquanto se levantava. Descansar agora, descansar agora...

Viu-se caminhando para a porta e, lá, virou-se e olhou para o pai.

Adeus. A palavra doeu nele.

Então, Tom sorriu e disse:

— Boa noite, Leslie.

— Pai.

Sentiu a mão do velho homem na sua, mais forte que a sua, mais firme, acalmando-o, tranquilizando-o. Sentiu a mão esquerda do pai apertar seu ombro.

— Boa noite, filho — disse o pai.

Quando ainda estavam próximos, Les viu, por cima do ombro do pai, o saco da farmácia amassado no canto do quarto, como se houvesse sido jogado lá para que ninguém o visse.

Em seguida, estava no corredor, em pânico, incapaz de pronunciar uma palavra, ouvindo o clique da porta se fechando e percebendo que, mesmo que seu pai não houvesse trancado a porta, não poderia entrar em seu quarto.

Permaneceu um longo tempo olhando para a porta fechada, tremendo incontavelmente. Em seguida, virou-se e foi embora.

Terry estava à sua espera ao pé da escada, rosto esgotado. Questionou-o com os olhos, enquanto Les descia em sua direção.

— Ele... não foi — disse apenas isso.

Terry deixou escapar um débil som de surpresa.

— Mas...

— Ele foi à farmácia — acrescentou Les. — Eu... vi o saco num canto do quarto. Ele o jogou ali para que eu não o visse, mas... eu vi.

Por um instante, parecia que ela estava prestes a subir as escadas, mas foi apenas um reflexo momentâneo.

— Deve ter mostrado ao farmacêutico a carta de convocação para o exame — disse Les.

— E, provavelmente, o... farmacêutico lhe deu... pílulas. Como todos fazem.

Ficaram em silêncio na sala de estar, enquanto a chuva tamborilava nas janelas.

— O que devemos fazer? — perguntou Terry, de forma quase inaudível.

— Nada — murmurou ele. Sua garganta movia-se convulsivamente, a respiração era difícil. — Nada.

Depois, ele voltou para a cozinha atordoado e sentiu o braço de sua esposa o envolvendo bem apertado, como se para transmitir o seu amor através do toque, pois não conseguiria falar em amor.

Ficaram sentados na cozinha. Depois que Terry colocou as crianças na cama, voltou e ficaram ali tomando café e falando num tom de voz baixo e sem ânimo.

Por volta da meia-noite, deixaram a cozinha e, pouco antes de subirem, Les parou ao lado da mesa da sala de jantar e lá encontrou o seu relógio, com um vidro reluzente, novinho em folha. Sequer conseguiu tocá-lo.

Subiram as escadas, passando pelo quarto de Tom. Não ouviram som algum.

Despiram-se e foram para a cama juntos, Terry ajustou o despertador como fazia todas as noites. Após algumas horas, conseguiram adormecer.

E, durante toda a noite, houve silêncio no quarto do velho. E no dia seguinte.

Fim

HOMEM DOS FERIADOS

Você vai chegar atrasado, disse ela.

Ele se recostou na cadeira, cansado.

— Eu sei — respondeu ele.

Estavam na cozinha tomando café da manhã. David não havia comido muito. Na maior parte do tempo, bebera café preto e olhara para a toalha da mesa. Era estampada com linhas que lhe pareciam rodovias que se cruzavam.

— E então? — disse ela.

Ele estremeceu e tirou os olhos da mesa.

— Sim — disse ele. — Está bem.

Ele continuou sentado.

— David — disse ela.

— Eu sei, eu sei — disse ele. — Vou me atrasar.

Não estava zangado. Não havia um pingão de ressentimento nele.

— É claro que vai — disse ela, passando manteiga em sua torrada. Espalhou também a consistente geleia de framboesa, mordeu um pedaço, e mastigou-o ruidosamente.

David se levantou e atravessou a cozinha. Na porta, parou e se virou.

Olhou para a nuca da esposa.

— Por que não posso? — perguntou de novo.

— Porque não pode e pronto — disse ela.

— Mas por quê?

— Porque eles precisam de você — disse ela. — Porque pagam bem e você não poderia fazer outra coisa. Não é óbvio?

— Eles poderiam encontrar outra pessoa.

— Ah, pare com isso — disse ela. — Você sabe que não poderiam.

Ele cerrou os punhos.

— Por que devo ser o único? — perguntou ele.

Ela não respondeu. Ficou ali sentada, comendo sua torrada.

— Jean?

— Não há mais nada a dizer — respondeu, mastigando. Ela se virou.

— Agora, quer fazer o favor de ir? — disse. — Não deveria se atrasar hoje.

David sentiu um calafrio.

— Não — disse ele —, não hoje.

Saiu da cozinha e subiu a escada. Lá em cima, escovou os dentes, poliu os sapatos e colocou uma gravata. Antes das oito da manhã, estava novamente lá embaixo. Entrou na cozinha.

— Até logo — disse.

Ela lhe ofereceu a face e ele a beijou.

— Tchau, querido — disse ela. — Tenha um... — parou abruptamente. -... bom dia? — ele terminou a frase por ela.

— Obrigado — ele se virou —, terei um ótimo dia.

Há muito tempo parara de dirigir. Todas as manhãs, ia a pé até a estação ferroviária.

Sequer gostava de pegar carona com alguém ou ir de ônibus.

Na estação, ficava do lado de fora, na plataforma, esperando o trem.

Não levava um jornal consigo. Nunca mais comprara um. Não gostava de ler os jornais.

— Bom dia, Garret.

Ele se virou e viu Henry Coulter, que também trabalhava na cidade.

Coulter lhe deu uns tapinhas nas costas.

— Bom dia — disse David.

— Como vai? — perguntou Coulter.

— Bem. Obrigado.

— Que bom. Ansioso pelo 4 de julho?

David engoliu em seco.

— Bem... — começou ele.

— Quanto a mim, estou levando a família para o campo — disse Coulter.

— Nada de fogos de artifício mixurucas para nós. Meter todo mundo no carro e rodar até não vemos sinal algum do foguetório.

— Vai dirigindo? — perguntou David.

— Sim, senhor — respondeu Coulter. — Para o mais longe que pudermos.

Aquilo começou por si só. Não, pensou ele, agora não. Forçou-o a voltar para a escuridão.

— ... negócio de publicidade — Coulter terminava a frase.

— O quê? — perguntou.

— Disse que acredito que as coisas vão bem no ramo da publicidade.

David pigarreou.

— Oh, sim — disse ele. — Muito bem.

Sempre se esquecia da mentira que contara a Coulter.

Quando o trem chegou, sentou-se no vagão de não fumantes, sabendo que Coulter sempre fumava um charuto no caminho. Não queria se sentar com Coulter. Não agora.

Durante todo o trajeto para a cidade, ficou olhando pela janela. Principalmente, para a estrada e o tráfego. Mas, por um momento, enquanto o trem sacudia sobre uma ponte, olhou para a superfície do lago, lisa como um espelho. Quando voltou a erguer a cabeça, olhou para o sol.

Estava prestes a entrar no elevador quando parou.

— Sobe? — disse o homem com o uniforme grená. Ele olhou para David insistentemente.

— Sobe? — disse. Então, fechou as portas.

David ficou imóvel. As pessoas começaram a se agrupar em torno dele.

Num instante, ele se virou e abriu caminho entre elas, passando pela porta giratória. O calor abafado de julho o envolveu. Caminhou ao longo da calçada como um sonâmbulo.

No quarteirão seguinte, entrou em um bar.

Lá dentro estava frio e escuro. Não havia clientes. Nem mesmo o barman estava visível. David afundou-se num compartimento

reservado e tirou o chapéu. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Não conseguiria fazer. Simplesmente, não podia ir até seu escritório.

Não importa o que Jean diga, não importa o que qualquer um diga. Apertou as mãos na beirada da mesa e espremeu-as até que os dedos perderem a cor. Simplesmente, não podia.

— Posso ajudá-lo? — uma voz perguntou.

David abriu os olhos. O barman estava no compartimento reservado, olhando para ele.

— Sim, humm... uma cerveja — disse ele.

Detestava cerveja, mas sabia que tinha de comprar algo para ter o privilégio de se sentar naquele lugar fresco e silencioso, sem ser perturbado.

Não quis beber.

O barman trouxe a cerveja e David pagou por ela. Então, quando o homem foi embora, começou a girar lentamente o copo sobre o tampo da mesa. Enquanto fazia isso, aquilo começou de novo. Com um choque, interrompeu-o.

— Não! — disse ele, brutalmente.

Num instante, levantou-se e deixou o bar. Passava das dez. E claro que isso não importava. Sabiam que ele sempre se atrasava. Sabiam que ele sempre tentava escapar daquilo e nunca conseguia.

Seu escritório ficava na parte de trás do conjunto, um pequeno cubículo mobiliado apenas com um tapete, um sofá e uma mesa pequena, sobre a qual havia lápis e papel branco. Era tudo que precisava. Já tivera uma secretária, mas não gostara da ideia de ela ficar sentada do lado de fora, ouvindo-o gritar.

Ninguém o viu entrar. Entrou por uma porta reservada. Uma vez lá dentro, trancou novamente a porta e, em seguida, tirou o paletó e largou-o sobre a mesa. O escritório estava abafado e ele o atravessou e abriu a janela.

Lá embaixo, a cidade em movimento. Contemplou-a. Quantos deles?, pensou.

Suspirando pesadamente, ele se virou. Bem, estava ali. Não havia sentido hesitar mais tempo. Já estava comprometido. O

melhor a fazer era acabar logo com aquilo e ficar livre.

Baixou a persiana, caminhou até o sofá e se deitou. Irritou-se um pouco por não encontrar uma boa posição para a almofada na qual apoiou a cabeça, mas, depois, esticou-se e ficou quieto. Quase imediatamente, sentiu suas pernas ficando dormentes.

Começou.

Desta vez, não cortou. Corria por seu cérebro como gelo derretido. Avassalador como o vento invernal. Girava como redemoinhos de neve. Saltou, correu, cresceu e explodiu; sua mente foi tomada. Enrijeceu o corpo e começou a arfar, seu peito sacudido pela respiração, o coração violentamente disparado. Suas mãos se contraíram como garras brancas, apertando e arranhando o sofá. Tremia, gemia, se contorcia. Finalmente, ele gritou. E gritou por um longo tempo.

Quando acabou, permaneceu deitado no sofá, lânguido e imóvel, olhos vidrados como bolas de cristal, congelado. Quando teve condições, ergueu o braço e consultou o relógio de pulso. Quase duas da tarde.

Esforçou-se para ficar de pé. Seus ossos pesavam como chumbo, mas conseguiu se arrastar até sua mesa e sentar-se.

Ali, pôs-se a escrever em uma folha de papel e, quando terminou, desabou sobre a mesa. Completamente exaurido, mergulhou em um sono profundo.

Mais tarde, acordou e levou a folha de papel ao seu superior, que, examinando-a, assentiu.

— Quatrocentos e oitenta e seis, certo? — disse o superior. — Você tem certeza?

— Tenho certeza — disse David, calmamente. — Assisti a cada um.

Não mencionou que Coulter e sua família estavam entre eles.

— Tudo bem — disse o seu superior. — Agora, vejamos.

Quatrocentos e cinquenta e dois em acidentes de carro, dezoito por afogamento, sete de insolação, três por causa dos fogos de artifício, e seis de causas diversas.

Como a garotinha queimada até a morte, David pensou. Como o menino que tomaria formicida. Como a mulher eletrocutada; ou o

homem picado por uma cobra.

— Bem — disse o superior —, vamos dizer que foram... deixe-me ver, quatrocentos e cinquenta. Sempre é impressionante quando morrem mais pessoas do que prevemos.

— Claro — disse David.

A estatística saiu na primeira página de todos os jornais da tarde.

Enquanto David voltava para casa, o homem em frente a ele se virou para o vizinho e disse:

— O que eu gostaria de saber é como eles calculam isso?

David se levantou e foi sentar no final do vagão. Durante todo o percurso até sua estação, ficou concentrado no som das rodas do trem, pensando no próximo feriado.

Fim

MONTAGEM {5}

FADEOUT

O velho sucumbiu. No céu cinematográfico, um coro etéreo ecoava. Em meio a nuvens cor-de-rosa entoava *A Moment or Forever*. Era o título do filme. As luzes piscaram e acenderam. As vozes calaram-se abruptamente, a cortina baixou, a sala foi invadida pelo som dos alto-falantes. Um quarteto cantava *A Moment or Forever* pelo selo Decca. Oitocentos mil exemplares vendidos por mês.

Owen Crowley estava largado em sua poltrona, pernas cruzadas, braços cruzados frouxamente. Ele olhou para a cortina. À sua volta, as pessoas se levantavam, espreguiçavam, bocejavam, conversavam e riam. Owen continuava sentado ali, olhar vidrado. Ao seu lado, Carole se levantou e vestiu a jaqueta de camurça. Cantava baixinho junto com a gravação:

— *Your mind is the clock that ticks away a moment or forever.*

Ela parou:

— Querido?

Owen resmungou.

— Você vem? — ela perguntou.

Ele suspirou:

— Tenho de ir, não é?

Apanhou o casaco e a seguiu em direção ao corredor, seus sapatos esmagando pipocas murchas e papel de bala. Chegaram ao corredor e Carole deu o braço a ele.

— E então — ela perguntou —, o que você achou?

Owen sentiu a incômoda sensação de que ela tinha feito essa pergunta a ele milhões de vezes; que o relacionamento deles

consistia em pouco mais do que uma infinidade de idas ao cinema. Haviam se conhecido fazia apenas dois anos; quanto tempo de noivado? Uns cinco meses. Por um momento, pareceram-lhe monótonas eras.

— O que há para achar? — disse ele. -E apenas um filme.

— Achei que você gostaria — disse Carole —, já que é um escritor.

Caminharam juntos pelo lobby. Foram os últimos a sair. O balcão de lanches estava apagado. A máquina de refrigerantes, desligada. O único som que se ouvia era o dos sapatos deles sobre o carpete e depois o toc-toc-toc no piso externo do lobby.

— O que foi, Owen? — Carole perguntou depois de caminharem um quarto inteiro sem trocarem qualquer palavra.

— Eles me deixam louco — disse ele.

— Quem? — Carole perguntou.

— As pessoas idiotas que fazem esses filmes idiotas — disse ele.

— Por quê? — ela perguntou.

— Por causa da maneira como resumem tudo.

— O que você quer dizer?

— Veja esse escritor em torno do qual gira o filme — disse Owen. — Era bem parecido comigo; talentoso e cheio de entusiasmo. Mas ele levou quase dez anos para conseguir algum reconhecimento. Dez anos. Então, o que o filme idiota faz? Conta tudo isso em poucos minutos. Algumas cenas com ele sentado à escrivaninha, parecendo acabrunhado, algumas tomadas do relógio, outras de cinzeiros com bitucas de cigarro, algumas xícaras de café vazias, uma pilha de manuscritos. Alguns editores carecas com seus charutos balançando a cabeça negativamente para ele, alguns passos na calçada... e só. Dez anos de trabalho duro são mostrados dessa maneira. Isso me deixa maluco.

— Mas o que eles podem fazer, Owen? — disse Carole. — É o único jeito que têm de passar isso para o público.

— Então, a vida deveria ser assim também — disse ele.

— Oh, você não gostaria disso — disse ela.

— Engana-se. Gostaria sim — respondeu ele. — Por que eu deveria dar um duro danado durante dez anos, ou mais,

escrevendo? Por que não passar por cima disso tudo em apenas alguns minutos?

— Não seria a mesma coisa — disse ela.

— Com certeza, não — disse ele.

Uma hora e quarenta minutos mais tarde, Owen estava sentado no sofá do escritório mobiliado olhando para a mesa onde ficava sua máquina de escrever e o manuscrito semicompleto de seu terceiro romance: *And Now Gomorrah*.

Por que não poderia acontecer, de fato? Definitivamente, a ideia era atraente. Sabia que algum dia teria sucesso. Não podia ser diferente. De outro modo, por que trabalhar tão duro? Mas esse período de transição o incomodava. Essa indefinida transição entre a luta e o sucesso. Que maravilha se essa parte pudesse ser condensada, abreviada.

Resumida.

— Sabe o que eu desejo? — perguntou ele ao jovem atento refletido no espelho.

— Não. O quê? — perguntou o jovem.

— Eu desejo — disse Owen Crowley — que a vida pudesse ser tão simples como num filme. Toda parte chata deveria ser colocada de lado com poucas tomadas de aparência cansada, desapontamentos, xícaras de café e serões, cinzeiros lotados, negativas e pés caminhando. Por que não?

No escritório, algo estalou. Owen consultou o relógio. Eram 2h43 da madrugada.

Está certo. Deu de ombros e foi se deitar. No dia seguinte, mais cinco páginas, mais outra noite de trabalho na fábrica de brinquedos.

UM ANO E SETE MESES se passaram e nada aconteceu. Então, certa manhã, Owen se levantou, foi até a caixa do correio e lá estava.

"Temos a satisfação de informá-lo que desejamos publicar seu romance *Dream Within a Dream*."

— Carole! Carole! — socava a porta do apartamento dela, o coração disparado devido à corrida desde a estação do metro e a subida de um lance de escada. -Carole!

Ela escancarou a porta, com o rosto preocupado:

— Owen, o que... — começou ela, mas soltou um grito, sobressaltada, quando ele a ergueu do chão e a rodopiou, a bainha de seu chambre de seda flutuou — Owen, o que foi? — falou, admirada.

— Veja! Veja! — ele a desceu no sofá e, ajoelhando-se, entregou-lhe a carta amassada.

— *Oh, Owen!*

Abraçaram-se e ela ria e chorava ao mesmo tempo. Ele sentiu a maciez daquele corpo nu por baixo da seda fina, os lábios carnudos e úmidos pressionados contra a sua face, as cálidas lágrimas dela escorrendo por seu próprio rosto.

— Oh, Owen, querido.

Ela segurou-lhe o rosto com mãos trêmulas e o beijou. Depois, sussurrou:

— E você já estava ficando preocupado.

— Não mais! — disse ele.

A sede da editora erguia-se suntuosa sobre a cidade: cortinas, painéis, luxo.

— O senhor assina aqui, Sr. Crowley — disse o editor. Owen pegou a caneta.

— Viva! Urra! — comemorou ele em meio a copos de bebida, azeitonas recheadas, hors-d'oeuvres, e convidados que aplaudiam, batiam os pés, gritavam e deixavam os vizinhos furiosos com o barulho que faziam; que invadiam todos os aposentos e corredores do apartamento de Carole; que devoravam uma quantidade de comida que daria para alimentar um batalhão; que derramavam goela abaixo cachoeiras de bebida alcoólica; que se perdiam numa névoa de nicotina; que se arriscavam a aumentar as estatísticas dos censos futuros no escurinho do quarto de dormir.

Owen saltava e uivava:

— Eu sou um índio! Eu sou um índio!

Agarrou a risonha Carole pelos cabelos:

— Eu sou um índio e vou escalpelar você! Não, não vou. Vou é beijá-la!

E o fez em meio a aplausos e assobios. Ela se agarrou a ele, seus corpos colados. As palmas eram frenéticas.

— Isso pede um bis! — anunciou ele.

Gargalhadas, comemorações, música alta, um cemitério de garrafas na pia, som e movimento, canto coletivo, tumulto, polícia na porta.

— Entre, entre, defensor da ordem pública!

— Vamos acabar com essa balbúrdia. Tem gente querendo dormir.

Terminada a confusão, os dois sentaram-se no sofá e viram o nascer do sol pela janela, Carole em sua camisola aconchegada a ele, meio adormecida. Owen pressionando os lábios em seu pescoço quente e sentindo, sob a pele sedosa, o sangue pulsando.

— Eu amo você — sussurrou Carole, seus lábios nos dele, desejosos.

O agitar elétrico de sua camisola fazendo-o estremecer. Ele afastou as alças e viu o pano deslizar pelas pálidas curvas de seus ombros.

— Carole. Carole.

As mãos dela pareciam garras de gato arranhando suas costas.

O telefone tocou, tocou. Ele abriu um olho. Sentiu uma pontada na pálpebra. Quando a moveu, a pontada deslocou-se para seu cérebro:

— Aí!

Fechou os olhos com força e o quarto desapareceu:

— Cala a boca — disse ele para a insistente campainha do telefone. Vão embora! — falou para os diabinhos que não paravam de lhe espetar a cabeça com seus tridentes.

Uma porta se abriu e a campainha do telefone cessou. Owen suspirou.

— Alô? — disse Carole. — Oh, sim, ele está aqui.

Ele ouviu o crepitar de sua camisola e sentiu o toque dos dedos dela em seu ombro.

— Owen — disse ela —, acorde querido.

O que ele viu foi aquela pele rosada através da seda transparente.

Esticou a mão para tocá-la, mas já havia se afastado. Ela lhe deu a mão e o forçou a se levantar.

— Telefone para você — disse ela.

— Mas... — disse ele, puxando-a para si.

— Atende.

— Seja o que for, pode esperar — disse ele.

A voz dele foi abafada em sua nuca:

— Estou tomando café da manhã.

— Querido, atende.

— Alô? — disse ele, no fone preto.

— Aqui quem fala é Arthur Means, Sr. Crowley — disse a voz.

— *Sim!* — houve uma explosão em seu cérebro, mas ele continuou sorrindo porque era o agente que o havia chamado um dia antes.

— Está livre para almoçar? — perguntou Arthur Means.

Depois do banho, Owen voltou para a sala de estar. Da cozinha, vinha o som dos chinelos de Carole no linóleo, o chiado do bacon e o forte aroma de café feito na hora.

Owen parou. Franziu a testa ao olhar o sofá no qual acordara: como fora parar ali?

Antes, estava na cama com Carole.

As ruas durante a madrugada tinham algo de místico. Manhattan depois da meia-noite era uma ilha de silêncios intrigantes, uma vasta metrópole de aço e pedra. Ele caminhou entre as cidadelas silenciosas, seus passos como o tique-taque de uma bomba.

— Que vai explodir! — ele gritou.

-*Explodir!* — ecoaram de volta as ruas de paredes sombreadas.

— Que vai explodir e atirar os estilhaços de minhas palavras por todos os cantos do mundo!

Owen Crowley parou. Abriu os braços para abraçar o Universo.

— Você é meu! — ele gritou.

— *Meu!* repetiu o eco.

O quarto estava silencioso quando ele se despiu. Sentou-se sobre a cama com um suspiro feliz, cruzou as pernas e desamarrou os

cadarços.

Que horas seriam? Olhou para o relógio. Duas e cinquenta e oito da madrugada.

Quinze minutos desde que tinha feito seu pedido.

Murmurou divertido enquanto deixava o sapato cair. Estranha fantasia aquela. Sim, exatos quinze minutos se você preferir ignorar um ano, sete meses e dois dias desde que ele ficara parado de pijama em frente ao espelho, fantasiando um desejo. Desejo concedido, pois, se analisasse bem, aqueles dezenove meses pareceram passar bem rápido, mas não tão rápido assim. Se quisesse, poderia rememorar com quantidade razoável de detalhes cada um daqueles dias miseráveis.

Owen Crowley riu. De fato, uma fantasia estranha. A mente prega peças.



— Carole, vamos nos casar.

Parecia que ela havia sido golpeada. Ficou ali parada, atordoada.

— O quê? — perguntou ela.

— Casar!

Ela o encarou:

— Está falando sério?

Ele a abraçou apertado.

— Sem dúvida — disse ele.

— Oh, Owen — agarrou-se a ele um instante e, abruptamente, atirou a cabeça para trás e sorriu. — Afinal de contas, essa — disse ela — não é uma decisão assim tão súbita.

Era uma casa branca, no meio de um luxuriante jardim. A sala de estar era grande e fresca, e eles se postaram lado a lado sobre o piso de noqueira, de mãos dadas. Do lado de fora, as folhas se agitavam.

— Com o poder a mim investido — disse o juiz de paz Weaver —, pelo Estado soberano de Connecticut, eu agora os declaro marido e mulher — ele sorriu. — Pode beijar a noiva — completou.

Quando seus lábios se separaram, ele viu lágrimas brilhando nos olhos dela.

— Como vai, Sra. Crowley — ele sussurrou.

O Buick zumbiu pela tranquila estrada do interior. Dentro dele, Carole aconchegou-se no ombro do marido enquanto o rádio tocava *A Moment or Forever*, num arranjo para cordas.

— Lembra dessa? — ele perguntou.

— Sim — ela o beijou na face.

— Onde será que fica o hotelzinho que o velho recomendou? — perguntou-se ele.

— Não é aquele ali na frente? — perguntou ela.

Os pneus estalaram no caminho de cascalho e depois pararam.

— Olhe, Owen! — disse ela.

Ele riu. "Aldo Weaver, gerente", estava escrito na parte inferior da tabuleta de madeira.

— Sim, é meu irmão George. Ele casa todos os jovens por aqui — disse Aldo Weaver, enquanto os conduzia aos seus aposentos e destrancava a porta.

Então, Aldo afastou-se ruidosamente e Carole apoiou as costas contra a porta até ouvir a fechadura estalar. No quarto silencioso, a sombra de uma árvore, Carole sussurrou:

— Agora você é meu.

CAMINHAVAM PELOS aposentos vazios de uma casinha em Northport.

— Oh, sim — disse Carole alegremente.

Pararam diante das janelas da sala de estar, olhando para o bosque adiante. Ela estendeu a mão para ele e disse:

— Lar, doce lar.

Mudaram-se e mobiliaram a casa. Um segundo romance vendido, um terceiro. John nasceu quando a neve caía sobre o gramado em declive; Linda, numa abafada noite de verão ao som de grilos. Os anos foram passando com os cenários cambiantes nos quais os acontecimentos eram pintados. Ele estava sentado na quietude de seu pequeno escritório. Ficara acordado até tarde corrigindo seu romance inédito *One Foot in Sea*. Agora, quase cabeceando de sono, rosqueou sua caneta-tinteiro e a depositou sobre a mesa.

— Meu Deus, meu Deus — murmurou ele, espreguiçando-se.

Estava cansado.

Do outro lado do aposento, sobre a cornija da pequena lareira, o relógio soou uma vez.

Owen consultou-o: três e quinze da madrugada. Com certeza já passara bem de seu horário de... Pegou-se olhando fixo para o relógio, ouvindo o próprio coração como um tambor cadenciado. Dezessete minutos mais tarde do que a última vez. A ideia persistia; trinta e dois minutos no total.

Owen Crowley estremeceu e esfregou as mãos como se estivesse diante de uma chama imaginária. *Bem, isso é idiotice*, pensou ele. Idiotice trazer à tona aquela fantasia praticamente todos os anos.

Era o tipo de tolice que bem poderia se tornar uma obsessão. Baixou a vista e olhou o aposento em volta. A visão do resultado final de todo tempo dedicado a reforma e arrumação o fez sorrir. Aquela casa, sua ordem, a estante de manuscritos à sua esquerda, eram coisas mensuráveis. O tempo que levou para terminarem a reforma e a decoração foi um período lento de transição e, de repente, as crianças já estavam bastante crescidas naqueles dezoito meses.

Riu de si mesmo, desgostoso. Aquilo era um absurdo; argumentar consigo como se a fantasia precisasse ser refutada. Pigarreando, organizou sua mesa de trabalho com movimentos enérgicos. Isso fica aqui, isso fica ali.

Deixou-se cair pesadamente na cadeira. Bem, talvez fosse um erro reprimir o pensamento. O fato de tal ideia continuar retornando era prova suficiente de que possuía um significado definido. Certamente, a mais frágil das ilusões, se combatida, é capaz de desorientar a razão. Qualquer um sabe disso.

Bem, então, enfrente-a, decidiu ele. O tempo é constante; isso é certo.

O que varia é a perspectiva que as pessoas têm dele. Para alguns, ele se arrasta e para outros, ele voa. Calhou de ele ser uma dessas para quem o tempo parece excessivamente transitório. Tão transitório que alimentava a lembrança de um desejo infantil que fizera há mais de cinco anos, em vez de dissipá-la.

Era isso, é claro. Meses e anos não lhe pareciam mais que minutos, pois era assim que ele os percebia. E...

A porta se abriu e Carole entrou. Ela atravessou o tapete trazendo-lhe um copo de leite quente.

— Você devia estar na cama — repreendeu-a.

— E você também — respondeu ela. — No entanto, ainda está sentado aqui. Você sabe que horas são?

— Eu sei — disse ele.

Ela se sentou em seu colo enquanto ele bebia o leite.

— Corrigiu tudo? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça afirmativamente e enlaçou-lhe a cintura com o braço. Ela beijou-o na têmpora. Lá fora, na noite fria de inverno, um cachorro uivou uma vez.

Ela suspirou.

— Parece que foi ontem, não é? — disse ela.

Ele disse, com a respiração fraca:

— Não acho.

— Oh, você.

Ela o socou delicadamente no braço.

— ARTIE FALANDO — disse o agente. — Adivinha só?

Owen perdeu o fôlego:

— Não!

Ele a encontrou na lavanderia, colocando a roupa de cama para lavar.

— Querida! — berrou.

Ela soltou os lençóis com o susto.

— Aconteceu! — gritou ele.

— O quê?

— O cinema, o cinema! Compraram Nobles and Heralds!

— Não!

— Sim! E, escute essa, sente-se aqui e escute essa, sente-se ou vai cair para trás: vão pagar doze mil e quinhentos dólares por ele!

{6}

— Oh!

— E não é só isso! Vão me dar dez semanas de adiantamento para escrever o roteiro de, preste atenção, setecentos e cinquenta dólares por semana!

Ela soltou um gritinho:

— Estamos ricos!

— Ainda não — disse ele, andando de um lado para o outro —, mas isso é apenas o começo, apenas o começo!

Os ventos de outubro varriam os campos escuros. Fachos de luz cortavam o céu.

— Queria que as crianças estivessem aqui — disse ele, enlaçando-a com o braço.

— Elas estariam com frio e mal-humoradas — disse Carole.

— Carole, você não acha...

— Owen, eu iria com você se pudesse, mas teríamos de tirar John da escola e, além disso, ficaria caro demais.

— São só dez semanas, querida. Antes que se dê conta...

" *Voo número 27, para Chicago e Los Angeles, embarque pelo portão 3* ", anunciou o alto-falante.

— Tão rápido... — de repente, os olhos dela se turvaram, ela encostou a face gelada na dele. — Oh, querido, sentirei tanta saudade de você...

As espessas rodas do avião guincharam, as paredes da cabine estremeeceram.

Lá fora, os motores rugiam cada vez mais forte. O avião ganhava velocidade. Owen olhou para trás. As luzes coloridas estavam distantes agora. Em algum lugar entre elas, estava Carole, olhando seu avião decolar na escuridão. Recostou-se e fechou os olhos um instante. Um sonho, ele pensou. Voar para a Costa Oeste para escrever um filme baseado em seu romance. Meu Deus, a realização de um sonho.

SENTOU-SE NUM CANTO do sofá de couro. Seu escritório era espaçoso. A mesa polida se projetava da parede como uma península e a cadeira estofada estava posicionada perfeitamente diante dela. Cortinas de tweed escondiam o ar-condicionado ligado, reproduções de bom gosto ornavam as paredes e, sob o peso de seus pés, o carpete cedia como esponja. Owen suspirou.

Uma batida na porta interrompeu seu devaneio:

— Sim? — perguntou ele.

Uma loura, em quem um suéter caía muito bem, entrou.

— Sou Cora, sua assistente — disse ela.

Era uma manhã de segunda-feira.

— Oitenta e cinco minutos mais ou menos — disse Morton Zuckersmith, produtor.

Ele assinou outra notificação.

— Essa é uma boa duração — assinou outra carta. — Você aprende esses macetes com o tempo — assinou outro contrato. — É um mundo com lógica própria — enfiou a caneta em seu suporte de ônix e a assistente saiu, levando com ela uma pilha de papéis.

Zuckersmith reclinou-se em sua cadeira de couro com as mãos atrás da nuca, a camisa polo esticando-se com o movimento.

— É um mundo com lógica própria, meu rapaz — disse ele. — Ah! Aqui está nossa garota.

Owen levantou-se sentindo uma câibra no estômago, quando Linda Carson atravessou a sala com a mão branca como marfim estendida:

— Morton, querido — disse ela.

— Bom dia, minha querida — a mão de Zuckersmith engoliu a dela, depois, olhou na direção de Owen. — Querida, quero que conheça o seu roteirista para *The Lady and the Herald*.

— Estava ansiosa para conhecê-lo — disse Linda Carson, nascida Virginia Ostermeyer. — Nem sei como lhe dizer como adorei o seu livro.

Ele sobressaltou-se quando Cora entrou.

— Não se levante — disse ela. — Só estou lhe trazendo suas páginas. Já temos quarenta e cinco.

Owen olhou-a se esticar por cima da mesa. Seus suéteres estavam mais justos a cada dia, correndo o risco de arrebitarem com o próprio movimento da respiração.

— Que tal está o texto? — perguntou ele.

Ela encarou a pergunta como um convite e se instalou no braço do sofá perto dele.

— Acho que você está fazendo um trabalho maravilhoso — disse ela.

Ela cruzou as pernas e deixou à mostra uma pontinha da anágua rendada.

— Você é muito talentoso — suspirou de maneira a destacar os seios. Há apenas algumas coisas aqui e ali — disse ela. — Eu poderia lhe dizer quais são... bem, já que é hora do almoço...

Foram almoçar. Naquele dia, e em outros depois. Cora assumiu ares de sabe-tudo, orientando-o como se ele não soubesse de nada. Arvorando-se com sorrisos e cafés todas as manhãs, dizendo a ele quais pratos caíam melhor à noite e levando-o pelo braço até a cantina todas as tardes para tomar suco de laranja. Sugeriu uma continuidade em seu relacionamento após o horário de trabalho; assumiu uma posição em sua vida que ele não desejara em absoluto. Ela chegou até mesmo a se queixar, chorosa, certa vez em que ele saiu para almoçar sem ela. E, aproveitando-se de que ele lhe dera secamente uns tapinhas no ombro, tentando consolá-la por pena, ela colou o corpo junto ao dele; de repente, os lábios firmes dela sabiam muito bem o que fazer, as convexidades de seu corpo tesou se moldavam ao dele. Ele recuou, sobressaltado:

— Cora.

Ela acariciou o seu rosto:

— Não pense nisso, querido. Você tem um trabalho importante a fazer.

Em seguida, foi embora e Owen ficou sentado em sua mesa. O nervosismo extravasando pela ponta dos dedos. Uma semana, outra semana.

— Oi — disse Linda. — Como você está?

— Bem — respondeu, enquanto Cora entrava vestida em gabardine e seda. — Quer almoçar? Eu adoraria. Vamos nos encontrar no...? Oh. Ótimo! — desligou.

Cora o encarou.

Enquanto ele escorregava para o banco forrado em couro vermelho, ele viu, do outro lado da rua, Cora no portão olhando para ele com cara feia.

— Olá, Owen — disse Linda.

O Lincoln roncou no tráfego. Isso é um absurdo, Owen pensou. Teria de ser mais enfático com Cora. O primeiro desencorajamento ela havia interpretado como nobreza, um gesto de um marido galante para com esposa e filhos.

Pelo menos, aparentara encarar assim. Meu Deus, que complicação.

Almoçaram juntos em Strip. Depois, mais tarde, jantaram. Owen certo de que, se passasse bastante tempo com Linda, convenceria Cora de sua falta de interesse. Na noite seguinte, foram jantar e à filarmônica; duas noites depois, foram dançar e passear de carro ao longo da costa; na outra, uma pré-estreia em Encino.

A que altura exatamente o plano começou a dar errado, Owen jamais saberia. Ganhou forma irrevogável na noite em que, estacionado perto da praia, o rádio tocando música baixinho, Linda aconchegou-se nele com naturalidade, seu corpo mundialmente famoso se aproximando, seus lábios tentadores nos seus:

— Querido.

Ficou deitado sem dormir, pensando nas semanas anteriores, em Cora e em Linda. E em Carole, cuja realidade se desvaneceu na forma tênue de cartas diárias e um telefonema semanal, uma foto sorridente sobre a mesa.

O roteiro estava quase pronto. Em breve, voaria de volta para casa.

Onde estavam as ligações entre os acontecimentos, as evidências do que acontecera, fora os fragmentos de lembranças circunstanciais? Era um daqueles efeitos que lhe ensinaram no estúdio: uma montagem, uma série de cenas rápidas. Era como a vida lhe parecia: uma série de cenas rápidas que passavam voando na tela e depois desapareciam.

No seu quarto de hotel, o despertador tocou uma vez. Não quis olhar para ele.

CORREU CONTRA O VENTO E A NEVE, mas Carole não estava lá. Ficou ali parado, vasculhando com os olhos o saguão, uma ilha de homem e bagagem.

Será que ela estava doente? Não recebera resposta ao seu telegrama, mas...

— Carole? — a cabine telefônica era abafada e gasta.

— Sim — disse ela.

— Meu Deus, querida, você esqueceu!

— Não — respondeu ela.

A viagem de táxi para Northport foi uma sucessão de gramados e árvores cobertos de neve, luzes vermelhas indicando acessos bloqueados e o som das correntes nos pneus chacoalhando no pavimento enlameado das ruas. Ela estava tão calma ao telefone:

— Não, não estou doente. Linda está um pouco resfriada. John está bem. Não consegui uma babá.

Um mau pressentimento o invadiu.

Finalmente chegou em casa. Sonhara com ela exatamente daquele jeito: a casa cercada de árvores desfolhadas pelo inverno, um manto de neve cobrindo-lhe o telhado, uma espiral de fumaça saindo da chaminé. Pagou o motorista com uma mão trêmula e virou-se cheio de expectativa. A porta continuava fechada. Ele esperou, mas a porta permaneceu fechada.

Ele leu a carta que ela finalmente lhe entregou.

Cara Sra. Crowley, começava assim, acho que a senhora deve saber...

Seus olhos baixaram para a assinatura infantil: *Cora Bailey*.

— Por que essa maldita desgra... — não pôde completar, algo o fez parar.

— Meu Deus — ela parou diante da janela, tremendo. — Eu estava rezando para que fosse mentira, mas agora vejo que não é...

Estremeceu quando a tocou:

— Não.

— Você não quis ir comigo — ele a culpou. — Não quis.

— Essa é a sua desculpa?. — perguntou ela.

— O que vou fazer? — perguntou ele, atrapalhando-se com sua décima quarta dose de uísque. -O quê? Não quero perdê-la, Artie. Não quero perdê-la, nem as crianças. O que eu faço?

— Não sei — disse Artie.

— Aquela maldita... — murmurou Owen. — Se não fosse por ela...

— Não culpe aquela vadiazinha que não tem nada na cabeça — disse Artie. — Ela foi só a "cobertura". Quem assou o bolo foi você.

— O que eu faço?

— Bem, para começo de conversa, comece a participar de sua vida um pouco mais. Não é só uma peça que está diante de seus olhos. É você que está no palco. Você tem um papel. Ou representa ou não passará de um fantoche. Ninguém vai dizer suas falas por você, nem vai mostrar o que fazer em cena, Owen. Você está por conta própria.

Lembre-se disso.

— O QUE EU VOU FAZER? — disse Owen, várias vezes, no silêncio de seu quarto de hotel.

Uma semana, duas semanas. Apáticas caminhadas por uma Manhattan que era apenas barulho e solidão. Ir ao cinema. Jantar no Automat.

Noites de insônia. Tentativa de encontrar paz na bebida. Finalmente, o telefonema desesperado:

— Carole, aceite-me de volta. Por favor, aceite-me de volta.

— Oh, querido. Venha para casa.

Outra corrida de táxi, desta vez alegre. Luz acesa na varanda, porta escancarada.

Carole correndo para ele. Os dois abraçados, voltando para casa juntos.



A GRANDE TURNÊ DE LANÇAMENTO! Uma atordoante sucessão de lugares e eventos. A nublada Londres na primavera; as famosas ruazinhas e avenidas de Paris; a Berlim cortada pelo Spree, e a Genebra pelo Ródano. Milão na Lombardia, as centenas de ilhas abarrotadas de construções centenárias de Veneza, a herança cultural de Florença, Marselha debruçada sobre o mar, a Riviera protegida pelos Alpes, a velha cidade de Dijon. Uma segunda lua de mel; uma pressa desesperada de renovação, parcialmente percebida, parcialmente sentida.

Deitaram-se na margem do rio. A luz do sol espalhava moedas douradas sobre a superfície da água, os peixes nadavam preguiçosamente na cálida corrente. Os restos do conteúdo da cesta de piquenique jaziam alegremente devastados. Carole apoiou-se em seu ombro, e ele podia sentir-lhe o hálito quente no peito.

— Como foi que passou tanto tempo? — Owen perguntou; não para ela nem para ninguém, mas para o céu.

— Querido, você parece preocupado — disse ela, apoiando-se no cotovelo para olhá-lo.

— E estou — ele respondeu. — Você se lembra da noite em que assistimos A “*A Moment or Forever*” Lembra-se do que eu disse?

— Não.

Ele contou a ela. Falou-lhe do que desejou na ocasião e do medo sem forma que às vezes o invadia.

— Era só a primeira parte que eu queria que passasse rápido — disse ele —, não tudo.

— Querido, querido — disse Carole, tentando não sorrir —, creio que esse seja o lado ruim de ter tanta criatividade. Owen, desde aquilo se passaram sete anos. Sete anos.

Ele consultou o relógio de pulso.

— Ou cinquenta e sete minutos — disse.

DE VOLTA PARA CASA. Verão, outono e inverno. *Wind from the South* foi vendido para o cinema por cem mil dólares. Queriam que também fosse o responsável pelo roteiro, mas ele recusou a oferta. A mansão antiga de frente para o canal, a contratação da Sra. Halsey como governanta. John entrando para a academia militar, Linda para a universidade. Como resultado da viagem à Europa, numa tarde tempestuosa de março, o nascimento de George.

Outro ano. Mais outro. Cinco anos, dez... Livros de sucesso garantido fluindo de sua pena. *Lap of Legends Old, Crumbling Satires, Jigery Pokery* e *The Dragon Fly*. Uma década que ficava para trás, depois outra. *O National Book Award* pela obra *No Dying and No Tomb*. O prêmio *Pulitzer* por *Bacchus Night*.

Parou diante da janela de seu luxuoso escritório, tentando esquecer ao menos um único item de outro escritório luxuoso como aquele em que havia estado: o do editor, no dia em que assinou seu primeiro contrato. Mas não conseguia esquecer coisa alguma; nenhum detalhe lhe escapava. Como se o que havia ocorrido vinte e três anos atrás houvesse acontecido no dia anterior. Como poderia se lembrar de tudo de forma tão vívida a menos que, de fato...

— Pai?

Ele se virou e sentiu um aperto no peito. John atravessou a sala com passadas largas.

— Estou partindo agora — disse ele.

— O quê? Partindo? — Owen olhou para ele, para aquele completo desconhecido, para aquele jovem trajando uniforme militar que o chamava de pai.

— Meu pai está ficando velho — riu John, golpeando de leve o braço do pai. — Está sonhando com outro livro?

Só então, como se o efeito antecedesse a causa, Owen soube. A Europa encontrava-se novamente convulsionada pela guerra, John estava no exército e fora convocado para lutar do outro lado do Atlântico. Ficou ali parado, olhos fixos no filho, falando com uma voz que não era sua, sentindo os segundos se esvaindo. De onde surgira aquela guerra? Que enormes e terríveis maquinações levaram a ela? E onde estava o seu garotinho? Certamente, não era aquele desconhecido apertando sua mão e se despedindo. O aperto no peito aumentava. Owen não se conformava.

Mas a sala estava vazia. Ele piscou. Seria tudo um sonho? Uma sucessão de flashes em sua mente perturbada? Sentindo os pés pesados, arrastou-se até a janela e observou o táxi engolir seu filho e levá-lo embora.

— Adeus — ele suspirou. — Deus o proteja.

Ninguém lhe fornecera as falas, percebeu, mas fora ele quem as pronunciara?

A CAMPAINHA TOCOU e Carole foi atender. Agora, a maçaneta da porta do seu escritório girou e lá estava ela parada, pálida, olhando para ele e segurando um telegrama.

— Não — ele murmurou.

Então, ofegante, estremeceu quando, silenciosamente, o corpo de Carole oscilou um pouco e desabou no chão.

— Pelo menos uma semana de cama — o doutor lhe disse. — Silêncio e muito repouso. O choque foi muito intenso.

Ele cambaleou pelas dunas, anestesiado, sem expressão. O vento cortante açoitava suas roupas e seu cabelo com mechas grisalhas. Com olhos sem brilho, acompanhou as ondas quebrando na

arrebentação. Ainda ontem, John partira para a guerra, pensou ele. Ainda ontem, ele chegara em casa todo orgulhoso em seu uniforme da academia militar; ainda ontem, ele usava calças curtas no ensino fundamental; ainda ontem, ele corria por toda a casa deixando seu rastro de risadas contagiantes; ainda ontem, ele nascia enquanto o vento carregava rajadas de neve...

— Meu Deus! Morto. Morto! Não tinha ainda vinte e um anos e estava morto. Toda a sua vida não passara de um momento, uma lembrança que já se apagava na memória.

— Eu retiro o meu desejo! — gritou apavorado para o céu. — Retiro o que disse, não queria que fosse assim!

Deitou-se ali na areia, chorando por seu filho e, ao mesmo tempo, perguntando-se se chegara a ter um filho de fato.

— *Attendez, M'sieurs, M'dames! Nice!*

— Puxa, já? — disse Carole. — Foi rápido, crianças, não foi?

Owen piscou. Olhou para ela. Aquela mulher corpulenta de cabelos grisalhos do outro lado do corredor. Ela sorriu. Ela o conhecia?

— O quê? — perguntou ele.

— Ah, por que eu ainda perco meu tempo falando com você? — resmungou ela. — Você está sempre mergulhado em seus pensamentos, seus pensamentos.

Fazendo um muxoxo, ela se levantou e apanhou uma cesta de vime no compartimento de bagagem:

— Tratava-se de algum jogo?

— Caramba, pai, olhe só aquilo!

Olhou atordoado para o adolescente ao seu lado. E quem era ele!

Owen Crowley balançou um pouco a cabeça. Olhou à sua volta.

Nice, na França, de novo? E quanto à guerra?

O trem mergulhou na escuridão.

— Ah, droga! — queixou-se Linda.

Do outro lado de Owen, ela riscou o fósforo novamente e, no clarão, ele viu, refletido na janela, o rosto de outro desconhecido de meia-idade: era ele mesmo. A realidade do presente o inundou. A guerra havia acabado e ele e sua família encontravam-se no estrangeiro: Linda, vinte e um anos, divorciada, amarga,

ligeiramente alcoólatra; George, quinze anos, gordinho, com os hormônios a toda, só pensando em mulheres; Carole, quarenta e seis anos, recém-ressuscitada do túmulo da menopausa, mal-humorada, um pouco entediada; e ele, quarenta e nove anos, bem-sucedido, feições duras, mas belas, ainda pensando se a vida era feita de anos ou de segundos. Tudo isso passou por sua cabeça antes que a luz da Riviera inundasse o vagão novamente.

Do lado de fora, no terraço, era menos iluminado e mais fresco. Owen ficou ali, fumando, olhando para o céu pontilhado de diamantes cintilantes.

Lá dentro, o burburinho dos jogadores era como um longínquo zumbido de inseto.

— Olá, Sr. Crowley.

Ela estava nas sombras, vestida em tons claros. Uma voz, um movimento.

— Você sabe o meu nome? — ele perguntou.

— Mas você é famoso — foi sua resposta.

Caiu em si. Conhecia bem a bajulação de mulheres daquele tipo e não se deixava levar.

Mas, então, ela deixou as sombras e ele pôde ver seu rosto; abriu a guarda. O luar acentuava-lhe a cremosidade dos braços e ombros, seu olhar era incandescente.

— Meu nome é Alison — disse. — Está feliz por me conhecer?

O reluzente iate descreveu uma curva fechada contra o vento, a proa cortando as ondas, deixando atrás dele uma nuvem de respingos colorida com o arco-íris.

— Sua idiota! — disse ele rindo. — Você ainda vai acabar nos afogando!

— Você e eu! — ela respondeu. — Abraçados nas profundezas! Adoraria isso, você não?

Ele sorriu e tocou-lhe o rosto corado pela emoção. Ela beijou-lhe a palma da mão e o olhou nos olhos. Eu te amo. Silenciosamente, apenas um movimento dos lábios. Ele virou a cabeça e olhou o ofuscante Mediterrâneo. *Siga em frente, pensou. Não volte. Siga em frente até o oceano nos tragar. Não quero voltar.*

Alison colocou o barco no piloto automático e, em seguida, veio por trás dele, deslizando os braços quentes em torno de sua cintura, pressionando seu corpo contra o dele.

— Você está ausente novamente — ela murmurou. — Onde está, querido?

Olhou para ela.

— Há quanto tempo nos conhecemos? — ele perguntou.

— Há um momento ou sempre, dá no mesmo — ela respondeu, acariciando-lhe o lóbulo da orelha com os lábios.

— Um momento ou sempre, dá no mesmo — murmurou. — Sim.

— O quê? — perguntou ela.

— Nada — disse ele. — Apenas meditando sobre a tirania dos relógios.

— Já que o tempo o angustia tanto, amor — disse ela, abrindo a porta da cabine —, não percamos um segundo dele.

O iate continuou a singrar o mar silencioso.

— O quê? Fazer trilha?. — Carole disse. — Na sua idade?

— Isso parece ser um problema para você — Owen respondeu, cuidadosamente.

— Eu, pelo menos, ainda não estou preparado para me render às bajulações enfadonhas da velhice.

— Então, eu estou senil agora! — gritou ela.

— Por favor, não comece — disse ele.

— Ela acha que você está velho! — disse Alison. — Meu Deus, como essa mulher o conhece mal!

Trilhas, esqui, passeios de barco, natação, passeios a cavalo, dançar até o sol raiar.

Dizia a Carole que estava fazendo pesquisa para um novo livro, sem saber se ela acreditava ou não, nem se importando muito com isso.

Semanas e semanas assim.

Estava na varanda banhada pelo sol, do lado de fora do quarto de Alison.

Lá dentro, com membros claros como marfim, ela dormia como uma criança exausta de tanto brincar. Owen estava exaurido, cada músculo do seu corpo pedia arrego, porém, por enquanto, não

pensava nisso. Pensava em outra coisa, uma ideia que lhe havia ocorrido quando estava deitado com ela.

Em toda sua vida, era como se nunca houvesse uma clara lembrança do amor físico.

Cada detalhe dos momentos que levavam ao ato estavam vivos, mas o ato em si não.

Do mesmo modo, toda lembrança de alguma vez ter falado palavras em voz alta eram vagas.

E essas eram justamente as coisas que os filmes censuravam.
— Owen?

Lá dentro, escutou o farfalhar do corpo dela nos lençóis. Havia demanda em sua voz de novo; suave, mas incisiva. Ele se virou. Então, vamos tratar de lembrar disso, pensou.

Que cada segundo disso permaneça comigo, cada detalhe da ardente exigência da pele, daquela doce e inebriante loucura.

Ansioso, adentrou o quarto.

Tarde. Ele caminhava pela praia, olhando para o azul liso e espelhado do mar. Era verdade, então. Não havia recordação distinta do ato. A partir do segundo em que ele atravessara a porta até este momento, tudo era virtualmente um branco. Sim, verdade.

Agora tinha certeza. Os meios-tempos eram inexistentes. O tempo corria para o fim determinado pelo roteiro. Sim, ele era um personagem, como dissera Artie, mas a peça já havia sido escrita.

Sentou-se no escuro, no vagão do trem, olhando pela janela. Lá embaixo, ao longe, dormiam Alison e a cidade de Nice banhada pelo luar.

Do outro lado do corredor, dormiam George e Linda, e Carole resmungava num sono agitado. Como haviam ficado zangados quando lhes anunciara que estavam de partida para casa imediatamente.

E agora, pensou, e agora. Ergueu o relógio e verificou a posição dos ponteiros fluorescentes. Setenta e quatro minutos.

Quanto tempo restava?

— Sabe, George — disse ele —, quando eu era jovem... e não tão jovem... alimentei uma ilusão maravilhosa. Pensei que minha vida estava sendo executada como um filme.

Nunca tive certeza, imagine você, apenas a dúvida persistente que me angustiava. Oh, certamente que sim. Até que um dia, pouco tempo atrás, ocorreu-me que todos têm uma incontrolável aversão à mortalidade. Especialmente os velhos como eu, George.

Como estamos inclinados a pensar que o tempo, de alguma forma, nos engana, fazendo-nos olhar para o outro lado por um instante enquanto, sem que percebamos, passa correndo por nós carregando nossa vida em seus terríveis ombros.

— Posso entender — disse George, acendendo o cachimbo novamente.

Owen Crowley riu:

— George, George — disse ele. — Fazendo hora com seu velho pai biruta. Ele não vai estar com você por muito mais tempo.

— Agora chega dessa conversa — disse Carole, tricotando perto da lareira. — Chega dessa conversa boba.

— Carole — chamou ele. — Querida? — O vento do mar abafou sua voz trêmula. Ele olhou em volta: — Aqui, você. Aqui!

A enfermeira ajeitou mecanicamente o travesseiro e o censurou:

— Ai, ai, ai, Sr. Crowley. Não devia se cansar.

— Onde está minha esposa? Por piedade, vá buscá-la. Não posso...

— Shhh... silêncio agora, Sr. Crowley. Não comece novamente.

Ele olhou para ela, para aquela mulher vestida de branco, desajeitada, grosseira e reclamona.

— O quê? — murmurou ele. — O quê?

Então, algo dissipou o nevoeiro e ele soube. Linda estava em seu quarto divórcio, dividida entre o escritório do advogado e as garrafas; George era correspondente no Japão, autor de um punhado de livros bem recebidos pela crítica. E Carole, Carole?

Morta.

— Não — disse ele, bastante calmo. — Não, não. Isso não é verdade. Estou lhe dizendo, vá buscá-la. Oh, que bonito... — estendeu a mão para uma folha morta.

A escuridão se dissipou. Então, pôde ver o quarto, fogo aceso na lareira, seu médico ao lado da cama falando com a enfermeira. Aos pés do leito, Linda, como uma assombração amargurada.

Agora, pensou Owen. Chegara a hora. Sua vida, constatou, tinha sido uma breve sequência; uma sucessão de cenas exibidas para qual retina cósmica? Pensou em John, Linda Carson, Artie, Morton Zuckersmith e Cora; em George, Linda e Alison; em Carole; na legião de pessoas que passaram por ele durante sua apresentação. Todos haviam ido embora, estavam quase sem rosto agora.

— Que... horas são? — perguntou ele.

O doutor consultou o relógio.

— Quatro e oito da manhã — respondeu.

É claro. Owen sorriu. Devia saber disso o tempo todo. A secura em sua garganta restringiu sua gargalhada a um suspiro rouco. Ficaram parados ali, olhando para ele.

— Oitenta e cinco minutos — disse ele. — Uma boa duração. Sim... uma boa duração.

Então, imediatamente antes de fechar os olhos, ele viu: letras flutuavam no ar por cima daqueles rostos e do quarto. E eram palavras, mas eram palavras como em um reflexo de espelho, brancas e imóveis.

MIF

Ou foi só imaginação?

Fim

O DISTRIBUIDOR

20 DE JULHO

Tempo de recomeçar.

Encontrara uma casa pequena e mobiliada em Sylmar Street. Na manhã de sábado, quando se mudou, saiu pela vizinhança se apresentando.

— Bom dia — disse ao velho que podava a hera na casa ao lado da sua.

— Meu nome é Theodore Gordon. Acabei de me mudar.

O velho se levantou e apertou a mão de Theodore.

— Como vai? — disse ele.

Seu nome era Joseph Alston. Um cachorro veio se arrastando da varanda para farejar Theodore.

— Ele está avaliando você — disse o velho.

— Mas que fofo — disse Theodore.

Do outro lado da rua, vivia Inez Ferrei. Ela atendeu a porta de roupão: uma mulher magra, de trinta e tantos anos. Theodore pediu desculpas por perturbá-la.

— Oh, tudo bem — disse ela.

Tinha muito tempo para si mesma, quando o marido, que era vendedor, estava viajando.

— Espero que sejamos bons vizinhos — disse Theodore.

— Tenho certeza de que seremos — disse Inez Ferrei.

Quando ele foi embora, ela o espiou pela janela.

Na casa vizinha à dela, bem em frente à sua, ele bateu de leve, porque havia um aviso: "Trabalhador noturno dormindo". Dorothy Backus abriu a porta: uma mulher baixa, reservada, de uns trinta e cinco anos.

— Estou tão feliz em conhecê-la — disse Theodore.

Na casa ao lado, vivia Walter Morton. Enquanto Theodore subia o passeio, ouviu Bianca Morton falar em voz alta para o seu filho,

Walter Jr.

— Você não tem idade suficiente para ficar fora até às três horas da manhã! — dizia ela.

— Especialmente com uma menina tão jovem como Katherine McCann!

Theodore bateu e o Sr. Morton, cinquenta e dois anos e careca, abriu a porta.

— Acabei de me mudar para o outro lado da rua — disse Theodore, sorrindo.

Patty Jefferson, da casa ao lado, deixou-o entrar. Enquanto conversava com ela, Theodore podia ver através da janela dos fundos o marido dela, Arthur, encher uma piscina de borracha para os filhos, um menino e uma menina.

— Eles adoram aquela piscina — disse Patty, sorrindo.

— Aposto que sim — disse Theodore.

Quando saiu, notou que a casa vizinha à deles estava vaga.

Do outro lado da rua, em frente aos Jefferson, viviam os McCann sua filha de quatorze anos de idade, Katherine. Quando Theodore se aproximou da porta, ouviu a voz de James McCann dizendo:

— Ah, ele é biruta. Por que eu estaria com o ancinho dele? Só porque pedi emprestado aquele cortador de grama péssimo um par de vezes?

— Querido, por favor -disse Faye McCann. — Tenho de terminar essas notas a tempo para a próxima reunião do conselho.

— Só porque Kathy sai com aquele imprestável do filho dele — reclamou o seu marido.

Theodore bateu à porta e se apresentou. Conversou rapidamente com eles, informando à Sra. McCann que ele certamente gostaria de participar do Conselho Nacional de Cristãos e Judeus. Era uma organização que valia a pena.

— Qual o seu ramo de negócios, Gordon? — perguntou McCann.

— Distribuição — disse Theodore.

Na próxima casa, dois meninos cuidavam da grama enquanto seu cão perambulava em torno deles.

— Olá — disse Theodore.

Eles grunhiram qualquer coisa e o seguiram com os olhos, enquanto ele caminhava para a varanda. O cão o ignorou.

— Eu apenas disse a ele -a voz de Henry Putnam chegou-lhe através janela da sala. — Ponha um negro no meu departamento e eu estou fora. Só isso.

— Sim, querido — disse a Sra. Irma Putnam.

As batidas de Theodore foram atendidas pelo Sr. Putnam, sem camisa, só de camiseta. Sua esposa estava deitada no sofá.

— Ela é cardíaca — explicou o Sr. Putnam.

— Oh, sinto muito — disse Theodore.

Na última casa moravam os Gorse.

— Acabei de me mudar para a vizinhança — disse Theodore.

Apertou a mão magra de Eleanor Gorse e ela lhe disse que seu pai estava no trabalho.

— É ele? — Theodore perguntou, apontando para o retrato de um velho com expressão severa, pendurado sobre a cornija abarrotada de objetos religiosos.

— Sim — disse Eleanor, de trinta e quatro anos e feia.

— Bem, espero que sejamos bons vizinhos — disse Theodore.

Naquela tarde, ele foi para o seu novo escritório e montou o quarto escuro.

23 DE JULHO

Naquela manhã, antes de sair para o escritório, ele verificou o catálogo telefônico e anotou quatro números. Discou o primeiro:

— Pode mandar um táxi para o número 12.057, da Sylmar Street? disse ele. — Obrigado.

Discou o segundo número:

— Pode mandar um técnico à minha casa? — Pediu. — Minha TV está sem imagem. Meu endereço é Sylmar Street, número 12.070.

Discou o terceiro número:

— Eu gostaria de publicar um anúncio na edição de domingo — disse ele. — Ford 1957, em perfeito estado. Setecentos e oitenta e

nove dólares. Isso mesmo, setecentos e oitenta e nove. O número é DA-4-7408.

Deu o quarto telefonema e marcou uma entrevista à tarde com o Sr. Jeremias Osborne.

Então, ele se pôs à janela da sala até que o táxi parou diante da casa dos Backus.

Quando saía com seu carro, um caminhão de conserto de TV passou por ele. Olhou para trás e o viu parar em frente à casa de Henry Putnam.

Prezados senhores, ele datilografou no escritório mais tarde, por favor, enviem-me dez folhetos, pelos quais estou anexando o pagamento de 100 dólares.

Acrescentou nome e endereço. Deixou o envelope na caixa de correspondências a serem despachadas.

27 DE JULHO

Quando Inez Ferrei saiu de casa naquela noite, Theodore a seguiu de carro. No centro da cidade, a Sra. Ferrei desceu do ônibus e foi para um bar chamado Irish Lantern.

Depois de estacionar, Theodore entrou no bar discretamente e escolheu um lugar escondido. Inez Ferrei estava no fundo do salão, empoleirada num banco do bar. Havia tirado o casaco para revelar o suéter amarelo colante. Theodore correu os olhos pela estudada exposição de seu busto. Finalmente, um homem a abordou; conversou e riu, depois passou um tempinho com ela. Theodore viu quando saíram, de braços dados.

Pagou o café e os seguiu. Foi uma caminhada curta, a Sra. Ferrei e o homem entraram em um hotel no quarteirão seguinte.

Theodore voltou para casa, assobiando.

Na manhã seguinte, quando Eleanor Gorse e seu pai saíram com a Sra. Backus, Theodore os seguiu.

Encontrou-os no átrio da igreja, depois que o ofício religioso terminou. Não era uma coincidência maravilhosa, observou, que ele também fosse batista? E apertou a mão firme de Donald Gorse.

Do lado de fora, Theodore lhes perguntou se não gostariam de compartilhar com ele a refeição dominical. Sra. Backus sorriu levemente e murmurou qualquer coisa sobre o marido. Donald Gorse olhou-o um pouco indeciso.

— Oh, por favor — implorou Theodore. — Façam um viúvo solitário feliz.

— Viúvo? — repetiu o Sr. Gorse.

Theodore baixou a cabeça.

— Faz muitos anos — disse ele. — Pneumonia.

— É batista há muito tempo? — perguntou o Sr. Gorse.

— Desde que nasci — disse Theodore com fervor. — Tem sido o meu único consolo.

Para o jantar, serviu costeletas de cordeiro, ervilhas e batatas cozidas. Como sobremesa, torta de maçã e café.

— Estou tão feliz por terem compartilhado de minha modesta refeição — disse ele. — Isso sim é, verdadeiramente, "amar o teu próximo como a ti mesmo".

Sorriu para Eleanor, que o retribuiu com firmeza.

Depois que anoiteceu, Theodore saiu para um passeio. Quando passava pela casa dos McCann, ouviu o telefone tocando e, em seguida, James McCann, gritando:

— É um engano, droga! Por que diabos eu iria vender um Ford 57 por setecentos e oitenta e nove dólares! — bateu o telefone. — Maldição! — uivou James McCann.

— Querido, por favor, seja tolerante! — pediu-lhe a esposa.

O telefone tocou novamente.

Theodore seguiu em frente.

1º DE AGOSTO

Exatamente às duas e quinze da madrugada, Theodore saiu de casa, arrancou uma das mais longas heras de Joseph Alston e deixou-a na calçada.

Na manhã seguinte, ao sair, viu Walter Morton Jr. dirigindo-se para a casa dos McCann com um cobertor, uma toalha e um rádio portátil. O velho estava abaixado, recolhendo a hera.

— Foi arrancada? — perguntou Theodore.

Joseph Alston resmungou.

— Então foi isso — disse Theodore.

— O quê?. — o velho ergueu os olhos para ele.

— Na noite passada — disse Theodore —, ouvi um barulho aqui fora. Olhei e vi dois meninos.

— Viu os rostos deles? — perguntou Alston, fechando a cara.

— Não, estava muito escuro — disse Theodore. — Mas eu diria que tinham a mesma idade, mais ou menos, dos filhos dos Putnam. Não que fossem eles, claro.

Joseph Alston balançou a cabeça lentamente, olhando para a rua.

Theodore dirigiu até a avenida e estacionou. Vinte minutos depois, Walter Morton Jr. e Katherine McCann entraram em um ônibus. Na praia, Theodore se sentou alguns metros atrás deles.

— O Mack é uma figura — ouviu Walter dizer. — Ele tem motivação, dirige até Tijuana, apenas para se divertir.

Pouco depois, Walter e a menina correram para o mar, rindo.

Theodore se levantou e caminhou até uma cabine telefônica.

— Gostaria de ter uma piscina instalada no meu quintal, na próxima semana — disse ele, fornecendo os detalhes.

Voltando para a praia, sentou-se ali, pacientemente, até que Walter e a menina estivessem deitados, nos braços um do outro. Então, num determinado momento, apertou um botão escondido na palma da mão. Feito isso, voltou para o carro, abotoando a frente da camisa sobre a lente minúscula.

No caminho para o escritório, parou em uma loja de ferragens para comprar um pincel e uma lata de tinta preta.

Passou a tarde revelando e imprimindo as fotos. Fez com que aparentassem haver sido tiradas à noite e que o jovem casal estivesse fazendo algo mais.

O envelope caiu suavemente na caixa da correspondência a ser despachada.

5 DE AGOSTO

A rua estava quieta e deserta. Calçando tênis silenciosos, Theodore atravessou a rua.

Encontrou o cortador de grama de Morton no quintal. Erguendo-o sem fazer barulho, atravessou de novo a rua, carregando-o consigo para a garagem de McCann. Depois de levantar cuidadosamente a porta, deslizou a máquina para trás da bancada de trabalho.

O envelope com as fotografias, ele colocou em uma gaveta atrás de uma caixa de pregos.

Voltando para casa, então, telefonou para James McCann. Disfarçando a voz, perguntou se o Ford ainda estava à venda.

Pela manhã, o carteiro deixou um envelope volumoso na varanda dos Gorse. Eleanor Gorse saiu e o abriu, puxando um dos folhetos. Theodore observou o olhar furtivo dela e a alteração da cor em seu rosto.

Naquela tarde, enquanto cortava a grama, viu o Sr. Morton atravessar a rua na direção de James McCann, que aparava os arbustos. Ouviu-os discutindo em voz alta.

Finalmente, eles entraram na garagem de McCann, de onde Morton emergiu empurrando o seu cortador de grama, e não fazendo caso dos protestos furiosos de McCann.

Do outro lado da rua, em frente à casa de McCann, Jefferson Arthur acabava de voltar para casa do trabalho. Os dois meninos de Putnam pilotavam suas bicicletas, enquanto o cão corria em volta deles.

Naquele instante, do lado oposto ao de Theodore, uma porta bateu.

Ele virou a cabeça e viu o Sr. Backus, em roupa de trabalho, entrar intempestivamente no carro, murmurando com desgosto:

— Uma piscina!

Theodore olhou para a casa ao lado e viu Inez Ferrei em sua sala.

Ele sorriu e foi cortar a grama na lateral de sua casa, olhando para o quarto de Eleanor Gorse. Ela estava sentada de costas para ele, lendo alguma coisa. Quando ela ouviu o barulho do cortador, levantou-se e saiu do quarto, metendo o envelope volumoso em uma gaveta da escrivaninha.

15 DE AGOSTO

Henry Putnam atendeu a porta.

— Boa noite — disse Theodore. — Espero não estar incomodando.

— Só estou batendo um papo com os parentes de Irma — disse Putnam.

— Estão indo de carro para Nova York pela manhã.

— Ah é? Bem, não tomarei muito do seu tempo.

Theodore entregou-lhe duas pistolas de ar comprimido.

— Uma fábrica para a qual eu faço distribuição estava se livrando dessas peças — disse ele. — Pensei que talvez os seus meninos pudessem gostar.

— Bem, com certeza — disse Putnam.

Foi lá dentro chamar os filhos. Quando o homem se retirou, Theodore pegou algumas caixas de fósforos nas quais se lia Vinhos e Licores Putnam. Colocou-as no bolso antes que os meninos chegassem para agradecer a ele.

— Muito gentil de sua parte, Gordon — disse Putnam na porta.
— Agradecemos muito.

— O prazer foi todo meu — disse Theodore.

Voltando para casa, acertou o rádio-relógio para três e quinze e se deitou. Quando a música começou, foi até lá fora, em silêncio, e arrancou quarenta e sete heras e espalhou-as pela calçada de Alston.

— Oh, não — disse a Alston pela manhã.

Balançou a cabeça, consternado. Joseph Alston não falava. Olhou o quarteirão com ódio nos olhos.

— Deixe-me ajudá-lo — disse Theodore.

O velho balançou a cabeça, mas Theodore insistiu.

Dirigindo-se à estufa mais próxima, trouxe dois sacos de turfa. Em seguida, agachou-se ao lado de Alston para ajudá-lo a replantar.

— Você ouviu alguma coisa na noite passada? — perguntou o velho.

— Você acha que foram os meninos, de novo? — perguntou Theodore, de boca aberta.

— Não estou dizendo isso — respondeu Alston.

Mais tarde, Theodore dirigiu até o centro da cidade e comprou uma dúzia de cartões-postais. Ele os levou para o escritório. *Querido Walt*, escreveu grosseiramente atrás de um deles, *comprei estes aqui em Tijuana. Quente o suficiente para você? Ao endereçar o envelope, não acrescentou "Jr." depois de "Sr. Walter Morton". Deixou-o na caixa de correspondências a serem despachadas.*

23 DE AGOSTO

— Sra. Ferrei!

Ela estremeceu no banco do bar.

— Que susto, senhor...

— Gordon — disse ele, sorrindo. — Que bom vê-la novamente!

— Sim — ela apertou os lábios, que tremiam.

— Vem sempre aqui? — Theodore perguntou.

— Oh, não, nunca — Inez Ferrei se apresou em dizer. — Estou... só fiquei de encontrar um amigo aqui esta noite. Uma amiga.

— Oh, entendo — disse Theodore. — Bem, talvez um viúvo solitário possa lhe fazer companhia até ela chegar?

— Por que... — a Sra. Ferrei encolheu os ombros. — Acho que sim... — seus lábios estavam pintados de vermelho vivo, contrastando com o alabastro de sua pele. O suéter ajustava-se ao contorno dos seios. Depois de um tempo, como a amiga da Sra.

Ferrei não apareceu, eles foram se sentar em uma mesa mais discreta. Lá, Theodore aproveitou-se da ida da Sra. Ferrei ao toalete para retocar a maquiagem e colocou um pó claro e sem gosto na bebida dela. Ao regressar, ela tomou toda a bebida e, em questão de minutos, estava cada vez mais grogue. Ela sorriu para o Theodore:

— Gosto de você, Sr. Gornon — confessou.

As palavras lhe custavam a sair, sua língua enrolava. Pouco depois, ele a carregou, tropeçando e rindo, até seu carro e levou-a para um motel.

No quarto, ajudou-a a tirar as meias, a cinta-liga e os sapatos. Enquanto ela posava com drogada complacência, Theodore tirou fotos com o auxílio do flash. Depois que ela praticamente desmaiou, às duas da manhã, Theodore a vestiu e a levou para casa.

Estendeu-a completamente vestida na cama.

Depois disso, saiu e derramou herbicida concentrado nas heras replantadas.

Ao voltar para casa, discou o número de Jefferson.

— Alô — disse Arthur Jefferson, irritado.

— Deixe essa vizinhança ou vai se arrepender — sussurrou Theodore e, em seguida, desligou.

Pela manhã, foi até a casa da Sra. Ferrei e tocou a campainha.

— Olá — disse ele, polidamente. — Está se sentindo melhor?

Ela o olhou atordoada enquanto ele explicava como ela havia passado violentamente mal na noite anterior no bar, contando que ele a trouxera para casa.

— Espero que esteja se sentindo melhor — concluiu.

— Sim — disse ela, confusa —, eu estou bem.

Quando saiu de sua casa, viu James McCann, rosto vermelho e envelope na mão, indo para a casa de Morton. Ao lado dele, caminhava uma preocupada Sra. McCann.

— Devemos ser tolerantes, Jim — Theodore a ouviu dizer.

31 DE AGOSTO

Às duas e quinze da madrugada, Theodore pegou o pincel e a lata de tinta e saiu.

Caminhando até a casa de Jefferson, deixou a lata de tinta no chão e pintou na porta dele: " *CRIOULO!* ".

Em seguida, atravessou a rua, deixando cair uma gota de tinta. Deixou a lata na varanda dos fundos de Henry Putnam, virando, acidentalmente, o prato do cão.

Felizmente, o cão dos Putnam dormia dentro de casa.

Mais tarde, colocou mais herbicida nas heras de Joseph Alston.

Pela manhã, quando Donald Gorse saiu para trabalhar, pegou um pesado envelope e foi ver Eleanor Gorse.

— Veja isso — disse ele, deslizando um folheto pornográfico do envelope. — Recebi isto pelo correio hoje. Dê uma olhada — colocou-o nas mãos dela. Ela segurou o folheto como se fosse uma aranha.

— Não é horrível? — perguntou ele.

Ela fez uma careta.

— Revoltante — ela respondeu.

— Pensei em verificar com você e com os outros, antes de telefonar para a polícia — disse Theodore. — Você também recebeu esse lixo?

Eleanor Gorse se arrepiou.

— Por que eu receberia? — perguntou ela.

Lá fora, Theodore encontrou o velho de cócoras ao lado da hera.

— Como estão indo? — perguntou.

— Estão morrendo.

Theodore parecia chocado.

— Como pode ser? — ele perguntou.

Alston balançou a cabeça.

— Ah, isso é horrível.

Theodore se virou, lamentou-se, estalando a língua.

Enquanto caminhava para sua casa, viu Arthur Jefferson limpando porta e, do outro lado da rua, Henry Putnam observando-o cuidadosamente.

Ela o esperava na varanda.

— Sra. McCann — disse Theodore, surpreso —, fico tão contente em vê-la.

— O que eu vim lhe dizer pode não deixá-lo tão contente — disse ela, pesarosa.

— Oh? — disse Theodore. — Entraram em sua casa.

— Andam acontecendo muitas... coisas neste bairro desde que se mudou para cá — disse a Sra. McCann, depois de se sentarem na sala.

— Coisas? — perguntou Theodore.

— Acho que o senhor me entende — disse a senhora McCann.

— No entanto, esse... esse preconceito contra o Sr. Jefferson estampado na porta foi exagero, Sr. Gordon, exagero.

Theodore gesticulou impotente.

— Eu não entendo.

— Por favor, não dificulte — disse ela. — Talvez eu tenha de chamar as autoridades, se essas coisas não pararem, Sr. Gordon. Eu odeio pensar em fazer tal coisa, mas...

— As autoridades? — Theodore parecia muito assustado.

— Nada disso acontecia por aqui até o senhor se mudar, Sr. Gordon disse ela. — Acredite, odeio lhe dizer o que estou dizendo, mas simplesmente não tenho escolha. A verdade é que nada dessas coisas acontecem com o senhor... ela interrompeu o que estava falando sobressaltada, quando um soluço irrompeu no peito de Theodore. Ela o olhou. — Sr. Gordon... — ela começou, hesitante.

— Não sei que coisas são essas das quais está falando — disse Theodore, com voz trêmula —, mas eu preferiria me matar-à. fazer mal a quem quer que seja, Sra. McCann.

Ele olhou ao redor, como se para se certificar de que estavam sozinhos.

— Vou lhe dizer uma coisa que nunca contei a ninguém — disse ele, enxugando uma lágrima. — Meu nome não é Gordon — disse ele. -É Gottlieb. Sou judeu. Passei um ano em Dachau.

Os lábios da Sra. McCann se moveram, mas ela nada disse. Seu rosto foi ficando vermelho.

— Eu vim de la alquebrado — disse Theodore. — Não me resta muito tempo de vida, Sra. McCann. Minha esposa morreu, meus três

filhos morreram. Estou sozinho. Eu só quero viver em paz em um lugar pequeno como este, entre pessoas como vocês. Para ser um vizinho, um amigo...

— Sr. Gottlieb — disse ela, penalizada.

Depois que ela se retirou, Theodore ficou em silêncio na sala de estar, as mãos crispadas. Então, foi até a cozinha para disciplinar a si mesmo.

— Bom dia, Sra. Backus — disse uma hora mais tarde, quando a pobre mulher abriu a porta. — Gostaria de saber se posso lhe fazer algumas perguntas sobre a nossa igreja.

— Oh. Oh, sim — ela deu um passo vacilante para trás. — Não quer entrar?

— Prometo não fazer barulho para não acordar o seu marido — sussurrou Theodore. Ele a viu olhando para a sua mão enfaixada.

— Eu me queimei — disse ele.

— Agora, sobre a igreja. Ah, tem alguém batendo na porta dos fundos.

— Tem?

Quando ela foi até a cozinha, Theodore abriu a porta do armário do halls, colocou umas fotografias por trás de galochas e ferramentas de jardim.

A porta já estava fechada quando ela voltou.

— Não havia ninguém — disse ela. — Eu poderia jurar...

Ele sorriu depreciativamente. Olhou para uma sacola circular no chão.

— Oh! O Sr. Backus joga boliche?

— As quartas e sextas, depois do serviço — disse ela. — Há um salão que fica aberto a noite toda na Western Avenue.

— Adoro boliche — disse Theodore.

Fez as perguntas sobre a igreja e depois saiu. Quando atravessava o jardim, ouviu vozes alteradas na casa dos Morton.

— Já não foi ruim o suficiente a história com Katherine McCann e aquelas fotos horríveis — gritou a Sra. Morton. — Agora essa... imundície!

— Mas, mãe! — Walter Jr. gritou.

14 DE SETEMBRO

Theodore acordou e desligou o rádio-relógio. De pé, colocou um pequeno frasco de pó acinzentado no bolso e saiu de casa. Chegando ao seu destino, jogou o pó na tigela de água e agitou-o com um dedo até que se dissolvesse.

De volta para casa, escreveu quatro cartas: Arthur Jefferson está querendo se passar por algo que não é. Ele é meu primo e precisa admitir que é negro, como o resto de nós. Estou fazendo isso para o seu próprio bem. Assinou a carta como John Thomas Jefferson e endereçou três envelopes para Donald Gorse, Morton e Henry Putnam.

Feito isso, viu a Sra. Backus caminhando em direção à avenida e a seguiu.

— Posso acompanhá-la? — perguntou.

— Oh — disse ela —, está bem.

— Senti falta de seu marido a noite passada — disse-lhe ele.

Ela olhou para ele.

— Eu pensei em me juntar a ele no boliche — disse Theodore mas acho que ele ficou doente de novo.

— Doente?

— Perguntei ao homem do balcão, no salão, e ele disse que o Sr. Backus não tem aparecido por estar adoentado.

— Ah... — a voz da senhora Backus soou um pouco perturbada.

— Bem, talvez na próxima sexta-feira — disse Theodore.

Mais tarde, quando voltou, viu um caminhão na frente da residência de Henry Putnam.

Um homem saiu pela lateral da casa carregando um corpo enrolado em um cobertor, e o colocou no caminhão. Os filhos de Putnam acompanharam a ação, chorando.

Arthur Jefferson abriu a porta. Theodore mostrou a carta a Jefferson e sua esposa.

— Chegou esta manhã — disse ele.

— Isso é monstruoso!. — disse Jefferson ao lê-la.

— Claro que é — disse Theodore.

Enquanto conversavam, Jefferson olhou pela janela para a casa de Putnam do outro lado da rua.

15 DE SETEMBRO

A pálida neblina da manhã envolveu Sylmar Street. Theodore a atravessou em silêncio.

Sob a varanda dos fundos da casa dos Jefferson, ateou fogo em uma caixa de documentos úmidos. Quando começou a arder, ele atravessou o quintal e, com um único golpe de faca, fez um rasgão na piscina de borracha. Ao deixar o quintal, ouviu o barulho da água se derramando na grama. Na lateral da casa, deixou cair uma caixa de fósforos onde se lia:

Vinhos e Licores Putnam

Um pouco depois das seis da manhã, acordou com o uivo das sirenes e sentiu a pequena casa estremecer, quando os pesados caminhões passaram. Virando-se para o lado, bocejou e murmurou: — Adeusinho.

17 DE SETEMBRO

Foi uma Dorothy Backus abatida que atendeu a porta, quando Theodore bateu.

— Posso levá-la à igreja? — perguntou Theodore.

— Não creio... eu não... eu não me sinto muito bem — tropeçou nas palavras a Sra.

Backus.

— Oh, eu sinto muito — disse Theodore.

Viu as bordas de algumas fotografias saindo-lhe do bolso do avental.

Ao sair, viu os Morton entrando no carro: Bianca calada e os dois Walters pouco à vontade.

Mais adiante, um carro de polícia estava estacionado em frente à casa de Arthur Jefferson.

Theodore foi à igreja com Donald Gorse, que disse que Eleanor estava se sentindo indisposta.

— Eu sinto muito — disse Theodore.

Naquela tarde, ele passou um tempo na casa de Patty Jefferson, ajudando-a limpar os destroços carbonizados da varanda dos fundos. Quando viu a piscina de borracha cortada, dirigiu imediatamente até a cidade e comprou outra.

— Mas eles amavam a piscina — disse Theodore, quando Patty Jefferson protestou. — Você mesma me disse.

Ele piscou para Arthur Jefferson, mas Jefferson não estava muito comunicativo naquela tarde.

23 DE SETEMBRO

No início da noite, Theodore viu o cachorro de Alston andando na rua. Pegou sua pistola de ar comprimido e, da janela do quarto, sem fazer barulho, disparou. O cão mordiscou ferozmente o flanco e se virou. Então, choramingando, arrastou-se para casa.

Vários minutos depois, Theodore saiu e começou a levantar a porta da garagem.

Viu o velho correndo pela lateral da casa com o cachorro nos braços.

— O que há de errado? — perguntou Theodore.

— Não sei — disse Alston, com voz ofegante e assustada. — Ele está ferido.

— Depressa! — disse Theodore. — Entre no meu carro!

Levou Alston e o cachorro rapidamente para o veterinário mais próximo, ultrapassando três sinais vermelhos e gemendo quando o velho levantou a mão, tremendo, e choramingou:

— Sangue.

Por três horas, Theodore sentou-se na sala de espera do veterinário, até que o velho cambaleou para a frente, com o rosto

branco-acinzentado.

— Não! — disse Theodore, pondo-se de pé num salto.

Acompanhou o velho, chorando, até o carro e o levou para casa. Lá, Alston disse que preferia ficar sozinho, por essa razão, Theodore saiu. Pouco depois, um carro da polícia preto e branco parou na frente da casa de Alston e o velho passou com os dois policiais diante da casa de Theodore. Pouco depois, Theodore ouviu uma gritaria furiosa mais adiante. Durou muito tempo.

27 DE SETEMBRO

— Boa noite — disse Theodore, inclinando-se.

Eleanor Gorse fez um aceno rápido e rígido com a cabeça.

— Eu trouxe para você e seu pai um guisado — disse Theodore, sorrindo, segurando uma travessa embrulhada em um pano de prato.

Quando ela lhe contou que seu pai ficaria fora aquela noite, Theodore riu e suspirou, como se não tivesse visto o carro do velho sair naquela tarde.

— Pois bem — disse ele, oferecendo-lhe a travessa —, para você. Com os meus sinceros cumprimentos. Saindo para a varanda, viu Arthur Jefferson e Henry Putnam parados sob uma lâmpada da rua no fim do quarteirão.

Enquanto observava, Arthur Jefferson atingiu o outro homem e, de repente, os dois se engalfinhavam na sarjeta. Theodore partiu em direção a eles numa corrida desabalada.

— Mas isso é terrível!. — disse, ofegante, separando os dois homens.

— Fique fora disso! — advertiu Jefferson que, dirigindo-se a Putnam, desafiou-o:

— É melhor você me dizer como a tinta foi parar debaixo da sua varanda! A polícia pode acreditar que foi um acaso eu encontrar a caixa de fósforos na lateral da casa, mas eu não!

— Não vou lhe dizer coisa alguma — declarou Putnam desdenhosamente —, negro.

— Negro! Ah, claro! Você seria o primeiro a acreditar nessa história, seu cretino!

Por cinco vezes, Theodore se colocou entre eles. Mas a tensão só diminuiu quando Jefferson, acidentalmente, atingiu-o no nariz. Jefferson se desculpou, bruscamente.

Então, com um olhar assassino para Putnam, foi embora.

— Sinto muito que ele tenha acertado você — solidarizou-se Putnam.

— Maldito crioulo.

— Oh, certamente você está enganado — disse Theodore, com sangue nas narinas. — O Sr. Jefferson comentou comigo por que tem medo que as pessoas acreditem nessa conversa. Por causa do valor de suas duas casas, sabe?

— Duas? — perguntou Putnam.

— Sim, ele é dono da casa vaga ao lado da dele — disse Theodore. Achei que você soubesse.

— Não — disse Putnam cautelosamente.

— Bem, veja você — disse Theodore —, se as pessoas pensarem que o Sr. Jefferson é negro, o valor de suas casas cairá.

— Assim como das demais — disse Putnam, olhando a rua.

— Aquele maldito, filho da..

Theodore deu-lhe um tapinha no ombro.

— Os pais de sua esposa estão aproveitando a estada em Nova York? perguntou, como se estivesse mudando de assunto.

— Eles já estão voltando — disse Putnam.

— Que bom — disse Theodore.

Foi para casa e ficou lendo a seção de quadrinhos por uma hora.

Então, saiu.

Eleanor Gorse atendeu a porta com o rosto corado. Seu roupão estava em desalinho, os olhos escuros, febris.

— Posso pegar minha travessa? — pediu Theodore, educadamente.

Ela resmungou algo, recuando com passo incerto. A mão dele, de passagem, roçou a dela. Eleanor se afastou como se houvesse sido esfaqueada.

— Ah , você comeu tudo — disse Theodore, notando o resíduo no fundo da travessa.

Ele se virou.

— Quando o seu pai vai voltar? — perguntou.

O corpo dela ficou tenso.

— Depois da meia-noite — murmurou.

Theodore foi até o interruptor e apagou a luz. Ouviu-a suspirar no escuro.

— Não — ela murmurou.

— É isso que você quer, Eleanor? — ele perguntou, agarrando-a de forma brutal.

O encontro dos dois foi insano e selvagem. Por baixo do roupão, não havia nada além da pele ardente.

Mais tarde, quando ela roncava no chão da cozinha, Theodore apanhou a câmera que havia deixado do lado de fora. Arrumou os membros de Eleanor e bateu doze fotos.

Então, foi para casa e lavou a travessa. Antes de se deitar, fez um telefonema.

— Western Union — disse ele. — Tenho uma mensagem para a Sra. Irma Putnam, Sylmar Street, número 12.070.

— É ela.

— *Ambos os pais mortos em batida de carro hoje à tarde* — disse Theodore. — *Aguardo orientação quanto à disposição dos corpos. Chefe de polícia, Tulsa, Okla...*

Na outra ponta da linha, houve um suspiro estrangulado, um baque.

Depois, o grito de Henry Putnam:

— Irma!

Theodore desligou. Depois que a ambulância chegou e partiu, ele saiu de casa e arrancou trinta e cinco heras de Joseph Alston.

Deixou, em cima dos restos, outra caixa de fósforos onde se lia

Vinhos e Licores Putnam

28 DE SETEMBRO

Pela manhã, quando Donald Gorse foi trabalhar, Theodore passou lá.

Eleanor tentou fechar a porta nele, mas ele a empurrou.

— Eu quero dinheiro — disse ele. — Essas são as minhas garantias jogou as cópias das fotografias e Eleanor recuou, engasgando. Seu pai vai receber um jogo desses hoje à noite — disse ele —, a menos que eu receba duzentos dólares. {Z}

— Mas eu...

— Hoje à noite.

Saiu de lá e dirigiu até a cidade, onde procurou o escritório da Imobiliária Jeremias Osborne, onde alugou, para George Jackson, a casa vaga do número 12.069 da Sylmar Street. Apertou a mão de Jackson.

— Agora, não se preocupe — consolou-o. — Os moradores da casa ao lado também são negros.

Quando voltou para casa, havia um carro da polícia em frente à residência dos Backus.

— O que aconteceu? — perguntou a Joseph Alston, que estava sentado tranquilamente em sua varanda.

— A Sra. Backus — disse o velho, desanimado. — Ela tentou matar a Sra. Ferrei.

— E mesmo? — disse Theodore.

Naquela noite, em seu escritório, fez anotações na página 700 do livro:

Sra. Ferrei morrendo devido a ferimentos de faca no hospital local. Sra. Backus na prisão; marido suspeito de adultério. J. Alston acusado de envenenar cão, provavelmente outras coisas. Crianças Putnam acusadas de atirar no cão de Alston e de arruinar seu gramado. Sra. Putnam morta de ataque cardíaco. Sr. Putnam sendo processado por danos à propriedade. Todos acreditam que os Jefferson são negros.

McCann e Morton, inimigos mortais. Acredita-se que Katherine McCann teve relações com Walter Morton Jr., que foi enviado para colégio em Washington. Eleanor Gorse enforcou-se. Trabalho concluído.

Hora de recomeçar.

Fim

APENAS COM HORA MARCADA

As 11h14 da manhã, o Sr. Pangborn entrou na barbearia. Wiley ergueu os olhos do Racing Form.

— Bom dia — disse ele, consultando seu relógio de pulso e sorrindo. O senhor é bem pontual.

O Sr. Pangborn não retribuiu o sorriso. Tirou o paletó, cansado, e pendurou-o no cabide. Atravessou o chão recém-varrido e afundou-se na poltrona do meio.

Wiley deixou de lado o Racing Form e se levantou. Espreguiçou-se e bocejou.

— O senhor não me parece muito bem, Sr. Pangborn — disse ele.

— Eu não estou muito bem — retrucou.

— Sinto muito — disse Wiley.

Ele elevou a cadeira e travou-a.

— O de sempre? — perguntou.

O Sr. Pangborn assentiu.

— Tudo bem, vamos lá — disse Wiley, que puxou um avental limpo da prateleira e o sacudiu. — O que conta de novo? — perguntou.

O Sr. Pangborn gesticulou.

— Não muito.

— Anda um tanto desanimado, não é? — perguntou Wiley, amarrando o avental em torno do pescoço do cliente.

— Essa é a palavra — disse o Sr. Pangborn. — O que você anda fazendo?

— Nada que valha a pena — Wiley respondeu. Prendeu o avental com um alfinete: — Dirigi até Las Vegas, na semana passada — fez

um som triste.

— Perdi muita grana.

— Que pena — disse Pangborn.

— Oh, tudo bem — Wiley sorriu. — O que vem fácil, vai fácil.

Então, pegou a máquina elétrica de cortar e a ligou na tomada.

— Maria! — ele chamou.

Do aposento dos fundos, ela perguntou o que era.

— O Sr. Pangborn está aqui.

— Já vou — disse ela.

Wiley começou a trabalhar na nuca do Sr. Pangborn, que fechou os olhos.

— Isso — Wiley disse a ele. — Calma.

O Sr. Pangborn mexeu-se na cadeira, desconfortável.

— O senhor realmente não parece muito bem — disse Wiley.

O Sr. Pangborn suspirou novamente.

— Eu não sei — disse ele. — Simplesmente não sei.

— Qual é o problema? — Wiley perguntou.

— A perna — disse o Sr. Pangborn. — As costas. Meu braço direito melhora e piora. Meu estômago.

— Meu Jesus! — disse Wiley, preocupado. — O senhor foi ver o seu médico?

— Ele não sabe o que é — respondeu o Sr. Pangborn com desdém. Já não perco o meu tempo consultando-o. Tudo o que faz é enviar-me para os especialistas.

Wiley estalou a língua, em sinal de lamento.

— Isso é péssimo, Sr. Pangborn.

Sr. Pangborn suspirou.

— O Dr. Rand é o único que sempre ajuda — disse ele.

— Oh, sim? — Wiley pareceu encantado. — Ei, fico contente em ouvir isso — disse ele.

— Não tinha certeza se deveria indicá-lo ou não, já que não é diplomado nem nada.

Porém, meu irmão põe a mão no fogo por ele, diz que faz maravilhas.

— E faz — disse o Sr. Pangborn. — Se não fosse por ele...

— Olá, Sr. Pangborn — disse Maria.

O Sr. Pangborn olhou para o lado e esboçou um sorriso.

— Maria — disse ele.

— Como está hoje? — perguntou ela.

— Sobrevivendo — disse ele.

Maria instalou sua mesa de manicure e uma cadeira ao lado da cadeira de barbeiro. Ao se sentar, seu busto projetou-se contra o suéter justo.

— O senhor parece cansado — disse ela.

O Sr. Pangborn concordou.

— E estou — respondeu. — Não durmo muito bem.

— Que pena — solidarizou-se ela.

Ela começou a trabalhar nas unhas dele.

— Bem, fico contente por esse Rand estar surtindo efeito — disse Wiley.

— Qualquer dia desses, eu mesmo vou experimentá-lo.

— Ele é bom — disse o Sr. Pangborn. -O único que me deu alívio.

— Que bom — disse Wiley.

Fez-se silêncio por alguns instantes, enquanto Wiley cortava o cabelo do Sr. Pangborn e Maria fazia suas unhas. Então, o Sr. Pangborn perguntou:

— As coisas estão meio paradas hoje?

— Não — respondeu Wiley. — Agora só trabalho com hora marcada ele sorriu. — E a única maneira.

Quando o Sr. Pangborn foi embora, Maria levou os restos de cabelo e aparas de unha para a sala dos fundos. Destrancando o armário, pegou a boneca rotulada PANGBORN. Wiley terminou de discar um número no telefone e ficou olhando, enquanto ela substituía o cabelo e as unhas da boneca pelo material mais recente.

— Rand? — disse ele quando atenderam do outro lado da linha.

-É Wiley. Pangborn acabou de sair. Quando ele vai vê-lo novamente?

— ficou escutando. — Está certo — disse ele —, dê-lhe alguma coisa para as costas e nós vamos retirar o alfinete por uma ou duas semanas, ok?

Novamente, ficou escutando.

— E, Rand — disse ele —, o cheque atrasou de novo este mês. Veja lá, hein?

Desligou e foi até Maria. Enquanto ela trabalhava, ele deslizou as mãos por baixo de seu suéter e apertou-lhe os seios. Maria comprimiu-se contra ele com um suspiro, fazendo uma careta de prazer.

— Para que horário está marcado o próximo cliente? — perguntou ela.

Wiley sorriu.

— Ninguém antes de 13h30 — respondeu ele.

Foi só o tempo de trancar a porta, pendurar o cartaz HORÁRIO DE ALMOÇO e voltar para o aposento dos fundos. Maria estava esperando por ele na cama. Wiley tirou a roupa, correndo o olhar pelo corpo marrom que se contorcia sobre o colchão.

— Sua putinha haitiana — murmurou, sorrindo.

As 13h20, o Sr. Walters entrou na loja. Ele tirou o paletó, pendurou-o no cabide e sentou-se na cadeira do meio. Wiley deixou de lado o *Racing Form* e se levantou.

Estalou a língua, demonstrando pesar:

— Ei, o senhor não me parece muito bem, Sr. Walters — disse ele.

— Eu não estou muito bem — o Sr. Walters respondeu.

Fim

A CAIXA

O pacote foi deixado ao lado da porta da frente: um cubo de papelão fechado com fita adesiva, nome e endereço escritos à mão:

SR. E SRA. ARTHUR LEWIS, 217 E. 37th Street, Nova York, Nova York 10016.

Norma recolheu o pacote, abriu a porta e entrou no apartamento. A noite estava caindo.

Depois que colocou as costeletas de cordeiro para assar, preparou para si mesma um drinque e sentou-se para abrir o pacote.

Dentro dele havia uma pequena caixa de madeira equipada com um botão de comando.

Esse botão era protegido por uma redoma de vidro.

Norma tentou levantá-la, mas estava firmemente presa. Ao virar a caixa ao contrário, viu um pedaço de papel dobrado, preso ao fundo dela. Ela o puxou: "*O Sr. Steward vai se apresentar a vocês às oito da noite*".

Norma colocou a caixa ao lado dela no sofá. Tomou um gole da bebida e releu o bilhete datilografado, sorrindo.

Alguns momentos depois, voltou para a cozinha para preparar a salada.

A campainha tocou às oito horas.

— Eu atendo — gritou Norma da cozinha.

Arthur estava lendo na sala de estar.

Havia um homem baixo no corredor. Ele tirou o chapéu quando Norma abriu a porta.

— Sra. Lewis? — ele perguntou educadamente.

— Sim?

— Sou o Sr. Steward.

— Oh, sim — Norma reprimiu um sorriso, pois tinha certeza agora de que se tratava de uma estratégia de vendas.

— Posso entrar? — perguntou o Sr. Steward.

— Estou bastante ocupada — disse Norma. — Mas vou pegar o seu objeto misterioso.

Começou a se virar.

— Você não quer saber o que é?

Norma voltou. O tom do Sr. Steward havia sido ofensivo.

— Não, não quero — disse ela.

— Poderia ser muito valioso — disse ele.

— Monetariamente? — disse ela, em tom de desafio.

Steward assentiu:

— Monetariamente — disse ele.

Norma franziu a testa. Não gostava da atitude do visitante.

— O que você está tentando vender? — perguntou ela.

— Não estou vendendo nada — respondeu ele.

Arthur veio da sala.

— Algo errado?

O Sr. Steward se apresentou.

— Ah, aquele treco — apontou para a sala e sorriu.

— O que é aquilo, afinal?

— A explicação não vai tomar muito do seu tempo — respondeu o Sr. Steward. — Posso entrar?

— Se estiver vendendo alguma coisa... — disse Arthur.

Steward balançou a cabeça.

— Não estou.

Arthur olhou para Norma.

— Você que sabe — ela disse.

Ele hesitou.

— Bem, por que não? — respondeu ele.

Entraram na sala e Steward sentou-se na poltrona de Norma. Ele mexeu nos bolsos e retirou um pequeno envelope lacrado.

— Aqui dentro está a chave para abrir a redoma que protege o botão — disse ele, colocando o envelope na mesinha ao lado da

poltrona. — Esse botão está conectado ao nosso escritório.

— Para que serve? — perguntou Arthur.

— Se você apertar o botão — disse Steward —, em algum lugar do mundo, alguém que você não conhece morrerá. Em troca, vai receber um pagamento de cinquenta mil dólares.

Norma olhou atônita para o homenzinho. Ele estava sorrindo.

— Do que está falando? — Arthur lhe perguntou.

O Sr. Steward pareceu surpreso:

— Mas eu acabei de lhes explicar — disse ele.

— Isto é uma pegadinha? — perguntou Arthur.

— De jeito nenhum. A oferta é completamente genuína.

— Mas não faz sentido! — Arthur insistiu. — Você quer que acreditemos que...

— Quem você representa? — quis saber Norma.

O Sr. Steward pareceu embaraçado.

— Receio que não esteja autorizado a lhe revelar — disse ele. — Entretanto, asseguro-lhe de que a organização é de âmbito internacional.

— Acho melhor o senhor ir embora — disse Arthur, levantando-se.

O Sr. Steward também se pôs de pé.

— Claro.

— E leve a caixa.

— Tem certeza de que não gostaria de pensar no assunto por um ou dois dias?

Arthur apanhou a caixa e o envelope e meteu-os com vigor nas mãos do visitante. Em seguida, atravessou o cômodo e abriu a porta.

— Vou deixar o meu cartão — afirmou o Sr. Steward.

Ele o depositou na mesa ao lado da porta. Quando foi embora, Arthur rasgou-o ao meio e atirou os pedaços sobre a mesa.

— Meu Deus! — exclamou.

Norma ainda estava sentada no sofá.

— O que você acha que foi isso? — perguntou ela.

— Não sei nem quero saber — respondeu ele.

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Você não está nem um pouco curioso?

— Não — ele balançou a cabeça.

Depois que Arthur retomou seu livro, Norma voltou para a cozinha e acabou de lavar os pratos.

— Por que você não quer falar sobre isso? — Norma perguntou mais tarde.

Arthur, que escovava os dentes, levantou a vista e olhou a imagem de sua esposa refletida no espelho do banheiro.

— Isso não o deixa intrigado?

— Isso me ofende — respondeu Artur.

— Eu sei, mas... — Norma enrolou outro bobe no cabelo — isso também não o deixa intrigado?

Ao entrarem no quarto, ela perguntou:

— Você acha que é uma pegadinha?

— Se for, é de muito mau gosto.

Norma sentou-se na cama e tirou os chinelos.

— Talvez seja algum tipo de investigação psicológica.

Arthur deu de ombros.

— Pode ser.

— Talvez algum milionário excêntrico esteja por trás disso.

— Talvez.

— Não gostaria de saber?

Arthur sacudiu a cabeça.

— Por quê?

— Porque é imoral — disse ele.

Norma deslizou para debaixo das cobertas.

— Bem, eu acho que é intrigante — disse ela.

Arthur desligou a luz e se inclinou para beijá-la.

— Boa noite — disse Arthur.

— Boa noite — ela lhe deu um tapinha nas costas.

Norma fechou os olhos. *Cinquenta mil dólares*, pensou.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando saía de casa, Norma viu as metades do cartão sobre a mesa. Por impulso, guardou-as na bolsa. Trancou a porta e juntou-se a Arthur no elevador.

Enquanto estava na sua pausa para o café, pegou novamente as metades do cartão na bolsa e segurou-as unindo-as. Só havia o nome do Sr. Steward e um número de telefone impressos no cartão.

Após o almoço, pegou novamente as metades do cartão na bolsa e as emendou com fita adesiva. Por que estou fazendo isso?, perguntou-se.

Pouco antes das cinco da tarde, discou o número.

— Boa tarde — disse a voz do Sr. Steward.

Norma quase desligou, mas conteve-se. Limpou a garganta.

— Aqui é a Sra. Lewis — disse ela.

— Sim, Sra. Lewis.

O Sr. Steward parecia deliciado.

— Estou curiosa.

— E natural — disse o Sr. Steward.

— Não que eu acredite em uma só palavra do que o senhor nos disse.

— Oh, mas é a mais pura verdade — respondeu o Sr. Steward.

— Bem, seja lá como for... — respondeu Norma. — Quando você disse que alguém no mundo iria morrer, o que quis dizer?

— Exatamente isso — confirmou ele. — Poderia ser qualquer pessoa. Tudo que garantimos é que você não a conhece. E, é claro, você não teria de vê-la morrer.

— Por cinquenta mil dólares — disse Norma.

— Isso mesmo.

Ela fez um som de escárnio.

— Isso é loucura.

— No entanto, essa é a proposta — disse Steward. — Gostaria que eu lhe devolvesse a caixa?

Norma retesou-se.

— Claro que não — ela desligou com raiva.

O PACOTE FOI DEIXADO ao lado da porta da frente; Norma o viu quando saiu do elevador. Ai, que irritante!, pensou. Olhou para a caixa enquanto abria a porta.

Simplesmente, não vou apanhá-la, disse consigo mesma. Entrou e começou a preparar o jantar.

Mais tarde, levou sua bebida para a sala de estar. Abrindo a porta, pegou o pacote e o levou até a cozinha, deixando-o sobre a mesa.

Ficou sentada na sala, tomando seu drinque e olhando pela janela.

Depois de algum tempo, voltou para a cozinha para virar as costeletas na grelha. Ela colocou o pacote em um armário baixo, com a intenção de jogá-lo fora no dia seguinte, pela manhã.

— Talvez algum milionário excêntrico esteja brincando com as pessoas — disse ela.

Arthur olhou-a por cima de seu jantar.

— Eu não entendo você.

— O que quis dizer?

— Esqueça isso — disse ele.

Norma comia em silêncio. De repente, largou o garfo.

— Suponha que seja uma oferta genuína — disse.

Arthur encarou-a.

— Suponha que seja uma oferta genuína.

— Tudo bem, vamos supor que seja! — ele parecia incrédulo. — O que você gostaria de fazer? Receber a caixa de volta e apertar o botão? Assassinar alguém?

Norma olhou-o ultrajada:

— Assassinar...

— Como você definiria isso?

— Se você nem ao menos conhece a pessoa? — perguntou

Norma.

Arthur olhou espantado.

— Você está dizendo o que eu acho que está?

— E se for um velho camponês chinês a milhares de quilômetros de distância daqui?

Algum nativo doente no Congo?

— Que tal um menininho na Pensilvânia? — Arthur rebateu. — Uma linda garotinha no outro quarteirão?

— Agora você está exagerando.

— A questão, Norma — continuou ele —, é que não importa quem você mata: ainda será assassinato.

— A questão é — Norma o interrompeu —, se for alguém que você nunca viu na vida e nunca vai ver, alguém cuja morte você nem tomaria conhecimento, ainda assim não apertaria o botão?

Arthur olhou para ela, chocado.

— Quer dizer que você faria?

— Cinquenta mil dólares, Arthur. {8}

— O que a quantia tem a ver...

— Cinquenta mil dólares, Arthur — Norma o interrompeu. — Uma chance de fazer aquela viagem para a Europa de que sempre falamos.

— Norma, não.

— Uma chance de comprar a casa de campo que sonhamos.

— Norma, não — seu rosto estava lívido. — Pelo amor de Deus, não!

Ela estremeceu.

— Tudo bem, calma — disse ela. — Por que você está tão chateado? É só uma conversa.

Após o jantar, Arthur foi para a sala de estar. Antes de sair da mesa, ele disse:

— Prefiro não discutir mais isso, se você não se importa.

Norma deu de ombros.

— Por mim, tudo bem.

ELA SE LEVANTOU MAIS CEDO que o habitual para fazer panquecas, ovos e bacon para o café da manhã de Arthur.

— O que estamos comemorando? — perguntou ele com um sorriso.

— Nada em especial — Norma pareceu ofendida. — Eu quis fazer isso, é tudo.

— Bom — disse ele —, estou feliz que você tenha feito.

Ela tornou a encher sua xícara.

— Quis mostrar que eu não sou... — ela deu de ombros.

— Não é o quê?

— Egoísta.

— Eu disse que você era?

— Bem... — ela fez um gesto vago. — Na noite passada...

Arthur nada disse.

— Toda aquela conversa sobre o botão — disse Norma. — Acho que você me interpretou mal.

— Como assim? — disse ele, na defensiva.

— Acho que você sentiu — ela gesticulou novamente — que eu só estava pensando em mim mesma.

— Oh.

— Eu não estava.

— Norma.

— Bem, não estava. Quando eu falei sobre a Europa, a casa de campo...

— Norma, por que estamos nos envolvendo tanto nisso?

— Eu não estou nem um pouco envolvida — sua respiração estava entrecortada. — Estou simplesmente tentando mostrar que..

— O quê?

— Que eu gostaria que fôssemos à Europa. Gostaria que tivéssemos um apartamento mais confortável, móveis melhores, boas roupas. Que pudéssemos, finalmente, ter um bebê.

— Teremos, Norma — disse ele.

— Quando?

Ele olhou para ela com desânimo.

— Norma...

— Quando?

Ele pareceu recuar um pouco:

— Você está mesmo dizendo...?

— Estou dizendo que eles provavelmente estão fazendo isso para algum projeto de pesquisa! — ela o interrompeu.

— Querem saber o que pessoas comuns fariam em tal circunstância! Estão apenas dizendo que alguém iria morrer para estudar as reações, para ver se não haveria culpa, ansiedade, sei lá! Você não acha realmente que eles vão matar alguém, não é?

Arthur não respondeu. Ela notou as mãos dele trêmulas. Depois de algum tempo, ele se levantou e saiu. Quando ele saiu para

trabalhar, Norma permaneceu à mesa, olhando para o seu café. Vou me atrasar, pensou. Deu de ombros. Que diferença faz?

De qualquer modo, o lugar dela deveria ser em casa e não trabalhando em um escritório.

Enquanto empilhava os pratos, virou-se abruptamente, enxugou as mãos e apanhou o pacote no armário de baixo. Abriu-o e colocou a caixa sobre a mesa. Contemplou-a por um longo tempo, antes de retirar a chave do envelope e abrir a redoma de vidro. Olhou para o botão. Que ridículo, pensou. Tudo isso por causa de um botão sem sentido.

Inclinou-se e o pressionou. *Por nós*, pensou com raiva.

Ela estremeceu. Será que estava mesmo acontecendo? Um arrepio de horror a percorreu.

Num instante, já havia passado. Fez um ruído de desprezo. *Ridículo*, pensou. *Tanto barulho por nada*.

HAVIA ACABADO DE PREPARAR os bifés para o jantar e servia-se de outra dose de bebida quando o telefone tocou. Ela o atendeu.

— Alô?

— Sra. Lewis?

— Sim?

— Aqui é do Hospital Lenox Hill.

Ela mal conseguiu acreditar quando a voz lhe relatou o acidente no metro, o empurra-empurra da multidão. Arthur fora empurrado da plataforma na frente do trem. Tinha consciência de estar balançando a cabeça, mas não conseguia parar.

Quando desligou, lembrou-se de que o seguro de vida de Arthur pagava 25 mil dólares em caso de morte natural e... 50 mil em caso de morte acidental.

— Não.

Não conseguia respirar. Esforçou-se para se levantar e caminhou até a cozinha em estado de choque. Algo gelado pressionou seu crânio quando ela retirou a caixa do lixo.

Não havia pregos ou parafusos visíveis. Não dava para ver como fora montada.

De repente, começou a esmagá-la na beirada da pia, batendo cada vez mais forte até a madeira se despedaçar. Ela arrancou as laterais, cortando os dedos, sem perceber.

Não havia transistores na caixa, nem fios, nem transmissores. A caixa estava vazia.

Ela virou-se assustada quando o telefone tocou. Atravessando a sala aos tropeções, tirou o fone do gancho.

— Sra. Lewis? — perguntou o Sr. Steward.

Não era a voz dela gritando daquela maneira, não podia ser.

— Você disse que eu não conhecia a pessoa que iria morrer!

— Minha cara senhora — disse o Sr. Steward —, realmente crê que conhecia o seu marido?

Fim

ENCURRALADO

As 11h32 da manhã, Mann ultrapassou o caminhão.

Estava indo para oeste, ao longo da estrada que vai para São Francisco.

Era quinta-feira e, para abril, o calor era excessivo. Havia tirado o paletó, afrouxado a gravata, desabotoado o colarinho da camisa e arregaçado as mangas. O sol batia em seu antebraço esquerdo e parte das pernas.

Podia sentir o calor através das calças escuras, enquanto dirigia pela estrada de duas pistas. Durante os últimos vinte minutos, não vira outro veículo nos dois sentidos.

Então, viu o caminhão à sua frente, subindo um trecho entre duas altas colinas verdes.

Pôde ouvir o esforço do motor e observou a sombra dupla que projetava na estrada. O caminhão puxava um reboque.

Não prestou atenção a outros detalhes do veículo. Ao colar no caminhão, encostou o carro na pista oposta. Constatou que a estrada tinha algumas curvas cegas e Mann não tentou ultrapassar até que o caminhão houvesse passado o cume. Esperou que descesse ao ponto mais baixo e começasse a fazer uma curva à esquerda. Então, vendo que a estrada estava vazia, pisou o acelerador e levou o carro completamente para a pista contrária.

Esperou até poder ver a frente do caminhão pelo espelho retrovisor antes de voltar à pista certa.

Mann olhou a paisagem à frente. No horizonte, havia uma série de cadeias de montanhas e, ao redor, colinas verdes. Assobiava baixinho enquanto o carro ganhava velocidade ladeira abaixo, com os pneus guinchando no asfalto.

Na parte inferior do morro, atravessou uma ponte de concreto e, olhando para a direita, viu o leito seco de um rio cheio de pedras e cascalho.

Quando o carro atravessou a ponte, notou um estacionamento de trailers afastado da estrada.

Perguntou-se como era possível que alguém vivesse ali.

Mais adiante, ele viu um cemitério de animais e sorriu. Talvez os donos dos trailers queiram ficar perto das sepulturas de seus cães e gatos.

Agora, a estrada à sua frente seguia reta. Mann, sempre com o sol no braço e no colo, abandonou-se aos seus pensamentos. Pensou no que Ruth estaria fazendo. Os meninos estavam na escola, é claro, e permaneceriam lá por várias horas. Talvez Ruth tenha saído para fazer compras, geralmente, era o que fazia às quintas-feiras. Mann a visualizou no supermercado enchendo o carrinho com diferentes produtos. Queria estar lá com ela em vez de ter de aturar mais uma viagem de negócios. Dirigir por várias horas até chegar a São Francisco. Três dias de hospedagem em hotel e refeições em restaurantes, esperança de contatos interessantes e probabilidade de desapontamentos.

Suspirou.

Então, impulsivamente, estendeu a mão e ligou o rádio. Girou o dial até encontrar uma estação tocando música suave, inofensiva. Começou a cantarolar com o rádio, os olhos quase fora de foco na estrada.

Estremeceu quando o caminhão passou ruidosamente à sua esquerda, fazendo o carro tremer ligeiramente. Viu o caminhão e o reboque o cortarem bruscamente para a direita e franziu a testa quando foi forçado a frear para manter uma distância segura. O que há de errado?, pensou.

Olhou o caminhão com desaprovação superficial. Era um enorme caminhão-tanque, carregado de gasolina, puxando um tanque como reboque, sendo que cada um dos dois componentes tinha seis pares de rodas.

Observou que não se tratava de equipamento novo, pois havia marcas de amassado e necessitava de reparos. Os tanques eram

pintados com uma tinta prateada de má qualidade. Mann se perguntou se não fora o próprio motorista que os pintara. Seu olhar foi da palavra INFLAMÁVEL, impressa na parte traseira do reboque com letras vermelhas sobre um fundo branco, para as listras refletoras paralelas, pintadas de vermelho na parte inferior do reboque, e delas para as enormes abas de borracha que pendiam por trás das rodas traseiras e, então, para cima novamente. As linhas refletoras pareciam ter sido aplicadas desajeitadamente com estêncil. Devia ser um motorista que trabalhava por conta própria, decidiu, e sem muito sucesso, a julgar pelas aparências. Olhou para a placa do reboque. Califórnia.

Mann checou o velocímetro. Permanecia estável em 85 km/h, como sempre fazia quando dirigia em rodovias, distraído com seus pensamentos.

O motorista do caminhão deve ter atingido pelo menos 105 km/h para alcançá-lo tão depressa. Pareceu-lhe um bocado estranho. Os caminhões não deveriam ser mais cautelosos?

Fez uma careta por causa do cheiro do escapamento do caminhão e olhou para o tubo de escape vertical, no lado esquerdo da cabine. Vomitava fumaça, que formava uma nuvem escura por cima do reboque.

Meu Deus, ele pensou. Com toda a conversa sobre a poluição do ar, como continuavam a permitir esse tipo de coisa nas rodovias?

Olhou para a fumaça com ar de desgosto. Logo, logo estaria enjoado com aquele cheiro, sem dúvida. Não podia ficar ali atrás. Ou diminuía a velocidade ou ultrapassava o veículo novamente. Não tinha tempo para desacelerar. Estava atrasado. Se mantivesse a velocidade de 85 quilômetros por hora chegaria a tempo para a reunião da tarde. Não, precisava ultrapassar.

Pisou no acelerador e começou a se deslocar para a esquerda. Ninguém à vista adiante. Aquele dia, o tráfego naquela rodovia parecia inexistente.

Acelerou mais e mudou completamente para a pista contrária.

Ao passar, deu uma olhada. A cabine era alta demais para que pudesse olhar lá dentro. Tudo que deu para ver foi as costas da mão

esquerda do motorista sobre o volante. Era bronzeada e bastante forte, marcada por grandes veias.

Quando Mann viu novamente a frente do caminhão pelo espelho retrovisor, retornou à pista certa e voltou a olhar para a frente.

Surpreendido por uma buzina insistente, Mann olhou novamente no espelho retrovisor.

Que diabos queria dizer aquilo, quis saber, era uma saudação ou um insulto? Murmurou algo de si para si, divertido, sempre com os olhos fixos no espelho. Os para-lamas dianteiros já foram de um vermelho encardido, a pintura desbotada e descascada, outro trabalho de amador.

Podia ver apenas a parte inferior do caminhão; o resto estava cortado pela borda superior do espelho.

Agora, à direita de Mann, havia uma colina de terra com manchas de vegetação. Seus olhos saltaram para a casa de madeira em seu topo. A antena de televisão no telhado estava inclinada quase quarenta graus. A recepção deve ser muito boa, pensou.

Voltou a olhar em frente, mas logo sua vista foi desviada abruptamente para o lado, de novo pelo cartaz de madeira compensada onde se lia, em letras maiúsculas pintadas a mão: *ISCAS DE CRIATURAS NOTURNAS RASTEJANTES*. Que diabos era uma criatura noturna rastejante?, perguntou-se. Parecia nome de filme B.

O ronco inesperado do motor do caminhão o obrigou a voltar a olhar no espelho retrovisor. No mesmo instante, seu olhar saltou para o espelho lateral. Meu Deus, o cara ia ultrapassá-lo novamente. Mann virou a cabeça e olhou carrancudo o gigante que passava. Tentou ver dentro da cabine, mas não podia porque era muito alta. Mas, afinal, qual era a do motorista?, pensou.

Que diabos está havendo, uma disputa para ver quem fica na frente do outro mais tempo?

Pensou em acelerar para continuar na frente, mas mudou de ideia.

Quando o caminhão e o reboque começavam a voltar à pista certa, Mann reduziu a velocidade e deixou escapar outra expressão de incredulidade, ao perceber que se não houvesse reduzido, o

caminhão teria cortado sua frente novamente. Deus do céu, ele pensou. Mas o que há com esse cara?

Seu descontentamento aumentou quando o cheiro do escape retornou ao seu nariz.

Irritado, levantou o vidro da janela esquerda. Que droga, pensava ele, vou ter de inalar essa fumaça até São Francisco? Não podia se dar ao luxo de reduzir a velocidade.

Ficara de encontrar Forbes às 3h15 da tarde, e nada podia fazer.

Olhou para a frente. Felizmente, não havia tráfego para complicar as coisas. Mann pisou o acelerador, aproximando-se do caminhão. Quando a estrada curvou-se o suficiente para lhe possibilitar a visão da pista à frente, ele meteu o pé no acelerador, movendo-se para a outra pista.

O caminhão bloqueou o seu caminho.

Por alguns segundos, tudo o que Mann pôde fazer foi olhar para ele, sem reação.

Então, com um grunhido perplexo, freou, retornando à pista.

O caminhão voltou a se colocar à sua frente.

Mann se recusava a admitir o que, aparentemente, havia acontecido.

Devia ter sido uma coincidência. O motorista não poderia ter lhe bloqueado a estrada de propósito. Esperou por mais de um minuto, depois, ligou a seta para que suas intenções ficassem perfeitamente claras e, pisando no pedal do acelerador, voltou para a esquerda.

Imediatamente, o caminhão desviou, bloqueando-lhe a passagem.

Meu Deus! Mann ficou atordoado. Era inacreditável. Em vinte e seis anos de direção, nunca tinha visto nada parecido. Voltou para a direita, balançando a cabeça, enquanto o caminhão acompanhava o seu movimento.

Desacelerou mantendo distância do caminhão para evitar o escape. *E agora?*, perguntou-se. E o compromisso em São Francisco? Por que cargas-d'água não havia escolhido outro caminho, desde o início, pela via expressa?

Essa maldita rodovia era em mão dupla o trajeto inteiro.

Por impulso, mudou-se novamente para a esquerda. Para sua surpresa, o caminhão não mudou de direção. Na verdade, o motorista meteu o braço esquerdo para fora da janela e fez sinal para que passasse. Mann começou a pressionar o acelerador. Mas, quase imediatamente, levantou o pé assustado e desviou loucamente, deslizando por trás do caminhão com tal velocidade, que o carro quase perdeu a aderência nas rodas traseiras.

Estava lutando para controlar o ziguezague do carro, quando um conversível azul passou correndo por ele na pista oposta. Mann capturou uma visão fugaz do motorista dentro dele o encarando.

Recuperou o controle do carro, ofegante. Seu coração batia forte.

Meu Deus! , pensou. Ele queria que eu colidisse de frente com aquele carro.

Ficou atordoado ao se dar conta disso. Claro, ele tinha de ter certeza de que o caminho estava livre, e tinha cometido um erro. Mas o motorista fazer sinal para ele passar... Mann, chocado, sentiu uma sensação de náusea.

Droga, droga, droga, pensou. Se contasse, ninguém acreditaria. Aquele filho da puta queria não apenas a sua morte, mas também a de outro sujeito que não tinha nada a ver com a história. A ideia parecia totalmente absurda. Em uma estrada da Califórnia, numa manhã de quinta-feira. *Por quê?*

Mann tentou se acalmar e racionalizar o que aconteceu. Talvez fosse o calor. Talvez o motorista estivesse com uma dor de cabeça ou de estômago, talvez as duas coisas.

Talvez tivesse tido uma discussão com a esposa, talvez ela tenha se negado a fazer sexo com ele. Mann tentou, em vão, sorrir.

Poderia haver muitas razões. Estendeu a mão e desligou o rádio. Aquela música alegre o irritava.

Por vários minutos, manteve-se atrás do caminhão. Seu rosto era uma máscara de hostilidade. Quando a fumaça do escapamento começou a embrulhar-lhe o estômago, instintivamente, pressionou a palma da mão direita sobre a buzina e a deixou ali.

Percebendo que o caminho à frente estava livre, meteu o pé no acelerador e se mudou para a pista oposta.

O movimento do seu carro foi imediatamente imitado pelo caminhão.

Mann permaneceu onde estava, a mão pressionando a buzina. Saia da frente, seu filho da mãe!, pensou. Sentiu os músculos da mandíbula endurecerem até doer. Sentiu uma contração na barriga.

— Droga! — voltou imediatamente para a direita, tremendo de raiva. Desgraçado filho da puta! — murmurou, olhando o caminhão retornar para a pista à frente dele.

Que diabos está acontecendo? Ultrapassei duas vezes esse caminhão de merda e ele toma isso como uma ofensa pessoal? É maluco ou o quê? Mann balançou a cabeça, tenso. Sim, pensou, ele é. Não há outra explicação.

Perguntou-se o que Ruth acharia disso tudo, como reagiria em seu lugar.

Provavelmente, começaria a buzinar e não pararia, presumindo que, mais cedo ou mais tarde, atrairia a atenção de algum policial. Ele olhou ao redor, carrancudo. Mas onde diabos estava a polícia, naquela estrada? Emitiu uma exclamação de deboche. Que polícia? Ali, onde Judas perdeu as botas? Talvez ainda tivessem um xerife a cavalo, pelo amor de Deus!

De repente, ele se perguntou se poderia surpreender o motorista ultrapassando-o pela direita. Colou o carro ao acostamento e espiou em frente.

Sem chance. Não havia espaço suficiente. Se quisesse, o motorista poderia imprensá-lo contra a cerca de arame farpado. Mann estremeceu. E ele, com toda certeza, queria, pensou.

Enquanto dirigia, percebeu a quantidade de detritos no acostamento: latas de cerveja, papéis de bala, embalagens de sorvete, jornais amarelados e apodrecidos pelas intempéries, um cartaz de À VENDA partido em dois. Mantenha a América limpa, pensou, ironicamente. Passou por uma pedra com o nome "Will Jasper" escrito com tinta branca. Quem diabos era Jasper, e o que ele acharia dessa situação?

Inesperadamente, o carro começou a quicar. Por vários minutos de agonia, Mann pensou ter furado um pneu. Então, percebeu que a pavimentação naquele trecho da estrada era de paralelepípedos,

com frestas entre eles. Viu o caminhão e o reboque também saltarem para cima e para baixo, e pensou: Espero que você torça o seu cérebro. Quando o caminhão virou em uma curva acentuada à esquerda, viu, de relance, o rosto do motorista refletido no espelho lateral da cabine. Mas não tempo suficiente para discernir sua fisionomia.

— Ah — disse ele.

Mais tarde, surgiu uma subida longa e íngreme. O caminhão seria forçado a desacelerar, e ele certamente teria a oportunidade de ultrapassá-lo.

Mann pisou no acelerador, mantendo-se o mais próximo possível do veículo.

No meio da subida, Mann notou uma ampliação da pista em um cruzamento à esquerda, e que não havia tráfego vindo da direção oposta. Pisou fundo e mudou-se para a esquerda. O caminhão, que tinha desacelerado, começou a fechá-lo. Fechando a cara, Mann manteve o carro a toda velocidade e entrou bruscamente no cruzamento, levantando atrás de si uma nuvem de poeira que ocultou o caminhão de sua vista. Os pneus trepidaram e gemeram no chão de terra e, de repente, voltaram a sussurrar baixinho no asfalto.

Olhou pelo retrovisor e explodiu em uma gargalhada feroz. Só queria ultrapassá-lo, nada mais. A nuvem de poeira fora um inesperado bônus.

Era a vez de aquele desgraçado sentir um mau cheiro, para variar. Buzinou várias vezes, de maneira ritmada e zombeteira.

— Vá se ferrar, cretino!

Viu-se no alto de um morro, diante de uma vista deslumbrante: planícies e colinas banhadas pelo sol, um corredor escuro de árvores, um quadriculado de áreas cultivadas que se alternavam com áreas limpas; ao longe, havia a gigantesca torre de um reservatório de água. Mann ficou impressionado com a vista. Encantadora, pensou.

Esticou o braço e ligou o rádio, começou a cantarolar junto com a música.

Sete minutos depois, passou pelo cartaz de um bar:
LANCHONETE DO CHUCK.

— Não, obrigado, Chuck — disse ele.

Lançou um olhar para uma construção cinzenta aninhada em uma depressão do terreno. Aquilo era um cemitério no quintal da frente? Ou, talvez, um punhado de estátuas de gesso à venda?

Ao ouvir um barulho atrás de si, Mann olhou no espelho retrovisor e congelou de medo.

O caminhão acelerava ladeira abaixo em sua perseguição.

Engasgou e olhou o velocímetro. Estava a mais de 90 km/h! Em uma estrada sinuosa como aquela, não era exatamente uma velocidade prudente.

No entanto, o caminhão devia estar muito mais rápido, pois se aproximava cada vez mais. Mann engoliu em seco, inclinando-se para a direita, numa curva muito fechada.

Esse cara é maluco?, pensou.

Olhou para a frente, buscando uma solução. Viu um retorno a uns oitocentos metros e decidiu que viraria ali. Agora, todo o espelho retrovisor fora tomado pela enorme grelha quadrada do radiador do caminhão: era só o que conseguia ver. Meteu o pé no acelerador e os pneus cantaram de modo enervante quando ele entrou em outra curva, convencido de que o caminhão teria de reduzir a velocidade naquele trecho.

Ele gemeu quando o viu fazer a curva sem problema; somente a oscilação de seus tanques revelava a ação da força centrífuga. Trêmulo, Mann mordeu o lábio enquanto controlava o carro em outra curva fechada. Agora, havia uma descida íngreme. Aliviou a pressão sobre o acelerador e olhou o velocímetro. Mais de 100 km/h! Não estava acostumado a dirigir tão rápido!

Em desespero, viu a saída para o retorno, à sua direita, ficar para trás.

Em todo caso, não podia sair da rodovia na velocidade em que estava; teria capotado.

Porra, que diabo tem aquele filho da puta? Mann pressionou a buzina com uma fúria assustadora. Baixando a janela de repente,

acenou com a mão esquerda, para indicar ao caminhão que desacelerasse.

— Devagar! — ele gritou. Soou a buzina de novo. — Diminua, seu maluco filho da puta!

Agora, o caminhão estava quase em cima dele. Ele vai me matar!, pensou Mann, horrorizado. Buzinou repetidas vezes e, então, teve de segurar o volante com as duas mãos para enfrentar outra curva. Com o canto do olho, espiou no espelho retrovisor.

Podia ver apenas a parte inferior da grade do radiador. Estava prestes a perder o controle do carro! Sentiu que as rodas traseiras começaram a derrapar e se apressou a erguer o pé do acelerador. Os pneus recuperaram a aderência e o carro ganhou impulso.

Mann avistou o fundo daquela descida e, à distância, uma construção com um sinal onde se lia: *LANCHONETE DO CHUCK*. O caminhão recomeçou a ganhar terreno. *Isso é completamente sem sentido!*, pensou, enfurecido e apavorado ao mesmo tempo. O trecho seguinte da estrada era reto.

Pisou no acelerador: 110 agora... 115. Mann firmou o corpo, tentando manter o carro mais à direita possível.

De repente, começou a frear e, então, desviou-se para a direita, enfiando o carro na área de estacionamento do lado de fora do bar. Gritou quando a traseira do carro começou a derrapar. Controle o carro!, gritou uma voz em sua cabeça. A traseira do carro ziguezagueava, os pneus vomitavam detritos e levantavam uma nuvem de poeira.

Mann pisou forte no freio, tentando controlar as derrapagens. A máquina começou a se endireitar e ele freou ainda mais forte, enquanto, com o canto do olho, percebeu o caminhão e o reboque passarem rugindo ao longo da rodovia.

Quase raspou nos carros estacionados em frente ao café, mas conseguiu evitá-los.

Pisou no freio com toda a força que tinha. A traseira derrapou e o carro deu um cavalo de pau, parando cem metros depois do bar.

Mann ficou ali sentado em silêncio, ofegante, os olhos fechados. As batidas do coração pareciam marretadas dentro do peito. Teve a impressão de que não conseguiria recuperar o fôlego. Se fosse para

ter um ataque do coração, aquele era o momento certo. Passado um tempo, abriu os olhos e pressionou a palma da mão contra o peito.

Seu coração ainda batia descontroladamente. Não é de admirar, pensou. Não é todos os dias que quase se é morto por um caminhão.

Abriu a maçaneta e empurrou a porta, fazendo menção de sair, mas soltou um gemido de surpresa quando percebeu que ainda estava preso ao cinto de segurança. Baixou os dedos trémulos e apertou o botão para abri-lo.

Olhou para o bar. Imaginou o que estariam pensando de sua emocionante chegada a toda velocidade.

Cambaleou até a porta da lanchonete. Na janela havia um cartaz que dizia: *BEM-VINDO, CAMINHONEIRO.*

Aquilo causou em Mann uma vaga sensação de náusea. Ainda tremendo, empurrou a porta e entrou, evitando os olhos dos clientes. Tinha certeza de que o estavam olhando, mas não tinha forças para enfrentá-los. Mantendo os olhos fixos à frente, encaminhou-se para a parte de trás do salão e abriu a porta do banheiro masculino.

Foi até a pia, abriu a torneira do lado direito e se inclinou para recolher a água fria em suas mãos e lavar o rosto. Sentiu uma contração nos músculos do estômago, que não pôde controlar. Endireitou o corpo, tirou um monte de toalhas de papel do suporte e enxugou o rosto, fazendo uma careta com o cheiro do papel. Atirou as toalhas molhadas em uma cesta ao lado da pia e se olhou no espelho.

Ainda entre os vivos, Mann, pensou. Confirmou com um aceno de cabeça, engolindo em seco. Tirou do bolso o pente de metal e ajeitou o cabelo. Nunca se sabe, ele pensou. Simplesmente nunca se sabe. Você vive, ano após ano, presumindo que determinados direitos são garantidos, como o de dirigir ao longo de uma via pública, sem alguém tentando matá-lo. Acaba dependendo desse tipo de coisa. Então, de repente, algo acontece e você já não sabe de mais nada. Um incidente daqueles e todos os anos de bom-senso e de certezas são varridos e, de repente, volta-se à selva. O homem, parte animal, parte anjo. Onde havia lido aquela frase? Estremeceu.

Esse incidente com o caminhão fora algo totalmente animalesco.

Tinha recuperado o fôlego quase completamente. Mann olhou para seu reflexo no espelho com um sorriso forçado. Bem, garoto, disse ele. Acabou. Foi um pesadelo sangrento, mas agora acabou. Você está indo para São Francisco, encontrará um quarto de hotel agradável, uma garrafa de uísque caro, vai se recompor com um bom banho quente e esquecerá tudo. Pode apostar.

Em seguida, virou-se e saiu do banheiro.

Parou na porta, sem fôlego novamente. Ficou ali, paralisado, o coração batendo forte no peito, olhando através da janela da lanchonete.

O caminhão estava estacionado lá fora.

Mann olhou para ele surpreso e incrédulo. Não era possível. Vira-o passar pela estrada a toda velocidade. O motorista do caminhão vencera! Ganhara a maldita estrada só para ele! Por que voltar?

Invadido por um terror repentino, Mann olhou em volta. Havia cinco homens comendo, três no balcão, dois nas mesas. Amaldiçoou a si mesmo por não ter olhado para aqueles rostos quando entrou. Agora, não havia maneira de saber qual deles era o motorista do caminhão. Sentiu que suas pernas começavam a tremer.

Foi, instintivamente, para a mesa mais próxima e deslizou sem jeito por trás da mesa.

Agora, espere aí, pensou, não tenha pressa. Certamente, seria capaz de reconhecê-lo.

Espiava por cima do menu, escondendo o rosto. Seria aquele de camisa caqui? Mann tentou ver suas mãos, mas não conseguiu.

Seu olhar vagava nervosamente pela sala. Certamente não era aquele de terno.

Restavam três. Seria aquele na mesa da frente, com rosto quadrado e cabelos negros? Se ao menos pudesse ver as mãos, já ajudaria. Um dos dois outros homens do balcão? Mann os estudou, inquieto. Por que não olhara seus rostos quando entrou?

Mas, espere, pensou. Droga, espere. Certo, o caminhão estava lá, mas isso não significava automaticamente que ele planejava continuar aquele duelo absurdo. A lanchonete do Chuck podia ser o único lugar para comer em um raio de vários quilômetros. Era hora

do almoço, não? Provavelmente, o motorista do caminhão só estava correndo muito porque queria parar lá para almoçar. Só que, antes, vinha muito rápido para entrar no estacionamento, então, desacelerou, fez o retorno e voltou. Isso é tudo. Mann obrigava-se a ler o cardápio. Certo, pensou. É inútil ficar tão nervoso.

Talvez uma cerveja ajudaria a relaxar.

A mulher atrás do balcão foi até ele e Mann pediu um sanduíche de presunto com pão de centeio e uma garrafa de Coors. Quando a mulher se virou e saiu, ele se perguntou, num súbito acesso de autorrecriminação, por que simplesmente não deixara a lanchonete, entrara no carro e arrancara velozmente. Assim, saberia de imediato se o motorista do caminhão ainda estava atrás dele. Daquele modo, porém, teria de sofrer durante toda a refeição antes de descobrir. Quase gemeu, lamentando a sua estupidez.

Por outro lado, e se o caminhoneiro tivesse realmente ido atrás dele e voltasse a persegui-lo? Seria voltar ao ponto de partida. Mesmo se pudesse ter uma boa vantagem, no final, o motorista do caminhão o teria ultrapassado. Não estava nele dirigir a 130, 140 km/h apenas para ficar na frente. É bem verdade que também poderia ser interceptado pela polícia rodoviária. Mas, e se isso não acontecesse?

Mann reprimiu esses pensamentos torturantes e tentou se acalmar.

Olhou para os quatro homens deliberadamente. Dois deles poderiam ser o motorista do caminhão: aquele com o rosto quadrado na mesa da frente e o cara forte de macacão sentado no balcão. Mann sentiu o impulso de ir até eles, perguntar qual deles era o motorista e pedir-lhe desculpas por tê-lo irritado, dizer algo para acalmá-lo porque, obviamente, não era uma pessoa racional, mas, provavelmente, um maníaco-depressivo. Talvez, oferecer-lhe uma cerveja e passar um tempo sentado ao lado dele para tentar consertar as coisas.

Não conseguiu se mover. E se o motorista já tivesse esquecido a coisa toda? Sua abordagem não poderia irritá-lo de novo? Mann sentiu-se esgotado pela indecisão.

Agradeceu, com um débil aceno de cabeça, quando a garçonete lhe serviu o sanduíche e a cerveja. Bebeu um gole e foi tomado por um acesso de tosse. Será que o motorista do caminhão estava se divertindo ao vê-lo se engasgar? Mann sentiu lá no fundo uma pontada de ressentimento. Que direito tinha aquele desgraçado de impor tal tormento a o outro ser humano? Era um país livre, não? Droga, ele tinha todo o direito de ultrapassar aquele filho da puta na estrada, se desejasse!

— Oh, para o inferno — murmurou, tentando encontrar um lado engraçado.

Estava exagerando demais a coisa. Não estava? Olhou para o telefone na parede oposta. O que o impedia de chamar a polícia e relatar-lhes a situação? Mas, nesse caso, teria de permanecer ali, perder tempo, irritar Forbes, talvez perder o negócio. E se o motorista do caminhão também ficasse? Claro que negaria tudo para a polícia. E se a polícia não acreditasse nele e não fizesse nada? Depois que saísse, o motorista do caminhão iria em seu encalço, sem dúvida, mas, desta vez, com mais ferocidade.

Deus!, Mann pensou, horrorizado.

O sanduíche não tinha gosto, a cerveja era muito amarga. Mann olhou para a mesa enquanto comia. Pelo amor de Deus, mas por que ele ainda estava sentado ali assim?

Era um homem adulto, certo? Por que não consertava essa porcaria de uma vez por todas?

Suas mãos tremiam tanto que ele derramou cerveja em suas calças. O homem de macacão se levantou do balcão e estava se dirigindo para o caixa. Mann sentiu seu coração batendo forte ao vê-lo dar o dinheiro para a garçonete, pegar o troco e apanhar um palito antes de sair. Mann assistia a tudo com uma angústia silenciosa.

O homem não entrou no caminhão-tanque. Então, tinha de ser o da mesa da frente.

Seu rosto tomou forma na memória de Mann: quadrado, olhos e cabelos escuros. O homem que tentara matá-lo.

Mann levantou-se abruptamente, deixando que o impulso vencesse o medo. Com os olhos fixos à frente, caminhou em direção

à porta. Qualquer coisa era preferível a permanecer sentado ali. Parou diante da caixa registradora, consciente da sensação de coceira no peito ao inspirar. Perguntou-se se o homem o estaria observando. Engoliu em seco, retirando do bolso direito das calças um maço de notas presas por um clipe.

Olhou para a garçonete.

Ande logo, pensou. Então, olhou para a conta, conferiu o valor e remexeu no bolso em busca de moedas. Escutou uma moeda quicar no chão e rolar para longe. Ignorando-a, deixou um dólar e vinte cinco centavos em cima do balcão e enfiou o maço de notas no bolso da calça.

Enquanto isso, o homem na mesa da frente se levantou. Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Foi direto para a porta e a abriu, observando com os cantos dos olhos o homem de rosto quadrado se dirigir à caixa registradora.

Cambaleando para fora da lanchonete, começou a caminhar com passadas largas em direção ao carro. Tinha a boca seca, novamente, e seu coração batia dolorosamente no peito.

De repente, começou a correr. Ouviu a porta da lanchonete se fechar com força e esforçou-se para resistir à tentação de olhar para trás. Aquilo que estava escutando era o som de passos correndo? Foi para o carro, abriu a porta e deslizou desajeitadamente para trás do volante. Colocou a mão no bolso para pegar as chaves, puxou-as e quase as deixou cair. Sua mão tremia tanto que não conseguia colocar a chave na ignição. Gemia, esmagado por um terror crescente. *Vamos!*, pensou.

A chave entrou e Mann a girou convulso. Deu a partida no motor e acelerou-o. Em seguida, diminuiu a pressão no acelerador rapidamente, virou o carro e foi em direção à estrada. Pelo canto do olho, viu o caminhão e o reboque desaparecerem atrás da lanchonete.

A reação explodiu dentro dele.

— Não! — gritou ele, furioso, e meteu o pé no freio. Foi um comportamento idiota! Por que tinha de fugir assim? O carro parou bruscamente e, empurrando a porta com o ombro, saiu do carro e caminhou em direção ao caminhão a passos largos. Tudo bem, cara,

ele pensou, olhando para o homem dentro da cabine com olhar fulminante. Quer me acertar um soco no nariz, ok, mas chega dessas brigas estúpidas na estrada.

O caminhão começou a ganhar velocidade. Mann ergueu o braço.

— Ei! — gritou. Sabia que o motorista o tinha visto. -Ei! — começou a correr, enquanto o caminhão continuava a se deslocar, com o motor roncando bem alto.

Agora, tinha chegado à estrada. Mann correu até ele com um sentimento de indignação. O motorista trocou a marcha e o caminhão aumentou sua velocidade.

— Pare! — gritou Mann. -Pare, porra!

Parou, ofegante, olhando para o caminhão, que passou na estrada, contornou um morro e desapareceu.

— Filho da puta — gaguejou. — Seu filho da puta miserável.

Voltou mancando lentamente, tentando se convencer de que o motorista queria evitar o risco de um soco. Era possível, é claro, mas de alguma forma Mann não estava convencido.

Entrou no carro e estava prestes a cair na estrada, quando mudou de ideia e desligou o motor. Talvez aquele maluco miserável estivesse rodando a 30 km/h à sua espera. Pro inferno, pensou ele. Então, iria chegar atrasado ao compromisso. Forbes teria de esperar, tudo bem. E se Forbes não o esperasse, tudo bem, também. Ficaria por ali fazendo hora, esperando que o maluco ficasse fora de alcance, dando-lhe a impressão de que havia ganhado. Mann fez uma careta. Você é o terrível Barão Vermelho, cara, e me abateu.

Agora, vá para o inferno com os meus mais sinceros cumprimentos. Balançou a cabeça. *Que alívio*, pensou.

Só precisava ter feito isso antes, parar e esperar. Então, o caminhoneiro seria obrigado a deixar aquilo de lado. Ou escolher outra pessoa, pensou, sobressaltado. Meu Deus!

Talvez fosse daquela maneira que aquele filho da puta louco passava as horas de trabalho! Jesus Cristo todo-poderoso! Seria possível?

Olhou para o relógio no painel. Meio-dia e meia. Uau, pensou. Tudo isso em menos de uma hora. Ajeitou-se no banco e esticou as pernas. Encostou-se na porta, fechou os olhos e mentalmente listou

os compromissos que o esperavam no dia seguinte e no outro. Por que, na sua opinião, aquele dia estava perdido.

Quando abriu os olhos, com medo de adormecer e perder muito tempo, havia passado quase onze minutos. O maluco já devia estar bem longe, pensou. Pelo menos a uns 30

km ou mais, do jeito que dirigia. Certo. Agora que já desistira de chegar a tempo em São Francisco, viajaria mais tranquilo.

Mann ajustou o cinto de segurança, ligou o motor e, olhando por cima do ombro, pegou a estrada. Nenhum carro à vista. Grande dia para viajar. Estavam todos em casa.

Aquele lunático deve ser conhecido na área.

Quando o Cara Maluco está na estrada, tranquilizem os carros na garagem.

Mann riu da ideia ao começar a fazer a primeira curva.

Um reflexo involuntário o fez pisar no pedal do freio. O carro parou bruscamente e ele ficou olhando perplexo para a estrada. O caminhão e o reboque estavam parados no acostamento a uma centena de metros.

Era como se o seu cérebro se recusasse a funcionar. Mann sabia que estava bloqueando a pista, sabia que tinha de fazer uma curva em U ou sair do caminho, mas tudo o que conseguia fazer era ficar ali parado com a boca aberta a olhar para o caminhão.

Ele deu um grito, contraindo as pernas instintivamente, quando escutou uma buzina atrás de si. Levantou a cabeça rapidamente e olhou no espelho retrovisor, soltou um suspiro ao ver uma caminhonete amarela correndo em sua direção a toda velocidade.

No último instante, ela se desviou e entrou na pista oposta, desaparecendo do espelho.

Viu o rosto distorcido do motorista e seus lábios se movendo em maldições silenciosas.

Então, a caminhonete voltou para a pista da direita e acelerou. Ao vê-la passar pelo caminhão, Mann teve uma sensação estranha. O homem que ia a bordo da caminhonete poderia ir tranquilo, sem perigo. Fora ele o escolhido.

O que estava acontecendo era louco. Ainda assim, estava acontecendo.

Levou o carro para o acostamento e parou. Colocou-o em ponto morto, recostou-se e olhou para o caminhão. Sua cabeça doía novamente. Suas têmporas latejavam como o tique-taque abafado de um relógio.

O que fazer? Sabia que se saísse do carro para alcançar o caminhão a pé, o motorista daria a partida e estacionaria mais adiante. Sabia, também, que tinha de enfrentar o fato de que estava lidando com um louco. Sentiu que os músculos do estômago começaram novamente a incomodar. Seu coração pulsava devagar, contra o peito. E agora?

Num impulso súbito e furioso, Mann passou a marcha e pisou no pedal do acelerador.

Os pneus cantaram no asfalto, o carro disparou pela estrada. O caminhão se colocou em movimento instantaneamente. Ele manteve o motor ligado!, pensou Mann, em um ataque de terror e raiva.

Pisou fundo no pedal e, de repente, percebeu que não ia conseguir, que o caminhão bloquearia sua passagem e que ele colidiria com o reboque. Uma visão atravessou sua mente como um relâmpago, uma violenta explosão e ele sendo incinerado por uma rajada de chamas. Imediatamente, começou a frear, tentando desacelerar aos poucos para não perder o controle do carro.

Quando havia desacelerado o suficiente para se sentir seguro, deu uma guinada para a direita e parou novamente no acostamento, retornando ao ponto morto.

Cerca de oitenta metros à frente, o caminhão saiu da estrada e parou.

Mann tamborilou os dedos no volante. *E agora?*, pensou. Fazer uma curva em U e seguir na direção leste, até encontrar um cruzamento e seguir por outra rota para São Francisco? Como saber se o caminhão não iria segui-lo também? Mordeu os lábios com raiva, sentiu uma contração nervosa no rosto. Não! Não iria retroceder!

De repente, a expressão dele se encheu de fúria. Bem, uma coisa era certa: não podia ficar parado ali o dia todo. Esticou a mão, passou a primeira marcha e voltou para a estrada. Viu o enorme caminhão começar a se mover, mas não fez a menor tentativa de

acelerar. Manteve-se a cem metros do caminhão. Olhou para o velocímetro.

Sessenta quilômetros por hora. O motorista do caminhão havia colocado o braço esquerdo para fora da janela e estava sinalizando para ele passar. O que significava aquilo? Teria mudado de ideia? Finalmente, decidira que o jogo já havia ido longe demais? Mann não podia acreditar.

Olhou para a frente. Apesar das montanhas ao redor, a estrada era plana, ao menos até onde a vista alcançava. Bateu o dedo na buzina, tentando esclarecer suas ideias.

Talvez pudesse chegar em São Francisco naquela velocidade, guardando distância apenas o suficiente para evitar o escapamento. Não parece provável que o caminhão parasse atravessado na pista para bloquear sua passagem. E se o motorista parasse no acostamento para deixá-lo passar, poderia fazer a mesma coisa. Seria uma tarde desgastante, mas, pelo menos, segura.

Por outro lado, talvez valesse a pena tentar ultrapassar o caminhão uma última vez.

Obviamente, era isso o que aquele filho da puta queria.

No entanto, um veículo daquele tamanho não podia ser conduzido com a mesma facilidade com que poderia conduzir o seu carro. Era contra as leis da mecânica, entre outras coisas. Todas as vantagens que tinha em massa, de fato foi obrigado a perder em termos de estabilidade, especialmente devido ao reboque. Se Mann forçasse o motor, digamos, a 120 km/h, e se tivessem pela frente uma subida mínima — e ele tinha certeza de que teriam —, o caminhão seria deixado para trás.

Naturalmente, a questão era: teria ele o sangue-frio para manter tal velocidade por uma longa distância? Nunca havia feito isso antes. Contudo, quanto mais pensava nisso, mais atraente a ideia lhe parecia; muito mais do que a alternativa.

Decidiu-se de repente. Certo, pensou. Checou a estrada e, em seguida, pisou fundo no acelerador e mudou-se para a esquerda. Ao se aproximar do caminhão ficou tenso, antecipando a possibilidade de ele bloquear a estrada.

Mas o outro não se mexeu em sua pista. O carro de Mann deslizou ao lado do enorme veículo. Olhou para a cabine e viu o nome KELLER impresso na porta. Por um momento, pareceu-lhe ter lido KILLER (assassino) e começou a desacelerar, perturbado. Então, relanceando o nome mais uma vez, viu o que realmente era e voltou, de repente, a acelerar. Quando viu o caminhão refletido no espelho retrovisor, voltou para a pista da direita.

Estremeceu com uma mistura de medo e satisfação, quando viu que o caminhão estava ganhando velocidade. Era estranhamente reconfortante ter certeza, novamente, das intenções do homem, para não haver qualquer dúvida. Isso, aliado ao fato de que vira o rosto dele e lera o seu nome, parecia contribuir para redimensionar as coisas. Antes, quando não tinha um rosto ou um nome, era a própria encarnação do terror. Agora, pelo menos, era um indivíduo. Ok, Keller, disse em sua mente, agora vamos ver se você pode me vencer com essa sua lata-velha vermelha e prata. Pisou mais fundo no acelerador.

Lá vamos nós, pensou.

Olhou para o velocímetro. Quando constatou que marcava apenas 110 km/h franziu a testa. Acelerou com maior determinação, alternando o olhar entre a estrada à sua frente e o velocímetro, até o indicador ultrapassar 120 km/h. Sentiu uma ponta de orgulho. *Ok, Keller, seu filho da mãe, tente me imitar,* pensou.

Após alguns segundos, olhou no espelho retrovisor. O caminhão estava se aproximando! Perplexo, verificou a velocidade. Maldição! Baixara a velocidade para 115

km/h! Pisou no acelerador furiosamente. *Ele não deve estar a menos de cento e vinte!*

peito de Mann foi sacudido por um suspiro convulso.

Olhou para o lado ao passar por um seda bege estacionado no acostamento da estrada, debaixo de uma árvore. Dentro dele, um jovem casal conversava. Em um instante, já estavam longe, a realidade deles muito distante da sua. Gostaria de saber se chegaram a olhá-lo quando passou por eles. Mann duvidou.

Estremeceu quando a sombra de um viaduto passou por cima do teto e do para-brisa.

Com a respiração ofegante, voltou a olhar para o velocímetro. Estava mantendo pouco mais de cento e vinte. Olhou o espelho retrovisor. Era sua imaginação ou o caminhão voltava a ganhar terreno?

Olhou para a frente com olhos ansiosos. Tinha de haver uma cidade qualquer à frente.

Para o inferno com os compromissos; iria parar na delegacia local e relatar o que tinha acontecido. Teriam de acreditar nele. Por que contaria uma história semelhante, se não fosse verdade? A julgar pela experiência que estava tendo, Keller já devia ter um dossiê na polícia desta área.

Ah, claro, nós estamos atrás dele, ouviu um policial sem rosto dizer. Aquele maluco desgraçado estava procurando por isso e agora vai ter o que merece.

Mann estremeceu e olhou para o espelho. O caminhão realmente estava se aproximando. Contraindo-se e verificou o velocímetro. Porra, fique atento!, censurou-se.

Havia baixado para 105 km/h! Soltou um gemido de frustração e pressionou o pedal.

Cento e vinte!... 120 km/h!, exigiu de si mesmo. Havia um assassino atrás dele!

Passou por um campo cheio de flores: lilases, brancos e roxos estendiam-se em fileiras intermináveis. Ao lado da estrada, havia uma pequena cabana, onde se lia *FLORES DO*

CAMPO FRESCAS. Em um pedaço de papelão quadrado, encostado à cabana, estava escrito de forma tosca a palavra *VELÓRIO*. Mann viu-se repentinamente em um caixão, todo arrumado como um boneco grotesco. O cheiro avassalador das flores parecia encher-lhe as narinas. Ruth e os filhos sentados na primeira fila, com as cabeças baixas. Todos os seus parentes...

De repente, o asfalto se tornou irregular e o carro começou a dar solavancos e sacudir, fazendo sua dor de cabeça piorar ainda mais. Sentia o volante lhe opondo resistência e o segurou bem firme com ambas as mãos, sentindo as vibrações correndo por seus braços. Não se atreveu a olhar no espelho retrovisor. Tinha de se forçar a

manter a velocidade. Keller não iria desacelerar, estava certo disso. Entretanto, e se um pneu dele furasse?

Imediatamente, perderia o controle. Mann visualizou seu carro capotando, rolando várias vezes com grande ranger de metal, o tanque explodindo, o corpo esmagado e queimado, e...

O trecho de asfalto esburacado terminou e os seus olhos correram rapidamente para o espelho retrovisor. O caminhão não havia se aproximado, mas ainda não tinha perdido terreno. Mann olhou em volta freneticamente.

Mais à frente, havia colinas e montanhas. Tentou se acalmar lembrando-se de que as elevações do terreno funcionavam a seu favor e que poderia subilas na mesma velocidade de agora. Mas só conseguia pensar nas descidas, aquele caminhão gigantesco atrás dele, colidindo com seu carro violentamente e o derrubando em algum precipício. Teve uma visão assustadora de dezenas de carros destruídos e enferrujados, escondidos em algum desfiladeiro por ali, cada um deles com cadáveres a bordo, todos condenados por Keller a uma morte terrível.

O carro de Mann deslizou como um míssil por um corredor de árvores.

De cada lado da estrada, havia fileiras de eucaliptos separados entre si por um metro.

Era como passar voando dentro de um cânion de paredes altas. Mann ofegou e se contorceu quando um grande ramo com folhas empoeiradas bateu no para-brisa e, depois, desapareceu. Meu Deus! pensou.

Era ele que estava se movendo para a direita. Se perdesse a calma nessa velocidade, seria o fim. *Jesus! Apenas mais um para a coleção de Keller*, disse para si mesmo.

Visualizou o caminhoneiro de rosto quadrado rindo quando cruzasse seus destroços em chamas, sabendo que havia se livrado daquela presa sem ao menos sujar as mãos.

Quando o carro saiu do corredor de eucaliptos, Mann estremeceu. Agora a estrada à sua frente já não era reta, mas bastante sinuosa, acompanhando a base das montanhas. Mann

precisou reunir toda a sua força de vontade para pisar mais fundo no pedal do acelerador. Quase 126 km/h agora.

À esquerda, uma vasta área de colinas verdes se misturava com as montanhas. Ele viu um carro preto em uma estrada de terra dirigindo-se para a estrada. Sua lateral era pintada de branco? O coração de Mann saltou. Por impulso, pôs a mão direita sobre a buzina e manteve pressionada. O som produzido era penetrante e ensurdecedor. Seu coração começou a bater mais rápido. Seria um carro de polícia? Seria?

Tirou a mão da buzina no mesmo instante. Não, não era.

Maldição!

Sentia-se sufocado pela raiva. Keller deve ter se divertido com sua tentativa patética.

Sem dúvida, naquele momento, estava rindo baixinho. Ouviu a voz do caminhoneiro em sua mente, rouca e astuciosa. Você realmente acha que vai encontrar um policial para salvar sua pele, rapaz? Idiota! Você vai morrer. O coração de Mann se contorceu num ódio incontrolável. Seu filho da puta!, pensou. Cerrou o punho da mão direita e deixou-o cair violentamente sobre o banco. Maldito seja, Keller! Eu vou matá-lo, nem que seja a última coisa que eu faça!

Os morros estavam mais próximos agora. Pouco tempo depois, a estrada começava a subir, por longos períodos, com uma inclinação bem pronunciada. Mann sentiu renovada esperança. Estava certo de abrir uma boa vantagem sobre o caminhão. Não importa o quanto tentasse, aquele filho da mãe do Keller não conseguiria manter-se a 120 km/h. *Mas eu posso!*, gritou sua mente em uma onda de entusiasmo. Encheu a boca com saliva e engoliu. Sua camisa estava molhada nas costas, sentia o suor escorrendo pelos lados. Quando chegasse a São Francisco, as primeiras coisas que iria querer seriam um banho e uma bebida. Um longo banho quente e uma bebida bem gelada. Cutty Sark. Iria se esbaldar. Por Deus, merecia!

O carro alcançou uma pequena elevação. *Maldição! Muito pouco íngreme!* A perda de velocidade do caminhão seria compensada pelo seu impulso. Mann sentiu um ódio insano por aquela paisagem. Já tinha ultrapassado o pico e estava indo para um trecho em descida

suave. Olhou no espelho retrovisor. Quadrado, pensou, tudo naquele caminhão era quadrado.

A grade do radiador, as extremidades do para-choque, o perfil da cabine, até a forma das mãos e do rosto de Keller. Visualizava o caminhão como uma grande entidade que o perseguia, insensível e brutal, que o caçava por mero instinto.

Mann gritou de horror quando viu a placa de trecho em obras adiante.

Correu os olhos freneticamente ao longo da estrada. Ambas as faixas bloqueadas, uma enorme seta preta indicando uma rota alternativa! Gemeu de angústia quando percebeu que era uma estrada de terra. Meteu o pé no freio automaticamente e começou a bombear. Olhou para o espelho retrovisor.

O caminhão estava se movendo mais rapidamente do que nunca! Era impossível!, pensou. A expressão de Mann tornou-se uma máscara de terror, quando começou a virar à direita.

Enrijeceu o corpo quando as rodas tocaram a superfície poeirenta.

Por um momento, teve certeza de que a traseira do carro começava a girar por conta própria.

— Não, não faça isso! — gritou.

De repente, viu-se sacudindo pela estrada de terra, os cotovelos firmes sobre os quadris, tentando não perder o controle. Os pneus atingindo os sulcos escavados no chão, as rodas aparentando estar prestes a se soltarem dos eixos. As janelas chacoalhavam alto. Seu pescoço chicoteava para a frente e para trás, causando-lhe pontadas de dor. Seu corpo chocando-se contra o cinto e, em seguida, batendo violentamente contra o encosto. O carro quicava e Mann sentia todos os reflexos disso em sua coluna. Mantinha os dentes cerrados, mas gritou de dor quando um solavanco poderoso fez com que mordesse o lábio.

Soltou um suspiro quando a traseira do carro patinou para a direita.

Começou a forçar o volante para a esquerda e, depois, assobiou dando uma guinada na direção oposta, de repente, gritando quando o para-lama traseiro bateu contra uma cerca e quebrou.

Começou a bombear o freio, lutando para recuperar o controle da máquina. A traseira desviou bruscamente para a esquerda, e os pneus levantaram uma nuvem de poeira.

Mann sentiu um grito sufocado na garganta. Torcia-se violentamente ao volante. O carro começou a patinar para a direita e ele desviou novamente até sentir que o carro voltava ao curso. Agora a cabeça pulsava tanto quanto o coração, com espasmos violentos. Começou a tossir e sentiu uma sensação de náusea causada pelo gosto de sangue na boca.

A estrada de terra terminou de forma abrupta, o carro voltou a ter controle sobre o asfalto e ele se arriscou a olhar no espelho retrovisor. O caminhão havia desacelerado, mas continuava atrás dele, rolando como um barco em mar tempestuoso, com seus grandes pneus que levantavam uma enorme nuvem de poeira. Mann pressionou o acelerador e o carro arrancou para a frente. Diante dele, estava uma subida muito íngreme; lá conseguiria abrir vantagem. Engoliu o próprio sangue, com uma careta e, então, enfiou a mão no bolso e tirou o lenço. Pressionou-o em seu lábio sangrando, sem tirar os olhos da subida à sua frente. Mais uns cinquenta metros, mais ou menos.

Endireitou as costas. A camisa, agora encharcada, colava-se à pele.

Olhou para o espelho retrovisor. O caminhão já estava de volta à estrada.

Eu disse que você estava ferrado! , Mann pensou, venenoso. Não conseguiu me pegar, conseguiu, Keller?

O carro estava nos primeiros metros da subida, quando começou a ferver. Mann congelou, os olhos esbugalhados pelo choque. O vapor aumentou, transformando-se em um nevoeiro. Mann imediatamente baixou os olhos. A luz vermelha ainda não tinha acendido, mas isso aconteceria a qualquer momento. Como aquilo fora acontecer?

Justamente quando estava prestes a se livrar! A subida à sua frente era longa e gradual, com muitas curvas. Sabia que não podia parar. Lembrou-se, de repente, de que talvez pudesse fazer uma curva em U inesperada e descer. Olhou para a frente. A estrada era

muito estreita, cercada por montanhas de ambos os lados. Não havia espaço suficiente para manobrar. Se tentasse isso, Keller mudaria de direção e bateria nele de frente.

— Oh, meu Deus — murmurou Mann, instintivamente.

Estava prestes a morrer.

Olhou para a frente; seus olhos doíam e a visão estava cada vez mais prejudicada pelo vapor. De repente, lembrou-se de que, no dia anterior, fizera a limpeza a vapor do motor em um posto local. O funcionário havia lhe dito que devia substituir as mangueiras de água, porque a limpeza a vapor tinha a tendência de rachá-las. Ele assentira, pensando que faria isso quando tivesse mais tempo. Mais tempo!h frase lhe doeu como uma facada na cabeça. Não trocara as mangueiras e, devido a essa negligência, agora estava morrendo.

Soluçou de terror quando a luz vermelha acendeu no painel. Olhou para ela involuntariamente e leu a palavra QUENTE , escrita com letras pretas sobre o fundo vermelho. Engasgado e sem ar, mudou a transmissão para baixa. Por que não fizera isso antes? Olhou para a frente. A subida parecia interminável. Já começava a ouvir o radiador ferver. Quanto será que restava do refrigerador? O vapor saía cada vez mais denso e começava a embaçar o para-brisa. Acionou os limpadores, que começaram a se mover para a esquerda e para a direita, deixando no vidro o desenho de dois leques.

Se restasse líquido suficiente no radiador para chegar ao topo, então, como seria? , gritou sua mente. Sem líquido não podia dirigir, mesmo em declive. Ele olhou para o espelho retrovisor. O caminhão continuava atrás dele. Mann rosnou, tomado por uma fúria repentina. Se não fosse por essas malditas mangueiras teria conseguido!

Uma sacudida brusca do carro o fez acordar novamente para o terror.

Se reduzisse a marcha e freasse agora, poderia saltar fora, correr e subir o morro.

Mais tarde, talvez, já não haveria tempo. Mas não teve coragem de parar o carro.

Enquanto continuasse correndo, sentia-se ligado a ele, menos vulnerável. Deus sabe o que lhe aconteceria se o deixasse.

Mann começou a subir o morro com os olhos arregalados, tentando não ver a luz vermelha com o canto do olho. Metro a metro, o carro desacelerava.

Vamos, vamos, pedia sua mente, mesmo que soubesse muito bem que era inútil. A marcha tornou-se cada vez mais irregular. O som do radiador, agora seco, encheu os seus ouvidos. A qualquer momento, o motor do carro iria engasgar, o carro prosseguiria aos trancos e barrancos e depois pararia completamente, transformando Mann em um alvo fácil. Não, ele pensou.

Tentou recuperar a lucidez.

Estava quase no topo, mas, no espelho, podia ver o caminhão se aproximando.

Pressionou o acelerador e o motor emitiu um grasnar estridente.

Mann gemeu. Precisava chegar ao topo! Por favor, *Deus, ajude-me!*, gritou sua mente.

Estava quase no topo. *Mais perto, cada vez mais perto. Força. Força!* O carro estremecia e balançava, reduzindo a marcha, enquanto uma nuvem de fumaça e vapor escapava do capô. Os limpadores continuavam a trabalhar incessantemente. A cabeça de Mann latejava, as mãos tornaram-se desprovidas de sensibilidade. Olhou para a frente, o coração batendo forte no peito.

Vamos, por favor, Deus. Força. Força!

Consegui!

Mann abriu os lábios num grito de triunfo quando a estrada começou a descer. Colocou em ponto morto, a mão tremendo incontrolavelmente, e deixou o carro ir sozinho.

Quando viu que não havia nada à vista a não ser montanhas, liberou o grito de triunfo sufocado na garganta.

Não tem importância! Agora era só descida, uma longa descida. Passou um sinal indicando que veículos grandes deviam andar devagar nos próximos trinta quilômetros.

Trinta quilômetros! Alguma coisa iria acontecer. Tinha de acontecer.

O carro começou a ganhar velocidade. Mann olhou para o velocímetro.

Setenta e cinco quilômetros por hora. A luz vermelha ainda estava acesa. Pouparia o motor por um longo tempo, por uns vinte quilômetros, se o caminhão estivesse bastante afastado. A velocidade aumentou. Obtinha quilômetros por hora. Mann acompanhava o ponteiro girar para a direita.

Olhou para o retrovisor. O caminhão ainda não aparecera. Com um pouco de sorte, ainda estava bem para trás. Não tão para trás como estaria se o radiador não houvesse fervido, mas, mesmo assim, a uma boa distância atrás. Devia haver algum lugar ao longo do caminho para parar. O ponteiro passou a marca de 90 km/h e estava alcançando 95 km/h. Olhou para o espelho novamente, estremecendo ao ver o caminhão que havia passado o cume e iniciava a descida.

Seus lábios começaram a tremer. Seu olhar ia da estrada nublada pelo vapor para o espelho retrovisor e vice-versa. O caminhão começava a ganhar velocidade rapidamente. Keller, sem dúvida, não tirara o pé do acelerador.

Não demoraria muito e o caminhão o alcançaria. A velocidade do carro ultrapassava os 95 km/h. Não era o bastante! Tinha de usar o motor agora!

Estendeu a mão desesperadamente e ligou a ignição. O motor fez um barulho, mas não deu a partida. Mann olhou para cima, viu que estava quase no acostamento e virou o volante rapidamente. Mais uma vez, girou a chave na ignição, mas não obteve resposta. Olhou o retrovisor. O caminhão se aproximava velozmente. Checou a velocidade. Estabilizara em 100 km/h. Mann foi tomado pelo pânico. Olhava para a frente com os olhos arregalados.

Foi então que viu. Centenas de metros adiante, havia uma rota alternativa para caminhões que perderam o freio. Não havia alternativa agora. Ou pegava o desvio ou o seu carro seria atingido por trás.

O caminhão estava assustadoramente próximo. Dava para ouvir o barulho lamentoso de seu motor. Inconscientemente, começou virar para a direita, mas, então, endireitou o volante de repente. Não devia entregar seu próximo movimento! Caso contrário, Keller o seguiria. Imediatamente antes de alcançar o desvio, Mann virou o

volante. A traseira do carro foi para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. Mann deixando-se levar pela derrapagem, freando apenas o necessário para não perder o controle do carro.

Os pneus traseiros travaram e, a noventa quilômetros por hora, o carro atingiu a estrada de terra, levantando uma nuvem de poeira. Mann acionou o freio. As rodas traseiras patinaram e o carro foi de encontro a um banco de terra no lado direito.

Mann perdeu o fôlego quando o carro quicou e começou a derrapar com violentas chicotadas, quase atravessado na pista. Ele meteu o pé no freio com toda a força que tinha. A traseira do carro deslizou para a direita e atingiu novamente o banco de terra.

Mann ouviu o som de metal sendo rasgado e sentiu-se puxado para baixo de repente; seu pescoço chicoteava violentamente quando o carro finalmente parou.

Como em um sonho, Mann se virou e viu o caminhão e o reboque desviarem da estrada. Paralisado, assistiu o gigantesco veículo avançar em sua direção, contemplando-o com indiferença, sabendo que ia morrer, mas tão estupefato pela visão do caminhão se aproximando, que nem reagiu. A monstruosa forma se aproximou rugindo, apagando o céu. Mann sentiu uma estranha sensação na garganta, sem se dar conta de que gritava.

De repente, o caminhão começou a se inclinar para um lado. Mann olhou-o em silêncio, engasgado pelo choque, quando começou a tombar em câmera lenta como um animal monstruoso em queda livre. Antes que atingisse o seu carro, desapareceu da janela traseira.

Com as mãos paralisadas, Mann afrouxou o cinto e abriu a porta.

Saiu com dificuldade do carro e, mancando em direção à beira da estrada, olhou para baixo. Chegou a tempo de ver o caminhão emborcar como um navio afundando. O reboque o seguiu, as rodas enormes girando rápido enquanto capotava.

O depósito de combustível do caminhão explodiu primeiro e a violência da detonação fez com que Mann cambaleasse para trás, forçando-o a se sentar no chão. A segunda explosão aconteceu depois e, desta vez, a onda de choque varreu-o com um golpe de calor, ferindo-lhe os ouvidos. Seus olhos arregalados viram quando

uma coluna de fogo se ergueu em direção ao céu, bem diante dele. Depois, outra.

Mann rastejou lentamente para a borda e olhou para o fundo do precipício.

Enormes labaredas se levantavam, encimadas por uma fumaça negra, espessa e pegajosa. Não conseguia distinguir as partes do caminhão, só via chamas.

Contemplava a cena em choque, esvaziado de qualquer sensação.

Então, inesperadamente, a emoção surgiu. Não medo, a princípio, nem desânimo. Nem mesmo a náusea, que logo se seguiu. Antes de tudo, a agitação primordial em sua mente: o urro de alguma besta ancestral sobre o cadáver do inimigo derrotado.

Fim

XÔ, MOSCA!

Uma mosca mergulhou em arco, pousando sobre a mesa, a alguns centímetros da extremidade da mão direita de Pressman.

Automaticamente, ele afastou a mosca com um movimento da mão, e ela sumiu no ar como se desse um pulo.

Pressman continuou a ler o contrato. Então, parou para erguer sua mão esquerda e afastar a manga da camisa com uma torção rápida do pulso para checar o relógio: meio-dia e treze. Típico do Masters. O dinheiro é meu, você que espere.

Pressman pôs de lado a caneta para massagear a nuca, fazendo uma careta de dor.

Seria o prenúncio de uma dor de cabeça? Talvez devesse tomar outra aspirina.

Sua risada soou como uma tosse. Que Deus o livrasse de se cortar, pois seu sangue estava tão ralo como água de tanta aspirina que tomara nas últimas semanas.

Fechou os olhos e os esfregou, gemendo baixinho. Vamos lá, Masters.

Algo tocou as costas de sua mão direita, sobressaltando-o. Teve tempo de ver a mosca escapando e sumindo de sua vista novamente.

— Desgraçada... — murmurou ele.

Virou-se em sua cadeira de encosto alto para olhar a janela. A mosca estava no parapeito. A princípio, não se moveu. Então, enquanto Pressman a observava atentamente, começou a esfregar as perninhas uma na outra.

Merdinha imunda, pensou ele, *coberta de germes*. Inconscientemente, "limpou" as costas de sua mão direita, esfregando-a com a esquerda.

Olhou para o relógio novamente. Quase meio-dia e quinze. Vejo você ao meio-dia, então, ouviu a arrogante voz de Masters em sua cabeça. Claro, Ed. Até parece.

Fitou a mosca, imaginando se tinha consciência de que ele a observava.

Elas não enxergam do mesmo modo que as pessoas. Olhos multifacetados.

Lembrou-se do termo aprendido nos tempos de escola, em biologia. Pressman sorriu.

Omatídios, quatro mil deles em cada olho. Não é à toa que não dá para pegá-las de surpresa.

Alguém bateu de leve na porta e ele girou na cadeira, ciente, enquanto o fazia, de que a mosca se fora.

Doreen entrou:

— Vou almoçar, Sr. Pressman.

Ele assentiu com um aceno de cabeça e, quando ela estava prestes a sair e fechar a porta, perguntou-lhe:

— O Masters telefonou sobre a nossa reunião?

— Não, senhor — balançou a cabeça.

Ele suspirou:

— Acho que não irei almoçar hoje.

Doreen sorriu educadamente e fechou a porta. Você se preocupa demais, pensou Pressman. Sentiu uma pontada no estômago e fez uma careta. De qualquer forma, almoçar não iria lhe fazer muito bem agora. Suas entranhas, como sempre, estavam estufadas de gases.

Pegando a caneta, começou a examinar novamente o contrato de Barker. Faria algo de útil enquanto aguardava a chegada de Masters.

A mosca atravessou seu campo de visão, fora de foco e, então, pousou sobre a mesa.

— Saia daqui — murmurou ele, afastando-a com as costas da mão. A mosca voou para cima. — E fique longe — disse a ela. — Vá procurar uma lata de lixo para ficar.

Tentou se concentrar no contrato, mas sentiu outra pontada incômoda no estômago.

Ele endireitou o corpo, com o rosto contraído. Olhou na direção do pequeno refrigerador localizado na parte inferior do bar. Um copo de leite, disse a si mesmo.

Forre as paredes do estômago.

Empurrando para trás sua cadeira, viu a forma escura da mosca precipitar-se e pousar em cima do contrato.

— Parabéns, você leu o contrato — murmurou, de pé.

Caminhou até o refrigerador, agachou-se e abriu a porta. Pegou uma caixinha de leite e abriu o bico da embalagem com dificuldade, rasgando-o. Apanhou um copo no bar, segurou-o sobre a pia e derramou o leite nele, espirrando um pouco para fora por causa do bico destruído da embalagem.

— Droga — resmungou.

Voltando à mesa, notou que a mosca ainda estava sobre o contrato, esfregando suas patinhas. *Não se preocupe se sujar o contrato de coco*, pensou. *Esse contrato já está uma merda mesmo.*

Sentou-se em sua cadeira e a mosca se foi. Caramba, como elas são rápidas, pensou.

Deu um gole no leite e colocou o copo sobre a mesa, consultando o relógio novamente.

Filho da mãe, pensou ele. Você está pouco se importando se estou preso aqui desenvolvendo uma úlcera.

Apanhou mais uma vez a caneta e começou a ler o contrato. Então, largou-a com violência e pegou o copo de leite, virando-se em sua cadeira para a janela. Sua cabeça latejava cada vez mais. Pressman sorveu outro gole e contemplou a vista da cidade.

Cinzenta, pensou ele. Desanimada.

— Como a minha vida — ouviu-se dizer.

Massageou novamente a nuca, trincando os dentes com a dor.

Os músculos do seu pescoço precisam se fortalecer, Roy, ouviu a voz do Dr. Kirby.

Faça isometria ou eles vão atrofiar.

— Obrigado, Dr. Kirby — murmurou, e deu um tapa em sua perna esquerda, com uma expressão de fúria súbita, quando a mosca pousou ali.

Pressman gemeu com a explosão de dor em sua cabeça.

Aos poucos, a dor foi diminuindo e, então, ele girou a cadeira para a mesa, apoiando o copo de leite sobre ela. Talvez devesse desistir de esperar por Masters. *Com certeza*, disse a si mesmo. *Afinal, quem precisa de um negócio de 200 mil dólares?*

A dor de cabeça piorara. Pressman apertou os olhos. Se ao menos ele...

Sacudiu a mão direita quando a mosca se aproximou. Tentou localizá-la com os olhos, mas ela havia sumido:

— Filha da puta — murmurou.

Meu Deus, ele detestava moscas! Sempre as odiou. Inseto nojento. Fica passeando no coco e depois pousam na nossa salada.

Tente se acalmar, está bem?, disse a si mesmo. Fitou o copo de leite.

Talvez, se acrescentasse a ele duas pastilhas de antiácido, dando-lhe uma efervescência, estaria criada uma nova bebida, um "coquetel executivo".



A mosca mergulhou novamente e pousou sobre a mesa, perto do copo de leite. Olhou para ela, carrancudo. E soube.

Tinha de exterminá-la.

Pressman respirou lenta e profundamente. O curioso é que ele a estivera observando não exatamente com uma curiosidade ociosa, mas, com certeza, sem intenção alguma.

Absorto em assuntos mais consistentes – o ofensivo atraso de Masters, o contrato Barker, suas próprias aflições — e deixando de perceber o óbvio, ou o que agora lhe parecia óbvio.

— Srta. Mosca, você vai morrer — anunciou ele.

Olhou em volta. Que arma usar?, resmungou, divertido. O contrato de Barker pode servir. Visualizou Barker erguendo as sobrancelhas peludas diante de uma tripinha de mosca encobrendo parcialmente o Parágrafo Três, Item Um. Melhor não.

Com cuidado, esticou-se para a direita e, delicadamente, abriu a gaveta do meio de sua mesa. O prospecto das Indústrias Shipdale? Perfeito. Fino o suficiente para dobrar com facilidade, firme o suficiente para mandar direto para o inferno a Srta. Mosca, com apenas uma pancada certa.

— Isso — murmurou, sorrindo. *Comece a rezar, sua merdinha. Sua hora chegou. Suas tripas são minhas.*

Pressman retirou o prospecto da gaveta com extrema cautela. Leve o tempo que precisar, disse a si mesmo. A paciência deve prevalecer. Deixe-a pensar que está segura, zanzando por aí com suas malditas perninhas peludas.

Dobrou o prospecto uma vez, na vertical. Prospecto do Juízo Final.

Reprimiu outro sorriso. Desceu dos Céus como um colosso de papel plastificado, esmagando a Srta. M e mandando-a direto para aquele gigante Monte de Merda no Céu.

Manteve o olhar fixo na mosca. Elas decolam de trás para a frente, lembrou. Tenho que surpreendê-la com o colossal prospecto por trás, apanhar a desgraçada no momento em que for alçar voo.

Pressman rangeu os dentes, fazendo uma careta. Não. A mosca estava próxima demais do copo, poderia atingi-lo e espalhar leite para todo lado, esparramar pelo contrato. Não faria isso.

Apertou os olhos, pensando em uma estratégia. O caçador deve ser superior à caça. E vencê-la pelo cansaço. Estendeu o braço em direção à mosca, tentando acertar-lhe um piparote com os dedos da mão direita. Ela voou, desaparecendo. Ficou desapontado.

Ela voltará, consolou-se. Reclinou-se na cadeira e aguardou. O Grande Caçador Branco à espreita na grama alta, olhos felinos atentos, arma em punho, pronta para disparar. Pressman sorriu com a imagem em sua mente.

A mosca não voltou. Pressman franziu a testa e checkou o relógio.

Tenha santa paciência. Já é quase meio-dia e meia. Deveria ter pedido a Doreen para telefonar para o escritório de Masters um pouco antes do meio-dia para se certificar de que ele já estava a caminho.

Pressman viu-se contemplando as fotografias emolduradas ao longo de borda de sua mesa. Brenda. Laurie. Ken. Enfiou a mão no bolso interno da jaqueta para retirar um maço de cigarros. Só lhe restara um. Os outros dezenove pregos já haviam ido direto para o seu caixão, consumidos sem hesitação. Acendeu-o e arremessou a embalagem amassada no cesto de lixo.

Soltando uma baforada, olhou em volta. Que droga, por onde andaria ela?

Escondendo-se? Acovardando-se atrás da moita?

E se for uma mosca fêmea?, pensou ele. Grávida. Cheia de ovos.

Nossa. Agora, ele realmente precisava matá-la. Impedir que aquelas dezenas — centenas, talvez — de bebês-mosca infestassem o escritório. Larvas contaminadas misturando-se às suas cortinas e ao carpete. A visão lhe causou náuseas.

Contemplou, novamente, as fotografias. Quando fora a última vez que fizera isso?

Anos. Elas serviram de pano de fundo, nada mais. Enfeites. Decoração. No entanto, ali estava ele, contemplando-as.

Brenda: quarenta e um anos, ruiva (pintada, não por natureza), 1,71 de altura, 68

quilos, "desagradavelmente gorda", como vinha sentindo o impulso de lhe dizer há algum tempo. Vestígios daquela beleza viçosa que o enlouqueceu vinte anos atrás.

Agora, revestida com aquele rançoso ar de "respeitabilidade".

Olhou em volta, irritado:

— Onde diabos você está, sua merdinha? — perguntou à mosca, invisível a seus olhos. — Você não vai escapar de mim, por isso, pare com esse seu joguinho e pouse em algum lugar.

Fechou os olhos, retraindo-se. A dor de cabeça novamente:

— Que se dane — puxando a gaveta de cima de sua mesa, retirou um frasco de aspirinas, abriu a tampa usando o dedo como alavanca e chacoalhou os dois tabletes lá dentro. O novo frasco já havia acabado?

Empurrou goela abaixo uma aspirina com um gole de leite e devolveu o copo à mesa.

— Ahá! Agora temos os meios — submergiu no leite a ponta de seu dedo indicador direito e, então, deixou pingar uma gota sobre a mesa. Isca.

Reclinou-se novamente em sua cadeira. Desista, criatura, entregue-se. Não existe escapatória. Você vai desencarnar em 20 segundos mesmo.

Pressman deu um trago caprichado no cigarro e tossiu. Como uma maldita fornalha explodindo dentro de minha boca e garganta. De repente, raivoso, apagou o cigarro no cinzeiro, transformando-o numa mistura sem forma de papel e tabaco:

— Vou matá-la antes que você me mate — murmurou ele.

Buscou pela mosca. Nenhum sinal dela. Bem, eu posso esperar, sua nojentinha, pensou ele. Eu tenho um cérebro. Você tem partículas de coco nas suas pernas. Não há competição. Você já era.

Olhou novamente para a foto de Brenda. Deus, mas que vidinha sem sentido levava essa mulher!

— Bem, ela já cumpriu sua sentença... — disse, ironicamente.

Deus sabe que ela o lembrava disso a todo instante. *"Já fiz a minha parte, Roy."* Como se o casamento e a maternidade tivessem sido vinte anos de cadeia.

Imaginou se ela poderia estar tendo um caso. Era muito provável com o tempo que dispunha. Considerando que ela poderia roubar momentos mágicos em sua "missão" de comprar todos os artigos femininos da moda pela cidade.

Olhou para a fotografia de Laurie. Está precisando de uma atualização, pensou com amargura. Era a foto de sua filha de treze anos, Laurie Ann: a filhinha do papai, o anjo, o encanto. Pré-colegial, pré-fase de experimentação sexual. Pressman franziu a testa.

Pré-aborto. Pré-rebeldia adolescente, fantasma melancólico daquela antiga Laurie, que agora vaga silenciosamente pela casa, com um ar de amarga alienação no rosto que já foi belo.

E Ken. Fixou os olhos na fotografia do filho. Nota dez em permanência no porão. Carro apreendido, seguro cancelado, julgamento por acidente a caminho. Drogas? O que mais? Já houve

uma pequena discussão sobre maconha. Agora seria o quê?
Cocaína?

Toda aquela raivosa energia parecia mais química do que natural. Ken e ele já tiveram um relacionamento também. Não mais. Puta que o pariu, será que nada dá certo na vida?!

A mosca cruzou-lhe a vista com a rapidez de uma seta. Voltou à mesa.

Desta vez, Pressman não hesitou, desferindo-lhe um golpe com o prospecto dobrado.

Mesmo tendo sido ligeiro, sabia que havia errado. A mosca sumira de sua vista pelo menos um segundo antes de o plástico dobrado atingir a mesa.

— Droga — resmungou.

Procurava desesperadamente pela mosca.

Lá estava, na borda posterior da mesa. Pressman se aproximou lentamente.

Está bem, sua desgraçada. Ergueu cuidadosamente o prospecto.

— Srta. Mosca, sua vida está chegando ao seu miserável fim. Agora! gritou ele, inclinando-se, concentrado em desferir um golpe certo com o prospecto. -Peguei você! — exultou, cerrando os dentes.

Olhou para a mesa e seu sorriso murchou. Espere aí, disse uma voz em sua cabeça, perplexa, ofendida. Olhou para o prospecto. Nada.

— Como posso ter errado? — murmurou. — Como diabos posso ter errado?

Fez uma careta. Essas dores no estômago novamente, minúsculos seres golpeando as paredes de seu estômago com navalhas.

— Meu Deus — disse ele. Fechou os olhos. A dor de cabeça aumentara também. — Droga, uma coisa de cada vez! — ordenou ao seu corpo.

Tremendo, inspirou profundamente e pareceu-lhe não obter ar suficiente.

Pressman abriu os olhos. A mosca estava sobre a mesa novamente, perto da gota de leite. Com uma careta, bateu o

prospecto, quase acertando o copo, errando completamente a mosca. Ela disparara para cima, para fora do seu campo de visão, só para mergulhar, então, e novamente pousar na mesa.

— Sua filha da puta — Pressman murmurou. — Você está brincando comigo, não é? Essa é a diversão em seu pequeno e maldito mundo. Enganar o prospecto. Irritar o executivo. Os esportes praticados pelas moscas.

Segurou o prospecto com firmeza. Desta vez, ele não se precipitaria, seria mais astucioso. Levantou o prospecto lentamente e com precisão infinita.

O caçador ergueu a arma, disse sua mente.

— Saia daí — gritou com ela.

A mosca ficou imóvel. *Será que ela percebe o que eu estou fazendo?* Pressman se perguntou. *Será que essa maldita está sorrindo por antecipação?*

Pressman girou tão rápido quanto pôde por trás da mosca parada.

Tarde demais, ela já havia voado.

— Maldita! — gritou Pressman. — Sua filha da puta miserável! — Virava-se de um lado para o outro procurando avistar a mosca.

Estava sobre o peitoril da janela novamente. Pressman avançou e tentou acertá-la com o prospecto, mas errou. A mosca sobrevoou a mesa novamente, desceu e pousou.

Pressman arremessou o prospecto, atingindo o copo, que virou, espalhando leite e rolando pela borda da mesa.

— Merda! — vociferou Pressman.

Precisou parar, curvando-se, ambas as mãos apoiadas na escrivaninha, recuperando o fôlego. Sua cabeça latejava. Parecia um fole expandindo e contraindo. Pressman gemeu. As dores cortavam seu estômago ainda mais. Desabou em sua cadeira.

Controle, disse a si mesmo. Fechou os olhos, trabalhando a respiração. *É isso mesmo, tenha um ataque cardíaco para completar, ele pensou. É só o que falta. Aquele Masters desgraçado. Se ao menos chegasse na hora certa...*

Pressman engoliu. Minha garganta está tão seca, pensou, abrindo os olhos. Procurou o copo de leite, fá era, seu idiota —

zombou ele de si mesmo. Caiu no chão. Devia recolhê-lo e secar o carpete? Que se lixe. Deixe para Doreen.

— Ah, merda — murmurou.

Havia manchas de leite em todo o contrato de Barker. Tirou o lenço e colocou-o, aberto, na página, olhando-o chupar as manchas. Fechou os olhos e os esfregou com força. Quando se reorientou, viu a mosca. Estava pousada no lenço. Sugando o leite com sua maldita tromba, ele pensou.

Olhou fixamente para a mosca. Tinha de matá-la; isso era certo. Destruí-la completamente. Seus problemas estariam solucionados se...

Pressman estremeceu. Seus problemas solucionados se ele matasse a mosca? Isso era loucura.

Ainda assim, havia naquilo uma espécie de encanto sinistro. Não seria ótimo se todos os seus problemas fossem encapsulados naquele repugnante inseto comedor de coco que o estava deixando maluco?

Calma, disse a si mesmo. Trata-se de uma mosca, Roy. Não é a vingança cósmica.

Uma mosca. Uma pequena e suja mosca. Ponto.

Pressman não se mexia. Ficou olhando a mosca. Não era muito, Deus sabia. Suja.

Estúpida. Guiada pelo instinto. Insignificante. Ainda assim, escapara dele. Resmungou, divertido. O que é uma mosca, afinal?, perguntou-se. Por que diabos elas existem?

Deus as criou apenas para nos atormentar? Para adoecermos? Qual era a sua maldita razão de ser?

Pressman suspirou tremulamente e estremeceu. Sentiu um formigamento por baixo da pele, como se uma corrente elétrica de baixa voltagem passasse por sua carne.

Sensação estranha. Seria antecipação? A excitação com a possibilidade de destruir a Srta. Mosca?

Não com o prospecto, entretanto. Balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Duro demais; nenhuma flexibilidade. Meu reino por um mata-moscas, Pressman pensou.

Olhou em volta.

— Ah — disse ele.

Afastou-se bruscamente, empurrando a cadeira para trás contra a parede. A mosca zumbiu para fora da mesa. *Não gosta disso, não é, merdinha?* Pressman pensou.

Pegou o jornal em cima do sofá e correu o dedo por suas seções. Notícias nacionais e internacionais? Notícias locais? Cinema? Finanças? Riu como uma foca. Esportes! Que apropriado! O mais nobre dos esportes não era a equitação, no fim das contas, mas sim esmagar moscas.

Pressman virou-se lentamente, dobrando o caderno de esportes com grande cuidado para que ficasse mais largo na ponta. Ergueu-o. *Uma ótima arma*, pensou. A mais letal das armas deve ser a própria simplicidade. Acertaria a maldita tão forte que ela ficaria com as notícias impressas em seu traseiro peludo.

— Ok, Srta. Mosca. Prepare-se para ser morta – com essa arma tosca rimou.

Disse a si mesmo que seu tom de voz revelava mera diversão, não um ódio vingativo.

Disse, também, que a agitação das mãos era natural; o formigamento na pele não passava de um sinal normal pela antecipação do resultado; o tremor em sua respiração, nada além do que se pudesse esperar.

A mosca estava pousada sobre o lenço novamente. *Perfeito*, pensou Pressman. Ela não pode resistir à pista de pouso embebida em leite do Campo de Barker. *Sua morte estava próxima*.

Pressman, diminuiu o ritmo para um avanço lento, passadas mínimas, olhar fixo na mosca, firme, sem pestanejar. A presa continua a se alimentar, prosseguiu o narrador do documentário em sua mente, sem consciência de que o caçador se aproxima, tão concentrada em sugar o leite que...

Pressman parou para conter sua risadinha. *Pare com isso*, disse a si mesmo. *Isso é um negócio muito sério*. Balançou a cabeça concordando. *Certo*, pensou. Avançar.

Preparar para a aniquilação.

Moveu-se lentamente sobre a mesa, fazendo uma careta. Certamente, a mosca devia vê-lo agora com uma das oito mil lentes,

maldita. Pressman cerrou os dentes e prendeu a respiração, aproximando-se. *É hora de se encontrar com o Criador, garota.*

Pressman avançou, batendo as páginas dobradas sobre o lenço. Peguei!

Nenhum sinal de voo de fuga, a merdinha já era. Pressman cantarolou:

— Torta, torta, torta, a mosquinha está morta!

O cadáver não estava no lenço. Contraíu-se, virando o jornal para examiná-lo. Ah, não, espere aí. Eu-não-a-vi-fugir-voando, disse ele entre os dentes.

Seus olhos moviam-se rapidamente, uma expressão de incredulidade no rosto. A mosca estava pousada no canto esquerdo ao fundo da mesa, ilesa.

Jesus Cristo todo-poderoso, Pressman pensou. Jurava que não a tinha visto...

— Espere um pouco, espere um segundo, não vamos...

Sua voz agitada se interrompeu. Levantou o jornal dobrado.

A mosca disparou e fugiu. Surpreendentemente, o olhar de Pressman foi capaz de segui-la até a cortina, onde pousou. Meu Deus, ela parecia maior agora. Pressman riu dessa impressão. O contraste com a cortina bege a fazia parecer maior, mera ilusão de ótica, nada mais. Começou a contornar a mesa, olhar fixo na mosca.

Resmungou assustado quando seu pé pisou no copo caído. Isso o desequilibrou e ele foi de encontro à mesa violentamente. O cotovelo direito bateu na madeira do tampo.

Pressman gritou de dor, com os olhos arregalados pelo choque e o rosto contraído quando desabou no carpete.

—Jesus Cristo todo-poderoso.

A voz de Pressman soou ofegante e agoniada enquanto ele segurava o cotovelo, deixando o jornal cair. Ficou ali, deitado no chão, olhos fechados, o rosto uma máscara distorcida. *Jesus, Jesus, Jesus!* Era como se sua cabeça fosse explodir.

Demorou alguns minutos para que a dor latejante desaparecesse.

Pressman sentiu as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces, arrancadas pela dor.

Meu Deus, não parava de repetir para si.

Finalmente, abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi a mosca ainda sobre a cortina.

Pressman foi tomado por um ódio profundo. *Sua desgraçada, você...*, pensou. *Sua filha da puta maldita e repugnante.*

Começou a se levantar, quase apoiando a mão direita sobre o copo que caíra. Lógico!, sua mente explodiu. Arrebatando o copo, atirou-o para a esquerda, estremecendo por causa da dor no cotovelo. Ouviu o vidro se despedaçar contra a parede. Que bom!, pensou. Deixe que aquela cretina cate os cacos!

Estava de joelhos agora, oscilando um pouco, olhos fixos na mosca.

Suas perninhas estão um pouco enterradas na cortina, pensou. Estaria feliz? Rindo de prazer, porque havia visto o seu caçador levar um tombo?

— Maldita — Pressman murmurou. — Você vai morrer.

Tinha consciência de que estava berrando, mas não se importava.

Abaixou-se para pegar o jornal dobrado, sentindo novamente a excruciante dor no cotovelo. *Meu Deus, será que estava quebrado?* Um meio sorriso animou-lhe os lábios.

Com a sorte que tenho, sim.

Levantou-se lentamente. Não importa, disse a si mesmo. Não importa. Cotovelo quebrado, crânio fraturado, espinha partida, não importa. Antes de exalar o último suspiro, mataria aquela merdinha desgraçada.

Subiu em direção à janela, inclinando-se para trás. Olhar imóvel, levantou o papel dobrado lentamente, golpeou tão forte que deixou escapar uma espécie de grunhido. A mosca fugiu e, em seguida, pousou sobre a cortina novamente.

Pressman bateu nela com o jornal, mas errou. Afastou-se zumbindo.

Pressman partiu em seu encalço brandindo o jornal dobrado, tentando acertá-la no ar.

Ela voou bem alto e, por fim, pousou no alto cortina, acima de sua cabeça, fora de seu alcance.

— Oh, não! — disse Pressman com as feições distorcidas pela raiva.

Agarrou a cortina e a puxou com força. A cortina veio abaixo.

— Maldição! — Pressman rodopiou, com o olhar enlouquecido.

A mosca foi pousar na mesa novamente. Meu Deus, ela parecia maior.

— Não! — rosnou ele.

Pulou na mesa e começou a caçá-la. No ar quando voava, em cima da mesa, quando pousava. Não prestou atenção quando derrubou as fotografias pelo carpete.

— Você vai morrer, maldita! — gritava, tremendo de cólera.

Acertou a garrafa térmica de água, que foi parar no chão e rolou pelo carpete. Em seguida, foi a vez do contrato de Barker e seu lenço.

— Que se danem!

A mosca havia desaparecido. Pressman parou e tentou escutar seu zumbido. Mas sua respiração estava muito alta, seu peito arfava. Engoliu em seco.

— Droga — resmungou. -Droga.

Já não achava graça. A mosca representava agora, de fato, a encarnação de todos os seus problemas. *E eu não vou morrer aos quarenta e sete anos por causa de um maldito inseto!* Virava a cabeça de um lado para o outro procurando por ela. Não prestava atenção nas dores no pescoço, na queimação do estômago, na dor de cabeça latejante. Só uma coisa importava agora. Uma coisa...

O pensamento foi interrompido; esboçou um sorriso. A mosca estava sobre o sofá, negra contra o estofado bege. Meu Deus, obrigado pelo decorador ter me convencido a trocar o marrom-escuro pelo bege, pensou ele, avançando.

Ao lado do sofá, ele afastou a mesinha de centro com a perna direita.

Agora peguei você, pensou. Sentiu o coração acelerar. Que bom, vamos deixar essa adrenalina fluir. Balançou a cabeça desajeitadamente, o sorriso congelado em seus lábios. *Sua maldita, eu vou matá-la. Você vai morrer!*

Lançou-se sobre o sofá, usando todo o seu corpo como uma arma, golpeando com o jornal dobrado enquanto caía. A mosca desviou-se pela esquerda. Ele a viu pousar rapidamente no abajur da mesinha lateral, e depois partir para a mesa. Ele avançou para lá, brandindo o seu mata-moscas.

Golpeou forte sobre a superfície. Pressman rosnou, exultante:
— Isso!

Então, mal podia acreditar no que via. A mosca estava no ar outra vez e pousou rapidamente na luminária. Pressman não hesitou. Ergueu o jornal e golpeou lateralmente a luminária, que caiu no chão e se espatifou; a mosca escapou.

— Maldição! — Pressman gritou.

Atirou o jornal dobrado na mosca. Ele caiu no chão e se abriu como um pássaro ferido.

Pressman virava-se de um lado para o outro, furioso. *Onde diabos estava ela? Onde?*

— Maldita seja! — mal conseguia falar.

Sentiu um respingo de saliva no queixo e acertou-se um tapa, os olhos arregalados enquanto continuava a perseguição.

Percebeu um movimento no espelho pendurado sobre o bar e desviou o olhar para lá.

Por uma fração de segundo, acreditou que havia agora duas moscas e sentiu um calafrio ao longo da espinha. Então, debochou furiosamente de sua própria estupidez percebendo que era apenas o reflexo da mosca voando em círculos concêntricos sobre o bar, seu zumbido claramente audível. Pressman dirigiu-se para lá. *Espere!*, advertiu-o uma voz em sua mente. Já não tinha arma. Procurou em volta, desesperado. *Não há tempo a perder!* Outra seção do jornal? Não seria um progresso. Uma revista dobrada?

Não seria melhor do que o prospecto.

— Maldição, preciso fazer alguma coisa! murmurou, frenético. Sim! — ele virtualmente mergulhou no sofá, aterrissando nele sobre o joelho esquerdo, agarrando uma almofada. — Isso! Maior superfície de contato!

Pôs-se de pé rapidamente, quase perdendo o equilíbrio, enquanto se virava em direção ao bar.

Cambaleou ligeiramente, depois se recuperou e seguiu em frente, olhos fixos na mosca, acompanhando seu voo circular.

Agora, sua filha da puta. Agora. Fez uma careta devido ao som soluçante produzido por sua respiração. Calma, disse a si mesmo. Não a deixe escapar agora. As duas moscas se uniram com um movimento tão abrupto que ele não foi capaz de acompanhá-las. A mosca estava pousada no espelho.

— Agora — murmurou ele — lá vou eu!

Pressman agarrou forte a almofada por um dos cantos, os dedos cravados nela como garras. Balançou uma vez e acertou o espelho. A mosca voou. Deu impulso novamente e acertou uma garrafa de uísque contra uma prateleira de copos, quebrando-os.

— Sua... – não pôde terminar, tentando golpeá-la mais uma vez, em pleno voo.

Quebrou outra garrafa e mais copos. A mosca pousou novamente no espelho.

Pressman golpeou tão forte com a almofada que entortou o espelho na parede. Ao voar da superfície do espelho, a mosca roçou o rosto de Pressman. Ele uivou num acesso de fúria descontrolada, agitando a almofada no ar de um lado para o outro completamente fora de si, o rosto era uma máscara de ódio e repulsa.

— Desgraçada! Fique e lute! — gritou ele.

Ele viu a mosca. A safada estava de volta à mesa! Descansando.

— Nada disso, sem descanso — murmurou Pressman, cambaleando para a frente.

Aproximou-se da mesa e desferiu uma almofadada na mosca. Olhou para a mesa; Maldição, errara de novo! Desferiu repetidos golpes com a almofada ao longo da mesa, derrubando o porta-canetas, o peso de papel, o isqueiro, a luminária, o telefone e o porta-cartas... derrubando-os todos no chão, com gritos vingativos e alucinados, deixando escapar da mão a almofada, que atravessou voando o escritório e atingiu a porta.

Pressman permaneceu ali, ofegante, uma expressão de descrença na cara. A mosca estava na janela, imóvel. Não era sua imaginação, a mosca estava maior. Maior. *Meu Deus do céu! Maior! Não era uma mosca!* Então, era o quê? O quê?

— Oh, meu Deus — Pressman tentou reprimir um soluço, mas não conseguiu.

Meu Deus, pensou ele. Sou eu. Sou eu.

Afundou-se na cadeira e esfregou os olhos com a mão esquerda. Sua mão tremia. Ele tremia. Praticamente destruíra seu escritório, em vão. Só para matar uma pobre e indefesa...

A risada de Pressman chegou a assustá-lo — mistura de engasgo e insanidade.

Indefesa? Baixou a mão e olhou em volta o escritório. Claro, indefesa. Assim como o Anticristo. Senhor das Moscas. Não é um dos apelidos do diabo?

— Cale a boca — Pressman resmungou para si mesmo. — Cale a boca.

Fechou os olhos com um gemido débil. Seu estômago queimava, borbulhando em acidez. Seu cérebro parecia comprimir o crânio, ameaçando estourá-lo. Cada um dos músculos de seu pescoço e ombros latejava de dor.

Eu vou morrer. Não a mosca. Eu.

Piscou ao ouvir o zumbido e olhou para baixo. Era o telefone, não a mosca. Exausto, puxou as duas partes do telefone pelo fio, ajeitou o aparelho sobre a mesa e pôs o fone no gancho. O barulho havia cessado. Reclinou-se novamente na cadeira. Tenso, enquanto a mosca chegava cada vez mais perto, até pousar nas costas de sua mão direita.

Oh, Deus, pensou Pressman. Não podia se mover. Seu coração retumbava. Será que a mosca podia senti-lo através das veias de sua mão? Olhou para ela incrédulo. Depois de tudo isso, voltara à sua mão? Sua mão?

Contemplou a mosca, mergulhado num silêncio paralisado e ofegante.

Não estava maior; continuava a mesma. Fora uma ilusão momentânea, estúpida.

Mas, e agora? Pelo amor de Deus, lá estava ela, bem na sua frente, em cima da sua mão! Ela não sabia? Não compreendia que um dos dois teria de morrer? Estaria oferecendo a si mesma como sacrifício para o bem da sanidade dele?

Mas, como? Ela tirava a mão direita dele da jogada, pousada ali, lavando suas pernas.

Onda já se viu um condenado à morte fazendo a toailete? Ou estaria o vencedor tripudiando sobre o corpanzil do derrotado? A face de Pressman transtornou-se com tal ideia. Não a perca!, ordenou a si mesmo. Essa é a sua última chance. Se perdê-la, estará acabado.

Sim, pensou ele sorrindo. Lentamente, deslizou sua mão esquerda pelo colo, olhos fixos na mosca. Ele não pôde mover sua mão direita, não podia sequer estremecê-la ligeiramente. Deixe a mão direita para ela. É sua plataforma, seu púlpito. Deixe-a pregar seu sermão sobre peixes e pães — neste caso, larvas e cocos. Sua mão esquerda era o Poder e a Glória.

Vagarosamente, ergueu a mão esquerda ao nível do braço da cadeira; então, escorregou a mão por sua borda, levando-a até o bolso esquerdo de seu terno. Graças a Deus, não tivera tempo de pendurá-lo no armário quando chegara de manhã.

Pressman enfiou a mão no bolso, seus olhos fixos na mosca. Segurou a extremidade de sua carteira com as pontas dos dedos e a puxou, lentamente, do bolso. Devagar, para cima, lentamente. Passando pelo braço da cadeira. Que conveniente, ocorreu-lhe.

A arma: ele. Entre as laterais de couro.

Carteira de motorista. Seguro social. Seguro-saúde e seguro do carro. Cartões de associações e de crédito. Tinha até um xerox reduzido de sua certidão de casamento ali. Sua vida contida entre essas paredes negras. Conveniente, então, que devesse...

Seja o que Deus quiser, suplicou. Ergueu a carteira lentamente, bem devagar. Estaria ela acompanhando-lhe os movimentos, divertindo-se? Será que cada uma dessas malditas oito mil lentes focavam seu deplorável intento?

Após tudo que havia tentado, pareceu-lhe realmente inacreditável a lentidão com que o golpe foi desferido desta vez. A carteira chocou-se contra sua mão, machucando-lhe a pele. Viu o corpo morto da mosca desabar.

Algo cresceu dentro dele: um grito, uma fúria, uma alegria selvagem.

Empurrou a cadeira para trás, ajoelhou no carpete e abaixou-se. A mosca encontrava-se deitada ali de costas, imóvel, pernas para cima. Com um rosnado bárbaro, Pressman aproximou-se e, com a mão direita, pinçou a mosca com o dedão e o indicador. Ergueu-a e depositou-a sobre a palma da mão esquerda. Então, com um som que preferiria lembrar não ter feito uma casquinada lunática que vibrou de sua garganta —, esmagou o corpo da mosca com seu dedão direito, reduzindo-a a uma pasta amarelada com resquícios de pelos, asas e pernas. Mesmo estando reduzida a uma sujeira em sua pele, continuou a espremê-la, dentes trincados, um sorriso transtornado em sua face, um som tremido em sua garganta aumentando o volume constantemente.

Sobressaltou-se, olhando para cima, coração batendo forte. O telefone estava tocando. Pressman contemplou-o como se não entendesse o que era aquilo, como se fosse um estranho dispositivo, desconhecido em seu mundo primitivo.

Então, piscou, voltando a si, engoliu em seco, pegou o fone e levou-o à orelha:

— Sim? — disse ele. Aquela era a sua voz? Meu Deus, aquela era a sua voz? Desviou o rosto e limpou a garganta vigorosamente.

Então, retornou:

— Alô? — disse ao telefone.

— Pressman, é você? — perguntou a voz.

Estremeceu:

— Sim.

— Masters falando. Só agora vi na minha agenda que tinha de passar aí na hora do almoço. Agora está tarde, a reunião demorou mais do que eu pensava. Vamos ter de adiar alguns dias.

Pressman balançou a cabeça, assentindo:

— Sim.

— Agora não dá mais — Masters disse a ele.

— Claro — agora, sua voz estava de volta, seu tom suave e profissional.

— Ouça, essas coisas acontecem. Não há sentido em deixar que pequenas coisas nos perturbem.

— Certo — disse Masters. — Ligo para você dentro de um ou dois dias.

Pressman continuava a balançar a cabeça:

— Sim — disse ele. — Claro.

Ficou falando sozinho; Masters já havia desligado. Pressman percebeu como sua mão esquerda tremia ao colocar o fone no gancho.

Permaneceu ali em silêncio por mais de meia hora. Quinze minutos depois, olhou para a mancha em sua mão e a limpou com um lenço que retirou de uma das gavetas da mesa. Depois, arremessou o lenço no cesto de lixo.

As 13h16 Doreen voltou. Pressman tentou dizer-lhe para não entrar quando ela bateu, mas ela abriu a porta automaticamente:

— Voltej, Sr...

Pressman sentiu uma dor lancinante no estômago quando ela olhou espantada ao redor do escritório.

Inspirou profundamente:

— A mosca — disse ele. — Deixou-me maluco antes que eu pudesse matá-la.

Depois que ela saiu, uma sensação de indiferença apoderou-se de Pressman quando compreendeu o seu olhar.

Nos sete anos que alugavam o imóvel, jamais havia entrado uma mosca em seu escritório.

— Oh! — murmurou ele.

Sentiu-se como se tivesse sido esvaziado. Uma mosca mergulhou em arco, pousando sobre a mesa, a alguns centímetros da extremidade da mão direita de Pressman.

FIM

NOTAS

{1} Significa "feche a porta" em francês. [N.T.]

{2} Música de Jimmy Reed: "Rindo quando estou triste! Rindo até ficar louco!". [N.T.]

{3} Perdi o meu caminho quando eu nasci. [N.T.]

{4} "Se eu amasse você sempre tentaria dizer..." Trecho da canção "If I loved you", do musical Carrossel, de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II. [N.T.]

{5} No original "Mantage", contração de "montage" (edição cinematográfica) e "man" (homem) [N.T.]

{6} Este conto é de 1955, por essa razão, o valor não corresponde à atual realidade. [N.T.]

{7} Este conto é de 1958. [N.T.]

{8} Este conto é de 1966. [NT]

pdf **Exilado**

